UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica

Bruna Andressa da Silva

Violência praticada por mães: estudo compreensivo

São Paulo

2019

Bruna Andressa da Silva

Violência praticada por mães: estudo compreensivo

Versão original

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Prof[a] Associada Leila S. P. C. Tardivo.

São Paulo

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação Biblioteca
Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Bruna Andressa da
Violência praticada por mães: estudo compreensivo / Bruna Andressa da Silva; orientadora Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. -- São Paulo, 2019.
201 f.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. violência intrafamiliar. 2. infância. 3. violência física. 4. violência psicológica. 5. negligência. I. Tardivo, Leila Salomão de La Plata Cury, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome: Silva, Bruna Andressa da

Título: Violência praticada por mães: estudo compreensivo

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Prof^{a}. Dr^{a}. Leila Tardivo, por todo aprendizado e inspiração que tornaram possível o caminho desta pesquisa. Pela confiança e generosidade com que se dispôs a me orientar. Por todos os apontamentos e correções. Muito obrigada.

À Profª Helena Rinaldi pela disponibilidade e atenção.

Ao Prof^{o} Antônio P. Junior pelas contribuições que ensejaram o caminho no Exame de Qualificação.

À instituição que possibilitou a pesquisa e às participantes que confiaram neste trabalho.

Agradeço à minha família por todo cuidado, desde o início. Aos meus pais, pelo indispensável apoio, pelas sutilezas do dia-a-dia que me abriram o caminho e se fizeram sustento.

Aos amigos, pelo incentivo e apoio.

Ao Emerson Baron, pela presença e compreensão.

À Inês Gazeta, por tudo.

RESUMO

SILVA, B. A. da (2019). *Violência praticada por mães: estudo compreensivo* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta pesquisa se refere a uma dissertação de mestrado sobre as violências praticadas por mães contra filhos. No Brasil, apesar do reconhecimento dos direitos da criança e do adolescente, estes ainda são vítimas de inúmeras violações, sobretudo, no que se refere à integridade física e psicológica. As principais agressões são sofridas dentro do próprio lar, por quem deveria proteger e cuidar. A relação mãe-criança, tida cultural e psicologicamente como relação de cuidado, é, muitas vezes, permeada por castigos e punições físicas - naturalizadas como formas de educar. Além de fatores sociais e culturais, a relação mãe-criança é permeada pelas experiências infantis da mãe, que, inconscientemente, influenciam suas relações e o exercício de sua função materna. Objetivo: analisar a história e a psicodinâmica de mães que tenham praticado agressões físicas, psicológicas e negligências contra seus filhos. Analisar os fatores que desencadeiam as agressões; e se há consciência da violação de direitos e das consequências destas agressões para a criança. Método: clínico-qualitativo com base em estudo de casos múltiplos, com a participação de quatro mulheres atendidas em uma instituição especializada em situações de violação de direitos. Os instrumentos utilizados foram: análise de prontuário, entrevista semiestruturada e técnicas projetivas (TAT e DE-T). Os resultados foram submetidos à livre inspeção e análise compreensiva. Resultados: foram identificadas experiências de maus tratos e negligência na história familiar das participantes, sendo suas relações primárias marcadas pela hostilidade. Mecanismos esquizoparanoides, como a cisão, a onipotência, a negação e a idealização, aparecem predominantes na relação com os próprios filhos. Conclusão: as experiências infantis destas mães com suas próprias mães se mostram atualizadas no exercício da maternidade. O estudo minucioso da história de vida e da psicodinâmica de quem perpetra agressões se mostra relevante para a compreensão, o tratamento e a prevenção da violência intrafamiliar.

Palavras-chave: Violência intrafamiliar. Infância. Violência física. Violência psicológica. Negligência. Agressor.

ABSTRACT

SILVA, B. A. da (2019). Violence practiced by mothers: a comprehensive study (Masters Dissertation). Institute of Psychology, University São Paulo, São Paulo.

This research refers to a masters dissertation on the violence practiced by mothers against children. In Brazil, despite of recognition children and adolescents rights, these are still victims numerous violations, especially, with regard to physical and psychological integrity. The main offensive are committed by who should protect and care. The mother-children relationship, culturally and psychologically as a relationship of care, is oftentimes permeated of physical punishments – naturalized as ways of educating. In addition to social and cultural factors, the mother-children relationship is permeated for children experiences of mother, which unconsciously influence their relationship and the exercise of the maternal function. Objectives of the study: to analyze the history and psychodynamics of mothers who have practiced physical, psychological and neglect attacks their children. Analyze the factors that trigger the aggressions; and if there is awareness of the violation of rights and the consequences of these aggressions for the children. Method: clinical-qualitative study based on multiple case studies, with the participation of four women attended in an institution focused on attending of violations of rights. The instruments used were: documentary analyzes, semi-structured interview and projective techniques (TAT and DE-T). The results were subjected to free inspection and comprehensive analysis. Results: were identificated experiences of mistreatment and neglect in the family history of participants, their primary relations marketed by hostility. Schizoparanoid mechanisms, such as fission, omnipotence, negation and idealization, appear predominant in relation to their own children. Conclusion: the infant experiences of these mothers with their own mothers are updated in the exercise of motherhood. The detailed study of the history of life and the psychodynamics of perpetrators is relevant for the understanding, treatment and prevention of intrafamily violence.

Keywords: Intrafamily violence. Childhood. Physical violence. Psychological violence. Neglect. Aggressor.

APRESENTAÇÃO

O trabalho na conjuntura do Sistema de Garantia de Direitos teve início no segundo ano da Graduação em Psicologia, quando a oportunidade de estagiar em um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) descortinou um mundo de violações e relações marcadas pela violência. Nos entremeios da pobreza e do desemprego, da ausência de recursos e da criminalidade, do alcoolismo e dos transtornos mentais, sobressaltavam-se os ataques, as ofensas, o abandono e a desproteção entre pai, mãe, filhos, tios, irmãos, numa infinidade de interações pautadas na agressão que, aos poucos e timidamente, também se revelavam presentes em outros meios. O esforço para cuidar e proteger aqueles e aquelas que eram destituídos de seus direitos era empreendido por uma rede de atenção e promoção de Direitos, composta por Justiça, Saúde, Educação e Assistência Social, entre outros atores comprometidos com a garantia da integridade física, psíquica, moral e social das vítimas de violência doméstica.

Ao concluir a Graduação, a oportunidade de atuar como Psicóloga em um CREAS de outro município trouxe à tona outro lado das histórias de violência. Se de um lado as vítimas eram abarcadas pela rede de proteção, de outro os agressores continuavam a tecer o ódio e a agressão, muitas vezes emaranhados e perpetuados em suas vítimas. A ausência de serviços voltados ao agressor parecia encerrar o ciclo de violências com medidas de afastamento e encarceramento, o que, de fato, não se efetivava nem tampouco se mostrava efetivo. O desfecho comumente se repetia: ao entrar em cena, profissionais se empenhavam para a garantia de direitos às vítimas e, como atores de uma rede parcial de proteção, destinavam o desprezo, a raiva e a exclusão aos perpetradores da agressão, omitindo, assim, a parte mais indesejada e intolerável de seu ofício, ou seja, o cerne da violência e seus ciclos. Movida por esta inquietação, esta dissertação tem o intuito de adentrar o universo psíquico e das experiências familiares de mães que agridem seus filhos, a fim de abarcar esta face pouco explorada do fenômeno da violência intrafamiliar.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....7
1 INTRODUÇÃO.....9
1.1 Infância e violência: uma história de relações......9
1.2 A construção da maternidade ao longo da história.....15
1.3 Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes (VDCCA).....19
1.3.1 Definições, tipos e topologias.....19
1.3.2 Considerações sobre a vítima.....24
1.3.3 Considerações sobre o agressor.....27
1.4 Violação de direitos e políticas públicas.....34
1.5 A função materna na Psicanálise.....36
1.5.1 Relações objetais, ansiedades e defesas.....39
1.5.2 O desenvolvimento e o cuidado a partir do ambiente.....43
2 JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS.....48
3 MÉTODO.....49
3.1 Participantes.....53
3.2 Instrumentos.....53
3.3 Procedimentos.....56
3.4 Aspectos éticos.....58
4 RESULTADOS.....59
4.1 Participante 1 - Maria.....59
4.2 Participante 2 - Jezabel.....70
4.3 Participante 3 - Samaritana.....83
4.4 Participante 4 - Joquebede.....91
5 DISCUSSÃO.....101
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....110
REFERÊNCIAS.....112
Apêndices.....118
Anexo.....200

INTRODUÇÃO

A introdução teórica visa uma aproximação aos temas implicados nesta pesquisa, como infância e adolescência, função materna, família e violência. Buscou-se abordar o fenômeno da violência contra a infância de modo a situá-lo na ampla realidade histórica e social. A diversidade de definições sobre as violências contra a criança e o adolescente é explanada com especial descrição sobre as formas de agressão física, psicológica e negligência. A perpetração destas no contexto familiar requer atenção ao modo como se vive, às condições socioeconômicas, às relações estabelecidas, aos vícios, aos sofrimentos e prazeres que constituem a vida. Neste sentido, são traçadas algumas considerações sobre a vítima e o agressor e, em uma perspectiva sócio-histórica, são abordados os papeis desempenhados pelo pai e pela mãe, uma vez que as conjecturas culturais, políticas e econômicas contribuem com o delineamento das relações sociais e familiares.

Ainda no capítulo introdutório, é feita uma aproximação à teoria empregada na compreensão do fenômeno investigado, ou seja, dos processos psíquicos que subjazem as experiências de violência intrafamiliar. Assim, foram tecidas considerações acerca do desenvolvimento do bebê em seus aspectos mais primitivos, numa abordagem psicanalítica – especialmente a partir de Melanie Klein e Winnicott. Optou-se pela teoria kleiniana sobre as relações de objeto, ansiedades e os mecanismos defensivos por ter esta autora explorado as experiências dos primeiros meses de vida e o mundo interno da criança, traçando os percursos de seu desenvolvimento e de suas relações com o mundo externo a partir da relação inicial com a figura materna. Destaca-se a teoria winnicottiana sobre a importância do ambiente para o desenvolvimento emocional da criança, assim como suas descrições sobre os processos de constituição do sujeito na relação com a mãe.

1.1. Infância e violência: uma história de relações

A infância, concebida de maneiras distintas ao longo da história, foi alvo de tratamentos também distintos em cada época e espaço. A cultura, a estrutura social, a organização política e o funcionamento econômico delineiam os valores e os

papeis destinados à criança. A relação adulto-criança é, portanto, permeada por estes valores e situada em um contexto que alinhava os modos de olhar, tocar, falar e construir, não apenas a infância, mas as relações familiares como um todo. Nesse sentido, Resende (2015) observa que a infância, longe de uma definição estática e naturalística, é inventada e governada pela sociedade que a engendra. Os hábitos de consumo, a mídia e a ciência veiculam os saberes “sobre o corpo, o desenvolvimento, as capacidades, as vontades, as tendências, as brincadeiras, as fragilidades, as vulnerabilidades, os instintos, as paixões e as potências infantis” (p. 7). Construída historicamente pelas ciências e instituições que dela se ocupam, o autor propõe uma leitura crítica sobre a infância na atualidade.

Pensando a história da infância, Philippe Ariès (1973) traçou um retrato da criança na Idade Média e no Estado Moderno com uma metodologia iconográfica. Por meio da análise de quadros, esculturas e textos destas épocas, o autor descreve que a imagem da criança na Idade Média era imprecisa; aparecia em cenas de atividades adultas, como jogos, danças, negociações, disputas, e participava dos mesmos ofícios no campo e/ou na cidade. As vestes de uma criança de sete anos já não se diferenciavam das de seus pais. As brincadeiras imitavam os hábitos e atividades do mundo adulto e a preparavam para as funções da casa, da caça ou da cavalaria. As representações de crianças e adultos em espaços e atividades comuns permitiram que o autor inferisse que não havia no contexto medieval um conhecimento e um “sentimento de infância”, sendo representada como a miniatura de um adulto homem ou mulher. A infância era tratada como uma fase de transição, sem valor em si mesma, que logo seria esquecida e superada.

A partir do século XI, surgem pinturas que associam a criança à figura de anjos. As imagens religiosas narram o surgimento de uma infância associada à maternidade da Virgem Maria, conforme os quadros do século XII, e, posteriormente, com os retratos do Menino Jesus e as imagens angelicais, que delineiam as características da inocência e a existência de uma alma infantil. A delicadeza e a graciosidade da criança levavam os adultos a paparicá-la e se divertirem com ela. Por outro lado, ainda ignoravam sua condição peculiar de desenvolvimento. O autor ressalta que todas as idades e classes sociais conviviam indiscriminadamente, sendo os criados presentes no processo de educação da criança (Ariès, 1973/2017).

Os séculos XVI e XVII, porém, principiaram um novo sentimento, que visava preservar a criança da promiscuidade adulta, atribuindo à escola a função de educar. Assim, o autor sublinha os novos valores e tratamentos dados à infância na sociedade burguesa. A preservação da inocência e da graciosidade infantis coexistiam com a prática de uma disciplina severa com vistas à correção da criança. Incuti-la de valores e razão, esta era a missão dos colégios, os quais se disseminaram e instauraram uma diferenciação entre as idades. Da mesma forma que a criança se distanciou do adulto, o surgimento da burguesia também segregou os homens em suas classes socias, privatizando cada vez mais seus espaços. A noção de privacidade tornou, neste contexto, a infância como centro da vida familiar. A preocupação com a saúde e a educação da criança direcionou o olhar para as suas peculiaridades e passou a representar as possibilidades de ascensão social, criando métodos para suprimir as fraquezas da criança e torna-la disciplinada. Surgem, desta forma, os castigos e as punições corporais (Ariès, 1973/2017).

A conclusão de Phillipe Ariès é que os maus tratos surgem ao mesmo tempo em que a infância é conceituada – no advento da sociedade burguesa. Alguns autores se contrapõem às ideias de Ariès. Lloyd deMause (1975 citado por Guerra, 1998; Vagostello, 2007) defende que na Antiguidade as crianças eram muito mais vítimas de torturas, espancamentos e maus-tratos. Este autor analisa as agressões do ponto de vista das motivações inconscientes do adulto-agressor e entende que “no fundo os pais revivem sua própria infância através dos filhos e em consequência se vêm impulsionados tanto a reproduzi-la fielmente quanto a diminuir os seus rigores” (Guerra, 1998, p. 54). Tais práticas funcionariam como meio para aliviar a culpa dos adultos e resolver conflitos familiares. Com isso, Lloyd deMause sugere que foi no decorrer dos séculos que a infância passou a ser defendida e a viver o despertar de um pesadelo (Guerra, 1998). Heywood (2004), por sua vez, contesta Ariés ao defender que as concepções sobre a infância não evoluíram de forma linear, mas diferentes formas de lidar com as crianças coexistiram em todos os períodos históricos e que, portanto, a consciência sobre a infância não era ausente durante a Idade Média. Para ele, sempre existiu um conhecimento sobre as particularidades desta fase.

Apesar das mudanças introduzidas pelo Estado Moderno, as quais ensejaram um novo olhar sobre a infância, conforme aponta Ariès (1973), Badinter (1985)

enfatiza que a inserção da criança em colégios e a separação por faixas etárias não decorreram de um reconhecimento das particularidades desta fase, e não se deveram ao desejo de proteger a infância do despudor e promiscuidade do mundo adulto, mas sim, à indiferença dos adultos pela vida da criança. Para corroborar este descaso, a autora aponta altos índices de abandono e infanticídios, que permaneceram crescentes até meados do século XVIII, quando a preocupação do Estado burguês, inicialmente na França, com a sobrevivência dos recém-nascidos - força produtiva e riqueza econômica em potencial - impulsionou o movimento de filósofos, médicos e autoridades a discorrerem sobre condutas e cuidados para a conservação da vida. Este movimento implicou também na valorização do papel materno – que será abordado no capítulo seguinte.

Guerra (1998) observa que, ainda na sociedade medieval, sob a ótica da correção das más tendências e da impulsividade infantis, as crianças deveriam obedecer e se submeter às ordens dos adultos. Os castigos e a força física eram “direitos naturais” do adulto sobre a criança, a fim de que esta fosse corrigida em suas “más tendências naturais” e atingisse a perfeição por meio da submissão ao adulto. A figura masculina e paterna era dotada de poder e prestígio. Era o homem responsável por proteger e decidir sobre os percursos da família, devendo-lhe a mulher e os filhos, respeito e obediência. A autoridade do homem era exercida com base nos valores sociais patriarcais, que, além de sustentar a família, legitimavam a sociedade hierárquica. Desta forma, a criança era ensinada a obedecer não apenas à figura paterna, mas também à figura do rei; e, somente através da obediência conquistaria o direito à herança de bens ou posição social.

Com a queda deste sistema e o advento do capitalismo, o homem perde seu prestígio social ao ser sucumbido pelas engrenagens produtivas como força de trabalho. Sua importância na família se restringe ao valor econômico ou de subsistência, a qual garantiria por meio de seu trabalho assalariado. A criança passa a adquirir relevância econômica à medida que representa uma força de trabalho em potencial. A obediência cede lugar à liberdade, à criatividade e aos direitos da criança – direitos baseados na preocupação com sua sobrevivência. A mulher, por sua vez, que era desconsiderada na sociedade medieval, é recriada com atributos maternos, devendo, muito além da submissão ao marido, cuidar e garantir a proteção de seus filhos. Neste contexto, o homem, fraco e impotente, oprimido pelos

meios de produção, buscaria uma forma de recuperar seu poder, ou sentir-se forte, tomando à força física a obediência da mulher e dos filhos (Guerra, 1985).

Neste cenário, em que se modificam os valores e os papeis sociais e familiares, o Estado se torna regulador e fiscalizador dos direitos da infância, criando leis e modelos de educação e proteção que devem ser cumpridos pelos pais – responsáveis legais pelas crianças. No entanto, a autora observa, as famílias são responsabilizadas por um cuidado que são impedidas de cumprir pelas próprias condições em que são obrigadas a viver. Analisar as relações familiares é tarefa que deve também abarcar o contexto social e os múltiplos fatores, como políticos e econômicos, que se inter-relacionam e interferem na dinâmica familiar. “Crianças e adultos envolvidos no ato agressor não se dicotomizam em vítimas e culpados, mas são os representantes de um modo violento de viver” (Guerra, 1985, pp. 112).

Ao pensar as concepções e as práticas dirigidas à infância desde a antiguidade, Guerra (1998) observa não ser possível precisar as violências praticadas contra crianças, pois a descrição e a compreensão de cada período histórico sofre as influências de quem os olha e de onde olha E, apesar das divergências teóricas e das dificuldades para definir as práticas de violência e os tratamentos dados à infância, este fenômeno parece se apresentar ao longo da história de diferentes maneiras. Heywood (2004) soluciona este paradigma ao apontar para uma ambiguidade histórica no tratamento à infância, de modo que ao mesmo tempo em que crianças eram maltratadas e abandonadas por seus pais, outras eram amadas e cuidadas, em todas as classes sociais, levando em consideração as especificidades e o modo como cada pai e mãe lidava com a chegada de seus filhos.

Day et al. (2003) observam, no entanto, que quanto mais remotos os anos, maiores as crueldades praticadas pelos adultos. Espancamentos, castigos com chicotes, abandonos, abusos físicos e sexuais, e até mesmo mutilações e assassinatos, eram motivados pelos instintos individuais de quem os praticava e por tratados jurídicos. Exemplo disto acontecia no Oriente Antigo: quando um filho desobedecia a seus pais, tinha sua mão decepada. No século XIX - observam os autores – surgiram os primeiros estudos sobre as consequências físicas de violências praticadas contra crianças. Porém, somente no início do século XX foi possível esboçar uma nova mentalidade sobre a infância.

No Brasil, a história da infância é marcada pela violência da desigualdade social, assim como pelas características de gênero, raça e etnia. Santos (2011) observa que na época colonial a infância era dividida em duas populações distintas: as crianças e os menores. A primeira era composta por filhos da nobreza e burguesia, os quais eram dotados de civilidade e gozavam do direito à educação. A segunda se referia aos filhos dos pobres, escravos e ex-escravos, que representavam riscos à ordem social burguesa, já que a eles eram atribuídos atos de violência e infrações.

O tratamento destinado a estes jovens era pautado na égide higienista, que encontrava legitimidade nas ciências da época, sendo o Direito encarregado de ordenar o que estava irregular. Para isso, foram criados os Códigos dos Menores de 1927 e 1979. Estes se justificavam pela proteção ao menor que sofrera abandono, negligência, abuso de autoridade ou outras formas de maus tratos. Porém, ambos foram criados em governos ditatoriais, que visavam o controle, a ordem e a disciplina, e serviam, na prática, para criminalizar jovens pobres e privá-los da liberdade, de modo a garantir a ordem social. Desta forma, os códigos de proteção ao menor consideram-no objeto de ação do Direito, mas sem considerar, efetivamente, os seus direitos (Santos, 2011).

As décadas de 1970/80 foram inspiradas por movimentos críticos à visão sobre o “menor” que dominava até então. Na decadência do regime militar, profissionais e militantes da democracia e dos direitos humanos, defendiam a proteção integral da criança e do adolescente, conforme preconizava a Declaração dos Direitos da Criança, de 1959 (Santos, 2011; Yamamoto & Oliveira, 2010). Neste cenário, surge o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei 8.069 de 13 de julho de 1990 (Brasil, 1990), que constituiu novos pilares para o tratamento à criança e ao adolescente, considerando-os pessoas em desenvolvimento e de direitos, sem distinção de classes sociais (Santos, 2011; Yamamoto & Oliveira, 2010).

A Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1998) obriga o Estado a promover “programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente e do jovem (...)” (Art. 227; § 1°), e declara:

> **Art. 227.** É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência

> familiar e comunitária, além de coloca-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988)

Os discursos produzidos sobre a infância não podem ser dissociados dos discursos e da realidade social, política, econômica e cultural de cada época e contexto. A concepção do “menor” como pessoa de comportamento desviante, patológico e irregular, manteve-se ancorada em regimes controladores e disciplinadores e na correspondente produção científica que criava categorias, como: normal e anormal, patológico e saudável (Santos, 2011). A implementação de políticas de proteção integral à criança e ao adolescente teve como base a decadência daquelas formas de governo e a resistência de profissionais, que, ao se politizarem, delinearam novos percursos às práticas profissionais (Yamamoto & Oliveira, 2011). Desta forma, o olhar para a infância já não pode ser dominado por discursos patologizantes e individualistas, mas deve comportar também os processos sociais que a engendram.

1.2 A construção da maternidade ao longo da história

Da mesma forma que a concepção de infância é alinhavada pelos interesses políticos e econômicos, e tecida pelos saberes científicos, a função materna - concebida como dedicação intrínseca da mulher aos seus filhos – também é questionada em seu caráter natural e instintual, uma vez que são observados ao longo da história comportamentos distintos da mulher enquanto mãe. Moura e Araújo (2004) enfatizam que a percepção, os valores e comportamentos predominantes em uma sociedade são produções subjetivas endossadas pelos discursos científicos de cada época. Apontam a Medicina e a Psicologia como responsáveis pela modulação de novas formas de relacionamento familiar, sobretudo no que se refere à constituição de práticas direcionadas à função materna.

Badinter (1985), assim como Ariés (1973), percorre os estilos familiares do período medieval ao Estado Moderno, e constata que o sentimento materno inexistiu até meados do século XVIII, quando discursos políticos, associados à Medicina e à Filosofia, introduziram novos rumos à estrutura social e doméstica. A autora discorre

sobre o hábito, comum entre as mulheres do antigo sistema, de entregar os recém-nascidos às amas de leite. As justificativas para delegar os cuidados da criança a uma ama mercenária se assentavam na necessidade de sobrevivência das mães camponesas, que mal podiam garantir a própria subsistência. As mulheres da nova classe social burguesa, que, se por um lado não precisavam trabalhar e poderiam dispor de tempo para cuidarem elas mesmas dos filhos, por outro preferiam auxiliar seus maridos comerciantes, alfaiates e artesãos, ao invés de se dedicarem aos filhos. Àquelas que pertenciam à nobreza, porém, nenhuma atividade econômica lhes era incumbida, mas também seus filhos eram confiados aos cuidados das amas.

Este comportamento, que predominou por séculos, é descrito por Badinter (1985) como resultante da indiferença e da rejeição maternas. Além da entrega de recém-nascidos às amas de leite, hábito descrito como abandono, a autora também menciona a convivência da criança com os preceptores e governantas – os quais se encarregavam nas famílias mais ricas de educa-la quando retornava para casa, por volta dos sete anos, e, após os dez anos, a criança era inserida em internatos com a finalidade de completar sua educação moral e racional. No entanto, muitas não chegavam a esta idade, sendo altos os índices de mortalidade infantil associados às precárias condições de cuidado que tinham que enfrentar ainda com as amas.

Posicionada à margem da vida política e administrativa, e situada na base hierárquica inferior, a mulher do século XVIII almejava liberdade, igualdade e reconhecimento. Se antes a autoridade do homem (enquanto pai e marido) legitimava a autoridade do rei, formando súditos obedientes às suas ordens, com a nova burguesia a vida da criança adquire valor, à medida que constitui potencial força de produção e riqueza para o Estado, e a mulher é convocada à linha de frente na tarefa de combater a mortalidade infantil. Neste cenário, se afiguram os discursos filosóficos e médicos sobre a função e o valor materno. O devotamento e os cuidados à criança seriam recompensados com o reconhecimento da importância da mãe para a família e a sociedade. Desta forma, não apenas o aleitamento, mas a integral dedicação da mulher aos filhos a tornaria responsável pela formação do adulto, e, em expansão, de toda a humanidade (Badinter, 1985).

Em suma, a tese de Badinter (1985) coloca a importância dos cuidados maternos como criação da sociedade burguesa; que empenhou grandes esforços

para convencer as mulheres ao aleitamento e às práticas diárias com a higiene, vigilância e educação de seus filhos. A autora não desconsidera que sempre tenham existido mães preocupadas, ternas e dedicadas; mas sustenta que foi neste período da história que adquiriu valor e relevância sociais. Antes, os interesses pessoais – seja pelo trabalho entre as camponesas ou pela intelectualidade entre as mulheres economicamente favorecidas – configuraram as motivações para os tratamentos de frieza, abandono e indiferença pela vida da criança. No entanto, ao serem direcionadas à função materna pelo sacrifício de si mesmas, as mulheres se tornam responsáveis tanto pelo sucesso quanto pelo fracasso de seus filhos.

Nesta mesma perspectiva, Resende (2017) compreende que a noção de maternidade é simultânea à noção de infância, e que sua construção permanece como um mito nos dias atuais, na medida em que a mãe deve amor incondicional ao filho e o é naturalmente. Ao mesmo tempo em que são impulsionadas pela Revolução Industrial ao mercado de trabalho, os atributos maternos são revigorados por movimentos que incentivam ao parto natural e ao aleitamento – o que provoca constantes conflitos entre os desejos profissionais da mulher e àqueles ligados à maternidade. O autor, desta forma, aborda a maternidade como uma construção imposta à mulher a partir do desenvolvimento das ciências médicas e psicológicas. O conhecimento científico é apontado como responsável por (re) produzir a imagem da mulher-mãe, biologicamente inclinada à maternidade, e contestado por culpar as mães por quaisquer prejuízos no desenvolvimento de seus filhos, quando não são suficientemente dedicadas.

Heywood (2004), por outro lado, aponta que foi graças à Medicina moderna que as condições de saúde avançaram e os cuidados à infância diminuíram os problemas aos quais esta era exposta. Menciona que os índices de infanticídio, abandono e entrega às amas-de-leite, assim como as precárias condições de amamentação, higiene e vestuário, foram enfatizados pela historiografia sem a devida atenção às particularidades de vida de cada pai e mãe e à relação estabelecida com a criança. Para o autor, as condições precárias de sobrevivência são importantes na exposição da criança a situações de risco, contudo, enfatiza que os maus tratos físicos e morais sempre existiram e estão relacionados à atitude dos pais frente à criança – atitudes que vão desde a indiferença e invasão, passando pela concepção de inocência da infância, até uma

educação moderada, as quais existiram em todos os tempos históricos e classes sociais. Observa que também na Idade Média havia preocupação com a infância, quando, por exemplo, Santo Anselmo combatia os maus tratos com recomendações de gentileza e bons exemplos dos pais. Avanços significativos nas concepções e tratamentos à infância são descritos como um longo processo, que inclui os conhecimentos científicos direcionados à dupla mãe-criança.

Lima (2007) cita que, no século XIX, médicos observaram que os altos índices de mortalidade infantil estariam relacionados à negligência dos pais, especialmente à falta de conhecimento das mães sobre os cuidados requeridos pela criança. Analisando as produções médicas que mais influenciaram na construção das funções maternas ao longo do século XX, a autora enfatiza a produção de manuais de puericultura destinados a informar a população feminina sobre a gestação, o parto e os cuidados ao bebê. Divulgados largamente a partir de 1918, estes manuais reuniam os conhecimentos proferidos no Instituto de Proteção e Assistência à Infância, o qual tinha como missão proteger as crianças doentes, maltratadas e abandonadas, e atender às mulheres grávidas sem recursos financeiros, incentivando-as ao aleitamento e à vacinação dos filhos. Em 1968, a criação da revista *Pais & Filhos* divulga ainda mais os conhecimentos da ciência mães e filhos. Surge também nesta época uma nova preocupação, além dos cuidados físicos, com o desenvolvimento psicológico da criança, influenciado pelo ambiente familiar.

A autora sublinha que a experiência de médicos no atendimento a crianças no pós-guerra, contribuiu para a ênfase dada aos prejuízos da ausência materna. Baseada em uma epistemologia foucaultiana, Lima (2007) descreve a ciência médica como agente do Estado para a produção do saber e o governo das condutas da população, uma vez que, mantida em boas condições de saúde e bem-estar, favorece crescimento e segurança para o Estado. Nesta visão biopolítica, descreve que:

> promover a saúde e o bem-estar dos diferentes segmentos da população consiste numa missão importante do governo, na medida em que um conjunto de cidadãos bem constituídos representa um valioso recurso que pode ser posto a serviço do Estado, enquanto uma população doente concorre para debilitar a nação. Sendo assim, e considerando-se que as intervenções nas formas de vida da população requerem não apenas conhecimentos estatísticos sobre as dinâmicas e os movimentos populacionais, mas também sobre o corpo e a saúde dos indivíduos, o recurso do governo à medicina tornou-se indispensável. (p. 98)

Os autores mencionados sugerem pensar que as noções de maternidade e infância não se constroem isoladamente, mas concatenadas aos elementos políticos, econômicos e sociais de cada época. O discurso científico é considerado como produto, consequência do tempo e do espaço em que é produzido, e, ao mesmo tempo, justificativa para os ideais de governamentabilidade, que nele sustentam suas ações. Diante da realidade da violência intrafamiliar, somos convocados a refletir sobre os mecanismos sociais que a produzem e sobre a abordagem profissional que se propõe a trata-la. As concepções sobre infância, maternidade e violência que fundamentam a atuação profissional são, neste sentido, apontados como cruciais, uma vez que produzem saberes, (pre) conceitos e métodos que adentram as relações familiares e determinam os lugares de vítimas e agressores.

Desta forma, a construção dos saberes psicológicos contribui para o desenvolvimento individual e coletivo, especialmente no que se refere às relações interpessoais e familiares. Conforme apontado pela própria Badinter (1985), foi a insistência destes profissionais na relação mãe-criança que favoreceu a diminuição da mortalidade infantil, assim como, em Ariès (1975), o conhecimento sobre as fases e necessidades infantis proporcionou melhores condições de crescimento.

1.3 Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes (VDCCA)

1.3.1 Definições, tipos e topologias

Com a criação da Pediatria como área independente, na segunda metade do século XIX, a Medicina pode contribuir com o reconhecimento da realidade de agressões praticadas no âmbito familiar. Foi, portanto, nesta perspectiva clínica que se delinearam algumas compreensões sobre este fenômeno, baseadas, sobretudo, na descrição e na busca de explicações psicopatológicas relacionadas ao agressor (Guerra, 1998; Guerra, 1985).

Ao observar as discrepâncias entre as lesões e os discursos que os pais/responsáveis utilizavam para justificá-las, na tentativa de ocultar a responsabilidade pelas agressões, iniciaram-se estudos sobre os comportamentos

de agressores, com o intuito de identificar suas formas de agir e, com isso, prever populações de risco. Desta forma, em 1962, Kempe e Silverman definiram o conceito de *Síndrome da Criança Espancada*:

> Esta síndrome se refere usualmente a crianças de baixa idade que sofreram ferimentos inusitados, fraturas ósseas, queimaduras etc., ocorridas em épocas diversas, bem como em diversas etapas e sempre inadequada e inconsistentemente explicadas pelos pais. O diagnóstico tem que se basear em evidências radiológicas dos repetidos ferimentos. (Azevedo & Guerra, 1995, p. 40)

Fontana (1971 citado por Azevedo & Guerra, 1995), amplia esta conceituação ao dizer que nesta síndrome

> a criança pode se apresentar sem os sinais óbvios de ter sido espancada, mas com evidências múltiplas de privação emocional, às vezes nutricional, negligência ou abuso. A criança espancada é a última fase do espectro da síndrome do maltrato. (p. 41)

Para Gil e para Gelles (1979 citados por Azevedo & Guerra, 1995; Guerra, 1998), a intencionalidade do ato é o principal fator de detecção, não importando a intensidade da agressão. Nas palavras deste último:

> Violência física é considerada como um ato executado com intenção, ou intenção percebida, de causar dano físico a outra pessoa. O dano físico pode ir desde a imposição de uma leve dor; passando por um tapa até o assassinato. A motivação para este ato pode ir desde uma preocupação com a segurança da criança (quando ela é espancada por ter ido para a rua, por exemplo) até uma hostilidade tão intensa que a morte da criança é desejada. (pp. 41-42)

A partir da observação clínica de profissionais da Santa Casa de São Paulo, foi elaborado, em 1978, o primeiro trabalho brasileiro sobre crianças vitimizadas. De caráter constatativo e descritivo, o estudo versava sobre o caso de uma criança espancada e abandonada pela mãe no hospital (Guerra, 1998; Guerra, 1985).

Guerra (1985) enfatiza que, ao se mostrar insuficiente para responder a todos os questionamentos sobre estas situações de violência, a perspectiva médica deixou de ser hegemônica, cabendo a outras áreas, como a Psicologia, o Serviço Social e a Criminologia, investigar suas causas e pensar intervenções. A dissertação desta autora, de 1984, se mostra relevante ao enfatizar a realidade social e cultural na explicação deste fenômeno. Os modelos mais utilizados para explicar os casos de violência doméstica pautaram-se inicialmente nos pressupostos de causalidade linear, seja atribuindo ao indivíduo, às suas experiências traumáticas e/ou

características de personalidade, a responsabilidade por seus atos violentos (modelo psicopatológico), seja atribuindo ao ambiente, como desemprego, pobreza, alcoolismo, entre outras vulnerabilidades, a origem da violência (modelo social). Estes *modelos unidimensionais* foram, no entanto, contestados pelos *modelos interativos*, os quais, baseados na Teoria Sistêmica, relacionam os fatores sociais, políticos e econômicos (macro) aos fatores da história pessoal e do funcionamento familiar (micro) (Azevedo & Guerra, 2000).

Tidos como hegemônicos na compreensão da violência contra crianças e adolescentes, estes modelos são criticados pelas autoras por não favorecerem uma ação transformadora sobre o fenômeno da violência. Propõem uma abordagem histórico-crítica que considere a origem e construção histórica de cada elemento que compõe o fenômeno: a infância, a família, a violência etc. Neste sentido, a violência doméstica contra crianças e adolescentes é compreendida a partir da interação de vários fatores - sócio-econômicos, culturais e psicológicos – e as condutas humanas são assimiladas à interação entre o indivíduo e a sociedade em dado contexto histórico.

Azevedo e Guerra (1995) observam que a variedade de termos, como abuso, maus tratos, correção, disciplina, não definem nem especificam as violências às quais se referem. As autoras propõem a denominação de *Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes (VDCCA)*, a qual adotamos neste estudo, com a seguinte definição:

> Todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima – implica de um lado, numa transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento. (p. 36)

Dentre as modalidades de Violência Doméstica, a literatura indica cinco tipos:

<u>Violência Física</u>: “Toda ação que causa dor física numa criança; desde um simples tapa até o espancamento fatal representam um só continuum de violência”.

Violência Sexual: “Todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual entre um ou mais adultos que tenham para com ela uma relação de consangüinidade, afinidade e/ou mera responsabilidade, tendo por finalidade estimular sexualmente a criança ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou a de outra pessoa”.

Violência Psicológica: “Também designada como tortura psicológica, ocorre quando pais ou responsáveis constantemente depreciam a criança, bloqueiam seus esforços de auto-aceitação, causando-lhe grande sofrimento mental”.

Negligência: “Configura-se quando os pais ou responsáveis falham em termos de prover as necessidades físicas, de saúde, educacionais, higiênicas de seus filhos e/ou de supervisionar suas atividades, de modo a prevenir riscos e quando tal falha não é o resultado das condições de vida além do seu controle”.

Violência Fatal: “Atos e/ou omissões praticados por pais, parentes ou responsáveis em relação a crianças e/ou adolescentes que – sendo capazes de causar-lhes dano físico, sexual e/ou psicológico – podem ser considerados condicionantes (únicos ou não) de sua morte” (Azevedo & Guerra, 1998, p. 177).

Pinto Junior e Tardivo (2015b) acrescentaram a esses tipos de violência doméstica aquela à qual a criança ou adolescente não sofrem diretamente como alvo das agressões , mas estão expostos, como testemunhas, a:

> toda violência que ocorre entre os parceiros adultos no contexto de um relacionamento íntimo, legalmente casados ou não. A criança não precisa observar a violência para ser afetada por ela. A criança exposta à violência testemunhal é aquela que viu, ouviu um incidente de agressão a um dos cônjuges, viu o seu resultado ou vivenciou o seu efeito na interação com seus pais ou responsáveis. (p. 67)

Deslandes (1994) observa que, apesar de serem descritas como fenômenos distintos, as diversas faces da violência estão, na maioria das vezes, interligadas. As agressões físicas, sexuais e negligências são mais facilmente detectadas. A violência psicológica, no entanto, apesar de ser frequente, é menos notificada e de mais difícil reconhecimento (Brasil, 1997; Azevedo & Guerra, s/d). Brito, Zaneta,

Mendonça, Barison & Andrade (2005) apontam que sua identificação está, geralmente, associada a outras formas de violência, como física e sexual. De Antoni (2012) aponta que as dificuldades para avaliar e quantificar a violência psicológica estão na sua invisibilidade, por não deixar marcas físicas, e no alto grau de tolerância com que a sociedade a encara. Ameaças e intimidações, como “Se você não se comportar, o bicho papão vai te devorar”, são abarcadas no cotidiano como estratégias “normais” para que os filhos obedeçam aos pais – o que a autora salienta ser um abuso de poder e falta de afetividade dos pais para com seus filhos. Entre as formas mais comuns deste tipo de violência, a autora cita: “humilhação, degradação, rejeição, isolamento, terrorismo, corrupção, rotulação, ameaças, agressão verbal e negação de afeto” (pp.34-35).

O Ministério da Saúde, tendo em vista a magnitude da problemática no contexto familiar, que, de acordo com as estimativas, cresce consideravelmente, a reconhece como questão de saúde pública. Também admite que violências sofridas no âmbito familiar podem originar outras formas de violência (Brasil, 1997). A repercussão deste tipo de violência pode surgir nos contextos urbanos, institucionais e sociais, já que, ao crescer e se desenvolver em uma família agressora, o indivíduo poderá desenvolver comportamentos violentos (Silva, Coelho & Caponi, 2007).

Não há estudos que revelem estatísticas exatas da incidência e da prevalência da violência doméstica contra crianças e adolescentes no país. Sabe-se que está presente em todos os níveis sócio-econômicos e que independe da localização geográfica ou territorial. Alguns dados são obtidos, de forma fragmentada, principalmente por meio de pesquisas e relatos de casos (Brasil, 1997; Azevedo & Guerra, s/d). Isto porque sua ocorrência é encoberta, muitas vezes, pela “lei do silêncio” e os números atendidos em instituições não abarcam todos os casos existentes (Brasil, 1997; Colacicco, Tardivo & Paixão, 2013).

A ideia de privacidade das questões familiares, que sustenta o *pacto do silêncio* diante das agressões sofridas, também ampara a decisão de muitos profissionais ao se omitirem quando se lhes revelam situações de violências. Ancoram-se no direito à liberdade de cada pessoa a viver à sua própria maneira, atribuindo à cultura particular de cada família suas experiências de violência. Por outro lado, quando se anuncia um caso de violência, este é, geralmente, relatado como caso extremo, desvinculado do cotidiano das “famílias comuns”. Desta forma,

a imprensa pode contribuir com a manutenção da violência doméstica quando apresenta os fatos sem favorecer espaço para discussões científicas e críticas sobre eles (Guerra, 1998).

Apesar dos avanços científicos no conhecimento e no tratamento à infância e à juventude, a infância e a adolescência ainda sofrem as facetas da violência. Colacicco, Tardivo e Paixão (2013) observam que esta possui diversas faces, as quais, ao serem investigadas, podem ser mais bem compreendidas e, com isto, tornar possível atuar nas bases da violência e diminuir seus efeitos. Desde a negligência até agressões que podem levar à morte entrepõem-se dificuldades, como a prevalência do silêncio familiar, que rechaça a denúncia, ou, quando feita, embaraçada por depoimentos não verdadeiros sobre as reais situações sofridas. As autoras citam estudos que apontam para a possibilidade de depoimentos de crianças serem induzidos por adultos, com o intuito de atacarem outras pessoas, como exemplo das dificuldades para a investigação deste fenômeno.

1.3.2 Considerações sobre a vítima

Para Day et al. (2003), as pessoas tendem a acreditar que não há efeitos negativos da violência ao longo do desenvolvimento infantil; a dor de um tapa, por exemplo, seria apenas momentânea, não acarretando prejuízos futuros. Porém, enfatizam os autores, estas experiências podem “afetar todos os aspectos da vida da criança, como psicológicos, físicos, comportamentais, acadêmicos, sexuais, interpessoais, espirituais, comprometendo a auto-estima e estimulando a ocorrência de violência subsequente” (pp. 13-14). No que se refere à violência psicológica, De Antoni (2012) observa que sua existência se torna visível por meio das consequências que ela gera ao longo do tempo. Pinto Junior e Tardivo (2010) observam que as consequências da vitimização podem perdurar mesmo após serem tomadas medidas de proteção à criança/adolescente, implicando em perturbações de identidade, personalidade e adaptação social, além da constatação de que *violência gera violência*.

Em pesquisa (Azevedo & Guerra, 2001) que questionou crianças e adolescentes sobre o que pensam e sentem em relação à punição corporal, foram

expressas opiniões majoritariamente contrárias à sua eficácia e consequências. Dor, angústia, tristeza, mágoa, raiva e revolta foram referidas em suas falas. Entre aqueles que nunca apanharam de seus pais, o prazer e o amor foram indicativos de uma educação baseada na compreensão e no diálogo. Entre aqueles que apanharam, se, por outro lado, manifestaram-se contrários e desejosos de uma educação não violenta, também existiram aqueles que a defenderam como meio de aprendizado e inofensiva para o desenvolvimento. As autoras sublinham ser esta uma das consequências mais nefastas da violência contra a criança: a sua perpetuação como forma de resolução de conflitos.

Ao pesquisar os sentimentos decorrentes das experiências de punição corporal em crianças de 9 a 12 anos, Longo (2014) identificou, por meio de representações expressas por elas em desenhos temáticos ("Como você se sente quando recebe uma palmada?"), os seguintes afetos: mal-estar, tristeza, dor, medo, desprezo, inferioridade, revolta, indignação, solidão, desamparo, vergonha, humilhação, raiva, resignação, culpa, auto-piedade, temor e desejo de morrer. No que se refere à construção do julgamento moral e ético na infância, apresentaram-se implícitas as contradições entre bem e mal, a noção de autoridade compreendida a partir da força física do adulto e a subjugação da criança, assim como a supervalorização de objetos domésticos, como vasos, copos etc., em detrimento da valorização da própria criança por danificá-los, intencional ou acidentalmente. As implicações no campo da moralidade também perpassam o aprendizado da prática da violência como forma de resolução de conflitos

Desta forma, as vítimas expressam, de forma mais ou menos consciente, os prejuízos da prática de castigos para a sua integridade física, psíquica e moral. Apesar de abordar especificamente a prática de palmadas, Longo (2014) observa que o desenvolvimento infantil é prejudicado na construção da afetividade e da moralidade em todas as outras formas de violência (psicológicas, sexuais ou negligenciais). E conclui que a violência é:

> contrária à *expansão de si*, do ser, da criança e seu desenvolvimento na medida em que engendra estados de tristeza, medo, humilhação, rebaixamento moral, afetando negativamente a construção das *representações de si* (autoimagem) que, como se sabe, permitem a emergência de determinadas construções relativas à própria identidade, àquilo que se é ou se pensa ser.
> A palmada não ajuda a criança a transpor limites, mas a limitar-se, restringir-se e, portanto, não pode ser considerada como parte prática de uma educação que oriente em direção à superação de si mesmo, dos próprios erros e limitações. A violência física não pode fazer

> parte de práticas educativas que busquem a *excelência* e o desenvolvimento da autonomia. A palmada é limitadora do desenvolvimento infantil. (pp. 268-269)

Os danos sofridos pela criança podem variar, entre outros fatores, de acordo com os recursos que possui para enfrentá-los e podem atingi-la em seus aspectos psíquicos, adaptativos, no processo de aprendizagem e no desenvolvimento pessoal, físico e emocional. Os agravos se referem, especialmente, por ocorrerem no ambiente familiar, onde se dão as primeiras relações interpessoais, de cuidado e proteção (Tironi & Tardivo, 2013). Neste sentido, Mayer & Koller (2012) descrevem a família como a primeira rede de apoio – afetivo e social – para a criança, na qual se desenvolvem relações de apego entre o adulto cuidador e a criança que precisa de cuidados. Se estas relações são permeadas por fatores de desproteção, como nas formas de violência ou negligência, a criança tenderá à desconfiança e instabilidade nas suas relações futuras – baseada no tipo de apego inseguro vivenciado inicialmente. A criança se encontra em condição peculiar de desenvolvimento e a transgressão de poder na relação adulto-criança a torna sempre vítima e nunca "parte que 'colabora' para o seu desencadeamento" (Tironi & Tardivo, 2013, p. 229).

Pinheiro (2005) atribui à ausência do amor materno e paterno os sentimentos de vazio e desvitalização observados em entrevistas com crianças e adolescentes vitimizados, além das seguintes características comuns: desconfiança, introversão, dificuldades de concentração, memória e aprendizagem, perturbações no sono, medo, angústia, baixa autoestima e sintomas psicossomáticos. A autora chama a atenção para o uso de tais sinais e sintomas, alertando que sozinhos não significam necessariamente a ocorrência de violências, mas que, em conjunto, podem fornecer evidências sobre o que se costuma manter em segredo ou em *complô de silêncio*. Outro aspecto importante apontado pela autora se refere à identificação da criança e/ou adolescente com o agressor ou agressora, instalando-se uma reprodução da agressão.

> No que se refere à reprodução da agressão, a vítima pode ser depositário dos maus-tratos e por não ter ainda um ego devidamente estruturado, já que se encontra em fase de desenvolvimento dada a sua condição de criança ou adolescente, passa a considerar-se culpada, procurando redimir-se por medo, por vergonha, ou por coações das mais bizarras dos agressores, pode aliviar-se por meio de um processo de reproduzir as ações que sofreu, atuando no pólo ativo como agressor. (p.69)

Gonçalves (2003) observa que quanto menor é a criança, maior é sua sensibilidade aos estímulos e, devido à sua pouca maturidade, maior é a vulnerabilidade às situações traumáticas. A autora reflete sobre o conceito de resiliência, apontando que esta depende de vários fatores, como as características individuais de atividade ou passividade diante de situações traumáticas, o funcionamento familiar e o tipo de relação estabelecida entre pais e filhos. Porém, os sentimentos de segurança e confiança – originados nas experiências de cuidado recebido e necessários ao desenvolvimento da capacidade de autoproteção - são particularmente afetados pelas formas de violência sofridas no âmbito familiar.

Em suma entende-se que a "violência doméstica contra crianças e adolescentes é um 'sintoma' modulado por dificuldades culturais, sociais, econômicas e das relações interpessoais, provocando conflitos nas relações familiares, devendo, os cuidados serem extensivos a todo grupo familiar" (Brito et al, 2005, p. 148).

1.3.3 Considerações sobre o agressor

Apesar dos direitos conquistados em lei e das políticas públicas já efetivadas, crianças e adolescentes continuam sendo vítimas, cotidianamente, de diversas formas de violência (Azevedo & Guerra, s/d), sendo que as maiores incidências ocorrem dentro do próprio lar, e são cometidas por quem deveria proteger e cuidar (Gonçalves, 2003). Quando uma ou mais formas de violência contra crianças são identificadas, medidas protetivas devem ser aplicadas, de modo a evitar a reincidência da violação de direitos e favorecer o pleno desenvolvimento infantil (Brasil, 1988; Brasil, 2006).

A inserção de famílias e/ou crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica em serviços de acolhimento institucional é uma medida do Poder Público para garantir a proteção imediata e temporária, resguardando-os das situações de negligência e agressão. Apesar dos prejuízos que decorrem das separações e impessoalidade no trato diário (Colacicco, Tardivo & Paixão, 2013), estas são amparadas por diversas legislações, sendo encaminhadas a serviços de assistência social e atenção integral às vítimas de violências.

Os agressores, por sua vez, devem ser encaminhados a medidas de privação de liberdade, afastamento das vítimas ou medidas socioeducativas; porém, poucos são os serviços que ofertam atendimento integral a esta população. Bittar (2010) coloca que o abrigamento como medida de proteção à criança não pode ser adotado sem que haja empenhos efetivos na recuperação da dignidade dos agressores, de modo a possibilitar a reinserção familiar destas crianças. Pinheiro (2005) defende que é “essencial que as vítimas sejam eficazmente amparadas e que os agressores sejam contidos, separados e/ou tratados. Só assim um processo de cura poderá ser instalado” (p.68).

O tratamento àqueles que perpetram abusos, agressões ou negligências não pode ser dissociado da compreensão de suas causas. Para Mayer e Koller (2012), as situações de maus tratos devem ser compreendidas a partir dos fatores que dificultam ou ameaçam o estabelecimento de relações de apego entre pais e filhos. Sabe-se que a ocorrência de violências intrafamiliares emerge de uma história de violências. Pinheiro (2005) observa que ”muitos dos agressores foram vítimas em sua infância ou adolescência” (p. 53), sendo que, ao entrevistá-los, conteúdos marcados por agressões, abusos e dependência química surgiam em seus discursos. Bittar (2010) chama à atenção para considerar as condições de vida que favorecem a violência, como: “pobreza, relações conflitantes do casal, uso de álcool e drogas, vivência de violência conjugal na infância ou ter sofrido abuso quando criança” (p. 20). A autora identificou, a partir do discurso de mães perpetradoras de violência, que em suas histórias pessoais havia três fatores comuns: a convivência com perdas, a convivência com alcoolismo, pobreza e violência e a convivência com afetos e desafetos. Estas mães tiveram, em suas famílias de origem, experiências que marcavam e penetravam sua história familiar posterior.

Day et al. (2003) problematizam a ideia de que autores de agressões seriam pessoas com transtornos psiquiátricos graves, observando que estes são casos raros comparados ao crescente número de violências intrafamiliares, que colocam em cheque a projeção deste fenômeno ao lugar dos antigos manicômios e revelam o lugar comum de sua manifestação. Pinto Junior & Tardivo (2015a) enfatizam a importância da compreensão dos aspectos subjetivos dos agressores. Ao investigarem o funcionamento psicológico de 30 homens encarcerados por abuso sexual – embora não seja objeto dessa pesquisa, os agressores sexuais apresentam

similares condições às de quem pratica outras formas de violência contra crianças e adolescentes – os autores constataram a inexistência de características psicopatológicas graves nesta população. Apesar de apresentarem uma tendência à integração do ego, os resultados indicaram imaturidade, incapacidade para manter relacionamentos afetivos, com predomínio de ideias e atitudes narcisistas, dominação (não valorização do outro como sujeito) e agressividade.

Para a investigação da dinâmica interna do agressor, Pinto Junior & Tardivo (2015a) indicam o uso de técnicas projetivas, uma vez que em outros recursos, como entrevistas ou questionários, os sujeitos tendem a manipular suas respostas, negando ou escondendo características tidas socialmente como inadequadas, por temerem implicações nos processos criminais. Diante de estímulos não estruturadas, o sujeito busca interpretá-los, a partir de mecanismos de projeção, revelando, assim, aspectos de seu funcionamento psíquico. O reconhecimento de características comuns aos agressores pode favorecer o desenvolvimento de projetos de intervenção e tratamento adequados. Pinto Junior, Silva, Santos, Fróis, Vieira, Albuquerque et al (2011) descrevem também, ainda sobre a pesquisa com agressores sexuais, os resultados obtidos por meio de entrevistas. Ao abordarem a história de vida dos participantes, foram relatadas situações de trabalho precoce, privações e violências sofridas na própria infância. E, ao serem questionados sobre as violências praticadas contra seus filhos, colocam-se, maioritariamente, como vítimas de injustas acusações e se descrevem como bons pais e boas pessoas. Entre aqueles que confessaram as agressões, a posição de vítima permanece quando as justificam como decorrentes do comportamento (sedutor) da própria criança, do uso de álcool ou de impulsos incontroláveis. As verbalizações, tanto daqueles que reconheceram quanto dos que negaram as agressões, apontaram para uma consciência dos prejuízos da violência para a criança ou adolescente. No entanto, os instrumentos projetivos possibilitaram identificar concepções adultizadas da infância, seja ao atribuir-lhe comportamentos erotizados ou incumbir-lhe responsabilidades e tarefas adultas, como para o trabalho, não reconhecendo-a como fase peculiar de desenvolvimento.

Outro aspecto identificado por Pinto Junior & Tardivo (2015a) refere-se à baixa condição econômica e de escolaridade dos sujeitos entrevistados, porém, ressaltam, estas características devem ser analisadas com cautela, pois não

significa que a violência seja um fenômeno restrito às camadas mais vulneráveis da sociedade, nem tampouco que pessoas em melhores condições socioeconômicas não violem a integridade de seus filhos. Tironi e Tardivo (2013) observam que a violência é um fenômeno multideterminado, universal e endêmico – não apenas vinculado à pobreza. E enfatizam que “é um fenômeno cíclico, por poder envolver várias gerações em sua reprodução, e possui como característica a reiteração” (p. 229). Colacicco, Tardivo e Paixão (2013) apontam dois caminhos possíveis para quem sofre violências na infância: fechar-se ao outro, apresentando-se como uma pessoa “dura, inacessível, intratável” (p. 358); ou atacar o outro, fazendo-o sentir o que ela própria sente ou sentiu, “como uma forma de expandir a sua dor” (p. 358). Desta forma, referem a importância de estudos que favoreçam a investigação e o tratamento, não apenas das vítimas, mas também dos perpetradores da violência intrafamiliar.

De acordo com estudos de Brito et al. (2005), as figuras paterna e materna aparecem mais frequentemente como responsáveis por agressões contra crianças no círculo familiar. Os autores observam que os atos de maior gravidade são cometidos, em geral, pelos pais, e os de menor gravidade, pelas mães. Estas ocupam o lugar – histórico e cultural – de cuidar, proteger e educar seus filhos, sendo que, muitas vezes, quando o casal se separa, é com elas que as crianças permanecem. Esta maior proximidade física pode estar atrelada à ocorrência de violências cotidianas. Em pesquisas como as realizadas por Pinheiro (2005), Azevedo e Guerra (2001), Longo (2014), entre outras, as mães aparecem mais frequentemente como perpetradoras de agressões – físicas, psicológicas ou negligências – às crianças e adolescentes – o que torna este assunto uma problemática a ser melhor investigada, visto que as figuras paterna e materna são referências para o desenvolvimento psicológico da criança (Tironi & Tardivo, 2013).

Ao analisar casos de violências físicas praticadas por pais e mães, Guerra (1998) observou que, dentre aqueles que confirmaram as agressões, justificaram-nas como forma de educar e corrigir seus filhos. A autora entende que os homens confirmaram as agressões como forma de afirmar seu poder e sua autoridade sobre a criança (sendo que em sua maioria encontravam-se desempregados). As mulheres, por sua vez, atribuíram ao descontrole emocional e ao nervosismo seus atos violentos. Do ponto de vista das testemunhas, as agressões foram tidas como

excesso de disciplina e não cumprimento dos papeis sociais designados ao homem e à mulher – de trabalhador e de boa mãe, respectivamente.

Ao refletir sobre as causas de agressões psicológicas, De Antoni (2012) observa três fatores mais citados na literatura: interação e comunicação precárias entre os membros da família; expectativas irrealistas sobre o potencial da criança, ou seja, esperar que ela cumpra tarefas ou tenha comportamentos incompatíveis com a etapa de seu desenvolvimento ou não estimulá-la por considera-la incapaz; e, ainda, estarem sujeitos às violências estruturais, como desemprego, criminalidade, entre outras que tornam os pais menos tolerantes e menos disponíveis emocionalmente para seus filhos.

De Antoni & Koller (2012) analisaram o perfil da violência intrafamiliar a partir da percepção de seus membros sobre a qualidade da interação entre eles, os motivos e as características das agressões. As interações foram tidas como autoritárias – o que para as autoras se baseia no abuso da força do adulto sobre a criança, a fim de discipliná-la e manter uma imagem de poder, mas que, na verdade, expõe a incapacidade destes para gerenciar conflitos. A comunicação entre pais e filhos mostrou-se deficitária e os vínculos fragilizados. O autoritarismo, o descontrole emocional dos pais e as exigências exacerbadas dirigidas à criança foram apontados como desencadeadores de conflitos na família. No entanto, os maiores motivos para as agressões foram atribuídos ao comportamento da criança, sendo que esta foi a visão dos pais e da própria criança.

> O fato dos filhos serem vistos como causadores ou motivadores de conflitos pode estar associado a dois fatores preponderantes. O primeiro diz respeito ao comportamento desafiador da criança e do adolescente, que enfrenta a autoridade dos pais, as regras estabelecidas (organização da casa, p. ex.) e os limites impostos. Esse comportamento é, de certa forma, esperado no desenvolvimento, pois auxilia na busca de autonomia da criança e em seu processo de socialização, ao conhecer as fronteiras interpessoais e, de autoconhecimento, ao impor sua vontade. O segundo aspecto está relacionado à falta de habilidade dos pais e à precariedade de recursos ou estratégias destes para lidar com os desafios advindos do desenvolvimento dos filhos. O risco de incidência de maus-tratos está em justificar o comportamento desafiante do filho como negativo e, ao mesmo tempo, esses pais não perceberem sua incompetência no gerenciamento desse comportamento. Assim, a vítima é culpada pelo sistema e, de tal forma, que assume essa culpa. (De Antoni & Koller, 2012, p. 47)

As dificuldades financeiras, os ciúmes e as opiniões divergentes entre o casal também foram apontadas como motivos para os conflitos e agressões, além de outros motivos não especificados – o que demonstra não estar claro para eles o que

gera desentendimentos ou que estes ocorrem cotidianamente por motivos banais. De modo geral, as causas são apontadas como externas, sendo a pessoa tida como vítima e o outro como algoz, eximindo-se, assim, da responsabilidade sobre as situações de violência e da necessidade de modificar suas atitudes em relação ao outro (De Antoni & Koller, 2012). Citando Haskett e cols (2003), as autoras referem que pais que perpetram agressões apresentam pouca empatia, a qual está relacionada à capacidade de sentir com e de se preocupar com o outro. E ainda reiteram que estes pais tendem a expressar pouca compaixão, solidariedade e preocupação diante de experiências negativas de outras pessoas, incluindo seus próprios filhos, sobressaindo-se sentimentos de ansiedade e desconforto (Pérez-Albéniz, Paúl, Etxeberría, Montes & Torres, 2003).

Gonçalves (2003) descreve que pais agressores exprimem poucos afetos da relação pai/mãe – criança. Estes se apresentam, geralmente, como “pais quase perfeitos”, sem, porém, expressar preocupação com as manifestações da criança. A autora coloca que:

> A história de negligência ou de abuso, que a criança conta pelo seu comportamento ou pelo seu contacto, não condiz com a descrição dos pais e não corresponde nem à representação mental que eles têm dos filhos nem deles próprios como pais. Corresponde, em nosso entender, às representações que eles têm de si próprios como filhos e da relação com os seus próprios pais, porque em geral estes pais viveram eles próprios situações de negligência, de separações ou foram vítimas de maus-tratos, às quais se referem de forma afectivamente distanciada. (Gonçalves, 2003, p. 27)

No que se refere à percepção das agressões, é frequente que estas sejam tidas como formas de correção e disciplina (Pinheiro, 2005). Este fenômeno pode estar atrelado às crenças dos pais sobre a educação dos filhos, que, histórica e culturalmente, atribuem ao uso da autoridade coercitiva e do castigo físico a correção de maus comportamentos (Silva, Coelho & Caponi, 2007). Azevedo e Guerra (2001) especificam duas respostas dadas pelos pais ao serem interrogados sobre o porquê bater nos filhos: para discipliná-los ou castiga-los. A primeira carrega uma intencionalidade preventiva, de modo a controlar e submeter a criança à ordem estabelecida pelo grupo familiar ou social; e a segunda, para puni-la por faltas reais ou que se suponha ter cometido.

Além dos fatores sociais, que caracterizam uma cultura ou mania de bater, Azevedo e Guerra (2001) observam que a ideia de *bater para educar* sustenta um comportamento raivoso dos pais, e que este “é um comportamento nitidamente fora

de qualquer *orientação cognitiva*. É o sequestro emocional, o ataque de fúria, o ficar fora de si dos pais quando se sentem desafiados pela incontinência dos filhos" (p. 38). Fundamentadas no conceito de inteligência emocional de Daniel Goleman, descrevem a raiva como núcleo de uma das *famílias de emoções*, que pode variar desde uma animosidade até atos de violência patológica. Nesse sentido, eventos (como a birra de uma criança), pensamentos e percepções funcionam como gatilhos disparadores deste sentimento, que se autoalimenta até a eclosão da agressão.

Ao analisar a história de vida de mães que tiveram filhos vítimas de violência doméstica fatal, geralmente por negligência, Azevedo e Guerra (1998) observaram relatos de uma história pautada na obediência, com submissão e rebeldia, disciplinamento corporal e moral, trabalho e casamento precoces e sujeição do ser mulher ao ser esposa e mãe. As autoras concluem que estas mulheres-mães "não aprenderam a proteger seus filhos, porque elas próprias não foram protegidas – pelos homens de sua vida e por suas próprias mães" e que "são sobreviventes de uma violência maior do que as muitas vivenciadas nas etapas de sua vida: a violência da ignorância do que é ser uma mãe realmente protetora" (p. 223).

Cada pessoa vivencia de modo único as experiências de violência – o que torna necessária "uma análise particularizada de como a vítima significa seu mundo, o agressor e a própria situação de vitimização" (Tironi & Tardivo, 2013, p. 236). No entanto, as autoras pontuam que a violência doméstica afeta a compreensão da vítima sobre si e sobre as situações, fazendo com que a violência seja percebida como única forma possível de viver. A violência intrafamiliar em suas diversas "modalidades" (contra a mulher, criança ou pessoa idosa) não são formas isoladas. Tironi e Tardivo (2013) exemplificam que "a violência contra a mulher atinge seus filhos de modo direto e indireto, vale dizer, por meio da exposição às agressões como vítimas e/ou testemunhas e pela diminuição das condições maternas de cuidá-los" (p. 242).

Assim, as diferentes formas de violência configuram um mesmo fenômeno que envolve todos os membros da família – os quais podem oscilar entre os papeis de vítima e agressor. Isso remete a um modo estabelecido de relacionamento, no qual a violência é tida como meio de resolver conflitos e de comunicação, inclusive afetiva. A dificuldade em romper com a violência se relaciona à dificuldade para discriminar as experiências de violência, assim como os papeis familiares (o que

inclui a coisificação da criança e a transgressão do poder do adulto) e os sentimentos que emergem de suas relações. Neste sentido, Tironi e Tardivo (2013) colocam que:

> para combater a violência doméstica seria preciso possibilitar a modificação dessa realidade interna adquirida, como consequência de uma infância vitimizada e perpetuada para a vida adulta. Para interromper a passagem da violência doméstica para a próxima geração, ou seja, interromper o seu ciclo intergeracional, tanto como violência contra a criança e o adolescente, como violência contra a mulher, é necessário modificar a dinâmica de uma família abusiva, permitindo que novas possibilidades de relações sejam percebidas e almejadas. (p. 237)

1.4 Violação de direitos e políticas públicas

A escola e os serviços de saúde são importantes meios para a identificação de violências e violações de direitos perpetradas no âmbito familiar. O olhar atento dos profissionais e o vínculo de confiança entre estes e seus alunos ou pacientes pode favorecer o reconhecimento de situações de risco não ditas, ou até mesmo a denúncia por parte daqueles que sofrem violências diversas e veem nestes profissionais uma possibilidade para um pedido de socorro. Os canais abertos para denúncias, seja através de telefone, internet ou instituições de atendimento presencial, embora crescentemente divulgados, estima-se que ainda não sejam acessados por grande parte das pessoas que sofrem violências – por medo, temor de retaliação, pelo pacto do silêncio que se estabelece na dinâmica das agressões intrafamiliares, pela naturalização do fenômeno da violência, ou por desconhecerem serviços especializados. Pinto Junior (2014) observa que, não obstante a existência de leis de proteção à infância, esta ainda é continuamente atacada em sua integridade, nas mais diversas formas de violência.

A Lei Orgânica de Assistência Social (lei 8.742, de 7 de dezembro de 1993 – LOAS) (Brasil, 1993) estabelece as diretrizes e competências da política de assistência social, organizando-a em Proteção Social Básica e Proteção Social Especial:

> I – proteção social básica: conjunto de serviços, programas e benefícios da assistência social que visa a prevenir situações de vulnerabilidade e risco social por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários; (Incluído pela Lei n° 12.435, de 2011)

> II – proteção social especial: conjunto de serviços, programas e projetos que tem por objetivo contribuir para a reconstrução de vínculos familiares e comunitários, a defesa de direito, o fortalecimento das potencialidades e aquisições a proteção de famílias e indivíduos para o enfrentamento das situações de violação de direitos. (Incluído pela Lei n° 12.435, de 2011) (p. 15)

As proteções sociais podem ser ofertadas pela iniciativa pública ou privada (organizações sem fins lucrativos), sendo dever do Estado sua garantia, de modo a reduzir danos e prevenir (re) incidência de riscos (Art. 2°, inciso I – LOAS). Prioritariamente, as ações de proteção social básica e especial devem ser ofertadas, respectivamente, no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). No que se refere à caracterização destes serviços, a LOAS descreve no Art. 6° C:

> §1° O Cras é a unidade pública municipal, de base territorial, localizada em área com maiores índices de vulnerabilidade e risco social, destinada à articulação dos serviços socioassistenciais no seu território de abrangência e à prestação de serviços, programas e projetos socioassistenciais de proteção social básica às famílias. (Incluído pela Lei n° 12.435, de 2011).
>
> §2° O Creas é a unidade pública de abrangência e gestão municipal, estadual ou regional, destinada à prestação de serviços a indivíduos e famílias que se encontram em situação de risco pessoal ou social, por violação de direitos ou contingência, que demandam intervenções especializadas da proteção social especial. (Incluído pela Lei n° 12.435, de 2011) (p. 17)

A Proteção Social Especial (PSE) se divide em PSE de Média Complexidade, da qual faz parte o CREAS, e PSE de Alta Complexidade, composta por serviços e instituições de acolhimento, como casas de passagem e abrigos a crianças, adolescentes e idosos que tenham vínculos rompidos ou estejam afastados temporariamente de suas famílias e contextos de origem. O CREAS é referência para o trabalho especializado com famílias e indivíduos que estejam em situação de risco, ameaça ou violação de direitos. São consideradas agressões física e psicológica contra crianças e adolescentes; abuso e exploração sexual; trabalho infantil; violência doméstica contra a mulher; maus tratos ou abandono ao idoso e pessoa portadora de deficiência; entre outras formas de negligência e fragilidades nos vínculos familiares. O objetivo é contribuir para o enfrentamento a estas situações, fortalecimento de potencialidades e a reconstrução de vínculos familiares e comunitários (Brasil, 2011).

É neste contexto, portanto, de atendimento a pessoas em situação de violação de direitos – especialmente de crianças vítimas de agressões físicas,

psicológicas e negligências – em que se constitui o foco desta pesquisa: mães denunciadas por praticarem tais agressões contra crianças e adolescentes sob seus cuidados. Estas mães, encaminhadas ao CREAS do município residente, apresentam-se em posição de aceitação ou negação da denúncia. Denúncias estas contidas no cotidiano das escolas de seus filhos, nos centros de saúde ou abarcadas por investigações de órgãos, como o Conselho Tutelar e o Ministério Público.

1.5 A função materna na Psicanálise

Ao discorrer sobre os meandros da feminilidade, Freud (1933 [1932]/1996) destaca que as diferenças entre homens e mulheres são biologicamente atribuídas à existência de órgãos sexuais distintos, destinados à procriação, e que, no entanto, apresentam-se resquícios de um aparelho sexual masculino na mulher (clitóris) e de um aparelho sexual feminino no homem (seios), indicando uma constituição originariamente bissexual em ambos. Correspondentes ao ato sexual elementar são as características psicológicas femininas e masculinas, tidas, respectivamente, como passivas e ativas. Ao ser interceptada e penetrada pelo órgão sexual masculino, as células femininas aguardam a chegada das células masculinas em seu interior. Assim, a agressividade se torna um atributo masculino e a receptividade, a docilidade e a dependência são atribuídas aos instintos femininos. No entanto, a observação de outras espécies e das variadas posições assumidas por homens e mulheres, especialmente no tocante ao exercício da maternidade – como nos casos de homens que cuidam de seus filhos e de mulheres que não assumem esta função, leva à constatação de que estes fatores coexistem em homens e mulheres.

Apesar disto, o autor observa que os aspectos biológicos fundamentam as características psicológicas observadas em homens e mulheres, e considera a influência de hábitos sociais e culturais nestas construções, sendo difícil precisá-las. É na relação do bebê com a mãe, no entanto, que Freud (1933 [1932]/1996) aborda as especificidades do tornar-se mulher: “fica-nos a impressão de que não conseguimos entender as mulheres, a menos que valorizemos essa fase de sua vinculação pré-edipiana à mãe” (p. 120). Os cuidados com a alimentação e com a

higiene prestados pela figura materna despertam na criança as primeiras sensações de prazer e inauguram suas relações libidinais, com toda a ambivalência dos desejos orais, sádico-anais e fálicos. Em “Esboço de Psicanálise”, Freud (1940 [1938]/1996) escreve:

> . . . através dos cuidados com o corpo da criança, ela se torna seu primeiro sedutor. Nessas duas relações (alimentação/cuidados corporais) reside a raiz da importância única, sem paralelo, de uma mãe, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores – para ambos os sexos (p. 200).

O amor da menina por sua mãe é interrompido pelo ódio diante das frustrações de seus desejos, fomentando fantasias de ataque ao seio materno e o consequente medo de ser assassinada ou envenenada por esta mesma fonte, em um movimento paranoide. A frustração primordial se refere ao sentimento de ter recebido pouco leite de sua mãe, o qual é associado à oferta de amor – desejo este insaciável. Somado ao nascimento de irmãos, para os quais sente perder este alimento de amor, entre outras frustrações que se sucedem, a hostilidade que a menina direciona à mãe assume importância no processo de seu desenvolvimento. É por meio deste posicionamento hostil que tenderá à mudança de seu objeto de prazer; ou, se as frustrações forem vivenciadas de forma intensa, se manterá fixada a esta vinculação pré-edípica.

> O afastar-se da mãe, na menina, é um passo que se acompanha de hostilidade; a vinculação à mãe termina em ódio. Um ódio dessa espécie pode tornar-se muito influente e durar toda a vida; pode ser muito cuidadosamente supercompensado, posteriormente; geralmente, uma parte dele é superada, ao passo que a parte restante persiste. Os eventos de anos subsequentes naturalmente influenciam muito isto. (Freud, 1933 [1932]/1996, p. 122)

Neste sentido, Ribeiro (2011) destaca algumas contribuições de Melanie Klein para a compreensão da relação mãe-filha, a partir da ideia de que as sensações corporais geradas nesta interação são a matéria-prima para a formação de fantasias inconscientes, e coloca que “se existe dificuldade ou impossibilidade no prazer entre corpos femininos (mãe e bebê menina), esses impedimentos inscritos no psiquismo como ‘memórias em sensações’ podem ser o alicerce arcaico das disfunções femininas, manifestadas pela via somática e/ou psíquica” (p. 53). Sob esta perspectiva, a teoria kleiniana enfatiza a existência, na menina, de representações precoces ligadas à noção de vagina e às possibilidades de gerar filhos e amamentá-

los, assim como a angústia de ter seu interior destruído pela mãe que, em fantasia, parece ser uma fonte inesgotável que se fecha para a criança, e, por isso, frustra e pode destruir.

Assim, a hostilidade que a criança dirige à mãe se mostra um recurso psíquico para a diferenciação entre elas (dificultada pelas similaridades sexuais). Porém, os ataques ao corpo materno, como expressão da profunda ambivalência que constitui esta relação, associado às experiências de insatisfação e privação - que por sua vez reforçam as fantasias sádicas -, podem exprimir um desencontro entre mãe e filha. A autora define este desencontro como “a dificuldade ou incapacidade de a mãe ser continente às angústias de seu bebê, especificamente, aqui, do sexo feminino” (Ribeiro, 2011, p. 42).

Ribeiro (2011) ainda observa que, independentemente do afeto predominante, amor ou ódio, entre mãe e filha, o que está em jogo é a diferenciação entre elas:

> não importa se é cara (ódio) ou coroa (aproximação idílica), a moeda é a mesma: a impossibilidade de se diferenciar da mãe, pelo fato de provavelmente existir uma ‘falha’ no objeto. Dizendo de outra maneira, não é possível, ou torna-se mais difícil, separar-se de uma mãe com quem realmente (e prazerosamente) não estivemos juntos. (p. 54)

A autora conclui que uma diferenciação satisfatória depende da existência de uma “mãe suficientemente boa”, nos termos winnicottianos, e que a causa da hostilidade da filha para com a mãe não pode ser remontada ao fato de esta não ter lhe ofertado um pênis (conforme a teoria da castração em Freud), mas sim à ausência de um pênis entre elas: “um corpo e um órgão masculino que possam ser oferecidos como um apoio psíquico a uma diferenciação; um apoio anatômico como proteção diante do risco fusional” (pp. 55-56). O processo de transformação da menina em mulher e mãe é, portanto, um processo complexo, doloroso e estritamente ligado à relação da menina com sua mãe.

Ao se deparar com as críticas ao seu trabalho sobre a importância dada à função materna, Winnicott (2012) esclarece que, longe de uma idealização ou romantismo sobre a figura materna, a dedicação que as mães comumente dirigem aos filhos tem seus efeitos observados na clínica. Criticado – já em sua época - por induzir, com isso, que as mães se tornariam responsáveis e culpadas por transtornos na saúde e personalidade de seus filhos, Winnicott aponta para a variabilidade de situações que podem causar prejuízos à criança,

independentemente da vontade e ação maternas, e questiona: “Mas não será natural que, se esta coisa chamada dedicação for realmente importante, a sua ausência ou uma falha nesta área tenham consequências desfavoráveis?” (2012, p. 2). Ao invés de culpabilizar a figura materna, o autor – que não se dirige às mães, mas aos profissionais – diz que:

> precisamos levar em conta a etiologia e ser capazes, se necessário, de dizer que algumas das falhas de desenvolvimento com as quais nos deparamos decorrem de uma falha do fator ‘mãe dedicada comum’ em determinado momento ou ao longo de uma fase. Isto nada ter a ver com responsabilidade moral; trata-se na verdade, de um outro assunto. (p.7)

O assunto em questão se refere às necessidades vitais que as crianças, especialmente os bebês, têm de que os processos de desenvolvimento psicológico e integração psicossomática (os quais serão abordados nos itens seguintes) sejam facilitados por um adulto. Embora a constituição hereditária predisponha à integração, esta dependerá da disposição simples e contínua de um adulto para se ocupar de tais necessidades. Isso não significa, porém, que os interesses pessoais da mulher (ou outra pessoa responsável) devam ser suprimidos, mas que há uma fase de absoluta ou relativa dependência da criança, conforme seu estágio de desenvolvimento, que requer a presença e os cuidados de uma figura materna (Winnicott, 2012).

1.5.1 Relações objetais, ansiedades e defesas

Não é possível afirmar que o bebê se relacione inicialmente com uma mãe inteira, uma vez que seu próprio *eu* ainda não está integrado às realidades internas e externas e é sentido, desta forma, em fragmentos. Neste sentido, Klein concebe a existência de relações objetais. O primeiro objeto com o qual ele se relaciona é o seio. São as experiências com este objeto primário que delinearão o desenvolvimento de seu ego e das relações posteriores. A importância das primeiras experiências está no reconhecimento de que:

> o inconsciente está na raiz de todos os processos mentais, determina toda a vida mental, e de que, portanto, é somente através da exploração do inconsciente em profundidade e extensão que seremos capazes de analisar a personalidade total. (Klein, 1952/1991, p. 84)

Por meio da análise de crianças e de adultos, Klein conjecturou que a relação transferencial continha aspectos das relações iniciais do bebê com o seio materno (ou seu substituto). Dotada de uma capacidade de observação minuciosa e intuitiva, seu objetivo era trazer à consciência os conflitos inconscientes. Sua prática de segurar bebês e passar longo tempo a “ouvi-los”, permitiu a observação de manifestações primitivas da mente humana, mais remotas que aquelas relacionadas ao funcionamento neurótico adulto. Assim, com sua técnica lúdica de análise infantil, pôde adentrar o mundo interno da criança, a organização e o funcionamento de seu mundo mental a partir das relações objetais (Simon, 1986).

O primeiro objeto com o qual a criança se relaciona é cindido em um seio bom, quando gratifica e atende às suas necessidades, não apenas de alimentação, mas também de contato, segurança e afeto; e em um seio mau, quando frustra tais necessidades, seja por demorar a atendê-las ou fazê-lo de modo insatisfatório para a criança. O seio nutridor proporciona sentimentos de satisfação, segurança e felicidade, o seio que frustra gera desconfiança, medo e pavor. A cisão em seio bom e seio mau implica em uma separação entre amor e ódio (Klein, 1946/1991). Esta cisão tem a função de preservar o objeto bom e, mantendo-o separado do ataque ao objeto mal, favorecer as bases para o processo de integração (Klein, 1957/1991).

Paralelamente ao mecanismo de cisão, ocorrem a introjeção do objeto (seio) para dentro do bebê, tomando as experiências com o seio como partes de si, e a projeção de tais partes (que se tornaram internas por meio da introjeção) para fora, colocando-as como atributos totais do objeto externo. Estas experiências, sentidas como gratificadoras ou frustradoras, são abarcadas em fantasias de ter dentro de si um objeto bom ou um objeto mau, que, cindidos, são experienciados com a força e a intensidade do amor e do ódio, respectivamente. Os impulsos destrutivos, que são projetados, parecem atacar o mundo interno tanto de fora quanto de dentro, ameaçando aniquilar o ego. Ao atacar o objeto, este se torna persecutório, sob a constante ameaça de atacá-lo em represália; ao mesmo tempo em que há a fantasia de destruir e calcar para dentro de si o seio, este se torna um devorador do mundo interno do bebê. Por outro lado, se o seio bom, que alimenta e satisfaz, é introjetado, a relação do bebê com o objeto externo tenderá a ser pacífica e prazerosa; sentirá bondade em si e, projetivamente, nos objetos externos. É, portanto, na interação

entre introjeção e projeção que se dão as relações de objeto iniciais e se assentam as bases para relações futuras (Klein, 1946/1991).

A autora sublinha que sendo o objeto bom introjetado, está posta a condição para um desenvolvimento saudável do ego. Observa que isto se refere ao fenômeno descrito por Winnicott como o cuidado materno suficientemente bom. Isto não significa, no entanto, a ausência de experiências de frustração, mas sim que o bebê poderá suportá-las com menos sofrimento. Os processos descritos acima são essencialmente vividos nos três primeiros meses, sendo que, se predominantes as experiências de frustração e persecutoriedade, podem favorecer o funcionamento psicótico da personalidade. Não obstante, presente também em outras fases da vida, estas experiências, denominadas *posição esquizo-paranoide*, são determinadas pelas condições externas e também por fatores constitucionais de cada bebê para tolerar a ansiedade despertada (Klein, 1946/1991).

A cisão em seio bom e mau é ancorada pela pulsão de vida e pela capacidade de amar, que preservam o bom - necessário para o manter-se vivo diante das experiências de frustração. No entanto, se estas experiências são excessivas e frequentes, as reiterações de circunstâncias infelizes levarão à intensificação dos processos de cisão – sob a égide de impulsos destrutivos e ansiedades persecutórias. Na inexistência de situações satisfatórias e, consequentemente, de objeto bom internalizado, a idealização pode configurar uma contrapartida às ansiedades persecutórias. Klein (1957/1991) explicita este mecanismo, dizendo que:

> a idealização deriva do sentimento inato de existir um seio extremamente bom, sentimento que leva ao anseio por um objeto bom e pela capacidade de amá-lo. (p. 224)

Importa observar que a existência da pulsão de morte é a primeira causa atribuída por Klein (1946/1991) à ansiedade, e se refere ao medo de ser aniquilado pelos impulsos destrutivos que emergem do interior do bebê. Outras fontes de ansiedade também são a ansiedade de separação a partir do nascimento e aquela originada no não atendimento às suas necessidades corporais. A cisão é a principal defesa criada pelo ego contra as ansiedades que ameaçam o ego de despedaçamento. Com ela, o objeto bom pode ser preservado, pois, concomitantemente à pulsão de morte, habita a pulsão de vida, que busca a

integração das partes excindidas (separadas e colocadas dentro do objeto). Este movimento tenderá aos sentimentos de culpa por ter atacado o objeto amado e à tentativa de recuperá-lo dentro e fora de si, proporcionando a integração do seio bom e do seio mau, do amor e do ódio. Ao diminuírem os processos esquizoides e as ansiedades persecutórias, a *posição depressiva* pode ser vivenciada, comumente entre o quarto e o sexto mês, como caminho para a integração do ego e o estabelecimento de relações com objetos inteiros – o que determina as bases para o funcionamento neurótico (Klein, 1946; 1952; 1957/1991).

Se as condições do ambiente forem desfavoráveis, somado à baixa tolerância do bebê à frustração, este sofrerá dificuldades para fruir as experiências de ser nutrido. Há naturalmente a interferência da inveja do bebê sobre os aspectos bons da mãe (seio), que ele imagina serem retidos e usufruídos por esta, e é especialmente intensa nestas circunstâncias. A inveja consiste, sobretudo, em fantasias sádico-orais de destruir e devorar o seio e, posteriormente, o corpo materno, assaltando-o para si, a fim de obter e conter o seio bom em seu mundo interno. Porém, este objeto, ao ser devorado nas fantasias do bebê, torna-se um objeto destruidor, que mitiga o amor e acirra os ataques invejosos (Klein, 1957/1991).

Se tudo ocorre bem no curso do desenvolvimento, conforme descrito acima, por volta dos seis meses as ansiedades persecutórias tendem a diminuir e se modificar com a introdução da *posição depressiva*. Os aspectos amados e odiados passam a integrar o mesmo objeto. Os impulsos agressivos cedem a uma tendência a reparar os danos causados. Este estado semelhante ao luto, com sentimentos de culpa e pesar pelas agressões dirigidas ao objeto que passa a ser reconhecido como aquele que também é amado, favorece a integração do ego e o estabelecimento de relações mais satisfatórias e o uso de defesas mais evoluídas, como a sublimação, em substituição à cisão. Neste processo, a percepção do bebê vai se tornando mais adaptada à realidade, com a diminuição das ansiedades esquizo-paranoides e a percepção de objetos menos aterrorizantes ou idealizados (Klein, 1946/1991).

No entanto, se o medo persecutório e os mecanismos esquizoides, por motivos internos e/ou externos, forem demasiadamente intensos, haverá uma dificuldade para o ego elaborar a posição depressiva; podendo haver uma fixação na posição esquizo-paranoide, estados de desintegração ou ainda traços depressivos

exacerbados. Esta afirmação tem como premissa o fato de que, mesmo em situações normais de desenvolvimento, ao ser impactado por elementos depressivos, os elementos esquizoides não desaparecem; ao contrário, permanecem ativos, porém de forma modificada e menos intensa – “as situações de ansiedades arcaicas são reiteradamente vivenciadas no processo de modificação” (Klein, 1946/1991, p. 34). E, ao longo de todo o desenvolvimento, flutuações ocorrem entre as posições esquizo-paranoide e depressiva. Interações acontecem entre os elementos de ambas as posições, em medidas diversas, podendo levar à configuração de quadros clínicos de esquizofrenia e de distúrbios maníaco-depressivos (Klein, 1946/1991).

1.5.2 O desenvolvimento e o cuidado a partir do ambiente

No início da vida a dependência do bebê é absoluta (Winnicott, 1960; 1962/1983). Ele precisa dos cuidados maternos para se desenvolver: ser alimentado, protegido, segurado no colo, acariciado. A mãe, por sua vez, precisa voltar-se inteiramente para o bebê, vivenciando um estado de “devoção” a ele. A devoção é o estado em que a mãe, ou quem exerça esta função, se identifica com o recém-nascido e compreende suas necessidades. Desta forma, a relação inicial mãe-bebê é caracterizada por dois polos: de um lado, o bebê e sua dependência, e, de outro, o adulto que precisa se identificar com o bebê a fim de compreender suas necessidades (Winnicott, 1956/2000).

O autor descreve que durante e após a gestação, principalmente nas semanas que a finalizam e a sucedem, a mãe vivencia um estado especial de sensibilidade, semelhante a um retraimento, dissociação ou fuga da realidade, o qual poderia ser vivenciado como doença se não fosse decorrente da gravidez. Esta condição, que possibilita sua adaptação ao bebê carregado no útero e nos braços, deve ser vivida apenas temporariamente, ou seja, a superação deste estado pressupõe que seja capaz de nele se introduzir e dele se recuperar. No entanto, não são todas as mulheres disponíveis a esta experiência chamada de “preocupação materna primária” (Winnicott, 1956/2000). Nas palavras de Winnicott:

> Muitas mulheres são com certeza boas mães em todos os outros aspectos, e levam uma vida rica e produtiva, mas não têm a capacidade de contrair essa 'doença normal' que lhes possibilitaria a adaptação sensível e delicada às necessidades do bebê já nos primeiros momentos. Ou conseguem fazê-lo com um filho e não com outro. Tais mulheres não conseguem preocupar-se com o seu bebê a ponto de excluírem quaisquer outros interesses, de maneira normal e temporária. É possível inclusive imaginar que com algumas dessas pessoas ocorre uma 'fuga para a sanidade'. Algumas delas têm certamente outras preocupações importantes, que não abandonam muito prontamente, ou talvez não consigam deixá-las de lado até terem o seu primeiro bebê. A mulher que se caracteriza por uma forte identificação masculina sentirá essa parte das funções maternas a mais difícil de realizar, e uma inveja do pênis reprimida deixa muito pouco espaço para a preocupação materna primária. (1956/2000, pp. 401-402)

Por algumas semanas ou meses após o nascimento do bebê, a mãe que se dedica comumente a ele, vivencia uma fase na qual "ela é o bebê, e o bebê é ela" (Winnicott, 1966/2012, p. 4). O autor refere que isto é possível pelo fato de a mãe já ter sido um bebê e carregar lembranças e experiências vividas nesta fase, assim como as recordações de quem a cuidou, o que pode ajuda-la ou não na própria experiência de ser mãe. Esta é a fase da dependência absoluta, na qual o lactente e os cuidados maternos são indissociáveis. Se a provisão ambiental (cuidados que a mãe dedica ao bebê) for suficientemente boa, ele passará pelos seguintes estágios: dependência absoluta; dependência relativa; e rumo à independência. A superação da primeira fase se dará por um processo de diferenciação eu-outro. E, para que o recém-nascido chegue a ser uma pessoa independente, com os espaços interno e externo delimitados e o ego integrado, é necessário que se estabeleça um *holding* adequado (Winnicott, 1960/1983).

O *holding* é um aspecto do cuidado ao bebê que envolve, especialmente, o cuidado físico – o qual é a única forma que a mãe possui para amar seu bebê e este se sentir amado. Ambos vivenciam, no início, uma relação simbiótica, tornam-se uma unidade. A empatia materna faz com que ela perceba as necessidades do bebê, através de seu estado de identificação projetiva com ele. Compreender as necessidades fisiológicas, as sensibilidades auditivas, visuais e cutâneas do bebê, como ao tato e à temperatura, assim como as peculiaridades de cada lactente, são cuidados de um *holding* adequado. Se a mãe demora para atender às necessidades do bebê ou não o protege contra estímulos que geram irritação, ele vivenciará experiências dolorosas de ser aniquilado em sua continuidade de ser – a qual só é possível a partir de uma total inclinação da mãe ao bebê (Winnicott, 1960/1983).

A tendência ao desenvolvimento, a espontaneidade dos movimentos e a experiência de se sentir vivo e real podem ser perturbados por reações a um

ambiente intrusivo, sentido como ameaça de aniquilação do ser. Nestas situações, as falhas maternas não são sentidas como falhas, mas como ameaças à existência do *eu*. Se a inclinação da mãe ao bebê for suficiente para que ela capte e atenda às necessidades deste, de forma não invasiva, este poderá se recuperar das ameaças de aniquilação. Nesta fase, porém, a tolerância à frustração ainda não é possível e a disponibilidade do ambiente proporciona a base para que o bebê possa existir (Winnicott, 1956/2000).

À medida que a criança caminha da dependência absoluta para a dependência relativa, esse estado de devoção, de entrega total da mãe, tende a diminuir, e a criança passa a tolerar maiores falhas do ambiente (Winnicott, 1962/1983). A tolerância do bebê às falhas é ampliada quando ele tiver introjetados os cuidados maternos e puder, desta forma, confiar no ambiente. Porém, estas falhas não podem ser frequentes ou predominantes, pois “o resultado de cada falha no cuidado materno é que a continuidade de ser é interrompida por reações às consequências desta falha, do que resulta o enfraquecimento do ego” (Winnicott, 1960/1983, p. 51).

Vaisberg e Granato (2006) observam que a mãe precisa “sobreviver aos acessos de cólera em seu bebê, a sua ingratidão ou indiferença, a sua recusa a se alimentar ou a sua voracidade, à falta de sono que lhe é imposta; enfim, renunciar a seus próprios interesses em favor dos dele” (p. 92). As autoras compreendem que a disponibilidade da mãe tem raízes em suas experiências iniciais com seus próprios pais, que nutrem, ou não, seu potencial de comunicação com seu próprio bebê, de modo a se identificar com as necessidades deste. Tendo em vista que nem todas as mães se adaptam a esta forma devotada aos seus bebês, as autoras apontam que o temor que algumas sentem de serem sugadas pelas tarefas maternas faz com que as confiem a outras pessoas, a fim de retomarem suas atividades pessoais. Esta atitude pode levar à tentativa de recuperação do tempo e cuidado não investidos por meio do “mimar os filhos”. Por outro lado, mães que se preocupam demasiadamente mesmo quando o bebê já demonstra alguma independência, podem sufocar o desenvolvimento da criança e estabelecer com esta um vínculo doentio, além de tornar a sua própria vida e relacionamentos empobrecidos. Apontam ainda casos em que os cuidados dispensados pela mãe são variáveis e imprevisíveis, o que

compromete o sentimento de confiança e, por conseguinte, os relacionamentos interpessoais posteriores.

Desta forma vislumbradas as vicissitudes para a preocupação materna primária, as considerações de Winnicott (2012) de que os cuidados são dispendidos naturalmente pelas mães, sem que elas tenham que ser ensinadas a fazê-los, dependem também de outros importantes aspectos. Winnicott (1960/1983) coloca que:

> parece ser comum que as mães que não são distorcidas por má saúde ou por tensões ambientais do dia-a-dia tendem em geral a saber exatamente o que os seus lactentes necessitam, e ainda mais, gostam de prover as necessidades do lactente. Isso é a essência do cuidado materno. (p. 53)

O autor destaca que, para prover cuidados suficientemente bons aos seus bebês, é preciso que as mães também sejam habilitadas a cuidar de si mesmas. Neste sentido, Bowlby (2006), outro importante autor e pesquisador do desenvolvimento infantil e que delineou uma teoria que também aqui deve ser considerada – a Teoria do Apego -, cita a importância da figura paterna para que, além de sua função de ampliar a díade mãe-bebê, possa dar suporte à mãe, ajudando-a a manter-se emocionalmente estável e, assim, possibilitar o desenvolvimento emocional do bebê. Neste sentido, Mayer e Koller (2012) sinalizam a importância da rede de apoio social e emocional para que a mãe possa se disponibilizar aos cuidados ao bebê, oferecendo apoio e desenvolvendo uma relação de apego seguro com este.

Bolwby (2006) destaca que é essencial à saúde mental da criança que ela tenha, desde os primeiros anos de vida, experiências calorosas, íntimas e contínuas com a mãe (ou sua substituta), de modo que sejam satisfatórias para a dupla mãe-filho (a). Se a mãe é incapaz de proporcionar estes cuidados amorosos, ou ainda, se por algum motivo se afasta do bebê, este sofrerá os efeitos destas privações – os quais podem ser mais ou menos graves de acordo com a idade da criança, o tipo de privação, a qualidade da relação materna, e suas próprias características, entre outros.

Na falha de cuidados maternos, uma figura substituta pode proporcionar à criança os cuidados necessários – embora os efeitos da privação original não possam ser precisamente medidos. A participação dos pais, irmãos e familiares é

enriquecedora para a relação mãe-bebê e, entre os fatores que podem prejudicar esta relação, Bowlby (2006) menciona as condições socioeconômicas, como o desemprego ou excesso de trabalho, sofrimento mental de um dos pais, separação do casal, instabilidade familiar, entre outros. O autor também menciona que adultos que sofreram a falta de cuidados maternos na infância podem apresentar dificuldades no cuidado com seus próprios filhos.

Desta forma, compreende-se que a relação mãe-criança é permeada pelas experiências infantis da mãe que, ao se deparar com a função de cuidar, tem que lidar com suas lembranças e experiências mais arcaicas – as quais influenciam suas relações de forma inconsciente. A dinâmica mãe-criança deve, portanto, ser pensada a partir da formação deste vínculo e da história pessoal da mãe, assim como devem ser consideradas as condições que favorecem ou desfavorecem uma atitude materna satisfatória.

2. JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS

Este trabalho visa abordar o fenômeno da violência intrafamiliar como um fenômeno multifacetado e pensado a partir da dinâmica e da história de cada família,

contribuindo, assim, com a elucidação das práticas de agressão e com a qualidade do atendimento profissional a mães que agridem seus filhos. A compreensão das condições de vida daqueles que são os perpetradores da violência e dos motivos que levam à agressão é parte fundamental para a superação e prevenção deste fenômeno (Bittar, 2010). Desta forma, este estudo pretende contribuir com a ampliação de conhecimentos sobre as variáveis que permeiam estas relações familiares e com a formação crítica e continuada de profissionais que se dedicam ao atendimento de crianças e adultos envolvidos em situações de violência intrafamiliar, a fim de nortear ações preventivas e respaldar práticas interventivas, contribuindo, assim, para o trabalho clínico, científico e social.

A partir das justificativas apontadas, o presente estudo teve os seguintes objetivos:

- analisar a história de vida de mães que praticam (ou praticaram) violência física, psicológica e/ou negligência aos seus filhos;
- compreender aspectos psicodinâmicos, como a qualidade das relações de objeto, a natureza das ansiedades e os mecanismos de defesa, e, especialmente, as concepções destas mães sobre a função materna;
- investigar os fatores desencadeantes da agressão, a partir da perspectiva das perpetradoras da violência; e
- avaliar se há consciência da violação de direitos e das consequências da violência para a criança.

3. MÉTODO

Antes de especificar a metodologia praticada, são tecidas algumas considerações sobre os pressupostos epistemológicos que nortearam esta pesquisa. Buscou-se analisar as experiências subjetivas dos sujeitos, remetendo ao significado

das experiências, aos relatos, à história e aos dinamismos inconscientes que subjazem as situações de violência intrafamiliar.

Como um movimento ainda recluso nos critérios de validade das ciências modernas, é na distensão do capitalismo que se encontram as condições e a gênese para a divisão do conhecimento em verdadeiro e falso, um científico e outro a-científico, um valorativo e outro subalterno (Santos, 2010). O autor descreve que o efeito do capitalismo sobre as ciências foi a dominação de uma forma de saber em detrimento de outras, do empirismo sobre os relatos, crenças e saber populares.

> O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual entre saberes que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade. (Santos, 2010, p. 11)

A consequência do saber tornado hegemônico foi o estabelecimento de uma distancia abissal entre este e quaisquer outras formas de conhecimento (não positivistas). A própria ciência contribuiu para alargar tal distância. O Direito, ao definir as regras, dentro ou fora da Lei, também legitimava os pressupostos da ciência moderna. Separados por esta linha criteriosa, tudo que pertencesse ao outro lado (o que era próprio da cultura, das experiências cotidianas, da filosofia ou teologia), deveria ser mantido na invisibilidade e irrelevância. Santos (2010) observa que, com isso, muitas experiências foram desperdiçadas e uma riqueza de saberes foi lançada ao abismo. Propõe uma postura que considere o excludente, uma investigação que parta do hemisfério sul, metáfora dos territórios colonizados e povos vitimados pela dominação econômica e intelectual das nações colonizadoras, chamando-a de *Epistemologia do Sul* – uma escuta, um olhar e um reconhecimento dos polos ocultados.

Assim, visando uma escuta ao chamado agressor, buscou-se considerar as violências que perpassam a sua existência e elucidar aquelas situações mais ocultas permeiam suas experiências. Ao escutar mães que perpetram agressões a seus filhos, procurou-se também olhar para as condições de vida em que se encontram, dialogando com a realidade concreta, e, portanto, aportando, para além dos aspectos psicológicos, aos sociais, culturais e econômicos – o que Santos (2010) denomina de *ecologia de saberes*. Neste sentido, Tardivo (2007) coloca que, embora o enfoque seja dado aos aspectos psíquicos, os sociais não podem ser

desconsiderados. E ressalta que estudos com populações provenientes de camadas sociais menos favorecidas economicamente – como o são as participantes desta pesquisa - devem considerar as peculiaridades desses contextos.

> As relações entre pobreza e dificuldades emocionais e sofrimento não são lineares, tampouco constituem causa e efeito. Não se trata em absoluto de psicopatologizar a pobreza, mas de reconhecer a relevância das mais distintas carências que sofrem as crianças e adolescentes em nossa sociedade. (Tardivo, 2007, p. 71)

No que se refere ao que não é dito pelos sujeitos, ao que está implícito aos seus silêncios e ao sentido do que vivem, Bakhtin (2003), diz: “Pode haver uma racionalização *relativa* do sentido (a análise científica habitual), ou um aprofundamento do sentido com o auxílio de outros sentidos (a interpretação artístico-filosófica)” (p. 399). E acrescenta que

> A interpretação das estruturas simbólicas tem de entranhar-se na infinitude dos sentidos simbólicos, razão por que não pode vir a ser científica na acepção de índole científica das ciências exatas.
> A interpretação dos sentidos não pode ser científica, mas é profundamente cognitiva. Pode servir diretamente à prática vinculada às coisas.
> ‘Cumpre reconhecer a simbologia não como forma não científica mas como forma *heterocientífica* do saber, dotada de suas próprias leis e critérios internos de exatidão’ (Aviérintsiev). (ibidem)

Desta forma, o pesquisador torna-se parte do processo de compreensão, e a pesquisa se faz, não na direção única de sujeito-objeto, mas de sujeito-sujeito:

> Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; consequentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. (Idem, p. 400)

O diálogo entre as participantes e a pesquisadora deve ser compreendido no espaço e na historicidade do que é dito. Cada palavra contém outras que vão além do seus limites e só pode ser corretamente interpretada se correlacionada com outras. Com isso, o autor situa a importância da historicidade (passado) e do contexto atual, que possibilita uma releitura dos acontecimentos (no caso, das situações de violência) num duplo movimento: retrospectivo e prospectivo. Ainda nas palavras do autor:

> O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo . . . Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas. (Idem, p. 401)

Retomando a noção de símbolos, representantes dos sentidos, insere-se nesta pesquisa o uso de instrumentos projetivos (TAT. e DE-T) como mediadores no contato com as participantes e facilitadores do processo investigativo de sentidos (Tardivo, 2007). Assim, partilha-se com Bakhtin que “O autor de uma obra só está presente no todo da obra” (2003, p. 399).

Neste sentido, adotou-se uma metodologia qualitativa de investigação, buscando compreender as ligações significativas entre os fenômenos. O método pauta-se na observação e na escuta, não apenas ao que é observável ou dito, mas às relações implícitas no campo simbólico. O pesquisador se constitui como instrumento de pesquisa ao utilizar seus órgãos do sentido para apreender, sua consciência (e inconsciente) para representar e interpretar o material coletado. No entanto, não por generalizações de resultados – quer seja por meio de quantificações de ocorrências ou estabelecimento de causalidades, mas visando reavaliar os pressupostos iniciais e fornecer elementos para que se avaliem sua aplicabilidade a novos casos (Turato, 2005).

De acordo com Turato (2005), não se trata de uma busca por explicar o fenômeno em si, estabelecendo relações matemáticas de causa-efeito; mas sim, “entender seu significado individual e coletivo para a vida das pessoas”. Atribui-se importância ao modo como as situações são percebidas e significadas, uma vez que é em torno dos significados que as pessoas organizam a vida. Isto implica uma aproximação às experiências e às representações que estas têm na vida das pessoas.

Como um refinamento da metodologia qualitativa, a pesquisa clínico-qualitativa se caracteriza pela investigação compreensiva dos fenômenos. Turato (2005) demarca três atitudes necessárias para a execução deste método: existencialista, clínica e psicanalítica. Descreve-as como propiciadoras de:

> uma postura de acolhida das angústias e ansiedades inerentes do ser humano; uma aproximação própria de quem habitualmente já trabalha na ajuda terapêutica; e a escuta e a valorização dos aspectos psicodinâmicos mobilizados sobretudo na relação afetiva e direta com os sujeitos sob estudo. (Turato, 2005, p. 510)

A pesquisa que envolve mais de um caso é denominada “estudo de casos múltiplos”, e baseia-se no interesse por um fenômeno específico – o qual é constituído por uma unidade, cujas características podem estar dentro, nos limites ou fora de seu próprio sistema. Isto significa que o fenômeno a ser investigado, através dos casos selecionados, pode ser influenciado por diversos fatores, como psicológicos, sociais, econômicos, entre outros (Stake, 2000 citado por Alves-Mazzoti, 2006). Embora a violência intrafamiliar tenha sido investigada sob a perspectiva de mães que cometeram agressões contra seus filhos, sendo esta a característica comum a todas as participantes, não há a intenção de generalizar suas experiências, pois, conforme aponta Gil (2014), “os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população a partir de procedimentos estatísticos, mas sim o de expandir ou de generalizar proposições teóricas” (p. 58).

Ao analisar os casos apresentados, as palavras e as produções são tomadas como textos inseridos em outros textos ou contextos, conforme apontado por Bakhtin (2003):

> As influências extratextuais têm um significado particularmente importante nas etapas primárias de evolução do homem. Tais influências estão plasmadas nas palavras (ou em outros signos), e essas palavras são palavras de outras pessoas, antes de tudo palavras da mãe. Depois, essas ‘palavras alheias’ são reelaboradas dialogicamente em ‘minhas-alheias palavras’ com o auxílio de outras ‘palavras alheias’ (não ouvidas anteriormente) e em seguida [nas] minhas palavras (por assim dizer, com a perda das aspas), já de índole criadora. O papel dos encontros, das visões, das ‘iluminações’, das ‘revelações’, etc. (p. 402)

Assim, ficam marcadas, não apenas na história e na vida das participantes, mas também no encontro entre participantes e pesquisadora, as palavras que constituem o ser, o dito e o não dito, o ato, os sofrimentos, as agressões. Em cada etapa da pesquisa buscou-se demarcar estas vozes e pensar:

> A minha palavra e a *do outro*. A interpretação como transformação do alheio no ‘*meu-alheio*’. O princípio da distância. As complexas relações entre os sujeitos interpretados e o sujeito interpretador. (ibidem, 408)

3.1 Participantes

Foram selecionadas, por critério de saturação, quatro mães que cometeram agressões físicas, psicológicas e/ou negligências a crianças e adolescentes sob seus cuidados. As participantes foram contatadas em um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) de uma cidade do interior do Estado de São Paulo.

3.2 Instrumentos

Quatro instrumentos foram utilizados na condução desta pesquisa:

- *Pesquisa documental*: a pesquisa por meio de documentos é uma modalidade de investigação que não requer o contato com as pessoas envolvidas no fenômeno estudado, e tem como vantagem a obtenção de informações que não seriam facilmente obtidas pelo questionamento direto, sobretudo quando o assunto é passível de ser entendido como inadequado ou antissocial – o que pode constranger e inibir as respostas das participantes (Gil, 2014). Tendo em vista as dificuldades para um relato espontâneo sobre as situações de agressão, optou-se por considerar as informações contidas nos prontuários de atendimento socioassistencial, tidas como fontes documentais de arquivos internos da instituição – CREAS (Gil, 2010). O autor observa que o conceito de documentos se aplica a qualquer objeto que possa comprovar um fato ou acontecimento e que a pesquisa documental pode ter como finalidade descrever ou explicar o fenômeno; assim, os registros profissionais em prontuários são tomados como documentos descritivos das situações de violência tratadas neste estudo.

Além de descrever o tipo de agressão (física, psicológica ou negligencial), as circunstâncias das denúncias, os atendimentos, as posições e as posturas dos membros de cada família, entre outros aspectos, a análise dos prontuários dialoga com os objetivos desta pesquisa ao contar aspectos da história e da dinâmica das participantes. Conforme aponta Cellard (2008),

> É esse encadeamento de ligações entre a problemática do pesquisador e as diversas observações extraídas de sua documentação, o que lhe possibilita formular explicações plausíveis, produzir uma interpretação coerente, e realizar uma reconstrução de um aspecto qualquer de uma dada sociedade, neste ou naquele momento. (p. 304)

- *Entrevista Semiestruturada:* foi construído especificamente para esta coleta, a fim de abarcar aspectos da história pessoal, da dinâmica familiar, das situações de agressão atuais e obter informações sociodemográficas das participantes, como idade, escolaridade, ocupação e condições socioeconômicas (Apêndice - A).

- *Teste de Apercepção Temática (TAT):* criando em 1939, por Henry Murray e Christiana Morgan, é composto por 31 pranchas com imagens de situações cotidianas, imprecisas e dramáticas, as quais favorecem a projeção de conteúdos pessoais do sujeito ao interpretá-las, ou seja, os estímulos figurativos são distorcidos pela interpretação (*apercepção*), que é baseada em conteúdos de experiências pessoais, memórias e emoções do participante. De função projetiva, o teste consiste na apresentação de uma sequência de pranchas, mais e menos estruturadas, ao sujeito, que deverá contar uma história sobre cada uma delas. Ao se identificar com um personagem de cada figura, denominado *heroi*, o sujeito expressará suas principais *necessidades* internas e as *pressões* exercidas pelo ambiente (Murray, 2005; Silva & Montagna, 2008). Optou-se pelo uso da Prancha 1 (intitulada “O menino e o violino”) por ser uma prancha estruturada e indicada para a primeira aplicação, por não representar situação ameaçadora para o sujeito. Possibilita acessar informações sobre a relação com figuras de autoridade, atitude frente ao dever e ideal de ego (objetivos, aspirações e capacidade de realização). A Prancha 7MF (“Menina e boneca”) também é utilizada por evocar a relação da participante com a figura materna e sua atitude frente à maternidade.

- *Procedimento de Desenho-Estória com Tema (DE-T):* O Procedimento de Desenho-Estória com Tema é uma forma derivada do Procedimento de Desenho-Estória (D-E), o qual foi desenvolvido por Walter Trinca, em 1972 – época em que a psicologia, como ciência e profissão, buscava legitimar a presença e a subjetividade do psicólogo nos processos de investigação, compreensão e tratamento das realidades emocionais dos pacientes. A técnica e a estatística predominantes nos modos de avaliação psicológica mostravam-se limitantes para o alcance dos aspectos transferenciais e contratransferenciais, que só poderiam ser abarcados na priorização da relação humana entre paciente e psicólogo. Neste contexto, o D-E surge como “um procedimento auxiliar à captação de emoções e conflitos básicos do paciente” (Trapé-Trinca, 2013, p. 28).

Trinca (2013) descreve o D-E como um procedimento para a captação de processos inconscientes a partir das tarefas de fazer um desenho e contar uma história sobre ele. A noção de que aspectos inconscientes podem emergir por meio de representações gráficas e verbais é, portanto, o fundamento do procedimento de D-E. A associação livre é a condição para que emerjam as dificuldades e os principais conflitos do indivíduo. Pois, diante de estímulos não estruturados, há uma tendência à estruturação, ou seja, a organizar e completar o vazio que lhe é apresentado com aquilo que possui em si, com suas disposições e necessidades. Desta forma, busca-se detectar o foco do desenho, o qual se refere ao *sistema mental determinante* do indivíduo, que se irradia para toda a personalidade. W. Trinca (comunicação pessoal, 01 de dezembro de 2017) compara este instrumento a uma foto tirada em uma guerra: não é a guerra, mas representa o que nela ocorre. Se o paciente é deixado livre pelo terapeuta, as associações serão livremente direcionadas para os focos, ou pontos nodais em sua personalidade.

Caracterizado como um instrumento de compreensão, além de uma técnica para a investigação da personalidade, o D-E expandiu suas aplicações para fora da clínica, sendo também utilizado nas áreas de medicina, psicopedagogia, jurídica, social, entre outras. Também foram expandidas suas formas de aplicação. O Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) e o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (DE-T) são exemplos de ampliação do D-E a outros contextos e necessidades (Trinca, 2013; Trapé-Trinca, 2013; Tardivo, 2008). Em sua forma original, oferece-se ao sujeito uma folha de papel em branco, lápis preto e um jogo com 12 lápis coloridos. Solicita-se que faça um desenho livre e, em seguida, que conte uma história a partir dele. É possível conversar sobre as produções, a fim de esclarecer alguns aspectos e favorecer novas associações. Ao final, o sujeito deve dar um título para sua produção gráfico-verbal. Este procedimento deve ser repetido até que se atinjam cinco produções de desenho, estória, inquérito e título – as quais compõem uma unidade capaz de revelar aspectos centrais na personalidade do sujeito (Trinca, 2013).

O Desenho-Estória Temático, por sua vez, segue os mesmos procedimentos de desenho, estória, inquérito e título, com a especificação, no entanto, de um tema a ser trabalhado pelo sujeito em suas produções. Uma única unidade pode ser suficiente, pois o objetivo é captar as representações de uma dada população sobre

determinado fenômeno. Foi adaptado por Aiello-Vaisberg (1997), que, ao estudar as representações sociais, especialmente as representações de estudantes de psicologia e de profissionais das áreas de saúde sobre a doença mental, instrumentalizou-se com o desenvolvimento do desenho temático, considerando-o como técnica projetiva privilegiada para a expressão de aspectos inconscientes sobre a formação de conceitos – o que cada indivíduo diz acerca da subjetividade do grupo ao qual pertence. Aiello observou que, além dos estereótipos sobre a loucura, havia temores e dissociações que eram projetadas na imagem do deficiente mental. Isto equivale à necessidade de ir além dos dados fornecidos objetivamente e compreender as motivações inconscientes que delineiam o pensamento. Desta forma, a autora inaugurou o que se pode denominar por *psicodinâmica das representações sociais,* com a qual busca-se compreender os determinantes afetivos inconscientes das representações sociais (Aiello-Vaisberg, 1997, pp. 257).

Neste estudo, optou-se pelo uso do DE-T por ser um instrumento que "favorece a compreensão de como uma pessoa em seu grupo significa determinada conduta ou situação que pode ser fonte ou contribuir muito para o sofrimento" (Tardivo, 2008, pp. 300). Este instrumento não se caracteriza por uma investigação mais a fundo da personalidade, como o D-E e outros testes projetivos, como o TAT, mas possibilita a compreensão das significações sobre situações geradoras de sofrimento (Tardivo, 2007). Neste estudo, a situação investigada refere-se à função materna. Aiello-Vaisberg (1997) observa que o estudo de situações problemáticas pode ser inviável quando o objeto da investigação está claro para o participante, uma vez que este possa acionar respostas que julgue esperadas pelo pesquisador, omitindo, assim, suas reais dificuldades e conflitos. Por isto, a aplicação do DE-T visou abordar a função materna a partir da seguinte instrução: **desenhe uma mãe nos dias de hoje**. Em seguida, foi solicitado que contasse uma história a partir do desenho.

3.3 Procedimentos

A pesquisa se deu em três etapas:

- 1ª etapa: análise documental, com pesquisa aos prontuários de atendimento socioassistencial, buscando sintetizar o motivo do atendimento (tipo de violência praticada), a configuração familiar e a história de vida das participantes;

- 2ª etapa: aplicação de questionário sociodemográfico (idade, escolaridade, situação econômica, ocupação, configuração familiar) e entrevista semiestruturada, visando apreender informações sobre a história pessoal, a dinâmica e a percepção destas mães sobre as violências praticadas;

- 3ª etapa: aplicação das pranchas 1 e 7MF do Teste de Apercepção Temática (TAT), a fim de investigar aspectos do funcionamento psíquico das participantes, assim como as especificidades da relação com a figura materna, e aplicação do Procedimento de Desenho – Estória com Tema (DE-T), com a análise da temática: Como é ser mãe hoje.

As entrevistas foram conduzidas de modo a abarcar os seguintes aspectos:

- Ambiente de origem (abordando configuração familiar, condições socioeconômicas e acontecimentos relevantes da infância à adolescência das participantes);
- Figura materna;
- Figura paterna;
- Percepções sobre a própria infância;
- Percepção sobre si mesma como mãe;
- Situações que desencadeiam agressões (e resultados esperados com as agressões);
- Percepção sobre violência contra a criança e ao adolescente (o que entende como conceito e consequências).

Os resultados foram analisados a partir da livre inspeção do material. No que se refere ao conteúdo das histórias do T.AT., optou-se por analisar, além dos aspectos formais da narração, os seguintes aspectos: autoimagem (heroi ou personagem com o qual a narradora se identificou), relações objetais, concepção do ambiente, necessidades e conflitos, natureza das ansiedades, principais defesas

contra medos e conflitos, adequação do superego e integração do ego – conforme as sugestões interpretativas de seu respectivo manual (Murray, 2005), adaptadas aos objetivos desta pesquisa. Com base no referencial psicanalítico (Klein, 1991; Simon, 1986; Winnicott, 1983, 2000; entre outros), uma análise compreensiva foi empreendida sobre os resultados das entrevistas, dos instrumentos projetivos (TAT e DE-T) e da análise documental.

3.4 Aspectos éticos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEPH-IPUSP). Foi cadastrado na Plataforma Brasil, segundo o roteiro e de acordo com as normas da Resolução CNS/466 de 2012.

Após aprovação pelo Comitê de Ética responsável e consentimento institucional, os casos que melhor se adequaram aos critérios desta pesquisa foram contatados (via telefone). O convite à participação foi feito às mães que cometeram agressões físicas, psicológicas e/ou negligência a seus filhos (as), sendo resguardados o anonimato e o sigilo das informações. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) foi assinado por todas as participantes, as quais foram conscientizadas sobre a participação voluntária e a possibilidade de interromperem a participação, se assim o desejassem, a qualquer momento da pesquisa, assim como sobre a inexistência de riscos mínimos pela participação e a oferta de apoio psicológico, se necessário.

Foram também explicitados os procedimentos de pesquisa, com entrevistas de duração aproximada de uma hora, realizadas no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) do município.

4. RESULTADOS

4.1 Participante 1 - Maria

Análise Documental

Maria, de 37 anos, é mãe de Helen, 14 anos, Rogério, 15 anos, Karen, 7 anos e Camila, 6 anos. Os dois primeiros são filhos de um pai não mencionado, que saiu de casa quando os filhos ainda eram bebês. A únicas informação sobre ele são que nunca esteve presente e que nunca pagou pensão; é descrito por Maria como um “traste que nunca prestou para ser pai” (sic.). Helen e Rogério eram ainda pequenos quando Maria iniciou o relacionamento com Evandro, de 52 anos, com quem teve a Karen e a Camila. Juntos há, aproximadamente, oito anos, Maria e Evandro conviviam desde que ela era criança e ele, adolescente. Primos de primeiro grau, ele testemunhou as experiências mais marcantes na vida de Maria.

Maria é a mais nova de três irmãos, e, aos seus quatro anos de idade, presenciou o pai, que chegava alcoolizado todos os dias, chegar demasiadamente bravo e assassinar sua mãe com a faca que esta usava para descascar legumes. Até que alguém a tirasse da casa, viu a mãe agonizar envolta em sague. Maria foi cuidada pelos avós maternos, os quais já haviam passado um período com ela, antes do falecimento de sua mãe. Maria não sabe muito sobre este período de sua vida, mas acredita que os avós a trouxeram para o interior quando ela ainda era bebê, pois, sendo as condições climáticas melhores que no litoral, onde residiam seus pais, poderiam cuidar melhor dos problemas respiratórios que apresentava.

O trabalho sempre esteve presente na vida de Maria. Quando criança acompanhava a avó nas casas em que esta trabalhava como diarista. Este foi o ofício que Maria também aprendeu para auxiliar no sustento da casa e dos avós quando jovem e quando esteve sozinha com os dois primeiros filhos. Com a aproximação de Evandro, Maria refere que se sentia protegida e via garantido o sustento da família. Evandro trabalhava como segurança noturno e ficava com as crianças durante o dia, principalmente quando Maria saía de casa para fazer faxinas – atividade que ela nunca deixou, mesmo tendo diminuído a frequência após o casamento com Evandro. Descrito por ela como um bom pai, um bom esposo,

trabalhador e honesto, foi julgado por ela como vítima de uma denúncia infundada e maldosa. Maria não acreditou quando soube da denúncia que o acusava de ter abusado sexualmente de Helen.

A denúncia foi feita pela escola ao Ministério Público – órgão que solicitou o acompanhamento do CREAS – a partir dos relatos de Karen à professora sobre o que observava acontecer entre o pai e a irmã. Karen questionava se era normal um pai beijar a filha na boca e “mexer” com ela. As falas da criança que originaram a denúncia foram assim descritas em relatório escolar:

> a aluna costuma relatar os fatos que acontecem em sua casa: o pai agride fisicamente e psicologicamente a mãe, na última discussão, ele teria usado um cabo de vassoura, relata também o comportamento abusivo do pai com a irmã mais velha, que segundo a aluna ‘ELE MEXE COM A MINHA IRMÃ’, ‘ELE SOBE EM CIMA DELA’, ‘AGORA ELE TRANCA A PORTA DO QUARTO E FICA COM A MINHA IRMÃ LÁ DENTRO’, o termo ‘MEXE’ explica que o pai coloca a mão, passa a mão no corpo da irmã. A aluna diz que ela mesma já presenciou cenas, enquanto fingia que dormia, onde o pai pedia para a irmã que ‘mexesse’ em seus órgãos genitais e ele, introduziu a mão ‘atrás da irmã’, segundo a aluna, a mãe não se encontra em casa nesses momentos. Ela já chegou mencionar que o pai pede para mãe ir buscar algo, para ter esse momento a sós com a menina.
> Relata também que o pai gosta de assistir filmes de ‘BESTEIRAS’ (ela explica que são filmes onde as pessoas estão sem roupa) com a irmã no quarto: ela em uma cama e ele na outra. Ele frequentemente beija a irmã na boca, quando pergunto se ele também a beija, responde que não.

A professora também relatou o medo confessado por Karen de ser penalizada se os pais soubessem de suas revelações. A fim de protegê-la, as condições da denúncia foram mantidas em sigilo inicialmente. Durante o acompanhamento socioassistencial, a família negou qualquer sofrimento ou violação de direitos. Tendo em vista a gravidade dos relatos, foi emitida uma Medida Cautelar de Afastamento, com a qual Evandro ficava impossibilitado de manter contato com a adolescente. No entanto, como os relatas continuavam e diante da insistência de Karen de que o pai não havia saído de casa, desobedecendo à ordem judicial, e que fora ameaçada por sua mãe a não contar sobre o que acontecia em sua casa, sob a pena de seu pai ser preso, foi tomada a medida de Acolhimento Institucional de Helen e Karen. Os relatos da criança deixavam, portanto, explícito que a figura materna se apresentava com ameaças e negligência.

Antes de ser acolhida institucionalmente, karen apresentou faltas seguidas à escola e, ao retornar, apresentou-se com hematomas e com os cabelos severamente cortados. As justificativas da criança foram divergentes das

justificativas que a mãe deu à escola, o que possibilitou à equipe induzir que Karen havia sido castigada pelos pais.

Com o acolhimento, Maria se deparou com o que mais temia: o afastamento das filhas. Com esta medida, os atendimentos tomaram outra entonação e ela passou a relatar momentos em que saía a pedido do companheiro, e que, como “vendas que caiam dos olhos” (sic.), podia então reconhecer que sua filha esteve em perigo. Decidiu-se pela separação sob o impulso da raiva e declarou que seguiria a vida sozinha com os filhos que estavam sob sua guarda e com aquelas que ainda aguardavam decisão judicial na esperança de retornarem para sua casa. Maria confidenciou a personalidade agressiva de Evandro e o temor de que ele reaparecesse furioso contra ela e as crianças. Lamentou ter sido negligente, não observado os sinais de sofrimento expressados por Helen, e confiado cegamente no companheiro “como se ele fosse o salvador da Pátria” (sic.). No entanto, negou ter praticado violência física contra Karen.

Entrevista

Ambiente de origem: Maria refere ter sido criada pela avó materna desde os seis anos de idade, quando seu pai, que frequentemente chegava alcoolizado, perpetrou a última agressão à sua mãe, que a levou à morte:

> Eu morava em (cidade), a minha mãe... o meu pai matou a minha mãe lá, então não tem tanta coisa pra falar, porque não tenho recordação nenhuma de lá. A única coisa que eu tenho na cabeça, que é real, e isso eu não vou esquecer nunca, que é a morte da minha mãe... é uma coisa que não tem como apagar, por mais que eu tente, e mesmo que eu cresci, e hoje sou mulher e tenho filho e tal, aquilo ali é uma coisa que ficou, uma marca que ficou e não tem como tirar. É mesma coisa que se eu tivesse vendo. Entendeu? Ele matando a minha mãe, a minha mãe caindo lá. Então é um negócio que ficou.

As agressões eram frequentes e, na ocasião mencionada, foi com o uso de uma faca que ele a golpeou. Maria e os dois irmãos presenciaram esta e outras situações; se recorda que a mãe chegou a engravidar por diversas vezes, porém perdia os filhos antes que nascessem - acredita que por causa dos ataques que o pai dirigia à sua barriga. Presenciava cenas de ciúmes do pai e quanto a ela, descreve-se como uma criança que facilmente adoecia. A irmã é descrita como “traumatizada” com tudo o que aconteceu à sua mãe, sendo que faz tratamento

psiquiátrico; e o irmão, foi assassinado quando Maria tinha vinte anos. Foi casada pela primeira vez por dois anos e se separou por não desejar para si a vida que estava levando: o companheiro saia todas as noites para beber e se encontrar com outras mulheres.

Figura materna: descreve sua mãe como uma pessoa trabalhadora (diarista), guerreira e bonita, lembrando-se dos traços físicos desta. Apesar de não ter sido criada por ela, diz:

> Minha mãe era a mãe, era a mulher, entendeu? Aquela ali era pau pra toda obra, como eu via ela. Então ela era uma pessoa, assim, que nunca deixou faltar nada pra gente também, tudo que tivesse ao alcance dela ela dava, ela fazia, só que a gente crescendo... ela nunca foi uma pessoa de abandonar a gente [Relata que quando a mãe não podia visita-la, a avó a levava à casa de sua mãe].

Porém, enfatiza que considera sua avó como mãe:

> A minha avó era tudo e eu focava tudo nela ali, eu via o mundo nela, eu dormia com ela . . . Eu sofri, vou falar pra você que eu sofri com a morte dela, eu sofri pra caramba, foi difícil, entendeu?

Descreve a avó como uma pessoa trabalhadora (diarista), guerreira e que, apesar de sofrida, mostrava-se sempre alegre, ativa; disposta a ajudar a todos e “transmitia coisas boas” (sic).

Figura paterna: o pai trabalhava como pintor e fazia uso diário de álcool; descreve-o como preguiçoso, ciumento e agressivo. Ressalta que não gostava da companhia deste:

> eu não gostava daquele lugar, e eu não gostava, tipo, do meu pai, eu não tinha aquele contato, eu via, a gente criança, não sei se é coisa da cabeça também, mas eu via maldade nele, por ele, tipo assim, tá judiando da minha mãe, porque ele bebia . . . eu não gostava de lá, nem do meu pai, eu não gostava . . . Ele não era aquela pessoa de falar ‘ele é o pai’, entendeu?

Menciona o avô materno como uma pessoa boa, na qual se espelhava, que participou da vida dela e ajudou a cuidar de seus filhos.

Percepções sobre a própria infância: lembra que quando criança sonhava com o futuro:

> eu pensava alto, vamos dizer, eu sonhava alto, coisas boas pra mim, que eu pudesse andar sozinha, tipo... é... como que eu posso falar pra você... família, o meu foco era família, ah... primeiramente trabalhar e terminar os meus estudos, eu tava focada nisso aí e graças a Deus eu terminei, e na família, é filhos, é dar um futuro, né.

Percepção de si como mãe: descreve-se como uma mãe dedicada, que se preocupa com todos os filhos e que se esforça para fazer o melhor por eles e ter de volta a guarda de suas filhas. Em seu discurso, evidenciam-se orientações morais, como quando procura dar "um choque de realidade" (sic) à filha que se queixa das condições materiais, apontando para as pessoas que se encontram em situação de extrema vulnerabilidade. Relata situações em que procura mostrar aos filhos o que é "certo e errado", os perigos do mundo (como as drogas e as falsas amizades) e mostrar que "a vida tá aí pra ensinar e o mundo tá de ponta cabeça" (sic). Refere estar agitada e triste com o acolhimento institucional das filhas e mostra suas qualidades maternas, como, por exemplo, quando diz estar presente, questionar sobre a rotina das filhas no abrigo, sobre o que acontece na escola; também refere que procura interagir, dialogar e brincar com todos os filhos, que não permite que nenhum deles fique sozinho, que está atenta às necessidades emocionais deles e que se empenha com os cuidados diários e a organização da casa.

> Eu brinco junto, jogo bola, ando de bicicleta, então eu *tô* sempre interagindo com eles, com eles não tem tempo ruim, eu sou palhaçona, eu sou a mãe, pra chegar na hora que tem que colocar os pingos nos 'is', aí sim, aí você tem que saber o que é o certo, a sua hora de entrar como mãe séria, entendeu? Colocar um limite.

Por outro lado, se culpa por não ter evitado a situação de abuso sexual da filha mais velha e diz que estava "cega" (sic).

Situações que desencadeiam agressões: nega agressões.

Percepção sobre violência contra a criança/adolescente:

- Violência física: entende que é quando o adulto coloca a criança em risco, desde um tapa, e, como consequência, cita a raiva:

> Agora, *cê* vai dar uma chinelada, acha que vai resolver? Eu acho que ela só vai criar uma raiva de você. Então você é chata, você é isso e é aquilo. É isso que você vai receber.

- Violência psicológica: diz que é quando o adulto cobra coisas da criança, mas não aprofunda descrição.
- Negligência: relata que pais negligentes não protegem os filhos de perigos, deixando-os sozinhos ou em contato com fogão ou outros objetos domésticos que sejam impróprios para a idade. Fala que é necessário conversar e explicar para a criança e, também, impor limites, mas não especifica como:

> Só que criança é um bicho complicado pra entender as coisas, tem hora que deixa você de cabelo branco, viu. É complicado. Eles querem falar mais alto, debater mais alto e se acha forte, é isso e é aquilo, mas não é assim . . . Então cê tem que ter força e rédea. Acho que tem que ter rédea. Rédea é a palavra certa pra situação, entendeu?

TAT

As pranchas aplicadas, com as reações e as histórias na íntegra, constam no Apêndice C.

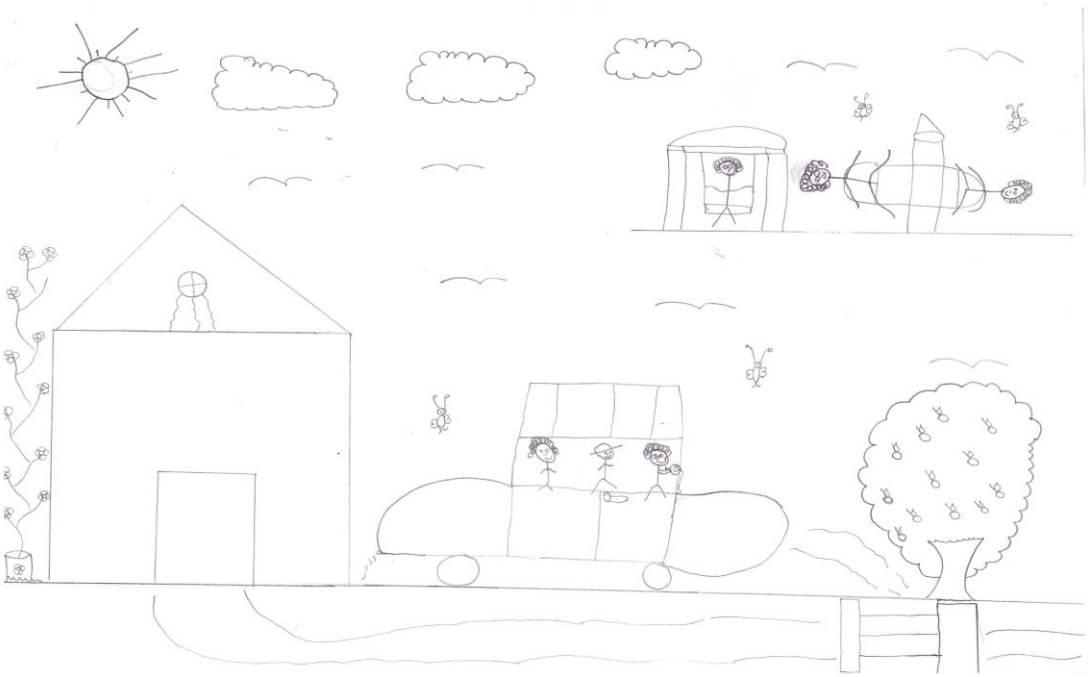
Prancha 1

Análise formal: descreve um menino pensativo sobre o violino e mescla elementos de si aos do personagem. Apresenta dificuldades para elaborar uma história completa.
Autoimagem: pensativa, preocupada, sonhadora
Relações objetais: não menciona
Concepção do ambiente: ambiente anterior é falho e ambiente atual fornece apoio
Necessidades e conflitos: necessidade de superação e apoio; conflito ao reparar os danos causados pelo ambiente
Natureza das ansiedades: reparação
Principais defesas contra medos e conflitos: sublimação
Adequação do superego: não menciona
Integração do ego: ego tende à integração, mas necessita de apoio.

Prancha 7MF

Análise formal: a cena é descrita com todos os elementos (mulher mais velha, menina e boneca), no entanto, há dificuldade para reconhecer o terceiro elemento, assim como para elaborar um desfecho. O conteúdo da história é permeado por argumentos de cunho moral.
Autoimagem: ambivalente (meiga, rebelde, sofrida)
Relações objetais: hostis
Concepção do ambiente: incapaz de proteger, ameaçador
Necessidades e conflitos: necessidade de autoafirmação; conflitos entre agressividade e culpa dirigidas à figura materna
Natureza das ansiedades: persecutória
Principais defesas contra medos e conflitos: oposição e ataque ao objeto
Adequação do superego: severo
Integração do ego: as forças repressivas se mostram menos atuantes contra a agressividade; há destrutividade voltada para si mesma e fragilidade egoica.

DE-T - “Como é ser mãe hoje”



Comentários: “Nossa, eu sou péssima em desenho... Ser mãe hoje?... Nossa, eita... o negócio ficou... Mas pode ser casa? Ai meu Deus do céu. Eu não sei desenhar... eu sou uma perdição... Difícil heim, se tivesse um papelzinho que eu tivesse vendo, poder tocar, ver a pessoa ali, seria mais fácil... É complicado, porque no real você faz e acontece, mas no papel... Eu não sei nem desenhar, como vou fazer os bonequinhos?... Ai, ai, vamos lá heim, vamos ver o que vai sair aqui. Não me pergunte o que vai sair aqui, mas vamos fazer o que tem que fazer. Vou fazer uma casinha, deixa eu ver o que eu vou fazer primeiro... Vou tentar”.

Enquanto desenhava, apagou, dizendo: “Fiquei torta, com o rosto estranho”. Ao contemplar o desenho, diz: “Nossa, que horroroso”, e se queixa de dificuldades para enxergar. Conta que um dia teve um “bloqueio na vista” e chegou a ir ao hospital. Desenhando as vestes de seus personagens, diz: “*É* as roupas mais tortas que tem”... “Misericórdia, não sei desenhar gente não”... “Esses olhinhos achatados”... “Eu vou errar de novo”... “Vai sair estranho, mas... vou tentar”... “Nossa, meu Deus, que estranho”... “É o que tem pra hoje”... “Nossa, isso aqui é um carro, meu Deus do céu”... “Meu Deus, quanta coisa”... “Ficou horrível”.

Título: “Uma família reestruturada novamente, uma família nova, uma família mais eficaz, com mais conhecimento”

História: “Esse desenho eu vou me colocar assim nele, pode? Tipo assim, é, como fala, esse aqui é um lugar, como fala, aqui é a casa; então essa casa aqui é, é uma casa que *tá* aqui pra receber quem quiser *vim*, *tá* de braços abertos, sabe, e aqui é a casa deles. Aqui eu coloquei os meus filhos, né, o que eu penso, assim, em *tá fazendo* com eles, elas voltando, aprimorando pra mais, sabe, não reter muito, tipo assim, ter mais cuidado, mais uma proteção sabendo que dentro dessa casa... eu vou focar como que daqui pra frente eu vou poder caminhar com eles, o que eu vou poder fazer. Então essa casa *tá* pra receber o... eles vão encontrar tudo, uma, como que eu posso colocar pra você, o que falta pra eles *tá* dentro dessa casa, da minha casa... tipo, se precisar de algo, eu vou estar dentro dessa casa pra acolher, pra *estar cuidando*, principalmente o amor e... e, tipo, eu vou estar aqui dentro, eu vou estar dentro dessa casa aqui, e eles vão sempre me ver ali, e eu quero dizer, a gente tem que ser também espelho, é, de tudo que aconteceu, a gente vai estar ali

dentro dessa casa esperando eles, pra qualquer situação, eu vou estar dentro dessa casa, e eles vão me procurar ali na rua, não vão encontrar, eu vou estar dentro dessa casa, pra quando acontecer algo lá fora, vamos dizer assim, eu vou estar ali pra acolher, pra cuidar, e na medida do possível, o que eu puder fazer, eu vou tentar ajudar, vou dar o meu melhor. E aqui, no caso, deles virem pra cá, vai ter aquele encontro, que é o devido encontro, vou colocar, que eu devo ter com eles daqui pra frente, *tá* saindo, *tá* focando mais, não que eu não foque, mas é aprimorar mais o conhecimento sobre eles, sabe, é, cuidar, pra não deixar algo acontecer. Porque o que tiver que acontecer acontece em qualquer lugar, mas, tipo assim, eu vou ter, eles vão estar debaixo dos meus olhos, eu vou estar mais atenta, entendeu? Vou *estar saindo* mais com eles, vou colocar aqui, vou levar eles pra brincar, pra tipo, sair do problema onde tudo aconteceu, focar coisas boas, mostrar que tem coisas boas neles, que dá pro nosso orçamento também, que eu possa direcionar tudo certinho, não fazer... mas dentro do meu limite, eu vou tentar fazer isso, sabe, brincar, né, a gente tem que separar, não focar só em trabalhar, é importante, mas a gente tem que separar um tempo pra *estar focando* neles, porque estão precisando. Então eu me encontro assim... tirar um tempo pra eles, pra procurar aprofundar mais na necessidade deles; então não ficar focada ‘ai, tenho que trabalhar’, isso daí, no decorrer, sempre vai ter serviço, sempre vai ter, mas eu *tô* focando aqui no que eu tenho que ter esse contato agora, eu com eles, que é uma coisa que eu deveria ter feito, assim, que eu *tô* me colocando aqui, sabe, não que eu não fazia, mas fazia, só que algo faltou além disso daqui, mais alguma coisa pra completar, fazia, só que não era totalmente assim, tá faltando mais, *cê* tem que dar mais, dar o melhor de si pra eles entenderem que você *tá* fazendo, te ver com outros olhos, ter mais confiança que você vai fazer; então a garantia é essa, de eu poder sair com eles, eles se divertirem e eu poder ver o que eu fiz, o que eu *tô* fazendo resplandecer assim na fisionomia, no rosto deles, estar brincando ali entre irmãos, *tá* perto, assim, sabe, mas entre irmãos, um momento entre irmãos, e eu diante daquela situação. Então, muitas vezes, eu trabalhava, fazia, mas não era aquela coisa, sabe, na correria do dia-a-dia, mas eu *tô* focando aqui que eu tenho que cuidar dessa parte, outras coisas fica pra depois, tem que fazer devagar, *cê* sabe que *tá* ali, *cê* vai fazer, mas prioridade agora, pelo que eu *tô* aqui, sentindo aqui, é cuidar deles, focar na, na, de dar o melhor pra eles, sabe, direcionar. Porque, tipo assim, eu vou me sentir

gratificante pelo que eu fiz e pelo que eu *tô* fazendo, se um dia for pra me agradecer, amém, sem problema nenhum, quer agradecer agradece, mas se não também tudo bem, mas eu vou estar consciente que eu fiz e que eu procurei ajudar, fazer algo diferente pra vida deles, mostrar que além daquele mundo que nós vivíamos na casa, nessa outra nova casa eles vão encontrar outra situação, não vai mais haver aquela escuridão que via, sabe, ah, na casa velha, vou colocar assim, essa casa nova, isso aqui é o que *tá* acontecendo com eles daqui pra frente, entendeu? É assim que eu *tô* me colocando, que eu quero o meu melhor pra eles. Passou, situações que aconteceu, aconteceu, eu não tenho como apagar, se pudesse voltar no tempo, até poderia voltar no tempo, mas a gente não tem essa capacidade e essa força, né, então, o que eu *tô* vendo agora, o que eu posso falar pra você é isso aqui, é tentar dar o melhor e ser o melhor pra eles e eles poder ter confiança em mim, que eles vão encontrar, vamos dizer assim, né, não porque eu sou mãe, mas a mais, mais e mais, pra eles sentirem mais seguros ainda, não que eu não passe segurança pra eles, mas eu vou dar mais, o melhor, tentar ser o melhor pra eles. É isso".

Questionada sobre todos os personagens desenhados, percebe que tem um a mais e diz: "Esse aqui vamos colocar que é um amiguinho, pra interagir, a amizade tem que ter, porque, no caso, aqui sou eu dirigindo, aqui é o (filho), aqui pode ser a (filhas mais novas), uma delas, e aqui um amiguinho. Aqui não tem nem como colocar outra pessoa, não tem nem como focar, porque na minha cabeça, até passar tudo isso daqui... Até a minha filha mais nova disse: 'Mãe, a senhora é bonita, é guerreira, e, se Deus preparar pra senhora... não tem mãe melhor que a senhora; e o que a senhora faz tem mãe que não faz, então a gente *tá* vendo o seu esforço, *tá* dando o seu melhor, a gente tá vendo que a senhora *tá* fazendo de tudo pra tentar não... Deus vai preparar alguém pra senhora, só que agora a senhora vai fazer a coisa certa. É meu pai? É meu pai. Errou? Errou"... Só que tipo assim, ela fala que Deus vai preparar outra pessoa, só que agora com a permissão de Deus, e a nossa família vai ser feliz.

Considerações sobre Maria

Entre os acontecimentos que compõem a história de Maria, as violências testemunhadas – das discussões às agressões que levaram à morte de sua mãe - evidenciam um ambiente ameaçador à sua integridade. A dependência química e a agressividade paternas tornavam aquela casa um lugar hostil para se habitar: “eu não gostava de lá, nem do meu pai, eu não gostava”. Os golpes à barriga de sua mãe grávida tornavam a ameaça mais próxima da sua própria existência. A dificuldade para respirar, que surge como um problema respiratório nos primeiros meses de vida, já sinalizava a necessidade de um novo ambiente onde pudesse respirar ao ar livre, livre das impurezas da violência.

Embora não tenha sofrido ataques diretos ao seu corpo, as marcas no corpo materno fragilizaram o cuidado que esta poderia ofertar a Maria. Assim, a mãe atacada e o pai agressivo configuram um ambiente incapaz de proteger e ameaçador – o que também aparece nas histórias do TAT (prancha 7MF). Na prancha 1, conta a história de um menino que não teve um ambiente propício, mas que, diante das oportunidades de um novo ambiente pôde vislumbrar seu desenvolvimento, o qual se referia à capacidade de tocar violino e tocar a vida (ter uma carreira e uma família). Na história pessoal de Maria este novo ambiente foi proporcionado pelos avós, tidos por ela como verdadeiros pai e mãe: “então a minha avó, acho que ficou com medo dele fazer alguma coisa comigo e com meus irmãos, então minha avó pegou, tomou a rédea - a minha mãe deu - e criou nós aqui”.

Na prancha 7MF é possível adentrar as percepções e os conflitos em torno da figura materna. Maria descreve uma menina rebelde, que não dá ouvidos aos conselhos de sua mãe. A menina passou por algum sofrimento e foi “judiada” e a mãe quer evitar novos sofrimentos, mostrando a ela como agir e o que fazer diante dos perigos do mundo. As intenções protetivas desta mãe, no entanto, não são eficazes, uma vez que a menina sofrerá as “consequências do mundo” e não terá um “futuro brilhante”. O desfecho trágico é atribuído à rebeldia da menina que não escutou os conselhos maternos. Assim, a hostilidade que permeava as relações de objeto iniciais é introjetada para dentro de si, e a figura materna é preservada, como é possível também observar em suas falas à entrevista: “minha mãe era a mãe, era a mulher, entendeu?”.

Identificada com esta imagem da mãe protetora e dedicada, Maria não reconhece os atos de negligência que ela mesma perpetrou aos seus filhos, expondo-os à agressividade do companheiro. Assim como sua genitora, Maria foi vítima de agressões conjugais e, tomada por estas experiências perpassadas agora sobre seu próprio corpo, não se atentou ao que se passava com seus filhos. A preocupação com o trabalho e com o sustento diário sempre foi uma constante para as mulheres de sua família, como a genitora e a avó, enaltecidas pela dedicação ao trabalho. Se por um lado uma necessidade concreta, por outro uma saída para respirar longe da violência doméstica. Enquanto estava fora de casa, a filha era abusada sexualmente por seu companheiro. E quando chegava, impunha a ela e aos demais a visão de um mundo ameaçador e perigoso, do qual deveriam se proteger, suscitando a eles o terror que lhe atormentava: por causa das drogas, das falsas amizades e das desigualdades sociais.

Estas situações remetem ao alcoolismo paterno, à mãe assassinada pelas costas e ao trabalho, realidade que se impôs severamente à sua infância. Os filhos são, assim, também inseridos nesta dura realidade, que em parte se repete no relacionamento de Maria, e em parte se expande do mundo interno desta para os filhos por meio da severidade de seus discursos morais, como forma de se eximir da culpa recaída sobre ela, tanto pela morte da mãe como pelas agressões perpassadas entre gerações.

4.2 Participante 2 - Jezabel

Análise Documental

Jezabel, de 49 anos, foi encaminhada ao CREAS após ter sido denunciada por agressões físicas e psicológicas à filha Sara e ao filho Davi, na época com 11 e seis anos, respectivamente. As denúncias apontavam que Jezabel faria uso constante de álcool e Sara era forçada aos trabalhos domésticos. A denunciante também apresentou vídeos em que Jezabel ameaçava atear fogo na casa após desentendimentos com o filho Walter, de 22 anos. Jezabel teria espancado este filho

com o auxílio de seu companheiro, Lucas, de 18 anos. Walter estivera preso por tráfico de drogas e em situação de rua, sendo que, ao retornar para casa, levou consigo o namorado, Leandro, de 21 anos, o qual teria assediado Sara. Após uma discussão, Walter fora expulso da casa pela mãe, Jezabel. Diante do exposto, Sara foi conduzida ao Serviço de Acolhimento Institucional (SAI) do município, onde permaneceu por dois anos.

Inicialmente, Sara relatou aos profissionais do SAI que sua mãe lhe batia muito, às vezes com o auxílio do namorado, por não atender às suas expectativas com os afazeres da casa, como lavar louças, limpar os cômodos ou lavar as roupas de todos que residiam na casa (Jezabel, o namorado Lucas, Davi e Sara). Sara também apanhava por não fazer o que Lucas lhe pedia, como comprar chicletes ou quando sua mãe estava sob efeito de substâncias psicoativas. “Um dia ela me bateu muito com um cabo de vassoura, até eu cair e só parou quando eu perdi a voz” (sic.). Sara também se queixava das palavras ofensivas que lhe eram dirigidas pela mãe: “Ela me xinga de palavrões, vaca, puta, vadia, piranha, biscate, prostituta” (sic.). Quanto ao abuso perpetrado pelo namorado do irmão, Sara contou: “O Leandro. tem mania de ficar passando a mão em mim, nas minhas pernas, rosto, braços e nos meus seios. Quando ele chega perto de mim e começa a me alisar, eu disfarço e saio, falo que vou no banheiro ou tomar água” (sic.). A genitora, por sua vez, negou que tivesse praticado qualquer agressão e se posicionou em defesa da filha quanto ao abuso, dizendo que faria justiça ela mesma e expulsou Leandro de sua casa.

Após visitas de Jezabel ao SAI, Sara passou a dizer que, na verdade, inventou a história acima porque tinha ciúmes de sua mãe com Lucas – o namorado que fez com que seu pai biológico, Joaquim, de 47 anos, saísse de sua casa oito meses antes de ser acolhida. Jezabel reforçava esta fala e, conforme consta em prontuário:

> Durante a entrevista, fazia questão de informar o quanto se preocupa com a educação dos filhos, que participa da vida escolar das crianças, que faz orientações para Sara de como se comportar, que levou a criança para viajar, e que a garota tem seus pertences: uma caixa com pulseiras e maquiagem infantil.
> O discurso da criança tem sentido oposto à fala de sua mãe.

Quanto ao Davi, este é portador de Síndrome de Down e, embora matriculado na escola regular, nunca frequentou as aulas; o acompanhamento com profissionais

especializados foi muitas vezes interrompido por não comparecimento. Joaquim, com quem Jezabel foi casada por 28 anos e teve sete filhos, delatou que “Jezabel sempre bateu nos filhos . . . e ainda expulsou quase todos de casa” (sic.). Descreve-a como vingativa e mentirosa: “se ela quiser dobrar a pessoa na conversa, ela dobra” (sic.). Apesar de verbalizar o desejo de cuidar dos filhos, a dependência química também o impossibilitava. Os filhos de Jezabel são:

- Elias, 34 anos, sexo masculino, filho de Jezabel com outro genitor – o qual cuidou de Elias desde os cinco anos de idade;

- Walmir, 28 anos, sexo masculino, detido por tráfico de drogas;

- Valéria, 27 anos, sexo feminino, reside com uma companheira em outro município;

- Walter; 22 anos, sexo masculino, em situação de rua;

- Joyce, 21 anos, sexo feminino, casada e residente em bairro próximo;

- Aline, 17 anos, sexo feminino, amasiada e residente no mesmo município;

-Sara, 13 anos, acolhida institucionalmente dos 11 aos 13 anos, quando retornou à casa da genitora;

- Davi, 8 anos, não é filho de Joaquim, mas foi registrado sobre a paternidade deste; reside com Jezabel.

Segundo Joaquim, o reconhecimento da paternidade de Davi se deu como forma de se reconciliar com Jezabel – porém, após o envolvimento desta com Lucas, rompeu o relacionamento e saiu de casa.

Oito meses após o desacolhimento institucional de Sara, houve nova denúncia de maus tratos; desta vez com especial atenção ao menino Davi. De acordo com o denunciante, a criança comparece à escola com fome, sem cuidados com a higiene pessoal e, frequentemente, comunica gestualmente que apanha da mãe e da irmã (Sara). Vale ressaltar que a família já havia sido acompanhada pelo Conselho Tutelar, dez anos antes, por negligência e agressões a outros filhos. Walter chegou a ser acolhido e Jezabel verbalizou na época não o aceitar por ser homossexual.

Uma das filhas de Jezabel, Valéria, ao saber do acolhimento de Sara, procurou um dos serviços de proteção à criança e ao adolescente, dizendo: “a Jezabel infelizmente é nossa mãe . . . ela se prostitui pela internet, fazendo cenas

obscenas com criança dentro de casa... Ele (padrasto) bate muito nela... ela também é errada por permitir ele dentro de casa fazendo orgias” (sic.).

Apesar das denúncias anônimas, escolares e familiares (como os relatos feitos por Joaquim, Sara e Valéria), Jezabel permanece com a guarda dos filhos mais novos. Justifica as denúncias como ataques de pessoas invejosas e descreve relações amistosas entre ela e os filhos. A única situação da qual se queixou à técnica do CREAS se refere ao namoro que Sara vivenciou dentro do SAI. Jezabel verbaliza aceitar, apesar de compreender que este relacionamento homossexual foi motivado por carências, uma vez que Sara esteve por mais de dois anos ausente de seus cuidados maternos.

Entrevista

Ambiente de origem: Jezabel diz se lembrar detalhadamente de sua infância. Relata que residia com sua genitora e com o irmão em uma fazenda no interior do Estado de São Paulo. Por muitas vezes foi obrigada por sua mãe a se deitar com diversos homens, dos quais ela tentava se esconder em meio às plantações de cana e de café:

> porque eu sentia, sabe, você é uma criança, mas você sente que é a mão de um homem que *tá* te machucando, você sente quando o homem *tá* aprontando em você e machuca você.

Relata que a mãe xingava e agredia fisicamente:

> Tudo ela gritava, ela tapava a boca, ela puxava meu cabelo. Eu era uma menina que tinha o cabelo muito grande, e a minha mãe, tudo ela puxava o cabelo, tudo era bater, sabe, dando tapas pesados.

Além de passar fome e frio, quando Jezabel contou ao dono da fazenda sobre as agressões que sofria, este se pôs em sua defesa e a mãe, irritada, a obrigou a ingerir soda cáustica. Nesta época, com seis anos de idade, a mãe foi expulsa do local onde moravam e, a caminho para outro Estado, abandonou Jezabel em uma estação de trem. Observa que com o irmão os tratos eram diferentes, que a mãe o protegia e acariciava. Jezabel foi acolhida em um orfanato, no qual refere ter sofrido maus tratos durante três anos, até quando sua avó materna a localizou e retirou do

abrigo. Com o apoio da avó, de freiras e padres, estudou e teve incentivos para o trabalho. Aos quatorze anos, foi residir com dois tios, os quais possuíam condições financeiras melhores. No entanto, a genitora reapareceu e prometeu cuidados maternos. Foi então residir com a mãe, o irmão e a avó em um cortiço. O sustento provinha da avó, que trabalhava como lavadeira e costureira. Recorda que um dia o irmão, que fazia uso de álcool, a ofereceu a um amigo em troca de bebida. Sua reação foi sair correndo e pedir ajuda a um tio. Desde então, percebeu que deveria viver sozinha, estudar e trabalhar. Passou a morar nos trabalhos que conseguia como doméstica. Descobriu que ela e o irmão não eram filhos do mesmo pai, e conheceu seu pai aos quarenta e sete anos. Refere ter sido cercada de pessoas famosas que a ajudaram a desvendar sua verdadeira história filial.

Figura materna: relata que a mãe fazia uso de álcool e cigarro e a descreve como uma “prostituta de luxo”.

> a minha mãe era aquela pessoa assim... que ela queria viver a vida, então não era pros filhos . . . Minha mãe bebia muito, a minha mãe fumava, minha mãe se alcoolizava, minha mãe se prostituía.

Conta que a mãe era dançarina em cabarés e possuía uma beleza ímpar. Como mãe, a característica que enfatiza é a falta de atenção e carinho:

> Vou falar assim pra você: uma pessoa gelada comigo, uma pessoa que até hoje é difícil a gente sorrir uma pra outra, é difícil a gente se abraçar... passa dia das mães... hoje ela focou na família que ela tem, hoje *é* os filhos dela, os netos dela lá, meus filhos, não!

No relacionamento atual, não a chama de mãe e há pouca interação:

> ‘Oi’, apenas. Só. ‘Como você está?’. ‘Quero te ver bem, quero te ver realmente bem’. Por mais que seja, eu saí de dentro dela. Por mais que seja, ela é a minha mãe. Eu amo, mas não consigo falar. Dói, e muito. *Cê* sente vontade ainda do colo... dói muito.

Figura paterna: anuncia como figura paterna o padrasto, com o qual sua mãe se casou e teve seis filhos:

> o meu padrasto, quando ele me conheceu, ele foi a pessoa que me defendeu muito, e hoje eu falo, assim, ele é meu pai, é um paizão, é uma pessoa maravilhosa. Ontem eu fui ver ele, [chora] ele chegou lá, e uma coisa eu falo pra você, eu não vou lá pra ver ela, eu vou lá pra ver ele, minhas irmãs todas sabem, por parte de mãe.

Atribui a ele o fato de sua mãe não mais ingerir bebidas alcoólicas e ter modificado a maneira de viver, inclusive ser mais afetiva com os filhos que teve com ele.

> E eu nunca ia lá por causa dela, eu ia pra ver o padrasto, meu padrasto me aconselhou muito, meu padrasto me ajudou muito numa fase da minha vida. E tem gente que fala assim: 'Ah, padrasto', né, hoje é tudo... ah, padrasto né... Não! Meu padrasto foi meu pai.

Quanto ao seu pai biológico, diz que ele foi uma pessoa famosa, um cantor sertanejo que sua mãe conheceu enquanto dançava profissionalmente.

> Ele tem dinheiro, deixou muito... porque eu não queria o dinheiro, nem dele, nem dela, eu só queria um abraço, eu só queria carinho, não o dinheiro.

Relata que chegou a participar de shows com ele e usufruir de sua companhia, mesmo sem saber que ele era seu pai – o que soube aos quarenta e sete anos de idade. Conviveu com ele a partir disto por um período de seis meses, até seu falecimento:

> O que eu não tive, em pouco tempo eu tive dele. Do meu pai chegar e falar pra mim assim: 'Vai na concessionária e pega um carro que é pra você'. E você ter uma resposta que, onde ele *tiver*, ele sabe que eu não *tô* mentindo, eu falei: 'Eu não quero carro, eu não quero um tostão seu, o que eu quero é poder deitar no teu colo e dormir'. E foi o que eu fiz com meu pai. Foi o tempo. Agora eu vou querer dinheiro? Fama? Pra quê, qual o motivo de eu querer isso hoje? Eu posso passar fome, mas eu não quero nada. O que eu quis dele foi o carinho, e um pouco eu tive.

Percepções sobre a própria infância: tinha medo todas as vezes em que via a mãe beber e se aproximar com homens desconhecidos em sua casa; tinha medo de apanhar:

> Você fala assim pra descrever eu? Em foco na pessoa que eu sou... a minha infância não foi fácil. Tem muitas coisas na minha infância que me machucam, machuca qualquer pessoa que passar pelo que eu passei na minha vida, não esquece... por mais que ela vá fazer uma terapia, passar por psicóloga, psiquiatra, é difícil, não existe isso de apagar da memória de ninguém, porque são momentos em que, onde você deita no seu colchão e você lembra... fui uma menina sofredora, piada, uma menina que foi motivo de riso das próprias amigas, pessoa que não se vestia bem, uma menina desprezada por todos da família, mas, como que fala, assim... hoje eu sou uma mulher que tenho orgulho de mim mesma... eu batalhei, estudei, me formei... trabalhando, digna.

Observa que, mesmo quando estudava e trabalhava em busca de uma nova vida, sentia falta de uma mãe; se sentia excluída pela sua. Porém, "guardava esses

sentimentos” (sic.), enfatizando que não interferiram em sua vida - e buscava cantar e dançar.

Percepção de si como mãe: se apresenta como diferente de sua própria mãe; esta xingava, e ela não xinga; esta batia, e ela não bate; esta não era afetuosa, e ela é afetuosa com os filhos. Verbaliza ser uma mãe cuidadosa e que não permite que seus filhos passem pelo que ela passou:

> Eu não deixo meus filhos *passa* fome, eu dou o que eu posso, eu converso, eu dou abraço, eu dou um beijo, porque eu nunca quero que eles se sintam como eu me sinto, *tô* sempre presente nas reuniões, sempre conversando, sempre dialogando, sempre junto, sempre brincando, procuro inovar, cada dia melhor.

Se descreve como uma mãe ciumenta, apegada, carinhosa, protetora e disponível para todos os filhos. Promove a união entre eles e procura trata-los com igualdade de afeto e atenção. Sobre a filha Sara, diz que lamenta não ter podido acompanhar seu desenvolvimento enquanto esteve abrigada e que, por isso, hoje é muito apegada a ela. Ao falar sobre o filho Davi, diz que ele a ensinou a meiguice e a doçura, o que ela pouco experimentou na vida.

> Então pra mim, os dois são tudo. É a minha menininha, é a minha bebezinha e o meu bebê. Eles são tudo e eu falo pra você, por eles eu dou a vida, por esses dois, brigo, e vou até o final, seja na Justiça, seja qualquer pessoa . . . eles precisam muito mais de mim e eu jamais vou abandonar, né, porque eu precisei e eu não tive. Então hoje eu quero *tá* do lado deles pra poder dar esse tempo pra eles.

Situações que desencadeiam agressões: conta que fica nervosa com a desobediência dos filhos, mas afirma que nunca os agrediu e que não gosta de violência:

> Mas eu não sou uma pessoa de briga, eu não gosto de ver briga, eu não gosto de ver ninguém batendo, espancando, principalmente filhos, você quer ver me revoltar é ver uma mãe que bata no filho, que ela xingue um filho.

Percepção sobre violência contra a criança/adolescente: expressa compreensão sobre cada tipo de violência abordada, assim como sobre as consequências negativas para a criança e adolescente. Porém, não detalha os tipos de agressão física e psicológica.

Sobre violência física: entende que é agredir e espancar.

> Não, eu não concordo com isso, porque eu sofri muito com isso, eu não gosto disso, não gosto nem de ver briga.

Sobre violência psicológica: descreve que é quando alguém faz algo contra a vontade de outra pessoa, que faz a cabeça desta e que a torna revoltada com isto.

> Eu não gosto disso, eu tenho pavor, eu não permito de ninguém achar que, em algum momento entrar na minha mente. Eu faço aquilo que eu quero e aquilo que é o certo. Se a pessoa: 'Ah...'. Não! Eu não gosto disso, isso é machucar a mente da pessoa, é tirar aquilo que a pessoa tem vontade de fazer, ou você ajuda ou então você não entra na mente da pessoa e tenta fazer o que a pessoa não goste. Pra mim é isso.

Sobre negligência:

> Uma mãe que não cuida, que não tem responsabilidade, uma mãe que não foca no filho, que não procura o melhor . . . Hoje eu falo, eu tenho duas filhas com a *negrigência* com os filhos, não educa, o jeito é gritar, bater, é xingar, 'Seu peste, seu capeta, que não sei o que', isso são palavras pra uma criança?

Sobre as consequências: cita que "mexe com a estrutura mental" de quem sofre estes tipos de violência.

> Revolta, tristeza, porque uma mãe pra xingar um filho, quando eu vejo, hoje eu vejo, 'Essa vagabunda, essa...', é pesado, não é? Será que ela... ela gostaria que essa, essa mesma palavra? Eu só te digo que eu penso assim, o que eu não vou querer pra mim, eu não vou querer pra você. Porque se eu xingar, 'essa vagabunda que não sei o que', eu vou *tá* te ofendendo. Mas eu vou *tá* te ofendendo porquê? Qual o motivo? Porque uma criança ela não sabe se defender.

TAT

As pranchas aplicadas, com as reações e as histórias na íntegra, constam no Apêndice C.

Prancha 1

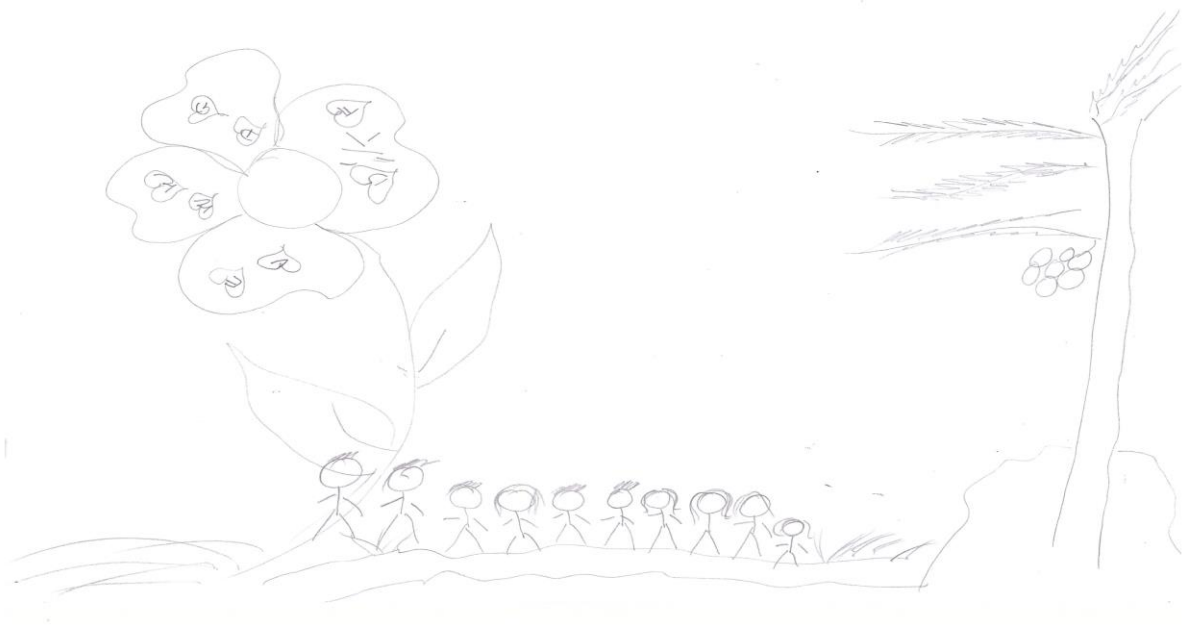
Análise formal: os elementos principais da cena são mencionados. O conteúdo é apresentado de forma generalista, sem aprofundamento da história.

Autoimagem: indecisa e insegura
Relações objetais: não menciona
Concepção do ambiente: indiferente
Necessidades e conflitos: necessidade de justificar os próprios erros; conflitos não expressos.
Natureza das ansiedades: reparação
Principais defesas contra medos e conflitos: racionalização
Adequação do superego: superego ausente
Integração do ego: desfecho empobrecido, denotando dificuldade para conciliar impulsos e realidade externa.

Prancha 7 MF

Análise formal: descreve os elementos principais do estímulo. Inicia uma narração fictícia e finaliza o enredo falando de si.
Autoimagem: indecisa, incompreendida, injustiçada
Relações objetais: afetivamente distantes, indiferentes, hostis
Concepção do ambiente: falho, negligente, incapaz de compreender
Necessidades e conflitos: necessidade de distanciar-se da figura materna e autoafirmação; conflitos ao tornar-se mãe
Natureza das ansiedades: desamparo
Principais defesas contra medos e conflitos: negação, idealização
Adequação do superego: ausente
Integração do ego: apresenta dificuldade para diferenciar o outro (figura materna) e o eu (enquanto mãe).

DE-T – “Como é ser mãe hoje”



Comentários: “Uma coisa que eu sempre faço e imagino, uma coisa que eu sempre gosto de fazer são flores, rosas, flores, imagens desse tipo, de pessoas, eu não desenho, eu não desenho casa, eu não desenho carro. Essa é uma coisa que eu mais gosto de imaginar, hoje seria corações e uma rosa como os meus filhos. Essa é uma coisa que eu sempre fiz. E essa rosa eu sempre, é sempre a que eu faço, então eu vou desenhar assim que eu sempre consigo fazer e eu sempre fiz dessa maneira. Em cada uma, assim, em cada parte das pétalas que eu coloco, eu sempre fazia um coração, e eu colocava as iniciais dos nomes dos meus filhos, entendeu? Esse é um desenho que eu sempre faço e eu vou *estar fazendo*, eu sempre fiz isso pra eles, esse é o que eu sempre guardo aqui.

Eu começo com o (fala os nomes dos filhos em ordem de nascimento enquanto desenha)... e esses eu coloco mais, pra esses muito mais (enquanto desenha e fala os nomes dos dois filhos mais novos), sempre foi assim... eu adoro. Eu vou fazer uns bonequinhos porque eu não sei desenhar”.

Título: “União em família”

História: “É assim que eu sempre passeava, viajava com meus filhos. Uma história... Olha, uma história que eu acho que vai ser perfeita e vou concluir, é...

porque juntar meus filhos... (chora),,, de eu não ter, tipo, irmão brigado com outro, um irmão ofender o outro, e hoje eu não poder conseguir trazer meus filhos de volta, da maneira que eu vivo, sem o alcoolismo do pai, conseguir fazer eles esquecerem tudo que eles passaram, tudo que eles sofreram na mão do pai, conseguir fazer minhas filhas, que são casadas, se reestruturar junto com os filhos dela, e a gente conseguir fazer uma união de família, que seja um passear numa praia, que seja pra passear em qualquer lugar, que seja até um piquenique, que seja, que eu consiga poder ver eles unidos e de mãos dadas todos comigo. Como se diz, o dinheiro não é tudo, hoje em dia pra uma família ser construída como eu quero, é sabedoria, paz, carinho, é isso que hoje eu procuro ver, estar em família, poder ajudar, poder aconselhar, como fala, assim, poder ver as minhas filhas se estruturar, porque mãe separada também, jovens, com filhos, e não conseguir coordenar uma vida, eu não queria assim. Poder ver tudo isso daqui em união com a minha família, poder estar perto, poder *tá* livre de problemas, de complicação, poder ouvir cada vez mais os irmãos, e ter eles perto... eu não fui ter o gosto de ter uma família que eu não pude ter na adolescência, né, nem criança, é isso que eu brigo pra ter através dos meus filhos, união. Porque é tão chato você brigar com um filho, é...e você ver que o filho *tá* passando por algum problema e esse filho te atingir ou machucar, e depois o filho olhar pra você e pedir perdão por uma coisa, e saber que você não tinha culpa, mas que outras pessoas que, ao invés de ajudar, complicaram a vida dos seus filhos... O que eu quero nessa história minha, mais do que tudo, é a união dos meus filhos, é ver eles mais próximos, porque o único diferente nessa história aqui não é o pai verdadeiro, que entre eles é o (nome do filho mais novo), sabe, e eu vejo que o (nome) é o pilar de todos eles, o (nome) é o que aproxima o amor, o carinho, é o que aproxima as irmãs, e foi o que aproximou as irmãs, sabe, mas, pela burrice de um pai, todos acabaram se afastando. E hoje eu vejo a (nome da filha mais nova) e o (nome do filho mais novo) agir assim com a, se mostrando mais próximos de mim, os outros foram mais pela ganância, pela, pela, burrice, por coisas erradas, mas eu não preciso...

Eu: E o que são (apontando para partes do desenho)?

Eu *tava* com eles numa praia, porque eu nunca pude levar meus filhos no mar pra conhecer; assim tão todos na praia, levar seu filho pra conhecer... a rosa e cada pedra, eu sempre faço essa, mas o sinal de cada pétala é meus filhos dentro deles.

Tem gente que desenha uma galinha e tudo, mas eu não, eu acho que eu não sou um animal, tem gente que fala “eu sou igual a galinha, eu ponho meus filhos debaixo de uma asa”, não, eu já quero ser uma flor, que consiga manter as pétalas vivas, eu gosto de sentir o cheiro, eu sou uma mãe que gosto de sentir o cheiro dos meus filhos, eu gosto de ver meus filhos bem, gosto de ver tudo neles bem. Então, como uma pétala numa flor, que ela é bem sensível, é manter o amor, o carinho, a simplicidade, a unidade, tudo ali, e nessa rosa eu não coloco espinho, porque eu não quero espinho, é, é manter isso o que eu quero e vou tentar ser pra meus filhos, todos, os casados, ir numa praia, que se dane, mas cada um tá pra um lado...”.

Considerações sobre Jezabel

A narrativa de Jezabel sobre a prancha 7MF do TAT é emblemática na medida em que questiona como desempenhar o papel materno. Ao se deparar com a imagem, descreve que um bebê está no colo de uma menina, e a mãe desta, ao lado, é incapaz de compreender o que se passa com a filha. É em torno da mente obscura e indecifrável desta menina (personagem com o qual se identifica) que a trama pessoal de Jezabel se projeta: uma criança incompreendida por sua própria mãe. Com a criança em seu colo, surge o impasse: “como ela cuidaria do bebê, se seria a mesma coisa...”. Jezabel ensaia e se mostra inicialmente incerta sobre as competências de ser mãe. E, em uma tentativa de se diferenciar da própria mãe, introduz um desfecho enfático e em narrativa pessoal: “hoje eu tenho orgulho de ser quem eu sou, porque eu nunca fiz o que a minha mãe fez com meus filhos, principalmente comigo”, e especifica: “porque o pensamento de uma criança é raro as pessoas conseguirem imaginar a dor e o sofrimento . . . o que minha mãe não fez pra mim e o que eu não tive, hoje eu faço, e vou continuar fazendo, principalmente carinho, carinho, carinho, amor para todos os filhos”.

Na entrevista ficam explícitas as situações de maus tratos que enfrentou em sua infância. Abuso sexual, xingamentos, agressões, negligências e abandono. Neste ambiente negligente e incapaz de compreender se dão relações afetivamente distantes, permeadas pela indiferença e pela hostilidade. A ausência afetiva de sua mãe se contrastava com as carícias que esta dirigia a outros homens e ao filho mais

velho. Fica difícil entender por que a mão que bate em seu corpo a outros corpos acaricia. Jezabel se sente injustiçada. O desamparo sofrido está na ordem do incompreensível, do imperdoável. Por isso, se coloca como vítima, no passado, no presente e no futuro.

Ao ser denunciada por cometer agressões físicas, humilhar, ameaçar, expor à prostituição e expulsar seus filhos de casa, Jezabel se apresenta como vítima de pessoas maldosas, que não gostam dela, ou invejosas, que querem a sua infelicidade. Nega também que faça uso de substâncias psicoativas e que tenha envolvimento com situações de prostituição. Os maus tratos perpetrados são, portanto, negados e busca se justificar, criando teorias, por meio da racionalização, que comprovem sua inocência diante dos fatos denunciados. Se por um lado parece atuar a negação, por outro, expressa um deslocamento e um falseamento da realidade, cuja face mais verdadeira aponta para uma intencionalidade vingativa, reproduzindo com os filhos as crueldades que ainda doem em sua pele. Ao se apresentar como uma “boa mãe”, parece permanecer no lugar de vítima e denunciante das atrocidades sofridas em suas experiências mais primitivas com a figura materna.

Quando Jezabel menciona o futuro, fala de um desejo de reunir os filhos dispersos e ser para eles amparo e aconchego. Diz que eles se afastaram por ingratidão e que só depende deles o retorno e a boa convivência, pois jamais expulsou um filho ou filha de sua casa, tendo dedicado a todos carinho e atenção; ao contrário do que relatam os próprios filhos: “infelizmente ela é a nossa mãe”. As experiências de terror e desamparo que compuseram o mundo interno e primitivo de Jezabel são projetadas e infundidas em seus próprios filhos, os quais amamentaram em seus seios calcados de ressentimentos e ressequidos de amor. Olhar para dentro de si é tão insuportável quanto foi reconhecer a indiferença e a hostilidade do ambiente materno.

Neste contexto, surge uma nova realidade de fantasias e onipotência. Do vazio à completude, da pobreza à herança de grandes bens materiais, do desprezo à admiração, do ódio à capacidade de amar e ser amada. A figura paterna, desconhecida até então, descortina da fama do mundo artístico e proporciona a ela o lugar de destaque desejado. Além de oferecer colo e cuidado, o pai se mostra furioso com a genitora que usufruiu dos bens e recursos que ele destinava à filha

desde a mais tenra infância. O cuidado e a vingança tornam-se possíveis com a presença de um pai capaz de prover e proteger, ainda que esta existência seja apenas um holofote de suas fantasias. O pai, assim como o padrasto e o patrão (patrão que expulsa sua mãe da fazenda em defesa de Jezabel) representam o amparo e o reparo às negligências sofridas.

Por outro lado, sem poder contar com alguém, relata ter construído uma vida melhor graças a si mesma; tornou-se dançarina, cantora, conviveu com pessoas famosas, cursou diversas faculdades e hoje empreende o próprio negócio. Relata não ter sucumbido às falhas de sua mãe, tornando-se uma “boa mãe”. Este discurso, distante dos relatos denunciados, se apresenta como um falseamento da realidade, um recurso da imaginação para preencher as lacunas do mundo real.

4.3 Participante 3 - Samaritana

Análise Documental

Samaritana, 37 anos, é mãe de quatro filhos: Laís, 14 anos; Heitor, 12 anos; Kelvin, 8 anos e Valentina, 5 anos. Residia com sua mãe, Sra. Glória, e seu pai, Sr. Antônio, quando saiu de casa com os dois filhos mais velhos, na época, com 5 e 3 anos, sem dizer para onde iria e sem ter ela mesma clareza sobre qual caminho percorreria. Sua certeza era “viver no mundo” (sic.), sem limitar-se ao espaço e às pessoas que a ladeavam. Percorreu cidades do interior e litoral do Estado, dizendo-se adepta de um estilo *hippie* de viver, até que, por estarem em situação de rua, as crianças foram acolhidas e, sem informações mais precisas, foi destituída do poder familiar. Desde então, Laís passou a residir com seu genitor (não mencionado por Samaritana) e Heitor com os avós maternos.

Sem contato com familiares, Samaritana prosseguiu alternadamente de cidade em cidade. Quatro anos depois, engravidou de Kelvin – cujo relacionamento não é mencionado por ela. Foi com Danilo, pai de Vitória, que decidiu fixar-se a 100 quilômetros de sua cidade de origem. Danilo trabalhava em circo e também abandonou a profissão para residir com Samaritana, a filha, Valentina, e Kelvin, que adotara como filho seu. Quando Valentina completou dois anos, Danilo faleceu em

um acidente de automóvel. Samaritana conta que, com o falecimento do companheiro, adoeceu e, com sintomas de meningite, foi internada. Nesta circunstância, relata que se deu o acolhimento dos dois últimos filhos. No entanto, os registros indicam que a família já estava em acompanhamento pela Proteção Básica de Assistência Social, uma vez que as crianças apresentavam sinais de negligência no contexto escolar, como falta de asseio e alimentação. Observada tal situação de vulnerabilidade, foi acionado o Conselho Tutelar daquele município, o qual encontrou Samaritana com os filhos em situação de rua. Samaritana havia iniciado outro relacionamento e havia sido expulsa da residência com as crianças. Chegou a sofrer outros tipos de violência por parte deste companheiro e saiu, novamente, sem rumo com as crianças.

Samaritana foi, de fato, internada por motivo de dependência química, e diagnosticada com sequelas psicológicas de uma meningite sofrida na infância. Kelvin e Valentina foram abrigados; chegaram a ser inseridos no Cadastro Nacional de Adoção e a conviver com uma família por dez meses, porém, a adoção não foi efetivada por dificuldades de vinculação. A família de Samaritana foi localizada pela equipe e um processo de reaproximação culminou no retorno de Samaritana à casa de sua mãe, juntamente com os filhos Kelvin e Valentina, os quais ficaram sob a guarda da avó, Sra. Glória. Desde então Samaritana retomou o contato com o filho Heitor (que já estava sob a guarda da Sra. Glória). O pai de Samaritana havia falecido 15 dias antes de seu retorno à casa materna.

O acompanhamento na Proteção Especial foi impulsionado pela rede educacional alguns meses depois, por as crianças comparecerem à escola com sinais de negligência com a higiene e alimentação.

Entrevista

Ambiente de origem: sua mãe trabalhava como enfermeira e o seu pai como açougueiro. Samaritana ficava em casa aos cuidados da irmã mais velha. Raramente saiam, exceto para ir à Igreja e à casa de uma tia aos finais de semana, quando seu pai trabalhava como músico. Na adolescência, porém, gostava de acompanhá-lo nos bares e eventos em que ele se apresentava com seus

instrumentos de sopro. Relata que, por causa do trabalho, era escasso o tempo que tinha com seus pais, e recorda:

> Ah, eu gostava que meu pai *levava* a gente no parquinho, que muitas vezes ele levava, a minha irmã também. A gente foi no circo uma vez. Mas outras coisas a gente fazia em casa; não tinha tempo pra sair mesmo. A gente brincava no fundo do quintal... não fazia muita coisa não.

Figura materna: enfatiza que a mãe é rigorosa e sempre disse muitos "não", descreve-a como não afetuosa e ora chata ora boazinha. O termo "boazinha" é associado a momentos em que a mãe fica "quietinha" – o que especifica como não conversar e não se aproximar. E discorre:

> Ela é brava, ela não gosta de atenção, ela nunca gostou, então... e a gente acostumou já com o jeitão dela... não dá pra definir como ela é... é o jeito dela ué, e a gente tem que entender os momentos dela, a hora que ela quer conversar, ela conversa, e a gente tem que ouvir, e a gente não pode [inaudível], eu já entendi isso... só concordar com o que ela fala, que senão ela briga. Eu já entendi esse jeito dela. Aí ela acalma, fica na dela, e depois ela vai e conversa de novo... normal. Tem *vez* que ela *tá* de bom humor, igual todo mundo, tem *vez* que ela tá brava (inaudível), mas eu já acostumei com o jeito dela, não pode contrariar, só isso. Tem que ser do jeito que ela quer, do jeito que ela gosta e pronto. Já me acostumei com isso, é o jeito . . . É o jeito dela gostar de alguém né, aquele negócio de muito carinho, muita frescurinha, ela não gosta também... isso não só quando *tá* com a gente. Ela não gosta. Acho que é o jeito dela, né... não gostar que chegue muito perto dela.

Figura paterna: ao contrário da mãe, este dizia frequentemente "sim" aos seus pedidos, sendo descrito como o oposto de sua mãe por ser liberal e afetuoso.

> Ah! Ele é, quero dizer, era né. Ele era totalmente o oposto dela, gostava de brincar, gostava de conversar com a gente. Tinha *vez* que a gente queria dormir, e ele *tava* conversando... ele chegava, conversava, queria que a gente soubesse das coisas que ele tinha feito, queria saber das coisas da gente... Acho que é por isso que eles se davam tão bem, era um o oposto do outro, então eles se completavam. Ela sente falta dele também, dele conversar com ela; apesar que ela não gostava dele conversar, *mais*... né... é o jeito dela, então... Eles se davam bem.

Percepções sobre a própria infância: refere que tentava balancear os "não" e os "sim" de seus pais e que muitas vezes era rebelde:

> Bem rebelde, minha mãe que o diga, coitada. Mas assim, não de xingar, de fazer coisa errada, assim, mas era bem chatinha . . . Ela falava que não podia fazer e eu fazia, depois eu me arrependia, pedia desculpa e voltava a ser o que era, eu continuava a ser boazinha do jeito que eu era. Não era ruindade assim... Era querer provar as coisas que não podia fazer, entendeu? Por que que não podia? Aí eu fazia, me arrependia, falava: 'agora eu sei porque que não pode'; mas eu tinha que experimentar primeiro pra depois ver o porquê que não

> podia, entendeu? Se ela falava: ‘Pega isso aqui’, eu falava: ‘Deixa quieto ali’. [inaudível]. Rebelde.

Percepção de si como mãe: relata ser uma mãe presente, que brinca, acompanha nas atividades escolares e auxilia os filhos a terem independência nas atividades diárias. Ressalta que não os deixa fazer muitas coisas sozinhos por compreender que seja perigoso ou que ainda não tenham idade adequada. Verbaliza compreender também quando os filhos estão agitados e que é paciente com eles. Mostra a eles que não podem brigar e que é preciso ter regras e responsabilidades.

Situações que desencadeiam agressões: fica nervosa quando se vê impossibilitada de fazer os trabalhos domésticos:

> Ah, tem *vez* que a gente tem que fazer serviço e eles não *deixa*. Eles ficam: ‘O mãe, mãe! O vó, vó!’. E a gente: ‘Fica aqui com a gente’. E os três não podem ficar sentados que começam a gritar. Se eles começam a ficar *nervoso*, eu já coloco os três, aí eles ficam quietinhos, mas quando a gente *tá* perto; quando a gente não *tá* perto eles pegam fogo. Minha mãe não gosta muito, aí eu falo pra eles: ‘Ó, respeita a vó’. De vez em quando eles *fica queto,* mas é...

Quando os filhos brigam entre si e não ficam quietos:

> Não, eu falo pra eles que eles podiam ficar um pouquinho *quieta,* mas eles não ficam. Um provoca o outro, o outro provoca o outro, mas é coisa de criança né, a gente pega e nem... aí depois a gente vai lá, conversa com eles, e eles fica *queto né*, nem... *num* ligo muito pra isso. Eu falo pra minha mãe: ‘não adiante brigar, deixa eles’. Daqui a pouco passa os cinco minutos deles, brincam com alguma coisa, brinca junto com o outro... *Tô* aprendendo a ser calma [riso].

Relata que bate com o chinelo quando os filhos não obedecem e ficam em situação de perigo:

> Só quando eles ficam correndo lá fora, porque lá tem um murinho e é perigoso eles caírem do outro lado, que tem um muro aqui e a casa da vizinha em baixo. Aí a gente pede pra eles saírem do muro e eles não saem, então eu pego o chinelo neles e mando eles pra dentro, aí eles ficam quietos lá dentro. De vez em quando precisa de uma chineladinha, senão não dá certo, não, eles não obedecem de jeito nenhum.

Percepção sobre violência contra a criança/adolescente: entende que *violência física* é “deixar marca” e que um tapa ou uma chinelada são formas de fazer com que os filhos aprendam: E, como consequência, menciona a obediência.

> Só pra eles aprenderem, minha mãe fazia isso com a gente também. Pelo menos a gente aprendeu alguma coisa.

Sobre *violência psicológica*, diz: “Ficar ofendendo, humilhar o que eles *tão* fazendo... Não *tá* nem aí pra opinião deles... deixar eles largados...”. Refere que esta última situação também configura *negligência*, mas não especifica.

TAT

As pranchas aplicadas, com as reações e as histórias na íntegra, constam no Apêndice C.

Prancha 1

Análise formal: apresenta dificuldade na identificação do estímulo, com distorção perceptiva (violino quebrado, brinquedo, arco e flecha).
Autoimagem: chateada
Relações objetais: não menciona
Concepção do ambiente: personagem indefinido (*alguém*) denota ausência de figura de apoio significativa
Necessidades e conflitos: necessidade de apoio e reparação; conflitos relacionados à culpa e destrutividade
Natureza das ansiedades: reparação
Principais defesas contra medos e conflitos: fantasia, onipotência
Adequação do superego: não menciona
Integração do ego: ego pouco integrado; defesas impossibilitam o acesso aos conflitos inconscientes e a elaboração de soluções adequadas à realidade.

Prancha 7MF

Análise formal: descreve os elementos principais do estímulo e elabora uma história coerente.
Autoimagem: chateada, brava

Relações objetais: pouca compreensão

Concepção do ambiente: impositivo

Necessidades e conflitos: necessidade de satisfazer seus desejos; conflitos com a figura materna

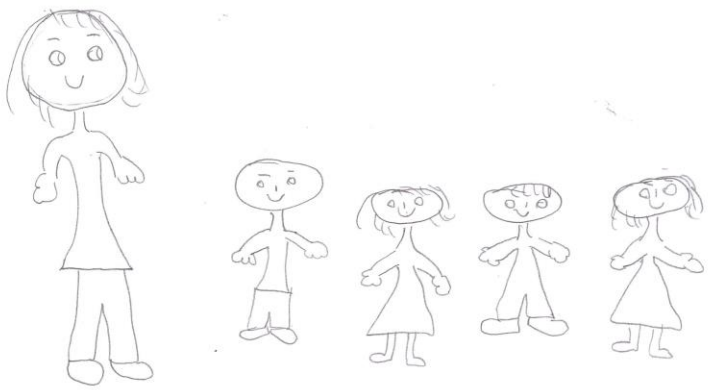
Natureza das ansiedades: agressividade

Principais defesas contra medos e conflitos: oposição, fuga da realidade

Adequação do superego: atuante

Integração do ego: ego tende a conciliar os próprios desejos às imposições do superego, denotando tendência incipiente à integração egoica.

DE-T – "Como é ser mãe hoje"



Comentários: "Meu Deus, coisa que não é pra mim é desenho... Eu não gosto de desenhar". Enquanto pegava o material, cantarolava: "Eu não sei desenhar". Enquanto desenhava disse: "A (nome da filha) é boa nisso. Eu sou péssima em desenho... *Tá* pior que desenho de quarta série". Ao término do desenho, comentou: "Ah, ser mãe é cuidar, ter atenção com as crianças, mas apesar de tudo tem que

saber educar também, porque se ficar muito boazinha eles não obedecem. E, depois passam cinco minutos, fica boa de volta. Tem que ter paciência, tendo paciência a gente consegue fazer alguma coisa".

Título: "Uma família feliz"

História: "Eu queria que eles todos fossem unidos, mas aqui a gente *tá* todo mundo junto, tá bom. Mas eles vão ser unidos, se Deus quiser, algum dia. E a gente *tá* brincando, conversando, todo mundo junto, e fomos passear. É isso".

Considerações sobre Samaritana

Samaritana sai de casa, sem rumo e sem destino, em busca do que lhe é desconhecido. Adota um estilo *hippie* de viver, desprezando o trabalho e o dinheiro e perscrutando a liberdade e a intimidade sexual. Vivencia a situação de rua, ao mesmo tempo em que se abriga em um mundo de paz, aconchego e prazer, proporcionado pelos efeitos alucinatórios das drogas. Samaritana não adentra o relato destas experiências, dizendo apenas que buscava conhecer pessoas e lugares diferentes, sair do "mundinho" da sua casa. Há declarações em prontuário de que desde criança tinha o hábito de sair de casa e, na adolescência, chegou a passar dias "desaparecida". Neste percurso, suas pegadas apontam para uma busca e revelam insatisfações.

Na entrevista, Samaritana conta que os pais trabalhavam demasiadamente e pouco tempo restava para estarem juntos, queixando-se, assim, das ausências materna e paterna, em virtude do trabalho e das tarefas do mundo adulto. Recorda que um dia o pai a levou ao circo e esta experiência, inusitada e encantadora, ressoava como um refúgio todas as vezes em que a realidade se impunha dura e rigidamente. O excesso de "não" que ouvia de sua mãe é, sobretudo, representado pela não presença e pelo colo, pelo abraço e pela atenção que esta não sabia ofertar. Contou em um atendimento que, ao se tornar mãe e se deparar com o "mau humor" de sua mãe, começou a sair de casa com as crianças em busca de uma praça, onde pudessem brincar de faz-de-conta, colorir e divertir as horas como se

estivessem em um circo. A fantasia e a onipotência são utilizadas para lidar com as faltas, falhas e frustrações, assim como com o brinquedo quebrado na prancha 1 do TAT, e com a mãe que não permite brincar na prancha 7MF. Como em uma mágica, o violino quebrado se conserta e o impasse entre a menina e sua mãe se desfaz.

Nas histórias do TAT, Samaritana expressa sentimentos de tristeza e de raiva. Na entrevista, evidencia-se que a necessidade de existir em um ambiente afetivo e compreensivo teve que lutar contra a realidade de um ambiente impositivo, no qual, não as suas, mas as necessidades de sua mãe urgiam por satisfação, conforme relata: “a hora que ela quer conversar, ela conversa, e a gente tem que ouvir . . . só concordar com o que ela fala, que senão ela briga”. A figura materna é caracterizada por uma presença rígida e impositiva, sem lugar para o afeto e o aconchego. Diante da tristeza e da raiva, é na fuga da realidade que sua existência é acalentada, seja no circo, nas drogas ou na busca incessante por um espaço acolhedor.

O retrato narcísico de sua mãe, porém, contrasta com a imagem mais acolhedora que descreve de seu pai. Com ele podia brincar, conversar e se sentir amada. O instrumento de sopro, o gosto pela arte e o senso de humor são partes que se confundem quando fala de seu pai e de si: “eu gosto de tudo que ele gostava”. Aos finais de semana o acompanhava nas apresentações musicais, causando repúdio na mãe que preferia que ela se dedicasse a um curso ou trabalho formais. O mecanismo de oposição parece entrar em cena quando o “não” materno interfere no desejo de estar com o pai. Porém, o “sim” proibido nunca é obtido e Samaritana se vê expulsa desta relação simbiótica e ilusória com o pai. Se, por um lado, os pais se diferenciavam, Samaritana refere que, por outro, eles se completavam, e a ela cabia se conformar com o “jeito” deles, sucumbindo, reprimindo e transformando a raiva em culpa e autodestrutividade. Como o brinquedo quebrado (prancha 1), suas ilusões primitivas são fraturadas.

Samaritana percorreu várias cidades e conheceu diversos homens, como se, na tentativa de encontrar um espaço e alguém que a compreendesse, pudesse se unir a um substituto paterno. Por coincidência, ou força da fantasia, encontrou Danilo, um trabalhador circense, com o qual pôde aquietar sua busca. Fixou moradia e experimentou um lar. Com a morte deste, o porto se perde e a busca é retomada nas ruas. Outros homens, outras drogas. Sem condições de maternar, Samaritana

perde a guarda dos filhos. Como o violino quebrado da prancha 1, novamente suas condições de maternar se mostraram fragilizadas, parecendo reeditar na vida dos filhos a própria infância negligenciada.

4.4 Participante 4 - Joquebede

Análise documental

Joquebede, 34 anos, nasceu no Estado da Paraíba e mudou-se para o interior de São Paulo aos vinte anos, quando Bruno, seu primeiro filho, tinha um ano, deixando-o sob os cuidados da avó materna. Além de trabalho, Joquebede constituiu uma família. Casou-se com Elton, 40 anos, com quem teve a Diana, hoje com seis anos. Ainda estava grávida desta quando sua mãe enviou uma carta dizendo que não haveria possibilidade de continuar cuidando do neto. A queixa era de desobediência e os relatos versavam sobre o tempo que ele passava nas ruas e os “trabalhos” que dava a avó, aparecendo com objetos que não lhe pertenciam, entre outros atos que fugiam ao seu controle. Bruno nunca teve contato com o pai, que apenas o registrou. E, diante das queixas apresentadas pela avó, aos sete anos, então, Bruno passou a conviver com sua mãe. Dois anos mais tarde, denúncias de maus tratos levaram à medida de acolhimento institucional de Bruno, como forma de protegê-lo das agressões físicas que constantemente eram perpetradas por Joquebede.

Aos técnicos que acompanharam a família nesta época, Joquebede relatou que batia no filho, mas logo se arrependia, descrevendo-se como “explosiva” (sic.). Também foi denunciada ao Conselho Tutelar por impor tarefas domésticas ao filho, obrigando-o à limpeza e organização da casa. Os registros de atendimento descrevem:

> Confirma que Bruno faz alguns serviços da casa, mas com a intenção de dar à criança responsabilidade, ele não deixa de fazer nada que é de acordo com sua idade para realizar os afazeres domésticos, entende que é uma forma de mantê-lo em casa, pois gosta muito de brincar na rua. Até um mês atrás sua vizinha tomava conta dele enquanto ela trabalhava, mas a mesma mudou-se e até o momento não encontrou ninguém que o fizesse.
> Quando indagada se o padrasto bate em Bruno, diz que não, e que muitas *vez*es ele fica bravo pela maneira que ela bate na criança (registro técnico).

Joquebede também relatou que quando o filho passou a residir com ela, a casa se tornou pequena para a nova composição familiar, sendo necessário iniciar a construção de um cômodo, que se tornou o quarto de Bruno ao retornar do acolhimento. A família foi acompanhada por alguns meses após o desacolhimento institucional, sendo que ambos iniciaram atendimento psicológico, e, não sendo evidentes novas situações de maus tratos, o caso foi arquivado.

Três anos após o arquivamento, Bruno já com 12 anos, um novo acompanhamento foi solicitado pelos órgãos de proteção à criança e ao adolescente, uma vez que este apresentava faltas injustificadas à escola, com sinais de negligência. Em relatório escolar, foi assinalado que “a mãe não comparece à escola e se mostra relapsa”. Em conversa com a técnica que iniciou novo acompanhamento socioassistencial, o adolescente relatou:

> Já cheguei a passar a noite fora de casa, minha mãe me expulsou... saí pra brincar e quando voltei pra casa ela pediu para eu voltar onde eu estava, então voltei pra casa do meu amigo e passei a noite lá, fiquei com medo de retornar pra casa.

Relatou também ter se escondido muitas vezes, com receio de “apanhar com fio” (sic). Joquebede verbalizou neste novo contato não saber o que fazer, pois “ora está tudo bem, ora Bruno sai e não volta para casa. Chega a dormir fora” (sic).

Quanto à relação mãe e filho, Joquebede declarou não se sentir vinculada ao filho, percebendo-se “sem afeto por ele” (sic). Relatou que o filho mudava de comportamento repentinamente, chegando a dar-lhe a impressão de um estranho dentro de sua casa. Fugas, furtos, mentiras e uso de substâncias psicoativas foram apontados por ela como comportamentos recorrentes e que a preocupavam por configurarem risco à vida de seu filho. Questionada sobre suas atitudes diante de tais riscos, especialmente diante das “fugas” de Bruno, relatou já ter procurado e tentado levar o filho para casa por diversas vezes e que, por ele correr e se esconder, se sentia cansada e sem condições de protegê-lo, dizendo “abrir mão” do filho.

Em uma das saídas de Bruno de casa, ele declarou não querer voltar e que iria residir com amigos. Por meio de relatos anônimos, foi localizado em uma submoradia, onde residiam quatro homens – descritos por vizinhos como “traficantes

e prostitutos” (sic). Após terem sido abordados pelo Conselho Tutelar, Bruno foi ameaçado e agredido fisicamente por estes homens, os quais o expulsaram do local referindo “não querer problemas” (sic). Diante da situação de vulnerabilidade, Bruno foi acolhido institucionalmente pela segunda vez. Um mês após o acolhimento, fugiu da instituição. Perambulou pelas ruas e pediu ajuda a uma comunidade terapêutica, dizendo não querer “dar trabalho” à sua mãe.

Entrevista

Ambiente de origem: Joquebede é a mais nova de sete irmãos e foi criada pela mãe e pelo pai, no interior do nordeste. Seus pais trabalhavam em plantações e ela ficava em casa cuidando dos sobrinhos. Recorda que teve uma educação rígida e baseada no bater:

> qualquer coisa, se não chegasse no horário era surra . . . sempre foi bem isso, se tivesse conversando com alguém e a gente passasse na frente e falasse com ela já era motivo de, a visita saiu já ia apanhar, era isso.

Aos quinze anos começou a namorar e aos dezessete engravidou. Sua mãe não gostava deste companheiro e dizia:

> Ah, você não dá valor, eu senti muita dor pra ter você, passei a dor da morte, quando você for mãe você vai ver o que que é ser mãe, pra aprender a dar razão pra mim.

Joquebede relata que quando engravidou não pôde contar com o companheiro nem com o acolhimento de sua mãe:

> Aí eu ficava na casa mais sozinha, porque ele ficava mais na casa com os pais dele. E minha mãe nem queria saber de mim, a minha família toda na verdade, pelo fato de eu ter ficado grávida . . . Na realidade eu era adolescente na época, tinha quinze anos, e ele já era bem mais velho que eu, ele era quase dez anos mais velho que eu, na época, e ele começou a mandar cartinha, foi meu primeiro namorado, veio, depois eu engravidei, que eu ganhei neném, eu vi que eu não queria mais, e não tinha jeito, só que ele me ameaçava, falando que se eu não ficasse com ele eu não ia ficar com mais ninguém, que matava eu e minha família, então... [interrompida pela filha que bateu à porta]. Então, foi aonde que ele foi preso, então eu achei melhor, arrumei um serviço, foi quando eu achei melhor sumir da vida dele. Aí sumi.

Figura materna: refere que sua mãe é uma pessoa rígida, que costumava bater se os filhos fizessem “arte” e não lhes permitia brincar:

> ela é bem rígida, bem rígida, ela falou e *tá* falado, a palavra dela não volta atrás . . . Ah, nada podia, nada podia. Ah, queria uma boneca; nunca tive uma boneca, nunca tive, e na verdade, hoje eu falo, qualquer coisa que meus filhos peçam, se eu tiver condições, eu vou lá e compro, acho que por eu nunca ter tido nada, até uma boneca de milho quando a gente arrancava pra brincar com ela a gente apanhava, porque era desperdício com a espiga de milho. Então é isso, ela era muito dura.

No que se refere à relação com sua mãe, diz não haver proximidade e nunca ter sido apegada a esta:

> Eu não sei se pelo fato de eu ter dado bastante trabalho quando eu era adolescente, eu acho que eu sou um pouquinho mais rejeitada, digamos assim, ela não tem um vínculo comigo.

Figura paterna: apesar de ter relatado inicialmente que foi criada pelos pais, especificou que estes se separaram quando ela tinha dez anos, sendo que a partir de então não teve mais contato com seu pai, exceto aos quinze anos:

> Última vez que eu conversei com ele eu tinha quinze anos, que foi quando eu comecei a namorar o pai do (filho). Ele veio dar ordem e eu falei que ele não tinha que se meter, daí ele falou que se eu continuasse namorando com ele, faria de conta que eu não era mais filha dele. Aí então nunca mais fiz questão.

Relata que o pai também era rígido e que a relação entre este e todos os filhos era baseada na obediência ou punição física. Verbaliza não ter lembranças da convivência com o pai.

Percepções sobre a própria infância: ao falar sobre esta fase de sua vida, relata ter sido uma criança rebelde, que fugia de casa:

> Sei lá, pra brincar, pra assistir tv na casa dos coleguinhas, na minha não tinha. Eu era fujona, eu era danada. Só que sempre voltava certinho pra casa. Eu ia e quando dava seis horas eu *tava* em casa . . . E depois que eu fui crescendo, a minha mãe casou com outro homem e ele comprou uma televisão, só que ele não deixava a gente assistir; se a gente ligava pra assistir um desenho, ele ia lá e desligava.

Com isso, sentia raiva. Também quando o padrasto batia em um de seus irmãos:

> Tudo era motivo, se ele mandasse ir num lugar fazer alguma coisa e demorasse dez minutos do horário marcado, ele já chegava batendo no meu irmão. Eu chegava e ele tinha batido nele. Eu acho que ele tinha birra, não sei. E eu ficava com raiva da minha mãe, porque ela deixava de ficar do lado do meu irmão pra ficar do lado dele. Eu não gostava, eu falava que ela tinha que ficar do lado do filho dela, não do lado do meu padrasto. Eu acho que por isso

> que eu sou mais assim com minha mãe. Eu falava que filho é do sangue, filho é pra toda a vida, homem não. E é isso que eu penso.

Percepção de si como mãe: expressa ser diferente de sua mãe ao dizer que busca, de acordo com suas condições, atender às necessidades dos filhos e comprar tudo que precisam e/ou pedem, uma vez que para ela isso era negado por sua mãe. Também se diferencia da mãe ao relatar que esta não defendia seu irmão das agressões do padrasto, sendo que ela jamais deixaria de defender seu filho:

> o (nome do filho), ele não é filho do (nome do companheiro), mas jamais que eu vou ficar do lado do (companheiro) e não ficar do lado do (filho). O (companheiro) bater no (filho) e eu não defender? Jamais! Eu costumo falar que eu posso tudo porque ele é meu filho, mas ninguém pode encostar a mão nele, ninguém pode xingar, ninguém pode falar mal, eu posso, os outros não. Ninguém vai encostar a mão. É meu. Sou bem isso, então, sei lá.

No entanto, ao ser questionada sobre a percepção que tem de si como mãe, diz:

> Destruída... eu falhei... falhei com meu filho. Meu filho não tinha que *tá* aí, ele tinha que *tá* comigo, ele não tinha que *tá* lá, ele tinha que *tá* comigo em casa, não lá. Então eu acho que eu falhei com ele. Eu acho que eu falhei com ele, eu só não sei onde, mas eu acredito que eu falhei com ele. Não sei se pelo fato de eu ter deixado ele muito sozinho, quando era criança, na época ainda era criança, não sei, não sei onde, mas eu sei que eu falhei muito, como mãe eu falhei com ele.

Ao mesmo tempo, expressa seus desejos:

> Tudo que eu mais quero é meu filho comigo, bem, que possa confiar em mim, que possa conversar comigo, que possa me contar os problemas dele, que eu possa ajudar ele a resolver, isso é o que eu mais quero . . . E é o que eu mais quero, ele comigo, eu não quero ele lá, eu não quero ele em nenhum lugar longe de mim, eu quero ele perto de mim, eu quero ele perto de mim. Eu quero olhar ele deitado, ainda que eu tenha que fechar a janela, pra ter ele ali, perto de mim, eu quero ele perto de mim, eu sou a família dele . . . Eu só queria entender o que que eu posso fazer pra isso acontecer.

Situações que desencadeiam agressões: relata que bateu pela primeira vez no filho quando este tinha nove anos (e estava morando com ela há dois anos), depois que o vizinho disse que ele “roubou” a bicicleta de outra criança.

> E aí quando eu cheguei pra dentro eu comecei a bater nele, peguei uma corda e bati, bati, bati . . . Só que hoje isso me vem na minha mente e eu me culpo muito, porque ele pedia, ele gritava pra *mim* parar de bater, mas eu não conseguia parar . . . Bater. Bater. Eu bati, nesse dia, eu te falo, não sei o que que aconteceu comigo, mas eu sai totalmente do controle. E como eu aprendi isso, eu aprendi isso com minha mãe, que era batendo, então eu aprendi com ela e levei isso com ele, e hoje eu não faço mais isso, e me arrependo, eu acho que se não tivesse acontecido também minha vida seria diferente com ele, mas infelizmente aconteceu.

E acrescenta que esta reação foi motivada por reclamações que ouvia frequentemente sobre seu filho:

> Muita reclamação no meu portão, muita, todo dia tinha alguém reclamando. Ah, que tacou pedra, ah, que pôs fogo, ah, que roubou, ah, que bateu. Muitas dessas coisas, sabe, e até hoje vai gente em casa falar que o (nome) roubou..

Percepção sobre violência contra a criança/adolescente: entende que *violência física* é bater, desde um tapa. No que se refere à *violência psicológica*, diz:

> Ah, eu acho que ficar xingando de burro, eu acho que atinge bastante, eu nunca fui de falar isso pra ele, vagabundo, acho que umas palavras assim que magoam. Vagabundo eu já xinguei ele. Essas coisas assim.

Sobre negligência, discorre sobre levar ao médico e à escola, o que ela afirma sempre ter feito, dizendo não ser negligente com seus filhos, mas salienta que errou ao levar o filho à escola e não buscar, o que o levava, muitas vezes, a não retornar para casa. E, como consequência das formas mencionadas de violência contra criança/adolescente, menciona:

> eu acho que causa um trauma na criança, pode levar ela a ficar tipo o meu filho... querer ficar longe de casa... preferir ficar com um estranho do que com a família... essas coisas.

TAT

As pranchas aplicadas, com as reações e as histórias na íntegra, constam no Apêndice C.

Prancha 1

Análise formal: descreve todos os elementos. Apresenta dificuldade para identificar o violino e elaborar uma história completa. Não há desfecho.
Autoimagem: sentimento de incapacidade, tristeza
Relações objetais: hostis
Concepção do ambiente: punitivo

Necessidades e conflitos: necessidade de apoio e conflitos com as figuras materna e paterna
Natureza das ansiedades: desamparo
Principais defesas contra medos e conflitos: introjeção
Adequação do superego: severo
Integração do ego: apresenta dificuldade na resolução de conflitos e na elaboração do desfecho, denotando fragilidade egoica.

Prancha 7MF

Análise formal: apesar de descrever todos os elementos, o enredo é pobre em detalhes.
Autoimagem: insatisfeita, rejeitada, desprezada
Relações objetais: hostis e de rejeição
Concepção do ambiente: impositivo, incapaz de compreensão e afeto
Necessidades e conflitos: necessidade de compreensão e afeto; conflitos com a figura materna
Natureza das ansiedades: desamparo
Principais defesas contra medos e conflitos: introjeção
Adequação do superego: severo
Integração do ego: dificuldade na resolução de conflitos; ego fragilizado.

DE –T – “Como é ser mãe hoje"

Comentários: “Um desenho? Eu vou fazer uns riscos, porque eu não sou boa...”.

Título: “Minha família”

História: “Uma família que tem tudo para ser feliz, mas fomos interrompidos pelo vício, que está destruindo o filho. Estou muito triste de não tê-lo ao meu lado todos os dias, mas jamais vou desistir de lutar por ele. Meu filho e minha filha são o meu bem maior. Amor para toda a vida”.

Considerações sobre Joquebede

A questão central na história pessoal e familiar de Joquebede parece estar relacionada à rejeição. Sente-se rejeitada e desprezada pela própria mãe. Relata que desde a infância não contava com a compreensão e o afeto de sua mãe, e atribui tal desprezo ao fato de ter se tornado mãe na adolescência, o que permite inferir que, ao se tornar mãe, Joquebede vivencia de modo acentuado estas experiências de rejeição. De fato, quando a criança nasce, Joquebede não pôde contar com o apoio de sua mãe nem com o pai de Bruno, e vê se cumprirem as

duras palavras ditas por aquela: que ao se tornar mãe sentiria a dor que a maternidade lhe causou.

Os conflitos com a figura materna se estendem à função materna com a qual se depara. A saída encontrada foi a fuga e o abandono. Entrega o filho aos cuidados da sua mãe – obrigando-a a segurá-lo no colo – e sai de casa, mudando de Estado, na expectativa de encontrar acolhimento. Se, por um lado, vinga-se da mãe devolvendo a esta a obrigação de maternar, por outro, abandona o próprio filho, fazendo-o sofrer a amarga rejeição que ela experimentara. Na prancha 7MF do TAT. Joquebede conta a história de uma mãe que não se importa com a filha e a obriga a segurar um bebê (irmão), desprezando-a e dedicando ao outro filho atenção e amor. Sua relação com o objeto primitivo é marcada pela hostilidade e rejeição, em um ambiente impositivo e incapaz de fornecer apoio, afeto e compreensão. O desamparo vivenciado é, assim, perpetrado ao próprio filho, deixando-o nos braços daquela que não teve braços para lhe acolher. E, como nas histórias do TAT, via-se sem ânimo para segurar o próprio filho (prancha 7MF) e incapaz de consertar os danos sofridos (prancha 1).

A cena em que é obrigada a segurar um bebê (prancha 7MF) remete à obrigação de cuidar dos sobrinhos quando criança. E, quando retoma o convívio com o filho, explicita a raiva que sentiu por não ter podido ser criança e brincar, impondo a este a responsabilidade pelas tarefas domésticas. Sua agressividade é então desmedidamente direcionada para Bruno. Bate, surra e sangra, até que o acolhimento institucional se imponha como medida de afastamento e rejeição. Joquebede se arrepende e constrói um quarto para receber de volta o filho; um espaço concreto que busca abrigar o subjetivo. A repetição, porém, não se encerra neste processo e assume a forma de negligência. A escola denuncia as faltas de Bruno e o descaso de Joquebede com a educação do filho. Deixa-o nas ruas e companhias estranhas; expulsa-o de casa e exclama “abrir mão” quando os comportamentos de Bruno expressam o terror que assombra uma vida sem amparo.

Assim, reproduz os maus tratos e perpetua a indiferença perpetrados por sua própria mãe, impondo ao corpo de Bruno as mesmas marcas de rejeição, alegando dificuldades para acolher e cuidar. Queixa-se de não ter sido cuidada como esperava, e de ter sido reservada a ela a pior parte da severidade que emanava de sua mãe. Na história do TAT, ao se referir à personagem menina, reclama: “Foi

obrigada pela mãe . . . Ela tá se sentindo rejeitada por a mãe *tá* dando mais atenção pro bebê e nada pra ela”. Esta mesma rejeição é reeditada quando Joquebede tem a segunda filha e declara seu amor e dedicação a esta em detrimento daquele outro filho que impactou nela o inexistente, a capacidade de amar e ser mãe.

5. DISCUSSÃO

Maria, Jezabel, Samaritana e Joquebede[1]. Na tradição judaico-cristã estes nomes remetem a personagens que, em diferentes momentos e contextos, encenaram qualidades ou defeitos que permeiam o imaginário da boa ou da má mulher-mãe em diversas sociedades. Maria, sem a mácula do pecado, do desamor e do egoísmo, é exemplo de pureza, harmonia, bondade, ternura e zelo. Em sua abertura à vida e à maternidade, renunciou a si mesma, sofrendo as angústias da separação e do aniquilamento, e, apesar da dor que lhe transpassou, deu à luz ao Filho envolto em amor.

Jezabel, por outro lado, rainha de Israel no século IX a.C., se apresenta dedicada ao lar e aos filhos, ao passo que, de fato, seus atos eram cruéis e visavam a manutenção do poder e a satisfação de seus prazeres. A ganância e a perversão são símbolos de sua personalidade. Já no século primeiro d. C., não há evidências de que a mulher da região da Samaria, chamada Samaritana, tenha tido filhos, e se os teve, é possível supor que não se devotara a eles, pois seus esforços estavam em encontrar um homem que a tornasse feliz e completamente satisfeita. Joquebede, por sua vez, remontando ao século XII a.C, ao ver a sobrevivência de seu filho, Moisés, ameaçada pelo decreto do faraó, abandonou-o, então, ao rio Nilo com o intuito de preservar-lhe a vida, ainda que isto lhe custasse perdê-lo.

As semelhanças entre estas personagens e as participantes desta pesquisa são relacionadas aos seguintes fatos: a dor que transpassou a Maria histórica foi em certa medida sentida pela Maria deste estudo ao ver sua mãe ao chão, apunhalada pelas costas pela figura paterna; as manipulações e crueldades praticadas por aquela Jezabel foram também denunciadas como práticas desta Jezabel; a busca por um relacionamento íntimo e primoroso é percorrida pelas duas Samaritanas; e, o abandono do filho recém-nascido marca a trajetória desta e daquela Joquebede. Apesar destes episódios que as assemelham, as intenções, os desdobramentos e as condições de vida as diferenciam, ratificando a pluralidade histórica, social e psicológica das mulheres e mães que são apresentadas. Maria, por exemplo, com o

---

[1] Os nomes são fictícios e foram extraídos de textos do Antigo e Novo Testamento, fazendo referência a personagens femininas que compõem a história do Cristianismo - presente em diversas sociedades.

Filho morto nos braços, foi capaz de maternar o discípulo de seu amado Filho e toda a Humanidade. Enquanto esta outra Maria, com a mãe morta aos seus pés, não pode ofertar a vitalidade dos cuidados maternos aos seus próprios filhos. Assim, as dificuldades para maternar são pensadas a partir do contexto social e familiar, enfocando os aspectos subjetivos e a percepção das participantes sobre as experiências que marcaram suas histórias.

Dentre os acontecimentos que marcaram e melindraram a vida das participantes, destacam-se: a perda e a ausência da figura materna (Maria, Jezabel e Samaritana), a indiferença e a rejeição (Jezabel, Samaritana e Joquebede) perpetradas por suas mães, a agressividade e a rigidez da figura paterna (Maria e Joquebede) ou sua ausência (Jezabel e Samaritana), a convivência com o alcoolismo (Maria e Jezabel) e a impossibilidade de brincar e vivenciar a própria infância (Maria, Jezabel, Samaritana e Joquebede).

Diante de tais experiências, foram percorridos os objetivos de analisar alguns aspectos da dinâmica psíquica das participantes. A partir de uma leitura kleiniana sobre o funcionamento mental, buscou-se discorrer sobre a qualidade das relações de objeto, a natureza das ansiedades e as principais defesas construídas pelo ego para lidar com as realidades interna e externa. Desde o nascimento, o ego incipiente cria mecanismos para proteger a vida contra o caos que a ameaça. Fome, sede, frio e calor, entre outras necessidades, dores e desejos, se apresentam de forma intensa e não podem ser supridos sem a presença de um outro que, ao se apresentar de modo mais ou menos satisfatório, delineia a ligação destes elementos somáticos à vida psíquica do bebê, transformando os aspectos sensoriais em experiências emocionais de prazer ou terror, denominadas fantasias inconscientes. É quando as pulsões são representadas em imagens e dotadas de sentido. Sendo as pulsões sempre dirigidas ao objeto capaz de satisfazê-las, e os limites eu-outro ainda não definidos, os objetos se transformam em “objetos internos”, constituindo a mente primitiva e as bases para pensar, sentir e se relacionar adiante (Cintra & Ribeiro, 2018a).

As relações iniciais das participantes foram permeadas pela hostilidade de suas figuras parentais, que não foram capazes de atender satisfatoriamente suas necessidades fisiológicas e afetivas. A experiência de não ter atendidas tais necessidades é uma experiência de horror para o bebê, que não pode distinguir os

limites do corpo, do tempo e do outro. A ausência, a agressão, o “não” ou a indiferença sofridas por Maria, Jezabel, Samaritana e Joquebede, não apenas intensificam, mas concretizam o ataque e a ameaça à existência. A reiteração destas experiências, em um ambiente frisado pela violência, prorrompe internamente o medo de ser aniquilado pelo objeto. A cisão prepondera a sobrevivência na medida em que separa e afasta os perigos externos, calcando para fora o próprio caos, em um movimento dinâmico de projeções e introjeções, que, ao mesmo tempo em que vai, retorna exasperadamente ameaçador. Assim, as relações iniciais se assemelham a uma luta na qual o lutador se funde ao adversário e os ataques empreendidos ferem e enfraquecem a si mesmo.

Na análise do TAT é possível identificar personagens preocupados, inseguros, deprimidos, revoltados e incapazes diante do cuidado a si e ao outro, evidenciando o ego fragilizado na luta contra os personagens maus, hostis e indiferentes. Os personagens fictícios são animados pelos representantes internos de seus objetos primários, os quais, atacados pela ausência de benevolência, incidem violentas represálias, privando as personagens daquilo que mais almejavam obter: a satisfação de seus desejos, apoio, compreensão e afeto. Desprovidas de forças e bons atributos, ao se depararem com a função materna e com a necessidade de ofertar aquilo que lhes foi golpeado na infância, sentem-se ameaçadas e travam uma batalha, atacando e rejeitando seus bebês, na tentativa de combate aos seus terroríficos objetos internos. Intermeados aos ataques, outros instrumentos são lançados para a sobrevivência. A fuga da realidade, a negação, a onipotência e a idealização são os principais mecanismos utilizados pelas participantes no enfrentamento à dura realidade imposta a elas.

A imagem que Maria apresenta de sua genitora é uma imagem preservada por qualidades maternas, como: provedora (“nunca deixou faltar nada pra gente”), dedicada (“tudo que tivesse ao alcance dela ela fazia”) e presente (“ela nunca foi uma pessoa de abandonar a gente”). E a avó, portadora destas mesmas qualidades, também transmitia “alegria e coisas boas”. Se por um lado tinha um algoz, representante das pulsões de morte e dos perigos externos, por outro, a pulsão de vida e a segurança estavam atreladas às figuras da mãe vitimada e da avó. Esta cisão tem a função de proteger o ego contra os ataques reais (pai agressor) e contra aqueles provenientes das experiências internas de medo e aniquilamento. Assim, de

um lado se tem o objeto mau e de outro, o objeto protetor, provedor e amoroso. Nenhuma maldade pode pertencer ao segundo e nenhuma bondade ao primeiro, uma vez que a permeabilidade, ou seja, o reconhecimento de falhas na capacidade protetiva do objeto bom, destruiria a frágil segurança baseada na idealização (Klein 1957/1991).

As falas de Jezabel também apontam para um intenso processo de cisão, em seu caso, sustentado na repulsa à figura materna e na idealização das figuras paternas (pai biológico e padrasto). A dor de não ter sido cuidada e acariciada pela mãe é vivenciada como uma injustiça. Se, por um lado, as mãos maternas lhe batiam, espancavam e despediam, e, por outro lado, estas mesmas mãos afagavam ao irmão e usufruíam todos os recursos que do pai emanavam, a hipótese mais arcaica era de que a mãe possuía, mas lhe recusava os bens e o amor. Klein (1957/1991) discorre sobre esta experiência ao conjecturar que o seio materno é o protótipo de toda bondade, cuidado, criatividade e fecundidade desejados pelo infante. O desejo intenso de obter este amor e riquezas que jorram do seio materno esbarra na concretude da árida escassez desta fonte imaginária. O ódio que deriva desta experiência de desprazer, sob o predomínio de impulsos sado-orais e sado-anais, atua em fantasias de ataque ao objeto, visando estragar, cortar em pedaços e depositar excrementos, a fim de destruir tudo que há de bom dentro dele.

Estes ataques invejosos são impulsionados pelo desejo de possuir e controlar o objeto imaginariamente bom e, ao se deparar com a insuficiência e impermanência do objeto, tende-se a destruí-lo para evitar a dependência em relação a ele. A dificuldade para tolerar a hostilidade e a inveja do objeto primário faz com que novos objetos sejam criados, de modo a eliminar o desconforto destas emoções negativas (Cintra & Ribeiro, 2018b) Assim, Jezabel se ampara na onipotência (“tudo isso eu fiz na minha vida, tudo isso eu tenho, *diproma*. Mas sabe como? Nunca dependendo de homem, nunca dependendo de família, batalhei”) e na idealização de seu pai (“O que eu não tive, em pouco tempo eu tive dele...”) e padrasto (“ele foi a pessoa que me defendeu muito, e hoje eu falo, assim, ele é meu pai, é um paizão, é uma pessoa maravilhosa”).

Estes objetos criados pela onipotência do bebê têm a função de proteger o ego das angústias provenientes das ameaças de ser atacado pelo objeto perseguidor interno. Quando o bebê dirige ao objeto externo seus impulsos libidinais

e sua esperança de satisfação, tem em si a imagem de um objeto bom capaz de atender e prover todas as suas necessidades, imediata e inesgotavelmente. Se a indisponibilidade, a ausência ou escassez se apresentam ao bebê, o objeto externo é abrupta e violentamente transformado em um objeto mau, do qual precisa se defender. Os ataques orais e anais, que visam destruir e aniquilar a fonte de desprazer e desamparo, são inexoravelmente vivenciados como ataques ao próprio ego; este, sem delimitação interna e externa, em um movimento constante de intojeções e projeções, se vê a mercê de seus perseguidores internos. Em meio à intensa angústia de ser aniquilado, a luta por sobreviver depende do resgate ao objeto bom inicialmente buscado. Assim, a saída onipotente é criar um objeto perfeito, infalível e sempre disponível, fonte inesgotável de amor, proteção e cuidado, que possa sobrepujar o objeto mau e perseguidor e habitar o mundo interno com as qualidades almejadas.

A ausência do pai e da mãe são apontadas por Samaritana como um imenso vazio em sua infância. A frieza de sua figura materna tornava o ambiente ainda mais inóspito, criando dentro de si um congelamento de emoções e pensamentos (“e a gente acostumou já com o jeitão dela”). Ao relatar a braveza e a dificuldade afetiva de sua mãe, refere que há momentos em que ela é “boazinha” (“é só não contrariar ela que ela fica quietinha, ela fica boazinha”). Este termo, carregado de bondade e condições de satisfação, é por Samaritana descrito como sinônimo de indiferença. Ou seja, o objeto inicialmente desejado é esvaziado, prevalecendo os atributos malévolos de frieza, braveza e indiferença. Sendo intolerável conviver com esta falta, Samaritana recorre aos atributos da figura paterna, na esperança de ter suas necessidades satisfeitas e experimentar a completude original e imaginária perdida. Cindi, por um lado, a mãe que só diz “não”, e por outro, o pai que diz “sim”, sabe conversar, brincar e afagar. Idealiza e se identifica com o pai, revelando em suas falas o desejo de estar com ele simbioticamente. Impedida pela interferência dos “nãos” de sua mãe, sai em busca de um substituto paterno.

A saída de Joquebede da casa materna também aponta para uma busca. A indisponibilidade de sua mãe e as agressões que esta perpetrava em seu corpo e mente, forjaram em si a impossibilidade de maternar e o desejo de encontrar em um novo lar as condições que lhe faltavam para ser acolhida e acolher. Joquebede deixa o filho recém-nascido com sua mãe, impondo a esta o dever de cuidar da

criança gerada em seu interior, interior marcado por recusas e ofensas. Concretizam-se as fantasias inconscientes de ataque ao corpo materno, despejando sobre o colo de sua mãe o fruto das ameaças e retaliações desta (“eu senti muita dor pra ter você, passei a dor da morte, quando você for mãe você vai ver...”). Sente-se rejeitada pela mãe; rejeita o próprio filho. Mais tarde, perpetra sobre este as dores que um dia foram perpetradas em seu corpo, batendo e surrando, como se os tapas pudessem destruir seus monstros psíquicos, agigantados pela maternidade. Diferentemente das demais participantes, Joquebede vivencia a dor do arrependimento, reconhecendo a si mesma na pele do filho. E, ao invés de combater os objetos que a aterrorizam, objetos de desprezo e maus tratos, estes se tornam ainda mais perseguidores, intensificando a culpa e a autodestrutividade:

> Eu bati, nesse dia, eu te falo, não sei o que que aconteceu comigo, mas eu sai totalmente do controle. E como eu aprendi isso, eu aprendi isso com minha mãe, que era batendo, então eu aprendi com ela e levei isso com ele, e hoje eu não faço mais isso, e me arrependo, eu acho que se não tivesse acontecido também minha vida seria diferente com ele, mas infelizmente aconteceu.

São dificultados, assim, seus esforços para reconstruir a vida fragmentada e reparar os danos causados ao filho:

> Tudo que eu mais quero é meu filho comigo, bem, que possa confiar em mim, que possa conversar comigo, que possa me contar os problemas dele, que eu possa ajudar ele a resolver, isso é o que eu mais quero . . . Eu sou a família dele, eu e eu. Então é isso que eu quero. Eu só queria entender o que que eu posso fazer pra isso acontecer.

A dificuldade apresentada pelas participantes para vivenciar os aspectos amorosos na relação com seus filhos é remontada à falta de experiências de cuidado e proteção com suas figuras parentais, especialmente com suas mães, com quem experimentaram a ameaça, a indisponibilidade, a ausência e a rejeição. Estas relações iniciais baseadas na hostilidade, são permeadas por ansiedades de aniquilamento e levam o ego a se ancorar na criação de imagens ideais e superprotetoras, tingidas pela onipotência, idealização e negação dos aspectos maléficos e violentos que permeiam a realidade externa e internamente. Desprovidas de bons objetos dentro de si, externalizam e atuam com a virulência dos objetos malévolos que se sustentam nas experiências arcaicas e na lembrança de suas histórias reais e reatualizadas, ao mesmo tempo em que buscam encontrar

os aspectos bons perdidos e contidos no interior de suas mães. A esperança de uma fonte capaz de saciar a sede de afeto, apoio e compreensão se volta para o encontro conjugal com seus objetos idealizados, como herois capazes de salvar princesas das garras do vilão.

Ao se tornarem mães, as participantes sentem agigantarem-se os seus vilões internos, tendo os próprios filhos como perseguidores capazes de usurpar o bem que, na voracidade de suas fantasias sádicas primitivas, imaginam ter roubado de suas mães. Ao se depararem com as mazelas e com o vazio materno que restou em si, o desprazer é desesperador e a dor é intolerável. A fim de inocentar o ego dos impulsos destrutivos dirigidos aos objetos primários e obter o prazer e o bem perdidos, criam-se objetos onipotentes e perfeitos, capazes de anular os efeitos maléficos do mundo real e fantasmático. Assim, as participantes negam os aspectos maus e destrutivos em si, negando as agressões físicas e verbais e as negligências perpetradas aos filhos, e criam imagens onipotentes de si mesmas, dotadas de bondade plena e inesgotável. A maternidade nunca antes experimentada é, assim, idealizada.

Com o tema *Como é ser mãe hoje*, as participantes esboçaram no DE-T o desejo de vivenciar uma maternidade diferente da qual vivenciam. Discorrem sobre a abertura para acolher e a disponibilidade para cuidar de seus filhos, protegendo, amando e educando-os com irrepreensível capacidade materna (Maria, Jezabel e Samaritana). O brincar e o estar junto são destacados por Maria e Samaritana como desejo de reparar possíveis danos e, para Jezabel, a união entre ela e os filhos é um desejo de viver o que não teve na infância e na adolescência, mas sente ser impossibilitada por interferências externas. Os desenhos de Jezabel, Samaritana e Joquebede mostram o vazio ao redor das figuras familiares, vazio este preenchido por elementos imaginariamente fraternos, como é possível observar no desenho de Maria e na história de Jezabel: “Então, como uma pétala numa flor, que ela é bem sensível, é manter o amor, o carinho, a simplicidade, a unidade, tudo ali, e nessa rosa eu não coloco espinho, porque eu não quero espinho, é, é manter isso o que eu quero e vou tentar ser pra meus filhos, todos”.

Conforme apontado por Gonçalves (2003), a percepção destas mães sobre a própria maternidade não condiz com a realidade de agressões e maus tratos relatados em seus prontuários socioassistenciais. Expressam sentimentos,

pensamentos e atitudes que as diferenciam de suas mães, representando a si mesmas como mães dedicadas e perfeitas. As participantes demonstraram reconhecer os efeitos negativos das diversas formas de violência contra crianças e adolescentes, no entanto, apresentam dificuldade para especificar a intensidade e a gravidade destes atos. Maria e Jezabel negam ter praticado qualquer agressão aos filhos. Samaritana conta que, apesar de ficar nervosa quando os filhos não a deixam fazer as atividades domésticas, quando brigam entre si e quando não ficam quietos, busca entendê-los e ter paciência com eles, recorrendo ao uso de tapas ou chineladas quando desobedecem e se colocam em situações de perigo. Joquebede, por sua vez, revela ter espancado o filho e se sentir arrependida, justificando ter perdido o controle ao ouvir diversas reclamações de seus vizinhos. As formas de violência psicológica e negligência foram mais omitidas que as agressões físicas, apesar de estas terem sido declaradas apenas parcialmente por duas participantes.

Assim, os resultados desta pesquisa apontam os mecanismos de negação, onipotência e idealização como recursos para lidar com os objetos terroríficos que povoaram a mente primitiva das participantes. As experiências reais e fantasmáticas de ameaça são remetidas às falhas na capacidade de proteção de suas figuras parentais, aos maus tratos físicos, psicológicos (e sexuais no caso de Jezabel), à rigidez no processo de educação, à convivência com alcoolismo e aos conflitos conjugais presentes desde suas infâncias. O funcionamento mental primitivo, ancorado na cisão destas experiências, revela sua força e atualidade no ataque aos objetos primários personificados em seus filhos e no esforço destas participantes para se livrarem do que é assustador e agressivo em si mesmas, as ansiedades arcaicas de aniquilamento.

Este movimento, que reitera o ciclo da violência intrafamiliar, alude às etapas pré-genitais descritas por Klein (1946/1991) como posições esquizo-paranoides, cujo predomínio de objetos persecutórios e mecanismos de cisão pode perdurar na vida adulta, uma vez que “ainda não existe a capacidade de cuidar e se preocupar com a outra pessoa, que nem é reconhecida em sua existência autônoma e separada” (Cintra, 2018, p. 40). Neste sentido, os filhos não são reconhecidos em suas necessidades, assim como as participantes referem não terem sido por suas mães. Os impulsos destrutivos presentes nestas relações se mostram intrincados àquelas relações primárias, uma vez que a relação da menina com sua mãe, pela

similaridade sexual entre elas, favorece o processo de identificação e a transmissão de experiências inconscientes de mães para filhas (Ribeiro, 2011). Na perspectiva de Winnicott (1960; 1962/1983), a figura materna precisa se identificar com as necessidades do bebê, se inclinar em um estado de devoção, para atender satisfatoriamente às suas necessidades e favorecer o seu desenvolvimento emocional, tornando-se capaz de reconhecer o outro, se preocupar e amar.

Por conseguinte, a atitude profissional dedicada a compreender o fenômeno da violência doméstica, as relações, a história e a psicodinâmica de quem agride, pode favorecer o pensamento sobre os atos, muitas vezes primitivos e impulsivos, reeditados na relação com os filhos. Assim, se pode chamar, a partir de Winnicott, de atitude profissional materna aquela que, ao acolher compreensivamente as partes que sofrem e perpetram as mais diversas formas de agressão e negligência, proporciona as condições para pensar, elaborar e modificar as relações familiares fundadas na violência. A capacidade de compreensão e apoio dos profissionais que se dispõem a atender situações de agressão, seja de mães que agridem seus filhos ou outras formas de violência no âmbito doméstico, pressupõe que sejam capazes de integrar as partes excindidas e mitigar os impulsos destrutivos em um cuidadoso trabalho de resgate ou criação dos aspectos bons e, assim, das possibilidades de amar e maternar, ausentes naquelas que perpetram agressões.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visou adentrar o fenômeno da violência intrafamiliar a partir da perspectiva de mães que agridem seus filhos. Agressões físicas, psicológicas e negligências foram perpetradas pelas quatro participantes. A fim de alçar uma compreensão sobre a gênese e as circunstâncias destes maus tratos, esquadrinhou-se o objetivo de analisar a história de vida e a psicodinâmica destas mães, em um recorte às suas experiências mais arcaicas com a figura materna. As entrevistas e os instrumentos projetivos apontaram para a existência precoce de situações de violência na vida destas participantes, tendo elas mesmas sofrido agressões, ameaças e ausências de suas figuras parentais.

Em um ambiente de origem marcado por situações de agressividade entre os cônjuges e destes para com os filhos, as participantes foram vítimas testemunhais e diretas de atos de violência e ameaça à existência desde o nascimento. A perda, a indiferença, a rigidez ou a rejeição de suas próprias mães, a rigidez ou a ausência de seus pais, a convivência com o alcoolismo e a impossibilidade de brincar e vivenciar satisfatoriamente a própria infância engendraram experiências primitivas de desprazer e terror, calcadas em relações de objeto hostis e na luta contra as ansiedades de aniquilamento decorrentes. Mecanismos de negação, onipotência e idealização surgem como defesas às ameaças externa e internamente experienciadas. Assim, duas participantes negam as agressões perpetradas aos filhos e outras duas as reconhecem parcialmente. Todas se apresentam como mães perfeitas, dedicadas e protetoras, negando os aspectos destrutivos, herdados de suas relações primárias e atualizados na relação com seus filhos.

A cisão entre os aspectos bons e maus se dá como uma forma de proteção e sobrevivência diante das experiências de insatisfação, as quais foram apontadas como recorrente e violentamente presentes em suas histórias. Assim, a predominância de aspectos esquizoparanoides dificulta a integração destas experiências e a reparação ao objeto, mantendo, de um lado, as imagos parentais terroríficas e, de outro, a idealização de si mesmas. O desejo das participantes de vivenciarem relações afetuosas e satisfatórias se revela na criação de herois, sejam parentais ou conjugais, assim como o desejo de estabelecer com os filhos relações

de confiança e cuidado se apresenta como uma saída onipotente para os sentimentos de vazio, incapacidade e a destrutividade experimentados.

Os resultados deste estudo contribuem para a ampliação do conhecimento sobre as variáveis que permeiam as situações de violência intrafamiliar, na medida em que elucidam a compreensão da dinâmica psíquica e das condições de vida de mães que agridem seus filhos. Corroboram a importância do ambiente para o desenvolvimento do ego e de relações de cuidado e proteção, apontando a provisão ambiental originária como responsável pelo desenvolvimento da capacidade de maternar.

Os casos abarcados, no entanto, não representam a totalidade de situações nem tampouco explicam a multiplicidade de fatores que engendram a prática de agressões de mães para filhos. Novos estudos podem elucidar outros fatores e apontar outras causas, além de aprofundar outros aspectos da história e da psicodinâmica destas mães. Tais empreendimentos científicos colaboram com a formação acadêmica e técnica de profissionais que atuam no contexto das violações de direitos, favorecendo a capacidade de compreensão e intervenções pautadas no atendimento integral às famílias que sofrem violências. O atendimento a mães que agridem seus filhos é, portanto, de crucial importância para o rompimento do ciclo da violência intrafamiliar.

REFERÊNCIAS[2]

Aiello-Vaisberg, T. M. (1997). Investigación de representaciones sociales. In: Trinca, W. (org.). *Formas de investigación clínica en psicologia* (pp. 255-288). São Paulo, SP: Vetor.

Alves-Mazzotti, A. J. (2006). Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*, *36* (129), 637-651.

Ariès, P. (2017). *História social da criança e da fam*ília. (2ª ed., D. Flaksman, trad.). Rio de Janeiro, RJ: LTC. (Trabalho original publicado em 1973).

Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. de A. (1988). *Pele de asno não é só história – um estudo sobre vitimização sexual de crianças e adolescentes em família*. Ed. Roca.

Azevedo, M. A., & Guerra, V. A. (1995). *A violência doméstica na Infância e na Adolescência*. São Paulo, SP: Robe.

Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. de A. (2000). *Infância e Violência Doméstica: fronteiras do conhecimento*. (3ª ed). São Paulo, SP: Cortez, pp. 9-79.

Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. de A. (1998). *Infância e Violência Fatal em Família*. São Paulo, SP: Iglu.

Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. de A. (2001). *Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo, SP: Iglu.

Azevedo, M. M., & Guerra, V. N. de A. (n.d.). *Violência doméstica contra crianças e adolescentes*. Disponível em: unicef.org.br. Acesso em: 19 de julho de 2015.

Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. (W. Dutra, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

Bakhtin, M. (2003). Metodologia das ciências humanas. In: _____. *Estética da criação verbal*. (4ª ed, pp. 393-410). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Bittar, D. B. (2010). *Violência intrafamiliar: um estudo com mães agressoras usuárias de álcool e drogas*. (Dissertação de Mestrado, 160f.). Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Bowlby, J. (2006). *Cuidados maternos e saúde mental*. (5 ª ed., Psicologia e pedagogia). São Paulo, SP: Martins Fontes.

[2] De acordo com o estilo APA (American Psychological Association).

Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado.

Brasil. (2010). Estatuto da Criança e do Adolescente. *Lei 8.069 de 13 de julho de 1990, e legislação correlata*. (9ª ed.). Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara.

Brasil. (1993). *Lei 12.425 de 7 de dezembro de 1993*. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências.

Brasil. (1997). Ministério da Saúde. *Violência contra a criança e o adolescente: proposta preliminar de prevenção e assistência à violência doméstica*. Brasília, DF: MS, SASA.

Brasil. (2006). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Especial de Direitos Humanos. *Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. Brasília, DF.

Brasil. (2011). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS*. Brasília, DF.

Brito, A. M. M., Zaneta, D. M. T., Mendonça, R. de C. V., Barison, S. Z. P., Andrade, V. A. G. (2005). Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10 (1): 143-149.

Cellard, A. (2008). *A análise documental*. In: Poupart, J., Deslauries, J-P., Groulx, L-H., Laperrière, A., Mayer, R., Pires, A. P. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos (pp. 295-316). Petrópolis, RJ: Vozes.

Cintra, E. M. de U. (2018). Breve panorama da obra de Melanie Klein. Pensar as feridas. In: Cintra, E. M. de U., & Ribeiro, M. F. R. *Por que Klein?*. São Paulo, SP: Zagodoni.

Cintra, E. M. de U., & Ribeiro, M. F. R. (2018a). A fantasia inconsciente: leituras atuais. In: _____. *Por que Klein?.* São Paulo, SP: Zagodoni.

Cintra, E. M. de U., & Ribeiro, M. F. R. (2018b). Inveja e gratidão: alguns apontamentos. In: _____. *Por que Klein?.* São Paulo, SP: Zagodoni.

Colacicco, M. A. M., Tardivo, L. S. P. C., & Paixão, R. A. P. (2013, novembro). Efeitos da violência doméstica na infância e adolescência no desenvolvimento. *Anais da XI Jornada Apoiar – Adolescência: identidade e sofrimento na clínica social.* Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 11.

Day, V. P., Telles, L. E. de B., Zorratto, P. H., Azambuja, M. R. F., Machado, D. A., Silveira, M. B., . . . Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 25*. Retirado de:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082003000400003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

De Antoni, C. (2012). *Abuso emocional parental contra crianças e adolescentes*. In: Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (et al). Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática (pp. 33-42). Porto Alegre, RS: Artmed.

De Antoni, C., & Koller, S. H. (2012). *Perfil da violência em famílias com história de abuso físico*. In: Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (et al). Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática (pp. 43-54). Porto Alegre, RS: Artmed.

Deslandes, S. (1994). Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: análise de um serviço. *Cadernos de Saúde Pública*, *10*, Rio de Janeiro, RJ.

Freud, S. (1996). Conferência XXIII. Feminilidade. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).

Freud, S. (1996). Esboço de Psicanálise. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1940 [1938]).

Gil, A. C. (2014). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6ª ed., pp. 49-59). São Paulo, SP: Atlas.

Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projeto de pesquisa*. (5ª ed., pp. 30-31, 65-69). São Paulo, SP: Atlas.

Gonçalves, M. J. (2003). Aumentar a resiliência de crianças vítimas de violência. *Análise Psicológica*, *21* (1), 23-30.

Guerra, V. (1985). *Violência de Pais Contra Filhos: Procuram-se Vítimas*. (2ª ed.). São Paulo, SP: Cortez.

Guerra, V. N. de A. (1998). *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada*. (3ª ed.). São Paulo, SP: Cortez.

Heywood, C. (2004). *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea do ocidente*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: _____. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (4ª ed., E. M. da Rocha, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1946).

Klein, M. (1991). Influências mútuas no desenvolvimento de ego e id. In: _____. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (4ª ed., E. M. da Rocha, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1952).

Klein, M. Inveja e Gratidão (1991). In:_____. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (4ª ed., E. M. da Rocha, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1957).

Lima, A. L. G. (2007). Maternidade Higiênica: natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil. *História: Questões & Debates*. Curitiba: UFPR, n. 47, pp. 95–122.

Longo, C. da S. (2014). *Bater educa? O que dizem crianças do Brasil*. Curitiba, PR: Appris.

Mayer, L. R., & Koller, S. H. (2012). Rede de apoio social e representação mental das relações de apego de crianças vítimas de violência doméstica. In: Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (et al). *Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática* (pp. 21-32). Porto Alegre, RS: Artmed.

Moura, S.M.S.R. de, & Araújo, M. de F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 24 (1), 44-55.

Murray, H. (2005). *TAT: Teste de Apercepção Temática* (Adaptação e padronização brasileira por Maria Cecília V. M. Silva, 3ª ed). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Pérez-Albéniz, A., Paúl, J.; Etxeberría, J., Montes, M. P., & Torres, E. (2003). Adaptación de Interpersonal Reactivity Index (IRI) al español. *Psicothema*, 15 (2), 267-272.

Pinheiro, S. M. A. S. (2005). Crianças e adolescentes vitimizados: rotina dos atendimentos. In: Shine, S. *Avaliação Psicológica e Lei: adoção, vitimização, separação conjugal, dano psíquico e outros temas.* São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Pinto Junior, A. A. (2014, Prefácio). In: Longo, C. da S. *Bater educa? O que dizem crianças do Brasil*. Curitiba, PR: Appris.

Pinto Junior, A. A., Silva, P. R. M. S., Santos, M. R., Fróis, N. M. R., Vieira, F. C., Albuquerque, F. G., . . . Tardivo, L. S. P. C. (2011). Agressores sexuais: educadores? In: Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. A. (orgs.). *Violência doméstica na infância e na adolescência: uma nova cultura de prevenção*. São Paulo, SP: Plêiade, *1*, 173-213.

Pinto Junior, A. A., & Tardivo, L. S. P. C. (2015a). Estudio del funcionamento psicodinamico de agresores sexuales con el Cuestionario Desiderativo. *Subjetividad y Processos Cognitivos*, *19*, 173-193.

Pinto Junior, A A., & Tardivo, L.S.LP.C. (2015b). Uma modalidade de violência indireta de pais contra filhos: caracterização e instrumento de avaliação. In: Tardivo, L. S. P.. C. *Anais da XIII Jornada Apoiar: Cuidado e Prevenção em Saúde Mental: Propostas E Pesquisas.* São Paulo, SP: IP/USP, 12.

Pinto Junior, A. A., & Tardivo, L. S. P. C. (2010). *IFVD: Inventário de frases no diagnóstico de violência doméstica contra crianças e adolescentes*. São Paulo, SP: Vetor.

Resende, D. K. (2017). Maternidade: uma construção histórica e social. *Pretextos: Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, *2* (4).

Resende, H. de. (2015, Prefácio). In: _____. Resende, H. (org.). *Michel Foucault – o governo da infância*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.

Santos, B. de S. (2010). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: _____. Meneses, M. P. (orgs.). *Epistemologias do Sul* (pp. 11-83). São Paulo, SP: Cortez.

Santos, E. P. da S. (2011). Desconstruindo a menoridade: a psicologia e a produção da categoria 'menor'. In: Gonçalves, H. S., & Brandão, E. P. (orgs.). *Psicologia Jurídica no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Nau.

Silva, L. L. da, Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. de. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição de violência física doméstica. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, *11* (21), Botucatu, SP.

Silva, M. C. de V. M., & Montagna, M. E. (2008). O teste de apercepção temática. In: Villemor-Amaral, A. E. de, & Werlang, B. S. G. (orgs.). *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica.* São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Simon, R. (1986). *Introdução à psicanálise: Melanie Klein*. São Paulo, SP: Epu.

Tardivo, L. S. P. C. (2007). *O adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje*. São Paulo, SP: Vetor.

Tardivo, L. S, P. C. O procedimento de desenhos-estórias (D-E) e seus derivados: fundamentação teórica, aplicações em clínica e pesquisas. (2008). In: Villemor-Amaral, A. E., & Werlang, B. S. G. (orgs.). *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica* (pp. 287-305). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Tironi, C. M. R., & Tardivo, L. S. P. C. (2013). A violência no contexto familiar: relações e transmissão intergeracional. In: Tardivo, L. S. P. C., & Vaisberg, T. M. J. A. (orgs.). *Anais da XI Jornada Apoiar: adolescência: identidade e sofrimento na clínica social* (pp. 228-240). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Trapé-Trinca, A. M. (2013). Desenvolvimentos do Procedimento de Desenhos-Estórias. In: Trinca, W. (org.). *Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões*. São Paulo, SP: Vetor.

Trinca, W. (org.). (2013). *Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões*. São Paulo, SP: Vetor.

Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista Saúde Pública*, *39* (3), 507-14.

Vagostello, L. (2007). *O emprego da técnica do desenho da pessoa na chuva: uma contribuição ao estudo psicológico de crianças vítimas de violência doméstica*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Vaisberg, T. M. A., & Granato, T. M. M. (2006). *Ser e Fazer na clínica winnicottiana da maternidade*. São Paulo, SP: Idéias & Letras.

Winnicott, D. W. *Os bebês e suas mães*. (4 ª ed). São Paulo, SP: Martins Fontes, 2012.

Winnicott, D. (2000). A preocupação materna primária. In: _____. Da *Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1956).

_____. (1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.* Porto Alegre, RS: Artmed. (Trabalho original publicado em 1960).

_____. Provisão para a criança na saúde e na crise (1983). In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.* Porto Alegre, RS: Artmed. (trabalho original publicado em 1962).

Yamamoto, O. H., & Oliveira, I. F. de. Política Social e Psicologia: Uma Trajetória de 25 Anos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *26* (n. especial), 9-24, 2010.

Apêndice A – Entrevista semiestruturada para mães sobre violência física, psicológica e negligência contra crianças

IDENTIFICAÇÃO

Participante: _____
Idade: _____
Escolaridade: _____
Profissão: _____
Estado civil: _____

COMPOSIÇÃO FAMILIAR

Filhos (sexo, idade e parentalidade):_____

Reside com: _____

HISTÓRICO PESSOAL E FAMILIAR

Família de origem:_____

Condições socioeconômicas e culturais da família de origem: _____

Posição entre irmãos: _____

Percepção de si na infância (aspectos da personalidade, atitudes, pensamentos, afetos e preferências): _____

Descrição da figura materna: _____

Descrição da figura paterna: _____

Relação com figuras parentais: _____

Acontecimentos relevantes: _____

RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA

Descrição da (s) criança (s): _____

Percepção de si como mãe: _____

Situações que desencadeiam agressões: _____

Motivações e resultados esperados: _____

O que entende como violência física e psicológica e quais as consequências para a criança: _____

Apêndice B – Transcrição das entrevistas

Entrevista – Participante 1 (P1)

Eu: Então vamos lá... Queria que você me falasse um pouquinho então sobre a sua família de origem, como que é onde que você nasceu, quem eram... qual era o contexto de onde você chegou ao mundo.

P1: Agora você pegou bem fundo, heim (riso). Porque, tipo assim, não é uma história agradável. Tudo que eu já passei e ainda tenho que enfrentar todas essas outras coisas do lado de cá, mas como que eu posso colocar pra você? Lá eu morava no (cidade do litoral), eu sou de lá, e o que que acontece, não sei se eu já comentei, né (...). Eu morava em (cidade), a minha mãe... o meu pai matou a minha mãe lá, então não tem tanta coisa pra falar, porque não tenho recordação nenhuma de lá. A única coisa que eu tenho na cabeça, que é real, e isso eu não vou esquecer nunca, que é a morte da minha mãe. Aquilo ali ficou, marcou, e não tem como apagar.

Eu: Você presenciou?

P2: Sim. Então é uma coisa que não tem como apagar, por mais que eu tente, e mesmo que eu cresci, e hoje sou mulher e tenho filho e tal, aquilo ali é uma coisa que ficou, uma marca que ficou e não tem como tirar. É mesma coisa que se eu tivesse vendo. Entendeu? Ele matando a minha mãe, a minha mãe caindo lá. Então é um negócio que ficou.

Eu: Você tem toda a cena na sua cabeça?

P1: Tenho. A minha irmã, a B., eu tenho uma irmã de criação, é casada também, graças a Deus, mora na (cidade), e... nesse decorrer todo, que nós vimos, tanto eu como ela, na hora X lá, ver matar, então a minha irmã ela ficou com uma sequela, um trauma que se diz, que é o certo *memo*, ela ficou traumatizada, ela entrou em choque. Só que eu não sei a idade da minha irmã, a minha também, só sei que aquilo ali ficou.

Eu: Ela é mais velha que você?

P1: Minha irmã é, minha irmã *tá* com vinte e... e eu *tô* com trinta e seis, minha irmã deve *tá*... minha irmã é dois anos mais velha do que eu, se eu não me engano... *tá* com, vai fazer, trinta e nove, alguma coisa assim... negócio de data assim, não sou de ficar guardando muito não. Então, a minha irmã, dessa situação que nós vimos, ela ficou pior, porque aí, minha mãe morreu lá, e nós vimos, aí a minha avó, J.., que é dona da casa onde eu *tô* morando hoje com meus filhos, é a mãe da minha mãe, da T., e o que acontece... a vó J. pegou, nesse... como que fala... nesse vento todo, ela trouxe a gente pra cá, e eu era uma criança, pelo que eu me lembro, que eu nunca gostava de ficar lá, eu não gostava da casa, do lugar que a gente morava, era uma vila, até vila (nome da vila), então nós moramos lá, nem sei quanto tempo nós moramos, e eu não gostava daquele lugar, e eu não gostava, tipo, do meu pai, eu não tinha aquele contato, eu via, a gente criança, não sei se é coisa da cabeça também, mas eu via maldade nele, por ele, tipo assim, *tá* judiando da minha mãe, porque ele bebia, e meu irmão R. também, que é meu, mas muda só o pai, é... ele, como que fala... era minha irmã, eu e o R.

Eu: O R. é mais novo que você?

P1: O R. é o mais velho se não me engano, é... Então, filho assim, filho, filho da minha mãe agora, real, só tem eu de sangue, porque a B. é de criação e o irmão, querendo ou não querendo também é de sangue, mataram ele, ali no (nome do bairro), então nesse, nessa bola de neve todinha, a minha avó trouxe a gente pra cá.

E como eu falava, quando nós vínhamos pra cá e a gente tinha que voltar, eu não queria ir, porque eu via aquela situação da minha mãe, só que eu não lembro a idade que eu tava lá, só sei que eu tenho isso gravado, que eu não gostava de lá, nem do meu pai, eu não gostava. Não sei se é porque eu via ele judiar, em todas as *gravidez* dela ele batia nela, ele bebia muito...

Eu: Ela perdeu?

P1: Ele batia e ela perdia, perdia. Minha mãe era pra ter o que, na faixa de dez filhos, onze... acho que era isso. Só que os filhos, não sei se tem registro também, só sei que toda gravidez dela, ela perdia.

Eu: Você acha que ele batia nela com a intenção de que ela perdesse a criança, ou que ele *tava* alcoolizado e... chegava a bater?

P1: Ah, eu acho que era por causa da bebida... tipo assim, minha mãe era uma morena muito bonita, não é porque era minha mãe, mas era minha mãe, bonita, cabelão preto, e trabalhava, ela era guerreira, heim, pelo que minha avó falava, eu *tô* contanto o que minha avó passou pra gente, entendeu? Como ela faleceu, então minha avó tomou a rédea pra cuidar de nós três né, de mim, da minha irmã e do meu irmão. Aí a... o que eu *tava* falando mesmo? É... E ele, como que fala, eu tenho por mim que seria por causa da bebida, e ele tinha ciúme, o negócio dele era ciúme. Minha mãe acho que trabalhava, cuidava da gente também, acho que não deixava a gente *sozinho*, ele tinha a minha *vó* pra tudo...

Eu: Sua mãe trabalhava com que?

P1: Em casa de família também, ela era doméstica.

Eu: Seu pai trabalhava?

P1: Meu pai? Se não me engano, a profissão dele era pintor. Eu não falo assim, detalhado, porque tem coisa que eles nem passaram, meus avós, então não tem como eu falar assim, fez isso e isso... porque a gente era pequenininho.

Eu: Você veio pra cá você tinha quantos anos?

P1: Eu tinha três... eu *tava*, no real, na verdade, eu vim pra cá eu *tava* com três *mês* de *nascido*. Pelo que minha avó falou, eu *tava* com três *mês*. Então dessa que a gente viu a minha mãe morrer, a gente deve *tá* numa faixa de uns sete, oito anos, eu acho.

Eu: Você veio, ficou com a sua avó, e depois você voltou pra casa da sua mãe?

P1: Sim, sim. Se não me engano, eu vim com três *mês* de *nascido* pra cá, porque, porque nesse decorrer o meu pai já judiava da minha mãe, então a minha avó, acho que ficou com medo dele fazer alguma coisa comigo e com meus irmãos, então minha avó pegou, tomou a rédea, a minha mãe deu, e criou nós aqui. Pelo que eu sei é isso aí. Mas ele tinha muito ciúme da minha mãe. E dava pra perceber nele assim, a ruindade, como que ele falava com ela... entendeu?

Eu: Você acabou ficando então pouco tempo com a sua mãe e com o seu pai?

P1: Sim, porque a minha avó não gostava de ir pra (nome da cidade)

Eu: Você ia nas férias...?

P1: É, porque eu ficava com a minha avó, né, eu ficava com a minha avó. Eu sempre ficava aqui, com a minha avó, com as minhas tias que cuidavam da gente. Então a minha avó, ela trabalhava em casa de família, ela sempre trabalhou. Até ela ir embora, que Deus levou, ela *tava* trabalhando em casa de família, ela sempre trabalhou... Deus recolheu, né. E nós *tamo* aí, né. E nós crescemos, ela deu estrutura pra gente, ela deu o que ela pôde dar no alcance dela, então... entendeu? *Cê* acha que se eu tivesse, se ela tivesse aqui agora, porque o meu avó (nome), esposo da minha avó, *cê* acha que *nóis* ia passar por essa prova toda? Ela *tava* comigo aqui, ó, lado a lado comigo. E muitas vezes faz falta. Muitas vezes, não! Faz falta! Tanto a minha mãe que eu tenho pouco, assim, de lembrar dela, que eu tenho poucas lembranças, mas o que eu foquei mais é a minha avó.

Eu: Como que você descreveria a sua mãe, pelo que você lembra, pelo que você sabe sobre ela?

P1: Ah, minha mãe... Minha mãe... eu não tenho nem o que falar da minha mãe. Minha mãe era a mãe, era a mulher, entendeu? Aquela ali era pau pra toda obra, como eu via ela. Então ela era uma pessoa, assim, que nunca deixou faltar nada pra gente também, tudo que tivesse ao alcance dela ela dava, ela fazia, só que a gente crescendo... ela nunca foi uma pessoa de abandonar a gente. Ah, porque vocês *tão* na casa da tua avó... nunca... ela lado a lado. Se ela podia vim aqui, ela vinha, podia não, ela vinha! Minha avó ia com a gente, quando dava, pra lá. Então era aquela coisa, ai, vou ficar sem ver as crianças por causa de... não! Minha avó ficava com a gente lá, muitas vezes, se tinha que vim, a gente vinha. Meu pai falava pra eu ficar e eu falava “eu não gosto de você”, eu falei pra ele, não sei, a gente via o meu pai, mas tinha uma coisa que não batia, por ele ser meu pai legítimo, mas eu não sei,

não tem como eu explicar pra você, mas o santo, como diz assim, o santo meu com o do meu pai, o gênero, aquela coisa não bate com o meu pai, não vai...

Eu: E como que é o seu pai?

P1: Ah, como que eu posso falar pra você? E pelo que a turma falava, um bicho preguiçoso. Então era tudo pela minha mãe. Ele não era aquela pessoa de falar “ele é o pai”, entendeu? Você se espelhar naquilo ali, porque o espelho ali mesmo foi a minha mãe e a minha avó... é o que a gente tem na nossa cabeça em mente até hoje, depois de grande, que *é* umas pessoas que *lutou*, a minha mãe e mais a minha avó porque fez, teve esse processo todinho de nos trazer pra cá. Se não fosse ela eu não *taria* aqui agora conversando com você, eu não teria, não tinha nem filho, não tinha uma estrutura que, assim, *vamo* dizer, como que eu posso colocar pra você, uma, como que eu digo, assim, de *tá* caminhando, sabe, com as minhas próprias pernas, tomando minhas próprias decisões, entendeu? Mas sempre foi a minha avó, entendeu?

Eu: Foi uma figura importante, né, de cuidado...

P1: Sim, com certeza, sempre. Aquela ali é pau pra toda obra, a minha avó, é uma pessoa que, tipo assim, não só pra gente, neto, mas com os próprios filhos. Ela, não tinha tempo ruim pra vó (nome). Se você queria achar a vó era a vó na rua, era negócio de Igreja, sempre foi uma pessoa companheira, ajudava em quermesse, em rifa, você não achava a minha avó em casa, você achava a minha mãe por aí, ó. “Ah, onde *tá* a vó (nome)?”, “A vó (nome) *tá* em tal lugar”. Era dessa forma. Então a gente sabia que todo mundo gostava da minha avó. Não tinha uma pessoa que não gostava do carisma dela, porque ela transmitia coisas boas. Foi uma mulher sofrida, sofreu muito na vida, assim como ela mesma já colocou pra nós, ela ralou pra caramba pra ter os filhos dela, mas, pela honra e glória de Deus, ela foi guerreira, e o que que aconteceu? Criou todos os netos. Fez... aí criou os netos... fez o enxoval das filhas, e hoje ela morreu, Deus não permitiu, Deus recolheu ela.

Eu: Ela teve quantos filhos? Quantos netos?

P1: Olha, a vó (nome), deixa eu ver, deixa eu contar aqui. É... tio (cita nomes) e a minha mãe. Três mulheres e cinco homens, não é isso? Se eu não me perdi é isso mesmo. Acho que esses aí *é* os filhos que ela teve.

Eu: E ela criou os netos de todos os filhos?

P1: Não, assim, de neto mesmo que ela criou fomos nós. Então cada um foi crescendo. Não que ela tava com os filhos por aí, ela *tava* com os filhos, com as filhas já encaminhados, entendeu?

Eu: Ela já *tava* com os filhos grandes quando...

P1: Sim, sim, minhas tias já *tavam*... com as suas vidas encaminhadas, casadas e tudo mais... aí só ficou eu, a (nome) e o (nome), só *ficou* nós três pra... pra acabar dela cuidar, vamos dizer assim, né. Mas, pela honra e glória de Deus, nós fomos crescendo, ela foi fazendo, foi ajudando...

Eu: Como que era a sua relação com a sua avó, no dia-a-dia, como que era a interação de vocês?

P1: Na parte de que?

Eu: Você disse que ela era bastante envolvida em atividades, né, ela trabalhava, ela ajudava na Igreja...

P1: Sim.

Eu: E como que era? Você acompanhava nas atividades, como que era o tempo seu com a sua avó?

P1: Ah, eu...

Eu: Era frequente, como que era?

P1: Não, era frequente, era frequente. Até pra trabalhar, nós *era pequeninho*, nós *era* com a idade certinha X, idade, vamos dizer assim, idade de escola, sete, oito anos, né, idade que eu e minha irmã, e meu irmão, então, no caso, o meu irmão já tinha o rumo dele certinho, escola e tralalá, só que, tipo assim, eu e a (nome da irmã), quando a minha avó tinha que trabalhar nas casas de famílias, ela tinha dez casas de família, mas eu a (nome da irmã) alí, ó, na reta com ela. Você, a turma falava, a dona (nome da avó), acordava três horas da manhã pra deixar café pronto, pra deixar a comida pronta... sabe aqueles avós antigos lá, que *faz* tudo, é bolo, é isso, é aquilo? Minha avó era dessa forma. Roupa era pendurada no varal... ela acordava cedo e fazia tudo isso. Aí dava o horário dela, sete horas, era sete horas, e tudo de ônibus, ela deixava a gente na escola, aí ela ia trabalhar, porque não tinha mais ninguém, até então só era ela e o vô (nome do avô), porque as meninas, minhas tias, já não *tavam* mais, então ela só tinha que cuidar de mim e dos meus irmãos, então ela pegava, acordava cedo, deixava a gente na escola e ia trabalhar, aí nós, quando chegava o horário certinho, ela ia buscar. E nós, tadinha, muitas

vezes ela voltava, e nós *caminhava* com ela. Então aonde que a vó (nome) *tava*, *tava* nós três, *tudo pequeno* ainda, assim, nas idades de seis, sete, oito anos, tudo atrás dela. Eu e a (nome da irmã) ajudava na limpeza da casa, do jeito que a gente podia, aí foi crescendo, crescendo e a gente foi continuando, ajudando ela, entendeu? Mas é uma pessoa que nunca, tivesse ou não tivesse, é uma pessoa que nunca soube falar "não", podia ser o mais tolo do mundo, pra ela, como muitas mães por aí, é o filho dela, sempre vai ser o filho dela, não tem como, e olha que tem filhos por aí, sem mãe saber, que misericórdia, né, que não tem como você, dependendo da situação, você ficar passando a mão na cabeça, entendeu? Mas a minha avó eu tenho ela como, nossa, não tem nem como, o que falar dela, é uma pessoa muito maravilhosa, muito... vou falar uma coisa pra você, se ela tivesse aqui agora... falta muito, faz falta pra caramba... as minhas tias mesmo falam... só que eu, particularmente, eu dormia com ela, então, o contato com a minha avó era imenso. E, tipo assim, vou falar uma coisa *pro cê*, a mãe do (ex-companheiro) é irmã da minha avó, entendeu? E quando eu tinha que ir pra casa da tia, porque de final de semana a minha avó não trabalhava, final de semana ela tirava pra andar com a gente, e tinha as irmãs dela lá em São Paulo também, aí a gente ia pra casa da tia (nome), que é mãe do (ex-companheiro), certo? Aí, quando, muitas vezes que a gente ia pra lá, que a tia (nome) vinha buscar a gente pra passear, e a gente ia pra lá também, então eu dormia com ela. Mas eu *tava* lá e eu não via a tia (nome), porque as duas são idênticas em tudo, que também é uma pessoa extraordinária, não tenho nem o que falar dela, ela é igualzinha a minha avó, na correria e em tudo, é uma pessoa guerreira, entendeu? Então, eu ia ali e eu não via a minha avó, eu via ela, dormia com ela também quando eu ia pra lá. Então uma vez ela pegou e falou: "(nome de P1)"... aí as meninas *pegou* e falou: "Mãe, a senhora tem que conversar com a (nome de P1)". "Por que?". "Mãe, Deus o livre e guarde, um dia a senhora vim faltar, a senhora vai fazer falta. Não só pra nós e pros seus netos, mas principalmente ela (P1)". A minha avó era tudo e eu focava tudo nela ali, eu via o mundo nela, eu dormia com ela, e as minhas tias falavam: "Mãe, a senhora tem que pegar e colocar a (nome de P1) pra dormir na caminha dela... não adiante a senhora pegar e deixar ela continuar dormindo com a senhora". Eu sofri, vou falar pra você que eu sofri com a morte dela, eu sofri pra caramba, foi difícil, entendeu? A pessoa tá ali... mas Deus... vou falar que nesse mundo a gente *tá* de passagem... aí a minha

tia falou: “*Cê* tem que conversar com a (nome de P1), não deixar ela dormir com a senhora, porque se a senhora faltar? Porque uma hora, um dia todo mundo vai, então a senhora tem que conversar com ela e tentar separar ela um pouquinho da senhora”, porque eu era muito apegada com a minha avó, muito, muito mesmo. Então a minha avó pra mim, ela era um espelho, então eu focava todas as coisas boas, as amizades que ela tinha, uma pessoa que ajudava todo mundo, podia tá *pelejando* ali... você não via ela ruim, se ela *tava* com doença, com os problemas dela, com o que tivesse, *cê num* via nada disso; ela foi uma outra mulher, ela passava energia boa, coisas boas, entendeu? É assim que eu via a minha avó.

Eu: E seu avô, como era?

P1: O vô (nome)? O vô (nome) não tem muito também o que falar dele, era um um vô maravilhoso também, em tudo, era uma pessoa que saia, a gente ia todo mundo junto, nunca deixou faltar nada, nem pra mim nem pros meus irmãos. Então toda minha caminhada eu fiz com ele também, era uma pessoa bastante participativa, vamos dizer assim, sabe, uma pessoa muito boa. Não sei se muita gente fala dele, se ele faz e o que ele faz, o que interessa é o que ele é pra mim, o que ele foi pra mim, então o que ele passava pra gente é o que a gente se espelhava nele também, uma pessoa excelente, não tem... até pro (nome do filho mais velho) e pra (filha mais velha), muitas vezes eu trabalhava e eu pedia pra ficar com eles... e nesse, aí, eu falei, vai chegar uma hora que não dá, eu tenho que trabalhar, pegava e ia pra creche com as crianças, aí deu, como é? Deu trombose com gangrena na perna dele, aí ele amputou a perna, aí ficou mais difícil. Só que meu vô, quando a gente ia pro hospital, ele carregava, “(nome de P1), cadê meus filhos?”, “O vô, na cadeira de rodas, pegou as crianças e levou”, eu falei: “como assim? Porque que ele não me ligou? Tinha que ter ligado na casa de família”, eu falei: “Porque que não me ligaram falando?”. Aí o tio (nome), que pegou e foi buscar eles lá em (nome da cidade), ele pegou e cataram os meninos, não deixaram ninguém, por causa que era a confiança; porque, tipo assim, se você deixa com a pessoa, você *tá* depositando uma alta confiança na pessoa pra cuidar das crianças, entendeu? E pra ele as crianças eram tudo, porque era mamadeira, era fralda, ele levava tudo dos meninos... só que aí o tio que foi buscar os meninos, só que aproveitou e já trouxe meu pai, porque foi com a ambulância, ele fazia, é... como que é o nome do negócio? Ele *tava* fazendo a tal da concessão da perna mecânica, que ele amputou

e ele ia colocar a perna, só que quando surgiu, que ele ganhou a concessão da perna, ele faleceu. Então... mas pela honra e glória de Deus, ele foi uma pessoa maravilhosa, não tenho o que falar do vô (nome). E cuidei dele e da vó (nome), como eu tinha que reestruturar, porque eu já tinha separado do pai (dos dois primeiros filhos), vim morar na casa dos meus pais (avós), eles me aceitaram de braços abertos e os meninos também, não tem o que falar deles...

Eu: A (nome) e o (nome) eram pequenos?

P1: Eram, a (nome) veio pra cá recém-nascida, eu morava no (nome do bairro) com o pai deles, só que como não deu certo, eu não queria o futuro da vida que meu marido levava... eu trabalhava em casa de família, não conhecia ninguém, eu levava os dois, aí ela falava que eu podia levar as crianças sem problema nenhum, e só tinha um menino, que eu não sei quantos anos tinha, o menino ia pra escola, eu colocava na perua, eu dava banho bonitinho e mandava pra escola, aí eu ficava com a menina, que era menos idade que a (nome da própria filha, na época recém-nascida) e ficava com a (nome da filha), com a menininha, que eu não lembro o nome dela agora, e o (nome do filho), porque ela deixava, entrou numa concordância ali dela deixar os meus filhos, porque com quem que eu ia deixar? Eu não conhecia ninguém. Aí fui, trabalhei, não sei quanto tempo que eu trabalhei lá, eu fiquei morando na minha sogra, só que chegou uma hora que eu falei “eu não quero isso pra mim”, porque o (nome do primeiro companheiro) ele saia e voltava de madrugada. Se tem uma mulher ali, por que que vai sair pra noitada? Por quê? Pra fazer safadeza? Eu falei “não, isso aqui não é a vida nem pra mim nem pros meus filhos”, aí eu catei, bati o pé e falei “eu vou embora pra (nome da cidade atual, na casa dos avós)”. E falei “Pai, tô voltando com o (nomes dos filhos), tem algum problema?”, e ele falou “Não, pode vim agora. Aí faz assim, eu vou ligar pro seu tio (nome)”, esse tio foi uma bênção, me ajudou muito, “eu vou ligar pro tio e o tio vai buscar você e os meninos agora”, aí eu peguei e trouxe os meninos pra cá, só que a (nome) era pequenininha, e ela foi crescendo, crescendo... e o que ela é o hoje, pra honra e glória de Deus. E aí a bonitinha aqui quebrou a cabeça novamente, vamos dizer assim, né, mas, como que eu ia esperar, né, eu falei pra você, a gente passou tanta coisa lá e pra mim isso foi uma lição, é onde que eu tenho que focar agora pra ajudar eles, e é isso tudo aí que eu *tô* passando agora, entendeu?

Eu: E o seu contato com o (nome do companheiro recente), já era desde a infância, então? Vocês eram primos, né, na verdade?

P1: Sim, sim, e por nós já sermos primos, eu já tinha um quê, assim, eu gostava muito dele, eu tinha um quê, como que eu posso dizer... mas eu já tinha uma, um contato legal com ele, ele me passava coisas boas, ali! Então aquilo ali foi crescendo, crescendo, e olha onde chegou, acabei tendo duas filhas com ele.

Eu: E o que eram essas coisas boas que ele te passava?

P1: Ah... assim, é... uma pessoa *trabalhador*, uma pessoa que não esperava as coisas *acontece*, entendeu? Ele fazia acontecer. Porque muitos falavam “Ah, eu vou fazer e tal”. Não. Ele tomava as próprias decisões dele, tinha um foco de cabeça mais elevado, vamos dizer, ele pensava em coisas mais altas, vamos dizer assim, de um futuro melhor, de um trabalho melhor, de ter casa, de ter alguma coisa dele, entendeu? Não depender dos outros. Era coisa que eu focava nele, não só comigo ali, mas ao redor dele. Foi ali que... tudo começou foi por ali, entendeu? Mas...

Eu: Como que ele te tratava?

P1: Ah, ele sempre me tratou bem, entendeu? Eu lembro que a gente sentava no sofá, ficava mexendo no cabelo dele, então aquilo ali foi crescendo... só, vamos dizer, foi crescendo um vínculo, vamos dizer, e foi crescendo, crescendo e foi expandindo até onde nós chegamos agora. E foi fechando, entendeu? Mas... é complicado, né. Muitas vezes a gente pensa por que aconteceu ali, se começou ver a situação daquela forma, e faz uma novela agora vindo de lá pra cá e chegar onde você chegou agora, então é... o negócio é meio estranho, você achar que é uma coisa, a pessoa te mostrar uma coisa, e você ir fundo naquilo ali, enquanto que na realidade você... ó que te provou, ó que te mostrou... Tem necessidade? Não.

Eu: Você coloca como uma desilusão, como se você tivesse depositado nele uma expectativa de que ele fosse um homem, um esposo, um pai...

P1: Sim, na minha cabeça foi isso.

Eu: Pensando, talvez, né, enquanto criança, talvez tivesse muitas expectativas em relação a ele, ou adolescente, mas como você se via quando criança ou adolescente? Como que você pode dizer que era a (nome de P1)?

P1: Aí você pegou, heim... como que eu posso falar pra você... Mas eu vou falar pra você, é tipo assim, eu pensava alto, vamos dizer, eu sonhava alto, coisas boas pra mim, que eu pudesse andar sozinha, tipo... é... como que eu posso falar pra você...

família, o meu foco era família, ah... primeiramente trabalhar e terminar os meus estudos, eu tava focada nisso aí e graças a Deus eu terminei, e na família, é, filhos, é dar um futuro, né, tentar passar, não sei como eu vou dizer, porque minha vida foi cheia de maremotos, e agora com meus filhos já grandinhos, o (nome) e a (nome) já adolescentes, muitas vezes eu me pergunto, assim, vendo como que é a (inaudível), porque eles não chegaram a conhecer os avós deles, muito pouco a avó (nome), como o avô (nome), o (nome do filho), tem assim, como eu posso dizer, os meus pais (nomes dos pais biológicos), eles não tem aquela concepção de como que eram os avós deles. Então, é meio bagunçado. E também tem a questão dos avós, que é o pai do (nome do avô paterno) e a mãe (nome da avó paterna) do (nome do pai dos dois primeiros filhos), então eles não têm muito aquela coisa de... *é* meus avós, fizeram, então eles não tem aquela concepção dos avós deles, né, é uma coisa meio perdida.

Eu: Eles não têm contato?

P1: Não, então, não, eu falo assim por cima o jeito deles, mas é aquele povo, sei lá... é meio, não vou dizer bruto, mas é o jeito, é um povo estranho. Assim, dos avós agora... não uns avós de geração e geração aí... mas *é* uns avós que *é* os avós de hoje, entendeu? Mas *é* uns avós de lá, bem longe, não sei como explicar pra você, é complicado. Então, os avós que, como que eu posso falar... vou falar que, *é* os avós deles, só que eles não têm aquele contato, aquele vínculo e harmonia com os avós deles, então tanto faz... o foco do (nome do filho) e da (nome da filha) é o vô (nome) e a vó (nome) (os quais a criaram), é onde que eles se espelharam aqui também, entendeu? Não foi lá... é isso que eu tenho pra falar pra você.

Eu: Entendi. E pensando um pouco a sua relação com as crianças, como que você descreveria cada um dos seus filhos? Como que você vê o (nome), a (nome), a (nome) e a (nome)?

P1: O (nome), vou começar pelo (nome), o (nome), não sei nem o que falar, mas nossa, o (nome) ele tem um cuidado especial, ele tem um ciúme tremendo de mim, é uma pessoa cuidadora, sabe, prestativa, o que você precisar dele, ele *tá* pra qualquer hora, sabe. Até eu trabalho isso na cabeça dele, eu falo “(nome), você é uma pessoa abençoada por Deus, vocês, os quatro, desde quando vocês estavam no meu ventre, vocês já são escolhidos de Deus, pra começo de conversa, entendeu? Então, a vida *tá* aí pra ensinar, o mundo *tá* de ponta cabeça, então o que

eu posso falar de você pra você, como que eu posso falar agora, você tem que focar, a saber, vamos dizer assim, separar, você já tem uma noção pela idade que você tem, o que é certo e o que é errado. Muitas vezes você tem que aprender a falar 'não', porque você tem o coração gigante, você não sabe falar 'não'. Deus o livre e guarde, a pessoa possa vim, é, com maldade, a gente sabe que tem – eu falando com ele -, maldade a gente sabe que tem, nesse amor grande, enorme que você tem de ajudar, de fazer, e que aconteça, Deus o livre e guarde, a pessoa pode apontar a arma pra você, então você tem que saber separar as coisas, ter uma visão, entendeu? Ter uma visão do mundo, como que o mundo é aí fora. (Inaudível) por o pé no chão, pisar firme, e não tocar em coisas erradas, jamais experimentar, porque você sabe que tem isso, nas escolas, em qualquer lugar tem isso daí, então é uma coisa que você tem que focar e você tem que ver se é isso que você quer pra tua vida". É assim que eu falo com ele. "Você tem, muitas vezes, que aprender a falar 'não' mesmo que te doa", porque o (nome) tem o coração enorme, se tiver precisando de um feijão ou de um arroz, minha filha, ele tira, ele leva, ele sai da casa dele e dá pra pessoa, ele não pensa duas vezes. É dessa forma que eu vejo o (nome). Então por isso que eu converso muito com ele. Eu falei: "Ó, você, é, eu só quero o melhor pra você, o que eu puder fazer por você eu vou fazer, entendeu? Vou correr atrás. Não vou matar nem vou roubar, mas o que eu puder dar pra vocês eu vou fazer, só que diante do que eu fizer, eu não vou cobrar você, só que a única coisa que eu tenho que focar é de instruir você que o mundo *tá* aí, e onde você deve pisar, entendeu?". É assim que eu falei pra ele, o (nome). Tem que saber separar amizade, porque muitas *amizade gera* uma amizade cruel, *cê* acaba se envolvendo em coisas que não era pra você, não é pra você *tá* naquela hora, naquele momento, muitas vezes a pessoa: "Ah, mas é meu amigo, pararaparara". Não! Não existe amigo, pode até existir um amigo, assim, sabe, mas no real, um amigo mesmo, isso não existe não. Não adianta vim com conversinha, lorotinha, *cê* vai e cai por causa dessa bondade sua, muitas vezes, eu falo pra ele, aprenda a falar 'não' na hora certa, você vai saber o momento de falar 'não'. Isso que eu falo pra ele, porque ele é muito bondoso, tem o coração gigante, gigante mesmo.

Eu: E as meninas?

P1: Então, a (nome), vou começar a falar dela e depois eu vou chegar nas piquititinhas. A (nome), hummm, ela é meu raio de sol, eu chamo ela de raio de sol,

é o apelido que eu dei pra ela, porque ela é uma bênção, sabe, foi, não por esse decorrer todo que a gente passou, mas é uma bênção. A (nome) ela é tudo pra mim, ela é uma pessoa que o que eu puder fazer por ela, e venho fazendo, né, já cresceu, e o que eu puder fazer, instruir, mostrar que o mundo tá aí, a mesma correria do (nome do filho), foca ela nesse mesmo trajeto, entendeu? Só que a (nome), não tem nem o que falar dela, ela é uma pessoa maravilhasa, não tem, assim, é uma pessoa excelente, ela tem uma carisma, ela tem um, uma coisa dela, meiga, sabe, um cuidado, ela tem um cuidado também comigo especial, sabe, de, de, ela é muito preocupada, ela é uma pessoa, tipo assim, preocupada: "Ah, mãe, você comeu?", me questiona, ela tem o contato de a gente conversar, ela fala "Mãe, a senhora já comeu?", porque eu falei pra ela que eu *tava* tendo problema de pressão alta, e ainda *tô*, fiz exame agora essa semana, e sai dia dezessete, aí ela fala "Mãe, a senhora comeu?", ela se preocupa comigo, e eu falei pra ela: "Filha, eu estou bem", eu falei pra ela, e ela pergunta: "Como que *tá* os meus irmãos? Eles *tão* bem?", ela pergunta. E o (nome do filho) também vai lá ver ela, só que quando ele não vai, porque quer dormir um pouquinho mais tarde, só que eu nunca deixo ele sozinho, e mesmo que ele não venha, ele fica na minha prima, porque se você vai dormir, você vai dormir lá em cima (na casa da prima), porque eu saio cedo, eu pego ele aqui sete e quinze... aí ela fica preocupada nessa parte, se eu *tô* comendo, se eu *tô* tomando os remédios direito, e eu falo pra ela: "(nome), eu tô ótima, e nunca se esquece, passe o que passar, eu tô com vocês. Vocês acham que só porque vocês tão aqui dentro que eu vou esquecer vocês? Vou deixar vocês a deus dará? Não! Eu sei tudo que acontece, tim tim por tim tim, tudo que me chamam, eu *tô* acompanhando tudo. Não pensem vocês, ah... porque falaram pra ela, questionaram lá dentro do abrigo que "Ah, sua mãe deixou você aqui, não vai mais ver você"... falaram isso pra ela.

Eu: Outra criança?

P1: Sim, outra criança falou isso pra ela... "Ah, sua mãe não vai vim mais". E a (nome da filha mais nova acolhida) chorou. Como tem criança maldosa. Eu falei: "Filha, fica em paz, eu *tô* lá fora, *tô* batalhando pra vocês voltarem, e diante do que eu *tô* fazendo, vai ter recompensa, e a recompensa vem de Deus. Só que pra isso, não escute o que os outros falam, porque você sabe que o inimigo, a gente é evangélico, pra honra e glória de Deus, sou evangélica, e eu falo, o inimigo ele sabe

usar de várias formas, eu coloquei assim pra ela, ele sabe e quando ele quer usar ele usa uma criança, ele usa, ele usa, de uma certa forma, ele usa, só que assim, você tem que focar na sua vitória de você sair e a (irmã) sair daqui, que vocês têm o tempo, tem o tempo de entrar e o tempo de sair, então não foca no que esse pessoal *tá* falando, ora por ela, entrega ela a Deus, que Deus vai cuidar, não dá ouvido não, você fica firme, porque eu *tô* firme lá fora, eu *tô* batalhando e vou, no que depender de mim, e vão, vocês vão voltar pra casa, só que não dê ouvido, entendeu? Foca na vitória de vocês, que é sair daqui, entendeu?". É o que eu falo pra ela, não dar ouvido não, porque criança fala, e talvez nem seja na maldade, entendeu? Porque tem criança que é abençoada, né, quando tem que falar, fala mesmo, e nem sabe se vai machucar a outra, e tiver que despejar, despeja, entendeu?

Eu: Talvez ela tenha falado com base no que ela tivesse vivenciando...

P1: Sim, e foi o que eu falei pra ela, não coloca na cabeça que eu não tô lutando por você aqui fora, você sabe tudo que tá no meu alcance, *tô* participando de tudo que *tão* me chamando, diante do meu alcance pra vocês, que vai direto em vocês, eu *tô* aí, *tô* na caminhada, eu falei pra ela, não se preocupa com nada, não. A preocupação dela é essa, entendeu? Mas é uma menina maravilhosa.

Eu: E o que te vem a falar sobre (nomes da duas filhas mais novas)?

P1: Ah, a (nome) é meu biru, meu biruzinho. A (nome de outra), como que eu falo dela.... eu não tenho assim, sabe, tanto um como outro, o que eu já falei dos dois já inclui... mas essa é geniosa... ela tá sentindo muita falta dos irmãos, ela fala: "Mãe, quando que eu vou ver os meus irmãos vão voltar?". Eu falo pra ela: "Calma, elas vão voltar, só que pra elas voltarem a gente tem orar, e Deus apresenta sempre a vida delas, e Deus já falou que *tá* no controle pra elas saírem já, porque o Senhor já falou na Igreja, Ele não é homem, mas ele usa os vasos dele lá, que, o Senhor falou dessa forma pra mim "Ó, serva minha, o que tiraram de tuas mãos – dessa forma - o que tiraram de tuas mãos *tô* eu trazendo, não te preocupes com nada. Chega de humilhação. *Tão* te humilhando? Os humilhados serão exaltados. Não se preocupa com nada não porque eu *tô* tomando conta de tudo, só aguarde, e falta só um pouquinho", falou dessa forma comigo. Quem que sabe do meu sofrimento a não ser Deus? Deus usa dos vasos dele da forma dele, eu creio no Senhor, eu creio que quem sabe das correrias, do que você faz, do que já passou, é Deus. Você não vai

sair falando da sua vida pra homem nenhum, tem que mostrar essa situação das meninas? Eu vou sair falando lá? Não. Deus me mostrou que *tá* caminhando comigo, *tá* tentando me ajudar a ver isso daí de outra forma, entendeu? Tentar resolver. Só que é o que eu falo pra você, aí ela pegou, ela chega assim e ela chora, fica chorando, meu piruzinho chorando, e eu falo: "(nome), vai sentir muita falta das suas irmãs, vai, claro que vai, mas você pega e dobra seus joelhinhos e ora, porque você é anjo, então você pode pedir pro Senhor pra suas irmãs *tá* voltando". Aí ela pega as bonecas e fica na cama da (nome), outra hora ela fica na cama da (nome), pega os bichinhos, porque a cama das meninas tem a beliche, aí a (nome) em cima e em baixo a (nome), aí ela fala que vai dormir na cama da irmã e ela vai lá e dorme, só que daqui a pouco ela pula, ela levanta, e no dia seguinte é tudo de novo. Ela mexe nas coisas das irmãs dela, fica vendo, arruma as coisas das irmãs dela... os quatro são muito organizados, têm os horários deles pra estudar, são bons alunos, sabe, é tudo certinho, bonitinho, pra cada um sabe a sua responsabilidade. Então, muitas vezes ela pega e fica mexendo nas coisas das irmãs, porque por mais que esteja arrumado, é difícil, eu vou falar pra você, tem finais de semana que, a minha vida deu uma viravolta danada, porque, tipo assim, na hora de almoçar, você almoçava com todo mundo junto, você descobria se elas *tavam* precisando de alguma coisa... então se tinha alguma coisa... a não ser a bênção também, né, porque a bênção (se referindo ao ex-companheiro) também conversava, no caso, com o (nome do filho), conversava com as meninas, com a (nome) que não é filha dele, com a (nome) também. Então você interagia, eu e ele, como pai e mãe, interagia com as crianças ali, se tinha alguma, se tivesse alguma coisa pra resolver a gente resolvia, entendeu? Então aqui ali pra (nome), pra ela aceitar que as irmãs ficam lá (no abrigo), ah, pra ela *tá* bem uma novela na cabeça dela, porque ela tinha aquele contato, ela brincava, dormia... tinha aquela coisa de irmão, querendo ou não querendo, porque irmão, "ó, isso aqui, não vai mexer", a (nome) pirraçava a (nome), ela deu peru em mim, ela tem um gênio muito forte, como que eu falo, ela, as coisas tem que ser do jeito dela e pra ontem. Eu falo "(nome), não é assim, tem que trabalhar esse jeito ai, eu falo pra ela, você *tá* muito danada". Eu percebi que depois que as meninas foram pra lá, *tá* muito danadinha, eu falo: "(nome), o que *tá* acontecendo com você?". Até na escola, segundo dia de aula, a professora: "Mãe, a

(nome) não para de conversar". Eu falei: "(nome)". Ai eu cheguei, porque eu assino a agenda dela, pra *tá* a par de tudo que tá acontecendo, eles colocam tudo na agenda.
Eu: Você acha que a (nome) ficou mais solta?
P1: Ela não *tá* solta, ela *tá* mais é, como que fala, ela *tá* achando que as coisas tem que acontecer do jeito, não sei se é solta que fala, mas ela acha que as coisas têm que acontecer do jeito, sempre assim, ó, rápido, do jeito dela, e ela *tá* muito, eu *tô* achando que ela *tá* muito... ai como que eu posso falar? Ela *tá* agitada demais, a (nome) *tá* agitada demais, eu não sei se ela *tá* tendo uma visão de tudo que *tá* acontecendo agora, a gente passando, de ela ficar fuçando as coisas das irmãs, ela até dá uma arrumada, ela arruma, ela mexe, mas ela arruma, ela cuida das coisas das irmãs dela, como se fossem dela, não que eu não vá lá, porque eu arrumo também, deixo tudo bonitinho, organizado.
Eu: Se a gente for pensar, é natural que ela fique agitada, porque tudo se agitou nesses últimos tempos...
P1: Foi, foi mesmo.
Eu: E a (nome) ela era uma menina muito retraída, né, ela pouco falava, e as vezes eu tenho a impressão que ela *tá* mais leve, que ela *tá* falando mais, mais espontânea...
P1: É, isso é verdade, ela fala...
Eu: Embora ela esteja com muita saudade das irmãs, talvez um pouco confusa com o que está acontecendo, mas vejo que tem um outro lado aí, que talvez tenha sido uma abertura pra (nome)...
P1: Ela é meu piruzinho, danadinha...
Eu: E a (nome)?
P1: Ah, a (nome) é minha *goduchinha*, minha gordinha. (Chora). É complicado... (chora). Desculpa, é que é difícil.
Eu: O que te emociona ao falar sobre a (nome)?
P1: É como eu falei pra você, não tenho o que falar assim, de que eles não fizeram, de que eles não têm cuidado, sabe, é os seus filhos, tem cuidado comigo, só que a (nome), não sei, eu fico toda hora me colocando, eu fico comigo, sabe, no meio dessa novela, do que já *tá* acontecendo com elas, e a (nome), como que eu posso falar pra você, ela é uma bênção, mas, como que eu posso falar... ela é... é complicado, muito complicado eu tentar, é... aceitar, vamos dizer assim, o que

aconteceu, diante do que ela presenciou, então pra mim, eu ver a minha filha, a minha filha, (nome), a pessoa (ex-companheiro) desrespeitou a integridade dela, e... que eu posso fazer? É onde eu me coloco, que que eu posso... num tem o que eu falar da (nome), o que eu posso fazer, por ela ser, ela é muito meiga, a (nome), ela tem uma coisa dela, um, como que fala, um chamado que nem eu entendo, entendeu? A *apegação*, aquele controle, o cuidado, então é o que eu vejo nela, só que é onde que questiono o porquê de situações que colocaram ela, *vamo* voltar um pouquinho, situações que ela podia ter, a pessoa podia ter, ter, é... como que eu posso falar pra você... não excluído, mas ter evitado ela passar, entendeu? E eu vejo ela e como que eu posso ajudar a minha filha? Nesse termo, porque a (nome) ela é muito boazinha, ela é uma pessoa maravilhosa, tem um coraçãozinho pequititico, mas diante de Deus é enorme, é aí que eu me coloco, por que que aconteceu dessa forma, por que que não pouparam a minha filha? Entendeu? É onde que eu me cobro muito, eu me cobro nessa parte aí, o que eu podia ter feito, no termo de *tá* ajudando ela agora ali, entendeu? O que aconteceu com ela, coisas que *aconteceu* e eu não vi, ou *tava* cega, não sei, mas é um negócio complicado, mas ela é uma pessoa maravilhosa, a (nome), sabe, ela tem um, ela tem um jeitinho tão tchuque tchuque, tão, sabe, tão gostoso, fofinho, carinhoso, então ela passa isso daí, entendeu? Ela é uma pessoa muito iluminada por Deus, a minha filha, não que os outros não sejam, mas comigo mesmo ela tem um, um... como que fala, um negócio ali, eu não sei como descrever... uma *pegação*, que quando junta, sabe, bate uma química entre mãe e filha ali, eu não sei como colocar isso daí, mas é uma coisa muito gostosa, não que eu não tenha com os outros, mas a (nome) requer aquilo ali, que eu tenha mais a, como que eu digo, uma ligação bem gostosa com ela, sabe, uma aproximação, de proteger, proteção, é isso que ela me passa, que ela precisa ser protegida. Não que meus outros filhos não, mas é o que eu vejo que ela tem uma necessidade, ela requer uma coisa, um carinho especial. E muitas vezes ela chega e até a (nome) fala: “Poxa a mãe não é só sua, a mãe é minha também”. Tem um ciúme ali. Então eu falei: “(nome), a mãe é de vocês quatro, o que eu *tô* fazendo com a (nome)”, aí eu pego a (nome) também, ponho no colo, ela fica emburrada, me olhando, tipo, porque a (nome) sim e eu não, não sei bem o que tem na cabeça dela, mas eu pego ela, ponho no colo e falo: “(nome), vem aqui”, e a gente joga bola, faz um monte de coisa, eu falo: ”tudo isso aqui que eu *tô* fazendo

com você, eu faço com seus irmãos". Aí quando a (nome) vem, muitas vezes ela *tá* meio amuadinha, conversa, mas *cê* sabe que tem alguma coisa ali... eu falei pra ela:"Filha, eu te amo, sabe que a mãe ama você"; "Mãe, eu amo a senhora também", só que sente que ela tem alguma coisa, ela esquisita, ela tenta, é, passar, sabe, eu sinto, assim, muitas vezes, que ela tem a necessidade dela muito grande, de sentar no meu colo, e eu chamo a (nome da outra filha) e ela fica de bicão com as outras crianças no cantinho, e eu falo: "Não, vem aqui, você não veio aqui pra ficar ali na parede, você veio, sei que não é fácil, mas você veio ver as suas irmãs", aí ela vem e senta, interage, e daqui a pouco a (nome) dá um tempinho lá que ela vê, aí vem a (nome) e eu colo elas no colo e as tias *vê* e *fala*: "Desse tamanho no colo, eita (nome), vai ser neném de novo". E a (nome) é aquela coisa, só que a (nome) entende, e ela dá aquele sinal assim, de olho, ai eu falo: "Cuida da (nome), cuida dela". Só que tipo assim, ela dá o sinal, falando que ela vai cuidar, que ela tem tipo, tipo não, ela tem um cuidado especial com a (nome), por ser mais velha e ela pequena, a (nome) sempre foi mais velha e cuidadora das meninas, só que a (nome), você põe ela no colo e você sente a necessidade, aquele negócio, que ela não quer te largar e chega na hora de ir embora é um terror, porque ela chora, chora, chora, eu converso bastante com ela, o que eu posso conversar, porque tem coisas ali que você não pode ficar perguntando, e também você não vai questionar por que isso, por que aquilo, no decorrer de tudo que elas *tão* passando, então eu interajo com ela, como? Eu conto da escola, porque elas têm muitos passeios, eles saem, então tudo pra eles, aí eu chego lá elas sentam no meu colo, mas eu sei que elas têm uma necessidade, assim, de um, um, alguma coisa além, a mais, que ela requer de mim, entendeu? Ai é onde que ela fica, brinco com ela, brinco com a (nome), pergunto tudo da escola, só que as meninas lá me avisam, me passam tudo o que acontece na escola, as notas da (nome) e da (nome), é...

Eu: Você não está participando das reuniões escolares?

P1: Não, isso daí, quem tá, assumiu agora foi a dona (nome da coordenadora do abrigo), porque parece que a dona (nome), coitada, tinha falecido, não sei se você *tá* sabendo, faleceu a mãe da dona (nome) e parece que ela se aposentou, foi um negócio assim...

Eu: Mas você pode participar das reuniões, né, porque você... apesar de as crianças não estarem sob a sua guarda nesse momento, você é mãe, e o processo é pra que as crianças retornem aos seus cuidados.

P1: Mas por que que me excluíram disso daí?

Eu: Então, isso é algo que pode partir de você também.

P1: Não, sim, mas só que tipo assim, eu coloquei isso aí pra (nome da técnica do abrigo), e ela falou assim, porque eu não sabia, eu nunca achei na minha vida que eu ia passar por esse processo, e eu falei: "(nome), como que eu faço, tipo assim, pra *mim tá* acompanhando? Porque sempre acompanhei as meninas em tudo, de escola, e tudo que interagia dentro da escola e tanto fora, se ia fazer trabalho, alguma coisa, eu *tô* ali ajudando a fazer trabalho, pesquisando, essas coisas, eu tô interagindo com eles. Só que aí a (nome) pegou e me colocou assim, que, eu não sei se é certo, não sei também como funciona, aí eu falei: "(nome), as meninas vão pra escola...", a (nome) *tava* na (nome da escola) e transferiram ela pro (escola), porque ficava longe e não sei o que, tinha que *tá* buscando e não sei o que, resumindo, aí eu falei: "Como que faz, como que, quando tiver reuniões, porque eu sempre participei de reuniões das meninas?", aí ela falou assim: "Não, dona (nome de P1), reuniões e tudo, tudo que acontece aqui dentro do abrigo a gente tem que passar pra senhora, só que no caso da reunião, médico, quem faz esse processo todo somos nós". Foi isso que ela colocou e eu *tô* seguindo isso daí. Agora, se pode ir em reunião, isso eu já não sei, porque quando tem reuniões, elas falam, uma das tias falou que eu não posso participar, e eu achei que podia, que não tinha nada a ver e eu tinha que *tá* perguntando, questionando o professor, como *vai* as minhas filhas, qual é o rendimento delas, a mesma coisa que eu fazia com todos eles antes delas irem pra lá, pro abrigo. Então, ela falou assim, que como as reuniões e tudo que fala a respeito delas, quem cuida dessa parte, que *tava* cuidando era a dona (nome), agora que ela se aposentou, quem *tá* cuidando dessa parte das meninas, de tudo que elas fazem ali, também do dia-a-dia delas, quem *tá* cuidando é a dona (nome), é ela quem participa. Se precisa de uma declaração, como no Bolsa Família que eu precisei, mas eu fui lá e a escola *tava* fechada, tava no nome da dona (nome) também, a dona (nome) que a responsável pela (nomes das filhas), agora que é a dona (nome), tudo que eu precisar, de declaração, alguma coisa de médico,

alguma, vamos dizer assim, caso precise, quem tem que pegar é a dona (nome), entendeu?

Eu: Eu vou entender melhor com a equipe do acolhimento como que eles estão fazendo lá e depois eu converso melhor com você sobre isso.

P1: Porque, tipo assim, a reunião, quando tem notas, ela questionar como que é o comportamento das meninas, aquela coisa de escola, quem interage são eles mesmos, porque coisa que eu fazia, então ela falou, deve ser a lei deles lá, vou colocar assim, porque eu não sei como chama, que funciona desse jeito, enquanto as crianças tiverem no abrigo, é o abrigo que assume tudo, não sei se é por escrito, se é todo um processo, entendeu? Eu acredito que seja alguma coisa assim.

Eu: eu vou conversar com a equipe e depois a gente retoma, tá? Agora só entendendo um pouquinho, a sua percepção enquanto mãe, como que você entende que você é como mãe?

P1: Como eu sou mãe? É, como fala, sou é... sou muito, pode parecer que eu sou *meia*, desse jeito assim, como você *tá* me vendo, no modo que eu *tô* falando com você aqui, do jeito que eu *tô* falando, “Ah, ela é...”, como eu digo, num tom de voz mais assim, muito palhaçona, então, como mãe, o que eu poderia, tipo assim, interagir ali, vou colocar assim, é, brincar, eu sou criança, não tem, pode ser o tamanho que for, do jeito que eu sou aqui, meio danadinha, mas é, agitada, porque eu gosto das coisas pra ontem, ultimamente a minha cabeça *tá* assim, o que eu tenho que resolver, eu tenho que correr, eu tenho que fazer, sabe, a preocupação, mesmo trabalhando tenho as preocupações com as crianças (inaudível), então a minha cabeça fica com as minhas filhas lá, porque tem os dias que eu ligo lá pra saber como que *tá* as meninas, então a (nome da técnica do abrigo) me autorizou de eu *tá* ligando pra (nome da filha) pra saber, não pra perguntar outras coisas, mas como elas estão, como foi... mas tem um dia da semana eu posso ligar e tem o caso das visitas também que a gente tem, e no dia das visitas é onde que eu tiro todas as dúvidas, vejo como que elas *tão*, elas falam do que elas fizeram... então é aquela coisa... mas agora voltando nessa parte de mãe, eu sou muito palhaça, assim, é, o que eu puder fazer, não, fazer eu faço, mas... eu me jogo. Tem mãe que é muito, é, como eu falo, ah, o filho *tá* brincando lá, “ah, deixa eles brincarem”... Não. Eu brinco junto, jogo bola, ando de bicicleta, então eu *tô* sempre interagindo com eles, com eles não tem tempo ruim, eu sou palhaçona, eu sou a mãe, pra chegar na hora que

tem que colocar os pingos nos ‘is’, aí sim, aí você tem que saber o que é o certo, a sua hora de entrar como mãe séria, entendeu? Colocar um limite.

Eu: E o que te mobiliza a essa mãe séria? O que seria e como que é esse colocar um limite?

P1: Ah, eu, tipo assim, colocar limite é, como que eu posso falar pra você, é tipo passar que tudo tem um limite, então você não pode ficar ultrapassando muitas coisas, muitas decisões, então você tem que bater e falar “é X, é X”, você vai, a criança *tá*, *vamo* dar o exemplo assim, *tá* pintando, *tá* bordando, vamo dizer assim, coisa errada, você vai passar a mão? Não, não, não, você tem a hora certa pra entrar, aí é onde entra a mãe, você tem que colocar o seu, como que fala, a sua autoridade pra, tipo, eles entenderem quem manda, quem faz e que faz acontecer, é a mãe.

Eu: Como que você impõe essa autoridade?

P1: Ai, nossa! Aí, tipo assim, é... agora você pegou, heim (risos)... é... a autoridade que eu me coloco é, tipo assim... é... como que eu posso colocar? É não fazer coisa errada, entendeu? Então *cê* tem que ter um limite, vou colocar assim, *vamo* colocar limite, porque não tem como você fazer uma coisa e achar que aquilo ali vai, vai, como que fala... vai... vai puxar coisas além, vamos dizer assim, como que eu posso falar pra você, *cê* tem que ter um limite pra tudo, tem que ter uma decisão pra resolver as coisas, então, como que eu digo... é um negócio meio estranho, é complicado.

Eu: Porque no dia-a-dia, né, alguns pais entendem que colocar limite é bater, ou é falar mais alto, é colocar um, é ameaçar... então, na prática, como que é esse limite? Há situações que te desestabilizam e acaba levando a, de repente, pegar de maneira mais firme ou algum tipo de tapa, de agressão, como que é isso?

P1: Não, não. No meu caso eu converso. Converso, converso e falo... mas tipo assim, quando tem o caso de eu me impor, *cê* sabe que tem necessidade, *cê* tem que ir a além, puxar um pouquinho pra eles entenderem, então, assim, eu converso, vou conversando, conversando e, como falo, como eu fazia com os quatro, colocava todos sentadinhos lá, não importa a idade que for, é isso, isso, isso, o que eu posso *tá ajudando*, *cê* tem que *tá passando*, o que eu falar aqui, é aqui, vocês não tem que “ah, eu vou fazer, eu vou fazer”, eu tiro isso pela (apelido da filha mais nova), a (nome) é, tipo assim, ela *tá* danadinha, e tem muitas decisões, tipo assim, que ela

me deixa maluca, tem hora que dá vontade dar um peteleco, dá mesmo, só que, tipo assim, não posso! Vem aquela hora, mas eu falo “Vamos conversar”, eu sento, falei: “(nome), você *tá* crescendo, você *tá* num, numa caminhada de *tá* se desenvolvendo, o mundo *tá* aí, filha, se você não der ouvido pro que eu, que sou sua mãe, *tô* passando pra você, como que você tem que ver as coisas, você é pequena, mas você tem que ter um limite, o que é certo e o que é errado. Você vai roubar, você vai mexer no que é dos outros? Não. Você tem necessidade disso? Não”. Entendeu? Só que o que ela faz... a (nome), muitas vezes você fala com ela e ela fica remedando você... “Que que é (nome)? O que você falou mesmo?”, “Ai, mãe, desculpa”, aí começa a chorar, “Não vou fazer mais”. Eu falei: “Onde você *tá* aprendendo certas coisas?”, porque, eu falei, a (nome) mudou, não sei, ela teve uma mudança grande, porque tem coisas que ela fala, não sei se ela vê primos falarem ou descobre na rua, se deixar descobre um monte de coisas, e tem situações que ela aprende e ela fala, então, é, eu falo: “(nome), é dessa forma que você quer pra você? É dessa forma que você trata? Não é desse jeito que eu quero um futuro pra você. Eu quero o melhor, sempre o melhor, além. Só que se você *tá* nesse caminho, tipo, sendo mal criada, sendo desobediente, eu falo as coisas com você, fica mostrando língua, (nome), você não fazia isso, eu não aceito, porque eu *tô* ensinado você a ver as coisas de um outro modo e ver certo, porque Deus o livre e guarde – foi o que falei pra ela ontem –, Deus o livre e guarde eu morrer – falei pra ela e pro (filho) -, Deus o livre e guarde eu morrer, o que vai ser de vocês? *Cê* acha que seu pai, sua avó, lá da China, vai vir aqui, vai passar a mão na tua cabeça, pãozinho com manteiga, na sua cabeça? Não, não. Eles não *vai tar* nem aí pra vocês. Então eu *tô* tentando passar, *tô* tentando que vocês enxerguem como que *é* as coisas, como que *tá* sendo, não *tá* sendo fácil... *é* as coisas caras, o que eu *tô* podendo fazer por vocês eu *tô* fazendo, só que vocês têm que dar valor no que vocês têm, não pode ficar reclamando do que tem”, porque a (nome) reclama muitas vezes... “Ah, eu não quero isso, ah não sei o que”, eu falei: “(nome), tem crianças que queriam ter o seu teto, apesar que aqui é simples, é nossa, é de família, mas é nossa, e tem criança que fica pegando coisa de lixo pra comer, resto de comida que muitos jogam coisas até fechadas, que *tá* perto de perder a validade, e jogam fora, eu falei, filha, pela honra e glória de Deus, agradeça, você tem que agradecer por cada coisinha que tá entrando dentro de casa. Você tem que entender, (nome), que as coisas não

funcionam, você *tá* vendo as coisas tudo errado, não é dessa forma, você tem que agradecer. Se tem ou não tem, amém, Deus proverá. Não é assim que Deus tem feito, tem suprido as nossas necessidades aqui dentro de casa? Tem faltado alguma coisa pra você? Eu tenho omitido alguma coisa pra um e pra outro? Eu falei: não! O que eu posso dar pra vocês é isso, e não aceito que você desfaça do que você é, tem dentro da sua casa, tem criança que queria ter o que você tem, ter a roupa...". Ela reclama da roupa, ela reclama da comida, ela *tá* desse jeito, *tá* reclamando, *tá* desse jeito. Eu falei: "(nome), você não pode pensar dessa forma, porque tem criança que *tá* além de você, piores, sabe, que não tem cobertor, não tem uma roupa, não tem uma cama pra deitar, filha". Aí eu falei pra ela que tem uma coisa, esses dias eu vi aqui na prefeitura; eu chego cinco e quarenta da manhã, quase cinco, esse é o primeiro ônibus que sai do (nome do bairro em que reside), e eu indo trabalhar, um rapaz deitado no chão, e você sabe que a temperatura tem sido muito gelada, né, e o rapaz deitado num colchão, com uma bolsa, um colchão, só Jesus, e um cobertorzinho. Eu falei, Senhor, ontem e hoje isso, eu falei: "Senhor, olha pra esse homem, Senhor". Tem necessidade? Cadê a família? Eu falei: "(nome), qualquer hora eu vou levar você ver, muitas vezes aqui em (cidade) você acha, tem gente dormindo na rua", eu vou falar pra ela: "Filha, é isso aqui, e você acha certo? Você tem um teto, você tem comida, você tem televisão, você tem as suas coisas, o que eu posso dar pra você, você tem". Entendeu? Eu falei pra ela: "Vai chegar uma hora que eu vou mostrar pra você como que é lá fora, você não tem a visão daqui do mundo aqui fora, você *tá* falando e tá fazendo coisas que não *tá* batendo", eu falei com ela desse jeito, "eu vou mostrar ainda pra você, pra você ter um rumo, uma, como que fala, uma, não vou dizer, não sei o nome que se coloca, assim, a diferença do que você tem com o que a pessoa *tá* necessitando". Eu vou mostrar isso pra ela e agradecer.

Eu: Existem várias formas de lidar com essa situação, ou de conduzir o processo de educação, e uma última questão, o que você entende por violência psicológica?

P1: Violência psicológica você fala, é, trabalhar em cima da situação, é, no modo que você tá colocando...

Eu: O que seria uma violência psicológica?

P1: É ser cobrada, não é não?

Eu: Ser cobrada?

P1: Eu acho que sim. É, não tenho certeza, né, mas pelo andar da carruagem, vamos colocar assim, acho que é ser cobrada, né, ou...

Eu: Você fala de pais que cobram coisas das crianças?

P1: É, porque tem muito disso, né. Mas eu vou falar dessa parte que eu falei pra você e... porque eu tenho que mostrar pra ela, tentar que ela enxergue, porque ela não *tá* dando valor no que ela tem. Então, ela tem, tipo criar tipo um choque de realidade pra ela entender que o que ela tem, muita gente queria ter e não tem, e ela tem que entender, só que na cabeça dela ela acha que as coisas têm que acontecer do jeito dela, que ela tem que responder, tem que pintar e bordar, e não é dessa forma, não é desse jeito que eu quero que ela veja, entendeu? Tenho que tentar mudar isso na cabeça dela, na mente dela, vamos dizer assim, só que tem que ter o meio certinho, né.

Eu: Depois a gente pode conversar também, em outro momento, sobre essa situação com a (nome), é... mas pensando no que a gente está falando aqui, uma última questão, sobre o lidar baseado na violência, existem alguns tipos de violência: violência física, violência psicológica, violência sexual e negligência. Pensando em violência psicológica, o que que seria agir de uma forma que é caracterizada como violência psicológica para você?

P1: Você *tá* me perguntando? Achei que você *tava* explicando (risos). Você quer que eu responda?

Eu: Sim. Então vamos começar por outra, violência física, o que você entende por violência física?

P1: Violência física?

Eu: Hum hum. O que é uma agressão física contra a criança?... Que tipo de coisa que é caracterizado violência física?... Um tapa é violência ou não é...

P1: Ou seria... tipo assim, vou dizer um exemplo, né, vou falar assim, não sei como colocar, mas tipo assim, a violência física, que você falou, é tipo ela passar por um, como eu posso dizer, colocar ela em risco, é isso? Isso aí faz tudo parte?

Eu: Se a criança, por exemplo, está mexendo com o fogão e não tem idade ainda, isso pode colocar em risco a integridade física dela, mas talvez seja uma negligência de colocar a criança conduzindo um fogo, mexendo com fogo...

P1: Não, isso daí é fora do normal uma mãe ou um pai permitir, que seja alguém da família, uma situação dessa, não tem nem como, né, aí é muita doideira mesmo.

Eu: Porque tem pessoas que entendem que violência física é espancar, e tem pessoas que entendem que uma chinelada é violência física. Como que você entende isso?

P1: Ah, eu acho que isso daí, sei lá, não sei nem como colocar um negócio desse. Mas eu acho que independente da violência, como você colocou aí, eu acho que isso não vai resolver muita coisa, acho que não vai resolver, por que o que você vai passar fazendo isso daí? Eu acho assim, vou falar um exemplo, tipo, você vai bater, vai resolver? Não vai resolver. Eu acho, por mim, tipo assim, um exemplo, que você fazendo, independente da situação, colocar a vida da criança em risco, até em casa mesmo, eles fazem, acidente doméstico acontece, a gente vê muito disso, *cê* tem que ser, além daquilo ali que *cê tá* vendo, *cê* tem que ser mais rápido que a criança, não vai omitir situações, *cê* tem que tentar resolver. Agora, *cê* vai dar uma chinelada, acha que vai resolver? Eu acho que ela só vai criar uma raiva de você. Então você é chata, você é isso e é aquilo. É isso que você vai receber. Eu acho que, sei lá, tem alguma ligação isso daí. Mas eu acho que *cê* num vai resolver. *Cê* tem que evitar, que conversar, mas, digo nos assuntos de casa, tem coisa que, fogão, *bujão*, tem coisa que não cabe pra uma criança, só se for mente franca e permitir uma situação dessa, só que na faixa do chinelo, do bumbum, isso daí não vai resolver, tem que dialogar, *cê* tem que tentar explicar... pra não deixar acontecer. Só que criança é um bicho complicado pra entender as coisas, tem hora que deixa você de cabelo branco, viu. É complicado. Eles querem falar mais alto, debater mais alto e se acha forte, é isso e é aquilo, mas não é assim. Eu vejo por aí.

Eu: O que seriam pais negligentes?

P1: Pais... o que *tá* aqui na minha cabeça é que negligente não dá o suporte necessário pra criança. Porque tem muitos aí que faz e acontece, e aí cê num vê, “ah, cadê meu filho?”. *Cê* num pode. Tem situações que *cê* que nunca vai acontecer com você, pode vim a acontecer, então acho que isso daí tem uma ligaçãozinha, eu acho, né, assim, entendeu? Porque tem muita coisa que pode *tá* a respeito disso daí, entra desse negócio aí. É complicado. Então *cê* tem que ter força e... e rédea. Acho que tem que ter rédea. Rédea é a palavra certa pra situação, entendeu?

Eu: E como que foi pra você responder a essas questões.

P1: É até bom, porque, é, como que fala, é como eu falei, eu acho que eu *tô* precisando mesmo de um psicólogo, tipo assim, sabe, tem muitas coisas que eu me

oprimo muito. Não vou falar pra você que eu não choro, eu choro. Ultimamente eu *tô* muito chorona, depois de tudo eu sou muito chorona, é na Igreja, nossa pra chorar... até no serviço, só por Deus. Só que muitas vezes... tem hora no meu almoço que eu dobro o joelho, apresento, falo: “Senhor, tira isso de mim, isso não pode me afetar, eu sei onde que as minhas filhas *tá*, o Senhor *tá* no controle”. Só que tem hora, tipo assim, o (nome) e a (nome) tão comigo, e elas tão bem tratadas, *tão* sendo cuidadas, só que, sabe, aquela coisa, vou te falar, tipo assim, *cê* vai, é... a hora de chegar em casa, menina, não *tá* sendo fácil não, porque vem aquela novela, *cê* chega, abre a porta de casa, *cê* vê e elas não *tão* lá, *cê* senta no sofá e olha pra um lado e olha pro outro e começa a chorar... mais eu choro, mais eu choro, não tenho vergonha de falar, choro mesmo... é como se você tivesse sozinha, *tá* entendendo? É como se *cê* tivesse sozinha (chora) e ninguém *tá* nem aí pra você, só que eu sei que eu tenho um Deus por mim e tenho pessoas que tão interagindo comigo em oração, pra me ajudar em oração, só que, pra mim, eu acho que *tô* sozinha, “Caramba, por quê?”, muitas vezes o Senhor me usa até pra entregar profecia, eu sou batizada e tudo mais na Igreja, mas eu falei: “Senhor, por que que eu tenho que fazer da forma... eu questiono com Deus, misericórdia... eu falei, Senhor, eu não sei o que que *tá* acontecendo com a minha cabeça, porque o Senhor manda fazer, manda entregar – porque se a gente, como diz assim, se é da Igreja acontece isso, porque tem pessoas que o Senhor me usou pra falar e aconteceu -, então eu falei: Senhor, e eu? Pelo tudo que eu *tô* passando...”. Aí eu choro muito, chegando em casa, sento no sofá e bate aquele... quando eu *tô* no serviço, *cê tá* falando de Deus, e tem uma amiga que trabalha lá, Deus preparou ela, uma excelente mulher, uma excelente pessoa... mas eu interajo bastante com ela, ela é mãe de quatro filhos também, é casada, graças a Deus, só que ela tem uma, uma história de vida, assim, que eu posso até me espelhar um pouco nela, pelo sofrimento que ela, as coisas que ela já passou, e ela sempre, ela passa pela prova? Passa, passa sim. Só que, tipo assim, não deixa faltar, nem ela nem o marido dela deixa faltar nada, só que *cê* sente que parece que quando o seu barco *tá* caindo, ela vem e sustenta a gente, uma palavra, um gesto, entendeu? Ela tem sempre algo assim, ó, do nada pra te falar, então *cê* sente que aquilo ali é um alívio no serviço, só que quando eu volto pra casa, eu... (telefone tocou) aí como eu *tava* falando, a hora que *tá* no serviço é tudo isso, *cê tá* falando, *tá* se mexendo, aí *cê* vai pra casa, eu mesmo... vem aquele

negócio, minhas filhas não *tá tudo* em casa, aí *cê* chega vai tomar banho, vai procurar fazer as coisas, aí *cê* olha, “Meu Deus, que que *tá* acontecendo? Cadê aquele, aquela energia que tinha aqui dentro? Cadê as meninas?” Você vê tudo vazio, eu me sinto vazia ali dentro, como se ninguém ligasse pra você, se tivesse num buraco ali e mais eu querendo me enfiar no buraco, só que eu não posso pensar dessa forma.

Entrevista – Participante 2 (P2)

Eu: Me fala um pouquinho então sobre a sua família de origem, onde você nasceu, qual era o contexto em que você chegou.
P2: É... bem dizer, eu não fui criada com pai e mãe. Minha mãe, bem dizer é... era mais a minha avó. Meu pai, meu pai verda... pai! Ah, é complicado, porque (inaudível) pouco tempo atrás que eu fiquei sabendo de muitas coisas, são revelações muito, assim, alegres, pesadas, tristes (inaudível). O atual marido da minha mãe, que depois de certo tempo que eu fiquei sabendo, não é o meu pai.
Eu: E você descobriu que ele não era o seu pai, você tinha quantos anos, mais ou menos?
P2: (risos) Eu *tava* com quarenta e sete, quarenta e seis, com quarenta e sete anos. São coisas que começaram *vim* à tona depois que pessoas começaram a ficar doentes na família, pessoas começaram a falar, mas desde pequena eu já sentia que tinha alguma coisa errada, porque assim, é... minha mãe veio pra São Paulo, minha avó, minha mãe, meus tios, alguns vieram pra São Paulo trabalhar.
Eu: E eles eram de onde?
P2: Eram do Sul. Minha avó era do Norte, depois minha avó foi pro Sul... e ficou com minha mãe pra lá, e minha mãe, assim, é...
Eu: Sua mãe nasceu no Sul?
P2: É, eu falo, é a (nome), né, minha mãe foi minha avó. E quando, o tempo que eu era pequena, eu lembro da infância, eu lembro da minha infância muito, de tudo, detalhes, tudo que eu passei, e a minha mãe era aquela pessoa assim... que ela queria viver a vida, então não era pros filhos. Minha mãe bebia muito, a minha mãe

fumava, minha mãe se alcoolizava, minha mãe se prostituía. E a minha avó ficou pouco tempo com a gente; eu lembro, pequena assim, aos cinco anos de idade, eu vejo a minha avó partindo num trem, antigamente o trem era maria fumaça, aqueles *trem*... e a minha avó ir embora e eu ficar com a minha mãe. E a partir do momento que a minha avó foi embora e que eu fiquei na rodoviária, a minha mãe já começava a gritar muito comigo, mas era só comigo, com meu irmão, não! Era eu! Tudo ela gritava, ela tapava a boca, ela puxava meu cabelo. Eu era uma menina que tinha o cabelo muito grande, e a minha mãe, tudo ela puxava o cabelo, tudo era bater, sabe, dando tapas pesados. E a... uma época, eu tinha que me esconder... eu me escondia, porque eu via minha mãe bebendo com um homem, e eu era aquela menina que eu tinha medo. Minha avó falava assim: 'A mãe *tá* bebendo, xingando, ela vai te bater, se esconde atrás de uma porta'. E antigamente *era aqueles casarão* antigos, eram fazendas antigas... então, com aquelas portas de madeira, grande, e a minha mãe sentava numa mesa, e a minha mãe começava a beber, daqui a pouco vinha um homem, minha mãe falava e era... era... eu lembro até a marca.. era *Continental* e *Arizona*, eram aqueles cigarros, antigamente, que eu lembro até hoje *as marca* do cigarro, *as pinga*, *as pinga* ela até tinha uma conchinha, assim, na garrafa, hoje não existe mais e... e quando eu já chegava eu já corria, aí a minha mãe ficava gritando, chamando eu: 'Vem aqui sua *bugra*, vem aqui sua *bugra*, minha mãe chamava eu de *bugra'*, porque minha avó é índia, e eu era uma *indinha*, eu era uma *indinha*, usava franjinha... eu tinha fotos antigas até a minha filha queimar... e a minha mãe ela falava assim, e com o meu irmão já era um carinho, e minha mãe me queimava de cigarro, entendeu?

Eu: Você tinha quantos irmãos?

P2: Só ele.

Eu: Vocês eram em dois.

P2: Isso.

Eu: E quem era mais velho?

P2: É ele.

Eu: Ele é quanto tempo mais velho que você?

P2: Ele *tá* com cinquenta e quatro agora, eu *tô* com quarenta e sete, com quarenta e nove, né. Ele *tá* com cinquenta e quatro anos, *tá* quase morrendo também, antes de ontem já avisaram que ele não *tá* bem de saúde. E aquela coisa assim, eu me sentia

já excluída da minha mãe. E aconteceram muitas coisas assim que eu falo... Eu protejo meu filho muito, seja de quem for... É a sua mãe deitar numa cama e pôr você do lado, e você pequena vê muita coisa... eu era pequena, uma menina pequena, onde se sentia é... um homem passar a mão em você... e você sentia que você machucava. Aí você fala: 'E o que sua mãe falava pra você?'. 'Hum, *num tá* acontecendo nada'.

Eu: Sua mãe colocava você deitada junto com outro homem ou ela não via isso acontecer?

P2: Ela nem... *tava* bêbada. Ela bebia muito, mas eu não ligo.

Eu: E esse homem geralmente era quem?

P2: Eram vários. E eu acabei me entregando a uma senhora, que morava nessa chácara e tinha muito dinheiro. Eu morava em (nome da cidade), e essa chácara era da dona (nome da pessoa), e hoje eu sou amiga da filha dela, a (nome), que *tá* na Inglaterra, e da (nome), que *tá* em Portugal, e a gente conversa até hoje, e lembraram de mim quando eu vi no *face*, eu procurei e... as vezes eu ficava fora da casa, era um canavial e tinha muito pé de manga, e quando eu via que ia acontecer isso, eu corria pro canavial, eu corria pros pés de café e ficava escondida, só pros homens não tocarem em mim... porque eu sentia, sabe, você é uma criança, mas você sente que é a mão de um homem que *tá* te machucando, você sente quando o homem *tá* aprontando em você e machuca você. Eu lembro até hoje, eram dois irmãos gêmeos, e direto eles *tavam* na casa da minha mãe.

Eu: Eles moravam lá perto?

P2: Eu não sabia, se eu falasse pra você que eu sabia, eu não sei. E eu tinha medo, e quando eu comecei, assim, conversar com a dona da chácara, a dona (nome), quando eu ia, e tinha uma cozinheira, dona (nome), era uma senhora muito de idade, e toda vez eu ia lá e ficava na porta da cozinha, e ela sempre conversava comigo, e ela falava que um dia ela ia entregar a minha mãe, e os patrões vinham final de semana pra chácara. Até quem morava na chácara antigamente era o falecido (nome de pessoa artística - A), a chácara do falecido A que fez o programa, era atrás dessa outra chácara, e tem uma chácara também que é da (nome de pessoa artística – B), que a que fez muita coisa, me ajudou muito também, e ela tinha raiva da minha mãe... até o dia que eu falei que eu ia denunciar a minha mãe, a minha mãe deu soda cáustica pra *mim* tomar.

P2: Você chegou a dizer pra sua mãe que iria denunciá-la?
P2: Que eu *ia* contar pro dono da fazenda. E tinha um rapaz, que era um capataz da fazenda, ele falava que uma hora ele iria matar a minha mãe, de tudo que a minha mãe fazia pra mim. Era um senhor, sabe. E antigamente eles andavam com a arma, cavalo, então eles cuidavam muito da fazenda lá. E um dia eu acabei... a minha avó chegou de viagem, a minha avó foi limpar a piscina, minha avó foi ajudar ela a limpar a piscina, e eu acabei contando pra minha avó... e... (chora) quando a minha avó foi falar com ela, ela me derrubou dentro da piscina, e a piscina *tava* seca, mas é escorregadia, e eu lembro que a minha avó bateu, fez uma cicatriz, e aquilo começou a sangrar, e ela falava que ela ia me matar. Aí o rapaz do lado socorreu a minha avó, que *tava* arrumando lá, socorreu a minha avó... e a minha avó acabou tendo uma briga muito feia com ela, e a minha avó falou assim: 'Olha, eu vou voltar pro Sul, vou vender a casa do Sul e vou voltar pra buscar você, e você vai ficar com seu irmão'. Mas esse não era meu irmão, era filho de uma tia minha que estava conosco, do norte, que veio, que chamava (nome), e ele ficou lá, e toda vez, a minha tia: 'Não faz isso, ela é pequena', e ele já era um rapaz mais desenvolvido, *essas turma nortista é* sempre *aqueles homens* mais (inaudível)... e ele tinha que buscar no jipe é, saco de, esses sacos de café pra pôr as coisas... e ele falou assim: 'Ó, eu vou sair, neguinha, daqui a pouco o tio volta'. Mas eu chamava ele de irmão, mas meu irmão eu nem podia conversar... meu irmão mesmo era do lado ali dela, mais do lado dela...
Eu: Desculpa te interromper, mas só pra eu entender, quando a sua avó foi conversar com a sua mãe, ela tomou uma posição que foi te tirar dali, e você foi morar então...?
P2: Não tinha como morar com a minha avó na época.
Eu: Você foi morar junto com esse seu...
P2: Era na mesma casa mesmo, na mesma casa. Só que aí eu contei pra minha avó o que ela *tava* fazendo e a minha avó falou assim que ia voltar pro Sul, pra vender a casa do Sul, pra vim pra (nome da cidade em que moravam no interior de São Paulo) e comprar uma casa no interior. A minha avó trabalhava há muitos anos de lavadeira lá no interior; muita gente antiga, muita gente ia à procura dela; minha avó lavava, antigamente com aqueles ferros, minha avó engomava, passava, eu era pequenininha e via minha avó fazendo tudo aquilo, minha avó costurava naquelas

máquinas antigas, fazia roupa, arrumava as roupas da mulheres... eu falo assim, que foi tipo assim, uma coisa assim que eu, eu lembro, tipo... eu até assisti uma novela há muitos anos, era tipo uma A Escrava Isaura, minha vida foi quase sempre... e a minha avó foi... esse meu primo, que eu considerava como... que ele veio com a minha avó, minha tia também veio do norte pro interior de São Paulo... e ele brigava com a minha mãe... mas ela continuava bebendo, brigando... não vai ter jeito, vou ter que continuar a minha vida. Eu lembro, ele saiu e eu peguei, fui dar uma volta, brincar num pés de manga que tinha e de repente eu vi aquele homem chegando na casa, e a minha mãe já tinha bebido assim de... aí, antigamente, a casa era aqui assim, sabe, uma casa antiga, e do lado de fora, beirando, sabe aqueles banheiros, que não eram feitos de cimento, tinha que abaixar, era tudo ali, e eu peguei, fui pro banheiro, e quando eu *tava* no banheiro fazendo xixi, esse homem empurrou a porta... e esse homem me segurou, sabe, você sentir que parece que vai morrer com a pessoa... eu era tão pequena, que eu achava que ele ia me jogar dentro daquele negócio ali, vaso, ele já ia me jogar ali, não era vaso, era fossa. Eu não sei, eu falo que meu primo foi o anjo da minha vida, meu primo chegou e grudou esse homem e eles saíram numa briga, sabe, no cafezal, correndo com eles *facão* antigo, uma foice, saiu atrás, e ela gritando: 'Não, essa menina *tá* mentindo, *tá* mentindo', e comecei a chorar. Quando foi à noite, o dono da fazenda já intimou e mandou minha mãe embora, e falou que ela não ia levar eu. Aí eu sei que ficaram lá, e eu lembro que o meu primo sentado e meu irmão, dava pra ver assim que tinha a parte da casa, e lá no fundo a gente via aquela luz, ele falando com minha mãe, falando com minha mãe lá, discutiam feio (inaudível). Ela chegou e falou: 'Você vai ver, você vai ver, você não vai ficar comigo'. E ela falou pro meu primo assim: 'Você vai de volta pro Sul, e vai lá falar pra dona (nome da avó) pra não vir, que ela só vai ter dor de cabeça'. E meu primo foi no outro dia de manhã, fez uma malinha, voltou pro Sul.

Eu: Quem falou isso:

P2: A minha mãe, a minha mãe. Aí a minha mãe pegou e falou assim: 'Vamos pra estação, que você vai, e a gente vai embora pro Sul'. E ela fez a minha malinha, aquelas malinhas de couro que tinha, fechava... e a do meu irmão e a dela. E antigamente na estação, a gente entrava e tinha uns homens que *era igual* homem de praça, aí ela falou assim pra mim, tinha um senhor, deu o ticket pra ela né, só

que quando ele deu o ticket pra ele, ele deu dois tickets, não era dois, era pra ser três, e ela falou assim pra mim: ‘Ó, eu vou ali na frente comprar umas coisas com o seu irmão, e você fica sentadinha aqui’. E nisso as pessoas iam chegando na estação, entendeu? As pessoas *tavam* chegando ali na estação e eu continuei sentada ali. E o que que aconteceu, a minha mãe voltou? Não, a minha mãe foi embora com meu irmão e abandonou eu. E nisso eu fui pra um orfanato chamado (nome da instituição).

Eu: Você tinha quantos anos?

P2? Seis, sete, seis pra sete anos já. E eu fui pra esse lugar. Cheguei lá, me deixaram lá porque a minha mãe havia me abandonado, e... as crianças quando eram mais escurinhas, eu acho que é uma coisa que nunca mudou, o preconceito, a gente apanhava muito ali naquele abrigo. Era perto da Igreja, e eu lembro tudo, do lugar, era Nossa Senhora do Patrocínio, e passavam duas esquinas, e era uma casa verde escura, e a gente entrava ali, assim, era uma casa normal, mas ali conviviam muitas crianças e eles faziam a gente dormir em baixo das mesa, *as mulher* chegava, dava comida, tratava você como um cachorro, comida, pratos eram assim jogados pra gente, e ali eu fiquei até que eu comecei a ir pra fazer catequese. Eu ia na Missa, eu gostava, porque a Igreja era perto, eu fui pra fazer a catequese, e lá eu consegui falar com o monsenhor (nome) e o padre (nome), são os padres que *foram tudo* a luz na minha vida. E o padres (nomes) falaram assim pra mim: ‘Por que você não vai pro convento?’. *Passou* três anos ali e a minha avó voltou. E a minha avó conseguiu alugar uma casa ali, na rua (nome), e a minha avó me tirou desse abrigo. Eu continuei na Missa, fazendo as coisas, e aí a minha avó falou assim pra mim: ‘Ó, você vai estudar no convento’. Eu falei: ‘Nossa, é tudo que eu quero’. E eu fui estudar no convento (nome).

Eu: A sua avó então localizou que você estava...

P2: No abrigo, e voltou pra me tirar.

Eu: E você foi morar com a sua avó?

P2: Fui morar com a minha avó.

Eu: Lá no Sul?

P2: Não, lá no interior de São Paulo mesmo. E eu no convento (nome), que fala. E eu tenho até hoje foto, tenho a lista que era das antigas professoras lá... e eu fui estudar ali, eu estudava de manhã no convento, e a tarde na escola. Ali foi onde eu

aprendi a fazer crochê, onde eu aprendi a fazer tricô, aprendi um monte de coisas, e onde que eu tive o apoio total, não só de... como que eu vou falar... da minha avó, mas das freiras, dos padres que tinha ali, porque eu era, eu sempre me esforcei, dediquei a ser uma pessoa esforçada pelo que eu queria. Ali eu comecei a fazer, a viver a minha vida, estudar, eu ia pra escola, chegou uma época que eu falei pra minha avó que eu queria trabalhar, eu fui trabalhar em casa de família. Dona (nome) foi a minha primeira patroa, umas famílias bem *nobre* no interior. Fiquei ali, estudei, comecei a estudar, mas sentia, por mais que fosse... (chorou) a falta da minha mãe... aí chegavam reuniões, coisas, eu queria ter minha mãe ali, eu não tinha, eu queria ter o meu pai, eu não tinha. E a minha avó era aquela senhora já, via no olhar dela uma mulher *trabalhadeira*, e eu fui uma pessoa que eu nunca dei desgosto pra minha avó, sofri muito dela, no tempo, ter ficado, eu ter vivido minha vida e ela ter ficado lá... Fui morar com a minha tia (nome)... são pessoas importantes da minha vida que podem te contar tudo que eu *tô* te falando, sabe, as vezes pessoas procuram saber um pouco mais de você... Fui morar com essa minha tia, o meu tio (nome).

Eu: Eram tios por parte de mãe?

P2: Irmã da minha mãe.

Eu: Que também moravam...

P2: Foram morar no interior, que vieram do Sul. E a minha tia era professora da colônia de férias, meu tio trabalhava na escola (nome), lá no interior. Minha tia dava aula no quartel de lá, e eu comecei... minha tia falava assim: ‘Vai estudar, você vai ser professora, você vai ser modelo’. E eu sempre com aquela coisa assim, de tudo que eu tinha passado, não sei se eu tinha amadurecido tão rápido, era tudo que eu tinha passado na minha vida, de *tá* ali, querendo focar em tudo. Minha vida era estudar, eu pegava o caderno, eu pegava um livro, eu queria ler, mas eu sentia falta, aquele vazio que eu ainda sentia... (chorou) E a minha tia falava assim pra mim: ‘Ah, deixa ela pra lá... vai viver’. Mas eu olhava assim a minha vida, tinha um piano na sala antigamente, e a minha prima falava: *‘Vamo* canta!?’. E a minha tia falava: ‘Vai!’. E eu via a minha tia abraçar a minha prima, eu via o meu tio, como ele tratava a minha outra tia, meu tio (nome), já faleceu, minha tia (nome), também já faleceu (chorando). E eu tenho primos também que contam minha vida. E eu conversava até

pouco tempo atrás pelo *facebook* com eles (cita nomes), são os primos que eu mais amo. E aí a minha mãe reapareceu, eu já tinha quatorze pra quinze anos.

Eu: E nessa época você trabalhava...

P2: Já, eu estudava, trabalhava... e meu irmão já era um homem também... eu já ia fazer quinze anos já... meu irmão já era um homem já, mais velho. E aí ela voltou aquela pessoa assim, 'ah, eu voltei, eu quero seu amor, seu carinho'... não, porque na época eu já era uma menina estudiosa, trabalhava, e a gente, eu lembro que era réis, a gente pegava, eu tenho até hoje a minha primeira moeda do meu primeiro trabalho, até hoje eu tenho. Eu coleciono as moedas, de tudo que eu trabalhava, eu não vendo, eu não dou, na minha casa mostro direto pros meus filhos... E ela falou: 'Não, vamos morar com a mãe'. E aquele carinho de querer morar com a minha mãe, lá vai a tonta cair de novo né...

Eu: E a sua mãe, ela retornou direto do Sul?

P2: Ela não conta, sei que eu nunca procurei nem sabe. Aí eu fui morar com ela, minha avó também...

Eu: Vocês foram morar onde?

P2: A gente foi morar no (nome do bairro), é o centro da cidade, se você tá no centro, você desce, é bem dizer o centro de (nome da cidade), e é chamado (nome do bairro), lá é uma rua muito conhecida, uma rua muito linda, e eu lembro que a dona, a casa lá que nós moramos era tipo um cortiço que fala, então morava gente aqui, morava gente aqui, *morava* muitas *gente* atrás, e a casa tinha que subir uma escada, e ali morava na frente, tinha um corredor, e moravam várias pessoas, aí a minha avó alugou uma casa, um cômodo pequenininho assim, pequenininho, era a cama da minha avó, a minha cama, o armarinho e um fogãozinho ali, ali é onde que eu vivi com a minha avó e a minha avó numa época começou a ficar muito doente; ela lavava a roupa no rio, as vezes ela ia na casa da pessoa lavar, ela subia muita ladeira, descia, aquelas trouxonas de roupa na cabeça... as vezes eu tentava ajudar ela, mas aquelas pessoas antigas, tinha uma enxada, e levava a trouxa... e assim, meu irmão, que hoje eu falo que ele *tá* pagando até muito por tudo que ele fez, e esse meu irmão ele começou, ele já bebia junto com, então no ritmo de vida dela, ele começou a beber com ela... e um dia eu *tava* passando e um homem chegou assim pra mim: 'Seu irmão vendeu você pra mim'. Eu falei: 'Como?'. 'Ah, seu irmão *tava* bebendo lá e ele falou que era pra eu dar uma bebida, mas que você ficaria

comigo'. Eu nunca fui a venda de ninguém, e eu saí correndo. E saí correndo, encontrei esse meu tio (nome), marido da minha tia (nome – citados anteriormente), e ele *tava* descendo, é uma descida grande e eu subi pela rua pra entrar pela outra, e ele vinha, e eu cortei pela casa de uma senhora, ele, meu tio, descendo, e eu comecei a gritar. Meu tio foi: 'O que foi?'. 'Ah, um homem tentou pegar eu'. Aí meu tio foi até pra cima desse homem, bateu, bateu muito nele. Antigamente era aquele caminhou de lenha, a turma tirava lenha, não era, não existia nem caixinha de leite, era tudo de saquinho, meu tio acabou derrubando tudo, teve que pagar até o prejuízo. Meu tio falou assim: 'Ó, já fizeram essa menina sofrer muito, mas ninguém vai...'. Fui lá pra casa dela, ele falou pra minha avó. Minha avó falou: 'Como você vendeu a sua irmã?'. 'Ah, a mãe falou que ela não é minha irmã'. E nisso ficou muito essa frase na minha cabeça, isso foi anos. E minha avó falou: 'Não quero mais que você se aproxime da menina nem nada'. E eu acabei ficando ali, e estudando, eu conheci o pai do meu filho, aos quinze anos, (nome), aquela coisa de adolescente né, você gosta mas... seria como se fosse um namoro hoje em dia. E ele, filho de pessoas mais ricas, pessoas mais assim, mais... Eu *se* dei até bem com a mãe dele, chamava dona (nome) e senhor (nome), e ele falava: 'Ai, vamos namorar, vamos'. Eu era nova, mas antigamente a gente namorava né, os pais consentiam, os avós, e a gente casava cedo, treze, quatorze anos, a gente casava, antigamente. E a minha avó permitiu de eu namorar, que eu gostava muito dele, e a gente acabou namorando aos dezesseis anos e ele falava: 'Eu vou arrumar uma casa, e a gente vai casar'. E eu acabei tendo um filho com ele, o (nome), hoje tem trinta e cinco, vai fazer, trinta e quatro anos. É... e... foi legal... só que eu não queria isso, eu queria cuidar de mim, eu não sei se era a vida que tinha me ensinado de eu não conseguir ficar com a pessoa e acabei falando pra ele que não *tava* certo, eu cuidaria do meu filho mas eu não gostaria de estar com ele, eu queria trabalhar. E eu adorava trabalhar, era uma *bomboniere*, chamava (nome), hoje não existe mais; então eu adorava trabalhar nessa doceria, eu estudava, ia trabalhar, e eu não queria, sabe, essa coisa de ter um relacionamento, mesmo já com filho, mas antigamente a gente tinha que ir, mais rígido né, era uma briga... e ele acabou brigando pra ficar com meu filho, com a mãe, minha falecida sogra, meu falecido sogro. E como eu queria estudar, crescer na vida, a gente acabou entrando num acordo de ele ficar com o menino, só que na Justiça ele não podia ficar, como eu era muito jovem, a Justiça

deu a guarda pra minha avó, que *tava* me criando, e a minha avó teve a guarda do meu filho; então pra mim era tudo, entendeu, aquilo ali, minha avó, não, minha avó é minha mãe, é mãe dele, só que aquela coisa, a gente nunca deixou filho, e eu comecei a estudar, mais né, eu tive muita ajuda da irmã do (nome), da madre, eu fui fazer faculdade... fui crescendo e fui vivendo uma vida já diferente, já era uma mulher que queria uma carreira, um sucesso, de vencer na vida. E durante todo esse tempo, uma coisa que eu nunca falava pra ninguém, a (pessoa artística - B) havia abrido uma conta pra mim na Caixa lá, e toda vez eu guardava esse dinheiro ali, eu sempre fui uma pessoa, sabe, de manter o ritmo, de querer, de pensar, como até hoje eu penso mais pra frente como vai ser a minha vida... e aí eu comecei a viver, comecei a conhecer pessoas, pessoas importantes, pessoas maravilhosas na minha vida, eu fui morar numa família japonesa, em (nome da cidade)... aprendi a falar em japonês um pouco, sei escrever em japonês, e... daí ela, minha mãe já tinha saído do interior, havia vindo aqui pra (município em que P2 reside atualmente), e eu fiquei sabendo que meu irmão já havia nascido com *pobrema*, e eu comecei a sentir dó dela...

Eu: Sua mãe teve outros filhos então...

P2: Minha mãe tem seis filhos de outro casamento... e... o meu padrasto, quando ele me conheceu, ele foi a pessoa que me defendeu muito, e hoje eu falo, assim, ele é meu pai, é um paizão, é uma pessoa maravilhosa. Ontem eu fui ver ele, (chora) ele chegou lá, e uma coisa eu falo pra você, eu não vou lá pra ver ela, eu vou lá pra ver ele, minhas irmãs todas sabem, por parte de mãe.

Eu: Elas residem aqui no município?

P2: Residem (nome da rua e bairro), meu pai veio pra cá quando era a casa do BNH, não tinha (cita nomes de bairros), não tinha nada, não tinha muita coisa em (nome do município), era pequenininho, tinha ali em baixo, era de madeira, o tempo da (nome de pessoa importante no município), eu era meninona, moçona... e eu vim pra cá por causa do meu irmão, ele nasceu com defeito... e eu com muita dó dela vim pra cá, pra cuidar do meu irmão... mas nisso ela já tinha parado de beber, esse homem mudou muito a vida dela, entendeu? Ele foi um anjo na vida dela. E eu falo, assim, que ela tem que agradecer muito a Deus essa pessoa. Ela veio pra cá, eu vim pra cá, acabei... eu ficava aqui, fica em (cidade do interior), trabalhava na (nome da empresa) do interior, e aí eu peguei e falei, a (nome) falou: ‘Por que você não vai

pra (empresa) de lá' - tinha uma unidade aqui – 'Pede transferência', e eu falei: 'Ah, não', e eu conversando com a minha chefe, minha chefe pegou e me deu transferência pra aqui, e aqui eu fui trabalhar, trabalhei vinte... saí eu tinha o quê?... seis pra sete anos de empresa... e fiquei ajudando ela, ajudei ela construir, só que fica aquela coisa, assim, aquela mágoa dentro de você, de não chamar de mãe, eu chamo ela de (nome), de mãe assim, mas eu chamo mais de (nome) ela.

Eu: Como que você descreveria a (nome da mãe)?

P2: Vou falar assim pra você: uma pessoa gelada comigo, uma pessoa que até hoje é difícil a gente sorrir uma pra outra, é difícil a gente se abraçar... passa dia das mães... hoje ela focou na família que ela tem, hoje *é* os filhos dela, os netos dela lá, meus filhos, não! Pra você ter noção, na segunda eu *tava* conversando com uma das minhas filhas, minhas filhas chegaram na casa dela e ela... 'Ai que nervoso, não seio o quê!'... sempre foi assim. E eu nunca ia lá por causa dela, eu ia pra ver o padrasto, meu padrasto me aconselhou muito, meu padrasto me ajudou muito numa fase da minha vida. E tem gente que fala assim: 'Ah, padrasto', né, hoje é tudo... ah, padrasto né... Não! Meu padrasto foi meu pai. E aí, neste meio termo, surgiu muita leitura, *surgiu* muitas histórias, muitas verdades no meio da família, coisas que eu ia descobrindo, ia me afastando... e muitas coisas que, muitas pessoas da família também me magoaram depois, e eu fiquei, tipo assim, de viver só, longe da família, minha família, eu falo, sou eu e meus filhos, apesar de eu *tá* em casa com duas filhas hoje, mas eu não quero o mal deles, eu quero ver elas bem, e nunca passar o que eu já passei na minha vida. Já passei fome, já passei frio... essa é uma pequena parte da minha história ainda... se eu for contar muito, acho que eu escreveria um livro.

Eu: E você chegou a conhecer o seu pai, (nome)?

P2: (silêncio) Sim... meu pai verdadeiro, sim.

Eu: Como que é o seu pai?

P2: (silêncio) (chora) Eu preferia que ele tivesse vivo... é... não é dinheiro, não é fama... não é o que a pessoa tem... porque hoje eu vejo, os filhos tão brigando por tudo isso. Mas quando eu fui pra (nome de cidade turística) com a D., que a (nome), amiga minha, dona do hotel que a gente ficou hospedada, dona desse hotel, e eu tive vários amigos nesse lugar... o... se eu contar pra você, você vai rir de mim... o (nome de pessoa famosa - C) é muito amigo meu... e eu tinha, sabe, assim, medo

da minha família, de outras pessoas saberem da verdade, assim, dos meus amigos, das pessoas que eu convivi, e um dia uma pessoa chegou pra mim e falou pra mim assim: ‘Por que você nunca foi falar com seu pai?’, ‘Imagina, como que eu vou falar com meu pai, eu não conheço o meu pai’... meu pai já faleceu...

Eu: Você tinha medo de as pessoas ficarem sabendo do que?

P2: Assim, sinceramente, tudo o que eu passei... é uma parte só, e eu me escondia das pessoas, o meu sofrimento... de eu... muita coisa que eu não queria compartilhar com ninguém, muitas que eu não compartilho ainda com ninguém, coisas que ainda *tão* me atingindo... ‘Você viu já essa foto?’, eu falei: ‘Nossa! Essa foto é quando eu era pequena’... Como que essa pessoa tem uma foto sua de quando você é pequena? Como você explica?

Eu: Quem falou dessa foto?

P2: Ele é... hoje ele é uma dupla de cantor... O (nome de dupla sertaneja – C e D), quando a minha mãe foi pro interior, eu peguei muita amizade, na época, com o (nome de pessoa famosa – E), e as vezes... e eu fui uma menina, apesar de tudo, sempre adorei cantar, e adorar violão, cantar, dançar... fui dançarina, sabe, eu montei grupos de dança, escolas aqui no município, com a (nome de professora), com todo mundo, sabe, eu levava grupos de dança pra escola, *street dance*, era uma pessoa assim, que sempre queria ter alguma coisa melhor, eu sempre gostei de dançar e cantar... E ele falou assim: ‘Nossa, não é estranha’. E aí ele perguntou meu nome. ‘Eu me chamo (nome da P2)’, ‘Como chama a sua mãe?’, ‘(nome de sua mãe)’, ‘E seu pai?’, ‘Não tenho pai no registro’, e não tenho realmente. E um dia, um show que teve lá no (nome do bairro), aí tinha uma dupla de *cantor* que *tava* com o (dupla – C e D) e o primo do outro (artista – F), que tinha vindo aqui no município e daqui ia pra outra cidade (nome da cidade). E eu convidei ela pra ir comigo, e ela falou: ‘*Vamo*, *vamo*!’ Eu falava: *‘Vamo*, coroa’, eu chamava ela, por mais que *sejasse*, mas eu sempre quis *tá* do lado dela, cuidar dela, por mais que fosse, até hoje... e quando ela chegou, essa pessoa olhou pra ela e falou assim: ‘Você não é a pessoa que eu *tô* pensando, é?’. E ela *tava* bonita ainda, ninguém fala... vou ver se eu acho uma foto pra te mostrar, fotos antigas, vou ver se eu consigo achar, porque a minha filha tem uma outra... se juntar aquelas fotos, as pessoas vão entender um pouco mais da minha vida... e ele falou assim: ‘Não, mas ela é a filha dele?’... e começou uma história, e eu só escutando de canto... Aí o (pessoa famosa – E)

chegou pra mim e falou assim: ‘(nome da P2), vamos fazer um show comigo?’, eu falei assim: ‘Mas eu?’, e ele falou: ‘Vamos!’, e a gente foi fazer no (nome do local), lá *tava* tendo um show, apresentações de cantores, e eu fui; a filha dele era pequenininha, a (nome), que foi com a mulher que ele teve, que foi a música (nome da música), que ele fez pra ela, e ele falou: ‘vamos cantar comigo, você tem uma voz’, e eu falei: ‘vamos’, fui, fui cantar com ele. E ele falou assim pra mim, assim: ‘Por que você não procura saber sua vida, sua história?’, ‘Por que minha vida, minha história?’, ‘Nossa, você é uma moça linda, uma mulher inteligente, bonita’, e... eu não sei se eu tenho (procurando na bolsa uma foto)... quando eu colocava o *Rayban* e a... aí que eu troquei a minha identidade, e aí essa pessoa falava assim pra mim: ‘Nossa, não tem o que tirar, é a cara, que não sei o quê...’ Não, deixa eu ver se tenho uma foto... ‘E você... nossa, você é muito parecida, que não sei o quê...’. E eu comecei a juntar uns quebra-cabeças, só que eu não queria mexer profundamente nessas histórias. E aí um dia essa pessoa pegou e falou pra mim assim: ‘Por que você não vai falar com seu pai?’. Eu falei: ‘Não, não vou falar com meu pai’. Aí... (inaudível – enquanto procurava entre fotos que estavam em sua carteira). E ele pegou e falou: ‘Coloca o *Rayban’*. Eu peguei e falei assim: ‘Ah, não vou pôr o *Rayban*’. (Mostra uma foto). De onde que eu começo?

Eu: Essa é você?

P2: É! A cada dois anos eu vou tirando fotos e colocando aqui (carteira).

Eu: E na época você estava assim?

P2: Sim! Meu cabelo era enorme... e eu colocava o *Rayban*, cantando, desse jeito, eu tenho algumas fotos... só que tem uma coisa, que quando eu vou cantar, se você pegar uma foto que eu tenho, eu colocava o *Rayban*, eu tenho uma mania de colocar... pra mim escutar o som... eu tenho a mania de fazer isso (gestualiza colocando as mãos próximas aos ouvidos)... Eu falei: ‘Ai, vamos deixar pra lá, né’. Aí eu fui pra (nome de cidade turística), a minha amiga falou: ‘O (nome de cantor) vai cantar e ele queria te ver’. E esse é um cantor famoso, um homem lindo, meu Deus, um homem lindo, cantor! E a minha amiga falou: ‘Ele está hospedado no quarto vizinho ao que você fica’. E eu falei, beleza, eu vou. Aí eu saí numa sexta-feira, na sexta-feira depois do almoço, cheguei no sábado lá, e no sábado eles *tavam* cantando pra um show. E o (nome) chegou pra mim e falou assim: ‘Você vai ter uma surpresa hoje’, falei assim: “Que surpresa?’, falou assim: ‘Aguarda que você vai ter’.

Estou tremendo, ó! E eu falei assim: ‘Surpresa!’. E tem um restaurante muito grande e tem um teatro do lado, uma praça muito grande, um coreto lindo. Aí ele falou assim: ‘Ó, o (nome de dupla famosa – G e H) vão vir cantar’. ‘Gente, eu sou fã desse homem! Eu sou muito fã dele, demais!’. Eu era fã desde pequenininha. A minha mãe, pra você ter noção, a minha mãe se alcoolizava quando ela escutava as músicas dele. Tudo que *tava* na vida dela era focado... era o litro de pinga, era o cigarro... ela mexia o cabelo, ela começava a gritar, ela batia as coisas... era uma mulher... eu falei assim... até hoje eu não vi uma beleza tão bonita como ela era... só que ela bebia e fumava, mas era uma mulher linda. E toda vez ela escutava aquelas radinhos quando ele ia cantar... e naquilo eu comecei a cantar as *música* deles...

Eu: Isso você se recorda de quando você era solteira...

P2: Desde pequena!

Eu: Desde a época que você morava com a sua...

P2: Da época que a minha avó voltou... isso eu já tinha doze pra treze anos. A (pessoa artística - B) é muito minha amiga... pra você ter noção, o (artista I) e a (artista J), a chácara deles, quando eu era mais jovem, ali do lado, eu convivia com eles... até uma época que foram dar uma entrevista, falavam assim: ‘Ah, os seus amigos! Logo *vão tá* lá falando...’. e aquela coisa assim... alguns amigos por trás da minha vida sempre se esconderam e eu me escondi... Aí essa pessoa chegou pra mim e falou assim: ‘Seu pai *tá aí*, *cê num* vai falar com seu pai?’, eu falei: ‘Pai?’, ‘É, seu pai *tá* aí!’. ‘Mas, gente, mentira, para com brincadeira, *ceis tão zuando* com a minha cara, *cês tão* fazendo o quê comigo? *Cêis tão* brincando?’. ‘Você não quer dançar no palco? Acho você bonita, *cê* é uma coroa bonita... você pode dançar’. Eu falei: ‘Não, não quero dançar’... E eu vim, por uma palavra, saber que ele era meu pai. E ela mente ainda, porque ela tinha muito dinheiro na época.

Eu: Sua mãe?

P2: É, tinha, tinha muito dinheiro... muito.

Eu: E esse dinheiro era proveniente de onde?

P2: Do meu pai, só que ele depositava no nome dela, e não meu. Ela teve caminhão, ela teve casas boas, era uma mulher de luxo, eu falo assim, que ela foi uma prostituta de luxo. E... e ele falou pra uma pessoa que ele tinha vontade de saber onde *tava* essa menina... e como se fala, assim, o mundo é grande, mas ele é pequeno...

Eu: Como que foi esse encontro?

P2: Olha, o (nome de um amigo - K), ele que fez a gente se encontrar, e (nome da dona de um hotel) que é minha amiga. Depois do show, todo mundo foi pra um restaurante, que é um restaurante grande em (cidade turística), são todos os *artista* que *vai*, sertanejo, vão todos pra lá. E eu *tava* sentada na mesa, e esse tempo sentada na mesa, o meu amigo veio e me colocou muitas fotos... fotos da minha mãe, fotos de mim pequena... fotos que eu vi, que a mãe tinha um balcão que guardava muito essas *foto antiga*, tinha foto de branco e *preta*, hoje são fotos muito, se você olha assim, você fala que são relíquias, relíquia tirada, aquelas foto antiga... Eu falei: '*Cê tá* brincando'. Ele falou: 'Como você se chama?'. Eu falei: '(nome de P2)'. 'Sua mãe, (nome), sua mãe é essa?'. E eu falei: 'Sim'. E ele ali, sabe, conversando com um monte de amigos... porque eu não queria acreditar naquilo ali, que eu vim cair na realidade, acho que depois de uns vinte dias, a realidade de tudo que *tava*... É como você receber uma anestesia, uma anestesia geral, e aquilo, sua cabeça girar. Ele falava: 'Você sabe que você é minha filha'. Eu: 'Magina'. Eu tenho uma mania, eu ficava nervosa e eu começava a rir... 'Magina, não sou sua filha'. E ele: 'Você é minha filha, mas ela nunca te falou'. Eu falei: 'Não!'. E ele mostrou as fotos dela... incrível, você vai fazer uma história, você *tá* me ouvindo e *tá* vendo, mas você fala que é mentira da pessoa, como que você vai acreditar, você tem que ter uma prova, e as *prova* ele tinha na mão, as *foto* dela.

Eu: E nesse encontro ele sabia que você estaria lá?

P2: Sabia, porque o (amigo – K) fez esse encontro.

Eu: E qual dos dois, dessa dupla, que era... o seu pai?

P2: Eu tenho... muita gente pergunta... Eu sou filha do (H). Sabe os taxistas aqui embaixo? Todos sabem que eu sou filha dele, porque tem um empresário que trabalhava com ele que veio me procurar aqui em (nome da cidade)... porque eu não quis acreditar, eu falei: 'É mentira!', então, sabe, eu me afastei das pessoas, eu vim pra cá, eu vim me esconder, e ele ficou sabendo... e esse taxista levou ele até a minha casa. Ele falou assim: 'Seu pai quer falar com você'. E eu: 'Eu não quero, é mentira, é mentira'. E eu fui perguntar pra ela, falei: 'Posso ir conversar com você, (nome)?'. Ela falou: 'Pode'. Então *tô* só eu e ela no quarto dela, mas ela não quer admitir tudo aquilo ali. Qual é o medo dela? Qual o medo dela ter que admitir? Dela ter me falado? De tudo que eu passei, o tanto que eu fui humilhada pelos outros

(chora)... você comer resto de comida do prato de comida dos outros, você dormir no chão, você as vezes ter vontade de comer e não poder comer, você querer um abraço e não poder ter, sendo que ela sabia quem era meu pai... e mentir! Então eu acho que pra mim ela mentiu toda a minha vida. Eu tive a certeza com a minha tia e com a minha prima (no interior), falei: 'Tia, porque que ela mentiu pra mim?'. E a minha prima falou... é que eu não tenho mais celular, que eu gostaria que as pessoas vissem toda essa realidade... a minha prima falou: 'Ele não é seu irmão, ele é irmão do marido, ele é meu irmão por parte de pai, ele não é seu irmão. Você não sabe porque a minha mãe se afastou do seu tio'... são muitas coisas que na minha vida se *balançou* com essa mulher...

Eu: E essa pessoa que você fala que não é seu irmão, é aquele seu primo?

P2: Não, é meu irmão, mas o pai dele, que ela falava que era meu pai, ele não era meu pai, entendeu?... que ela falava que era o pai dele era o mesmo pai meu, mas porque que ele tinha na certidão o nome dele e eu não tinha na minha certidão? Se você pegar os *documento* meu, eu não tenho nome de pai, se você pegar a certidão do meu irmão, ele tem o nome do pai dele, que se chama (nome completo). Se você ver, eu fiz pesquisas, sabe, eu entrei na internet, computadores, pra, nome da família (sobrenome do pai do seu irmão)... conheço uma que é presidente da câmara de (nome da cidade), até a família (sobrenome)... perguntando da vida, sabe.... eu pesquisei muito a minha vida, muito, eu fui muito a fundo (inaudível). E esse meu primo, que foi preso em (nome do Estado), ele falava pra mim: 'Você é uma menina linda, bonita, rica, não sei porque a sua mãe (inaudível)'. Esse meu primo ele foi assassinado, e esse meu outro primo que aconteceu isso na chácara quando eu era pequena, ele falava: 'Um dia seu pai vai ficar sabendo disso, seu pai vai julgar ela'. Só que todos eles usavam meio termo na minha vida.

Eu: Por que você acha que isso foi escondido de você?

P2: Eu falo pra você: dinheiro. Por isso que eu tenho nojo de dinheiro. Porque quando a pessoa ela desfoca uma coisa, o que que ela faz? Ela esconde. E ela tinha dinheiro. Ela comprou casa, ela comprou caminhão, ela comprou carro, ela comia no melhor restaurante, ela ia no melhor cabeleireiro. Pra você ter noção que quem cuidava na época, há muitos anos atrás, era o (nome de cabeleireiro) que é cabeleireiro do (pessoa famosa). Ela tinha o cabelo enorme, lindo. Ela tinha contato. Como que uma pessoa convive com pessoas *artística* na sua vida? Você tem que

ter um, você tem que ter amizade com alguém, você tem que ter... Você tem amizade comigo (inaudível)... *vamo* por assim... a Sandy, adoro a Sandy, então, eu sou sua amiga, você é minha amiga, você tem outros amigos também que são artistas e aquelas pessoas que são artistas também, por mais que queiram, aquelas pessoas *tão* em volta de você... e ela tinha. Ela tinha o defeito de beber, de se prostituir, como ela era dançarina de um cabaré, né, e *uns cabaré muito famoso* antigamente...

Eu: E essa história que você está contando, (nome de P2), então... eu vou entendendo que seu pai ele sabia da sua existência e que ele mandava uma espécie de pensão..

P2: Ele mandava pensão pra minha mãe.

Eu: ... e que quando ele te conheceu, ele ficou feliz, contente por te ver.

P2: *Mais* magoado com ela.

Eu: E como que desenrolou essa interação entre vocês? Ele quis assumir a paternidade?

P2: Sim, seis meses antes dele falecer, sim. Só que ele queria investigar ela. (silêncio).

Eu: Por que?

P2: Ela não tinha direito de tudo isso, e o que ela tinha feito com a minha vida. Isso tem várias provas, tem várias pessoas... eu tenho desembargadores *amigo* dele que foram atrás, tudo.

Eu: Quando foi que você o conheceu?

P2: O meu pai, eu conheci ele dia vinte e três do três de dois mil e dezessete. A verdade de toda a minha vida, ali, ali, a verdade da minha vida. Mas há quatro anos atrás foi quando eu fui conhecer o meu pai, saber que eu era a filha dele, só que eu não contei pra ninguém.

Eu: Esse encontro no show em (nome da cidade) foi há quatro anos?

P2: Foi... não... não, eu tinha vinte e dois anos. Tenho quarenta e nove. Eu rodeada por amigos do meu pai, só que ninguém me falava. O (pessoa famosa) sabe, o (pessoa famosa - E) sabia, que eles viviam fazendo *show*.

Eu: Seu pai você conheceu aos vinte e dois anos.

P2: Que meu pai sabia que eu era filha dele.

Eu: E seu pai... quando foi esse encontro com ele?

P2: Há quatro anos e *meios* atrás... que eu fui saber que eu era filha dele. Só que eu não acreditava, eu não queria que ninguém soubesse. E hoje eu... venho toda a tona a minha vida, a dela...

Eu: E o que a sua mãe fala sobre isso?

P2: Ela fala que eu fico pondo coisa na cabeça, inventando. A pessoa não inventa uma coisa assim, hoje em você não brinca com essas coisas.

Eu: Qual é a história que ela conta sobre o seu pai?

P2: Nada! Se você sentar pra conversar... ela vai contar do (nome do pai do irmão), mas a do meu pai não. Ela vai acusar o (nome do pai do irmão), ela vai acusar a vida dela, que ele foi, que ele foi morto no tempo da... como que fala, meu Deus do céu... esquadrão da morte, que a polícia matou ele, que (inaudível), que ela foi visitar ele na cadeia, essa história dela... Só que as minhas tias, por parte da irmã dela, sabem a história verdadeira... que hoje não tem mais do que ela falar não pra mim. Só que quando eu falo pra ela, falo pra qualquer pessoa, tudo é dele, ele lutou pra ter, eu não quero nada. Já que eu não tive o nome dele, já que eu não tive ele do meu lado... tudo que eu passei, o que eu *tô* passando, só foi uma boa lembrança pra mim... e o que eu fui de melhor pra ele e o que ela escolheu pra minha vida...

Eu: Você chegou a conviver com ele?

P2: Veja, viajei, fiz quatorze viagens com ele, em shows dele. Tenho é... fotos, que eu nunca procurei trazer pra dentro da minha casa, com ele, fotos de amigos dele, algumas pessoas que ele saia, em show dele. Se chegar num extremo e for procurar, as pessoas certas *vão* te falar... foi a alegria dele conviver esses anos ao meu lado. Agora, você acha que eu vou chegar, no dia que ele morreu... eu chegar e dizer que sou a filha dele, o que as pessoas *vão* olhar e falar pra mim? Você como psicóloga, o que que as pessoas *vão* falar pra mim?

Eu: Por que você não quis fazer isso?

P2: (Chora) Porque eu não quero... Que eu ganho nisso hoje? Ele *tá* aqui? Não. Ele tem dinheiro, deixou muito... porque eu não queria o dinheiro, nem dele, nem dela, eu só queria um abraço, eu só queria carinho, não o dinheiro. Porque eu aprendi de pequena a trabalhar e ser a mulher que eu sou hoje. Eu falo *pas* minhas *filha* que eu tenho orgulho de mim, porque eu nunca me prostituí, eu fiquei dez anos separada do pai das minhas *filha*, eu nunca levei um homem pra dentro da minha casa... eu sou sempre a má na assistência social, eu sou sempre a má aqui em (nome da cidade),

sabe, a minha vida... e quando eu falei pro juiz, eu falei: ‘Doutor, a minha vida é tão transparente’ ... Se você perguntar, você nunca me viu bebendo, nunca me viu fumando, eu fiz faculdade, eu fui pra varrição de rua, eu fui pra trabalho, eu fui carpir quintal pros meus *filho num passa* fome, eu fui trabalhar em olaria. Hoje eu olho a minha pele toda queimada, toda manchada, hoje eu não tenho uma mão igual todas as *mulher* tem, porque é difícil, não some isso da mão de uma mulher.

Eu: E dessa convivência que você teve com seu pai, qual que é a ideia, o que você entende sobre a figura do seu pai?

P2: O que eu não tive, em pouco tempo eu tive dele. Do meu pai chegar e falar pra mim assim: ‘Vai na concessionária e pega um carro que é pra você’. E você ter uma resposta que, onde ele *tiver*, ele sabe que eu não *tô* mentindo, eu falei: ‘Eu não quero carro, eu não quero um tostão seu, o que eu quero é poder deitar no teu colo e dormir’. E foi o que eu fiz com meu pai. Foi o tempo. Agora eu vou querer dinheiro? Fama? Pra quê, qual o motivo de eu querer isso hoje? Eu posso passar fome, mas eu não quero nada. O que eu quis dele foi o carinho, e um pouco eu tive.

Eu: E como é que você descreve...

P2: Eu?

Eu: Como que era a (P2) na infância, adolescência?

P2: Você fala assim pra descrever eu? Em foco na pessoa que eu sou... a minha infância não foi fácil. Tem muitas coisas na minha infância que me, que me machucam, machuca qualquer pessoa que passar pelo que eu passei na minha vida, não esquece... por mais que ela vá fazer uma terapia, passar por psicóloga, psiquiatra, é difícil, não existe isso de apagar da memória de ninguém, porque são momentos em que, onde você deita no seu colchão e você lembra... fui uma menina sofredora, piada, uma menina que foi motivo de riso das próprias amigas, pessoa que não se vestia bem, uma menina desprezada por todos da família, mas, como que fala, assim... hoje eu sou uma mulher que tenho orgulho de mim mesma... eu batalhei, estudei, me formei... trabalhando, digna.

Eu: Qual a sua formação?

P2: Eu sou fisiopedagoga formada. Fiz engenharia, arquitetura, decoração, telemarketing, ajudante geral, tudo isso eu fiz na minha vida, tudo isso eu tenho *diproma*. Mas sabe como? Nunca dependendo de homem, nunca dependendo de família, batalhei. E eu falo que aonde que eu cheguei, eu venci, eu venci, e muita

coisa (inaudível), o preconceito, a dor de muitas pessoas que achavam que eu vivia pra baixo, me viram... hoje eu não sou milionária, não sou rica, mas eu consigo me manter no ritmo da minha vida. Ambição, não, não tenho. Qual o sonho? Conquistar muito mais pros meus filhos... Mãe ciumenta, uma mulher que hoje pode falar que ama, hoje eu amo alguém, e eu tenho orgulho dessa pessoa. O (L.), um aprendizado, um menino que com, dos dezoito aos vinte e dois anos me ensinou muito, um amigo, um amigo, um amor, não de homem e mulher, mas um amor da proteção que ele me deu. Preconceito? Minha família toda, ainda meus próprios filhos, só que hoje eu falo: eu venci. E vou vencer muito mais. Ensinamento? Muito. Educação? Bastante, porque por mais que eu passei na minha vida, eu nunca consegui xingar ninguém, sabe, a sua mãe xingar você, gritar, extrapolar, onde parece que o universo inteiro vai estudar, menos as pessoas... detesto mentira, adoro amizade. Sou carente, bastante... porque eu não tive tudo, compreendo... entendeu? Cada dia melhor, e a vida, aprendendo... ensinando e aprendendo, porque cada dia a sua vida é uma lição, cada dia são pessoas novas, que você, pra conseguir sobreviver no mundo, que eu falo, hoje com quarenta e nove anos, eu tive que escolher as melhores pessoas ao meu lado. Ah, inimigos você tem. Inveja, nossa! Quem não tem? Sabedoria? O mundo também te ensina a falar, a viver, a se defender... cada dia numa selva.

Eu: Como é a sua relação hoje com a sua mãe?

P2: ‘Oi’, apenas. Só. Como você está? Quero te ver bem, quero te ver realmente bem. Por mais que seja, eu saí de dentro dela. Por mais que seja, ela é a minha mãe. Eu amo, mas não consigo falar. Dói, e muito. *Cê* sente vontade ainda do colo... dói muito.

Eu: (inaudível)

P2: Aos quinze anos que eu convivi com a minha mãe, e uma mulher focada querendo viver o melhor. Nunca ver o que eu passei, e nunca deixar um filho homem ou mulher passar o que eu passei. Por isso que falo, eu fiz de tudo, menos coisas, eu tenho orgulho de nunca ter me prostituído e de nunca ter tirado nada de ninguém. Tudo que eu tenho hoje, tudo que eu tenho, que começa, como que fala, do que você come, do que você veste, eu tenho orgulho, porque eu tenho quarenta e nove anos, quarenta e nove, e hoje, hoje eu casei aos quarenta e nove anos, que foi um sonho, um sonho realizado.

Eu: Vocês se casaram?

P2: Sim. No civil. E agora eu *tô* indo *pra* Marrocos, pra casar no... É um sonho de toda mulher, e eu falei que eu só casaria no dia que eu tivesse certeza que eu amasse alguém. E eu amo essa pessoa que hoje eu estou.

Eu: Hoje estão morando com você, o (nome do atual companheiro), a D.?

P2: A J. e a V.

Eu: A V. também está com você então.

P2: Está. Meu, minha pequena princesa, ela está comigo.

Eu: E como que, falando um pouquinho das crianças, como que você descreve a D. e o F.? O que você pode dizer sobre eles?

P2: D., a minha menina, eu vejo uma mulher, hoje, assim, uma... desenvolvida, mas ainda uma menina, que eu tenho medo de perder. E as vezes eu, o meu medo é de as vezes eu depositar muito e sofrer.

Eu: Você fala de qual medo?

P2: Muito.

Eu: Por que isso te faria sofrer?

P2: Porque ela, se ela arrumar uma pessoa ela vai sair de perto. E ela vai ter que viver a vida dela, né. E eu vou sentir ciúmes disso. Porque a D. ela foi minha companheirinha enquanto as outras *saiu* né. É a filha eu penteava o cabelo, nós *deitava*, nós *conversava*, ela foi mais do que as outras. E a gente se apega demais, quando o filho sai, acho que toda mãe, ah, eu vou sentir saudade da minha pequena, ah, 'ela casou', a gente é mãe, a gente *tá* ali, a gente vai querer perto, então eu prefiro não demostrar muito, que é pra *mim* não sofrer mais tarde. Mas quero ver ela bem, não quero que ela sofra. Quando vem essa palavra prostituição, é uma palavra que, sabe? Machucou muito ouvir alguém falar isso da minha filha. As pessoas não sabem como machuca você. A D. ela é, eu falo assim, que eu, a parte que eu não vivi, que a minha mãe... eu faço muito por ela. Hoje já casou, tenho filhos, marido, é diferente, e ela tem a, ela *tá* aí ainda pra *mim* proteger ela, cuidar dela. O F., é tudo pra mim. O F., ele ensinou... que que eu vou falar dele? A maneira de olhar, de uma maneira diferente, a doçura, que eu achava que não existia, a meiguice, ele é isso pra mim. Eu vejo mundo, eu vejo algumas pessoas diferente. Eu tenho ainda uma parte em mim, mas são coisas da minha vida, são mágoas, e eu posso transmitir isso para o F. nunca. Eu saio de casa eu já beijei ele, eu *tô* aqui

mas eu *tô* morrendo de saudade dele. Ele vai pra escola, eu quero ir buscar. Ontem eu deitada com ele, é... com medo, medo de perder meus filhos, sabe, tudo, tudo. Eu brigo, eu t*ô* brigada com duas filhas, por isso causa de dinheiro, ambição, eu acabei brigando muito feio com elas querendo que elas aprendessem um pouco o que é a vida, a valorizar (inaudível). Não, A. nem V. moram comigo. Mas aquela coisa assim, o que é preciso eu *tô* ali, *mais* a gente tem que deixar um pouquinho, as vezes uma (inaudível) as vezes machuca a gente também.

Eu: Quais são as situações que possam te deixar nervosa com as crianças?

P2: Nossa.

Eu: O que hoje na relação com o F. e com a D., principalmente...

P2: Eu não gosto de desobediência. Mas a D., eu falo que ela é uma cobrinha. Que assim, 'Ah, mãe!', aí eu fico sentada e não dá quinze minutos ela já vem: 'Mãe me desculpa, ah mãe foi sem querer'. Então eu digo assim que eu não consigo brigar. O F., eu sou muito protetora, eu não gosto que ninguém brigue com ele, eu não gosto que ninguém fale alto com ele, eu brigo com as irmãs dele, com todo mundo por causa disso. O F. ele com a D., 'Ah mãe, porque você faz pro F.'. 'D., *péra* aí!'. Nós já tivemos *probrema* por causa disso. O F. ele é uma criança especial. 'Ah, mas você põe comida pra ele e não põe pra mim'... Hoje eu ponho comida pra D. pra não ter aquela briga: 'Ah, porque você faz pra um', assim, se eu tiro uma bala da bolsa, é pra um e é pra outro, pra não ter diferença. Se eu *tô* deitada com o F. aqui e ela entra, 'Vem cá, neguinha', e ela vem do meu lado, e o F. vem, aí começa a um fazer cosquinha no outro. E se eu falo: 'D., você pode ficar um pouquinho com o F. que eu vou ali?', porque minhas *outra filha tá* lá, a J., tem vinte e dois anos, com a V., mas eu falo: 'D., olha seu irmão'. Por que? Porque eu quero que eles dois *seja* a união, porque eu não tive união com meus irmãos. Eles foram criados *tudo* fora, mas eu gostaria de ter podido *tá* no meio dos *irmão*. E é... D., tá... então ela vê que eu dou responsabilidade pra olhar o irmão dela quando eu não *tô* presente, e eu vejo que ela cuida, aí quando eu chego, eu vejo que ela já disfarça: 'Ah, esse menino enche o saco'. E depois eu vejo que ela começa a dar risada, eu percebo. Então pra mim, os dois são tudo. É a minha menininha, é a minha bebezinha e o meu bebê. Eles são tudo e eu falo pra você, por eles eu dou a vida, por esses dois, brigo, e vou até o final, seja na Justiça, seja qualquer pessoa.

Eu: Você busca ser uma mãe cuidadosa, zelosa...

P2: Sempre, sempre, sempre.

Eu: É a mãe que te faltou?

P2: Muito. Eu não deixo meus filhos *passa* fome, eu dou o que eu posso, eu converso, eu dou abraço, eu dou um beijo, porque eu nunca quero que eles se sintam como eu me sinto, *tô* sempre presente nas reuniões, sempre conversando, sempre dialogando, sempre junto, sempre brincando, procuro inovar, cada dia melhor... com a D., 'Ah, *vamo anda* de *skate*?', '*Vamo*'. 'Ah, mas você não sabe andar', 'Eu seguro'. Então, ontem nós rimos bastante, 'D., vamos desenhar?', ela adora, o F. adora desenhar, vamos interagir. Eu tenho os dois focados numa coisa, tenho carinho... Fiquei dois anos longe da D., foi muito pra mim. Chegava no sábado lá, dava meia hora e já venceu, já *tá* na hora (inaudível). Quando a minha filha foi embora pra casa, nós dormimos um mês juntinhas, de conchinha. Eu até brincava com ela: 'D. não vai peidar, heim', ela: 'Ah mãe, não vou peidar', brincadeira de mãe, então, os dois anos que eu perdi é o tempo que eu *tô* recuperando com a minha filha... de ver ela se formar moça, de poder *tá*, hoje a gente *voltamo* a ser a pessoa que a gente era, uma conversar muito com a outra. Quando eu vejo que ela *tá* tristinha, eu falo: 'D., vem cá, *vamo* conversar', eu vou ali, pergunto, ela fala, ela as vezes: 'Mãe, que *cê* tem?', e a gente se tornou, eu amo demais as pessoas que a gente é, e isso *tá* me magoando, as pessoas, '*Cê tá* fazendo isso de novo', porque ninguém quer ver ninguém feliz.

Eu: Agora falando um pouco das questões que são atendidas aqui no CREAS, uma última questão, o que você entende por violência física, violência psicológica e negligência?

P2: É quando a pessoa mexe com a sua estrutura mental, pra mim, física, assim, de...

Eu: Violência física.

P2: Eu não concordo com a coisa dessa maneira... de violência. Eu falo pra você, é uma palavra pesada também. Pesada. Porque hoje em dia, violência física é você agredir uma pessoa, é você espancar uma pessoa. Pra você ter uma noção, que na delegacia, meus vizinhos *tá* brigando e eu vou lá separar. Meu marido virou pra mim e falou: 'Pára, (nome de P2)'. E eu falei: 'Meu bem, a vida não é de violência'. O ser humano só vive brigando, se arranhando, qualquer coisa 'eu vou dar na sua cara', a gente que é mulher, passa batom e 'olha a cara daquela, eu vou bater', é uma coisa

que eu falo assim, eu tenho quarenta e nove anos e eu só tive uma briga, que foi aquela vez, uma amiga minha deu na minha cara, bêbada, aí eu já não suportei e dei na cara dela também. Mas eu não sou uma pessoa de briga, eu não gosto de ver briga, eu não gosto de ver ninguém batendo, espancando, principalmente filhos, você quer ver me revoltar é ver uma mãe que bata no filho, que ela xingue um filho...

Eu: Já aconteceu alguma situação de você perder o controle e bater na crianças?

P2: Nunca! Isso nunca. Eu, se o F., 'Vem cá F., um, dois, três, senta aqui e vamos conversar. F., por que você *tá* agressivo?'. As vezes se eu vejo que vai acontecer alguma coisa é diferente: 'F., cuidado!', é uma coisa, mas assim, de... não. E eu nunca quero fazer isso.

Eu: Você entende então que violência física é quando há um espancamento, quando há...

P2: Não, eu não concordo com isso, porque eu sofri muito com isso, eu não gosto disso, não gosto nem de ver briga.

Eu: O que seria violência psicológica?

P2: A pessoa, psicológica pra mim, é as pessoas *tentar* fazer você se tornar outra pessoa e fazer você se revoltar, usar meios de, de, como que se diz... 'Ah, eu vou fazer a cabeça daquela pessoa', a pessoa fala: 'Ah, você tem que fazer isso, fazer aquilo', e é uma coisa que você não gosta de fazer e você tem obrigação de fazer aquilo.

Eu: Seria forçar, pressionar, coagir?

P2: Exato. Eu não gosto disso, eu tenho pavor, eu não permito de ninguém achar que, em algum momento entrar na minha mente. Eu faço aquilo que eu quero e aquilo que é o certo. Se a pessoa: 'Ah...'. Não! Eu não gosto disso, isso é machucar a mente da pessoa, é tirar aquilo que a pessoa tem vontade de fazer, ou você ajuda ou então você não entra na mente da pessoa e tenta fazer o que a pessoa não goste. Pra mim é isso.

Eu: Você fala de cercear a liberdade da pessoa...

P2: De pensar, de impedir de agir, de ser quem ela é.

Eu: E negligência?

P2: Negligência é a pessoa quando ela... do meu modo de pensar, é... fazer uma coisa errada, mentir, fazer as pessoas sofrerem, uma negligência de não querer, de... ah, como eu posso te falar?

Eu: Seria mais fácil se a gente pensasse em como seria uma mãe negligente...

P2: Uma mãe que não cuida, que não tem responsabilidade, uma mãe que não foca no filho, que não procura o melhor. Meu filho hoje ele tem, ele *tá* hoje com, vai fazer trinta anos, ele *tá* numa cadeia, mas eu sempre procuro levar a palavra certa, palavra correta, 'Você sabe porque você *tá* aqui? Você sabe o que aconteceu?'. Eu converso muito com meus filhos, mas já levei na cara de duas filhas já e isso é muito (inaudível), porque eu criei. A D. não, a D., não sei nem te dizer o porquê, porque assim, eu não sou mais obrigada a partir do momento em que minha filha também vai fazer uma coisa e eu vou falar que eu sei que não *tá* certo, mas ela acha que *tá* e... tem que falar mais alto do que eu. Hoje e falo, eu tenho duas filhas com a *negrigência* com os filhos, não educa, o jeito é gritar, bater, é xingar, 'Seu peste, seu capeta, que não sei o que', isso são palavras pra uma criança?

Eu: Qual é a sua postura diante disso?

P2: Eu me revolto quando eu começo vendo isso, mas me calo ao mesmo tempo quando elas falam: 'O filho é meu, não é seu'. Porque eu queria que existisse uma lei em que a avó pudesse tomar a parte de muitas coisas, sinceramente.

Eu: O que você imagina que pode gerar de consequência pra criança nessas situações?

P2: Revolta, tristeza, porque uma mãe pra xingar um filho, quando eu vejo, hoje eu vejo, 'Essa vagabunda, essa...', é pesado, não é? Será que ela... ah, desculpa, é que eu *tô* com fome mesmo... ela gostaria que essa, essa mesma palavra? Eu só te digo que eu penso assim, o que eu não vou querer pra mim, eu não vou querer pra você. Porque se eu xingar, 'essa vagabunda que não sei o que', eu vou *tá* te ofendendo. Mas eu vou *tá* te ofendendo porquê? Qual o motivo? Porque uma criança ela não sabe se defender.

Eu: E quando você fala que gostaria que tivesse uma lei, a lei existe, e quando há uma situação de agressão física, ou verbal, quando se diz palavras como essas que você disse agora, seja xingando a criança, a criança tem que ser protegida...

P2: Pra você ter uma noção, o conselho tutelar de (cidade), a minha filha ela reside com outra mulher, tudo bem, é a escolha dela, ela já tem uma idade boa pra saber o que é certo e o que é errado, porque hoje em dia uma criança sabe o que é o certo e o que é errado, antigamente a gente não sabia, mas hoje sabe, ela foi expulsa de (cidade), ela foi quase linchada, ela não deixou o meu neto dar o número do

telefone, a conselheira ela perguntou: ‘Com quem você quer ficar?’, ‘com a minha avó’, ‘*Cê* tem o número?’, ‘Não, minha mãe não tem o número’, ela não deu. Eu criei o filho dessa mãe, criei até os cinco anos de idade, onde a D. ela mamava, ele mamava aqui.

Eu: Ele é filho de quem?

P2: Da V.

Eu: E onde ela reside hoje?

P2: Não sei, não sei... porque ela *tá* foragida.

Eu: E ela tomou ele de você?

P2: Olha, pra você ver que eu nunca fui tão ruim na vida dela, que eu nunca quis a guarda do meu neto. Eu criei o meu neto, mas eu queria que ela amadurecesse, que ela valorizasse o filho, porque o filho, hoje em dia, não é você dar uma roupa bonita, não é você dar uma mesada pra ele. Isso não ensina o filho. Hoje tem que ensinar o que é o certo e o errado, mas também aprender a saber fazer as coisas, porque quando vem fácil vai fácil, né. Isso eu sempre aprendi. E ela é aquela meninas que... “Foda-se”. Já falo logo: “Foda-se, dane-se, morra essa criaça! Você quer cuidar, cuida”. E saia. E eu já tinha, depois eu ganhei a D. e ela ganhou o R., e depois eu ganhei a D., depois de quatro, cinco meses, eu ganhei a D., e ela não dava o peito pro meu neto, e ela dava aquele pouquinho o peito e tirava, as vezes ela xingava o menino. E eu também nunca bati nela... (inaudível). “V., não é assim, um dia seu filho vai cobrar de você, um dia seu filho não vai te respeitar”... Sempre *foi* essas palavras que eu falei pra elas. E ela foi embora com uma pessoa, ficou, e... meus vizinhos... tenho várias testemunhas... eu criei meu neto até os cinco, seis anos de idade. Depois ela chegou achando que ela era a mãe pra criar ele. Mas se você sentar com meu neto, qualquer psicólogo ou qualquer psiquiatra sentar, meu neto, o que que ele vai falar? Cem por cento a palavra é avó. (inaudível). Eu cheguei na casa dela, meu neto *tava* morando num quartinho assim, ó, pegando daí pra cá, só tinha a cama dele e uma televisão. Eu falei “vem cá, isso é uma k*itnet*, tudo bem, mas e seu filho...” (inaudível). “Ah, a mãe bebeu, brigou com a M. (companheira)...”. E ela com a mulher ela já dava mal *exempro* pro filho. Eu fui pra (nome da cidade) urgente, porque elas *tavam* quase se matando, e falei “vou levar meu neto embora”, eu arrumei uma briga feia com ela... “Não, deixa ele aí”, “Não, não é assim”.

Eu: E isso foi quando?

P2: Fevereiro, quando o D. (companheiro atual) chegou no Brasil. O D. é prova de tudo, ele sabe.

Eu: E hoje você não sabe onde ela está?

P2: Não. Ah, mas eu não vou procurar não. Vou deixar a Justiça, porque ela *tá* sendo procurada, né, pelo Conselho Tutelar de (cidade), e eu já procurei ajuda também. A A. (filha) é outra, que largou o filho com o marido, esses dois dias com ela lá, ela largou os filhos pra tomar banho, pra comer... eu falei: “Que mãe é essa? Onde você viu andar com seus filhos com fome? Onde você viu andar com seus filhos sujos? Eu nunca fiz isso com vocês”. É o que falo pros meus filhos: “mãe”, que ela receba a palavra gostosa mãe, porque... “ah, você não manda *ni* mim, você quer mandar na minha vida, não sei o que...”. “ok. Help! Então eu quero mandar na sua vida? Agora quando você chegar lá na frente... a minha mãe fez isso, a minha mãe...”. porque disso não vão poder me julgar, nunca! Nem uma delas.

Eu: Seus filhos saíram de casa muito cedo... o que você acha que os levou a isso?

P2: Saíram porque assim... o irmão que foi preso era o foco. Era o irmão e o paizão. Hoje se você perguntar, elas têm mais medo do irmão do que do pai. O pai é um alcoólatra... vai comprar cigarro, vai comprar pinga... Isso também foi uma coisa muito difícil na minha vida... ver a pessoa alcoolizada, e uma mulher que tinha medo de falar, mas que queria ter uma família, foi o que eu falei numa parte pra você, eu queria ter filhos... mas de eu amar esse homem, nunca, não. Eu quis ter uma família, e o foco foi ter meus filhos

Eu: Foi com ele que você teve todos os filhos?

P2: Sim, só o F. e o E. que não *é* dele, os outros são todos dele.

(...).

Eu: Tudo isso que você viveu é, sem dúvida, muito difícil... e hoje pensar a sua relação, principalmente com a D. e com o F., que ainda precisam desse cuidado mais constante...

P2: Eles precisam mais... agora é uma fase que eu falo assim, que eles precisam muito mais de mim e eu jamais vou abandonar, né, porque eu precisei e eu não tive. Então hoje eu quero *tá* do lado deles pra poder dar esse tempo pra eles.

Eu: Eles precisam muito do seu cuidado.

P2: E o tempo que precisar eu vou dar pra todos eles, pra todos. Mas alguns têm que mudar algumas coisas, né. A pessoa acha que passou de maior já é

independente, dono do nariz, e não vê os erros. Mas, eu falo assim, eu aprendi e consegui, eles vão aprender também, né. A escola *tá* aí.

P2: Eu falei de você pra elas. Eu falei: “D., você viu a psicóloga, é uma jovem!” (...). Eu falei: “Olha que legal, que gostoso”. (...). Hoje você vê uma enfermeira, você vê um médico jovem, você vê uma psicóloga jovem, você vê as pessoas jovens, que gostoso, né. Sua mãe tem orgulho de você, muito. É isso que eu quero pra elas. Ou melhor, eu poder elogiar. Mas é duro quando você vê uma filha que já... que não quer concertar. E você tenta. É o que acontece.

Entrevista – Participante 3 (P3)

Eu: Me fala um pouquinho da sua família de origem, como é que é a família da M.?

P3: Como assim? Meu pai e minha mãe? Bom, a gente sempre se deu bem. Eu me dei *mais bem* com meu pai, mas tudo bem. Minha mãe é bem rigorosa, mas acho legal o jeito dela porque... é... valia, *balançou* um pouquinho... como fala?

Eu: Ficou na balança?

P3: É, porque, meu pai era mais liberal, minha mãe era mais contida, então ficou bom. Pelo menos (inaudível). Ficou melhor assim.

Eu: E tinha situações em que seu pai permitia que você fizesse coisas, na sua adolescência, por exemplo, e sua mãe...

P3: Ia contra!

Eu: E como que era?

P3: A gente pensava: se ele deixou ir e ela não deixou, alguma coisa deve ter de errado. Aí eu parava pra pensar e achava que era errado também e não fazia. Contrabalançava. Se os dois apoiavam era porque era certo, senão alguma coisa devia tá errado. Eu pensava e não fazia, mas das coisas que eu fiz eu acho que eu acertei alguma coisa pelo menos.

Eu: Qual era a profissão do seu pai?

P3: Ele era açougueiro.

Eu: E a sua mãe também trabalhava?

P3: Minha mãe era enfermeira.

Eu: Vocês tinham o costume de sair? Frequentavam algum grupo, algum grupo religioso...?

P3: A gente ia pra Igreja e, de vez em quando, pra casa dos meus tios. Mas era muito raro, porque meu pai ia trabalhar né, então a gente não saia de casa.

Eu: Ele trabalhava aos finais de semana também?

P3: Hum hum. Não tinha folga. Aí minha mãe levava a gente pra casa da minha tia só. Minha mãe trabalhava também e a gente ficava em casa com a minha irmã.

Eu: Quem cuidava de vocês era a sua irmã mais velha?

P3: Isso. E a gente ficava mais em casa com ela. Aí depois meus dois primos *foi* morar com a gente também e a gente ficava mais tempo com eles do que com a minha mãe, meus pais.

Eu: Seus primos, eles eram mais velhos que a sua irmã?

P3: Sim.

Eu: E eles eram primos por parte de...

P3: De mãe. O pai deles é irmão da minha mãe. Já faleceu também.

Eu: E eles foram morar pra poder auxiliar a cuidar de vocês ou porque...

P3: É porque a mãe deles morreu e meu tio ficou sozinho; minha mãe pegou eles pra criar. Aí eu não sei muito bem porque eu era bem mais nova que eles. Quando eu cresci eles já *tavam* lá, mas ela pegou eles pra criar porque a mãe deles morreu. Foram criados com a gente.

Eu: Você tinha quantos anos, mais ou menos?

P3: Uns dez.

Eu: E eles já tinham quantos?

P3: Ah, já eram grandinhos já. Nós fomos criados juntos né, aí eles já *veio* grandinho já...

Eu: Uns dezesseis, dezessete?

P3:É, por aí...

Eu: E como que era... como você aceitou essa chegada desses primos?

P3: Não, na verdade quando eu cresci eles já *tavam* lá, entendeu? Eles vieram pequenos. A gente foi criado todo mundo junto. Eles já *tavam* lá. Na verdade a gente foi criado todo mundo junto, eles moravam numa casa e a gente morava

noutra, só que no mesmo quintal, mas era junto. Aí minha mãe acolheu eles... Só que eles são mais velhos do que a gente, né. A gente acostumou com eles.

Eu: Foram criados como irmãos?

P3: Hum hum.

Eu: E como que era a M. quando criança? Como você se descreveria?

P3: Bem rebelde! (risos). (inaudível). Bem rebelde, minha mãe que o diga, coitada. Mas assim, não de xingar, de fazer coisa errada, assim, mas era bem chatinha (inaudível).

Eu: E o que era essa rebeldia? Você disse que não era de xingar... como que era?

P3: Ela falava que não podia fazer e eu fazia, depois eu me arrependia, pedia desculpa e voltava a ser o que era, eu continuava a ser boazinha do jeito que eu era. Não era ruindade assim... Era querer provar as coisas que não podia fazer, entendeu? Por que que não podia? Aí eu fazia, me arrependia, falava: ‘agora eu sei porque que não pode’; mas eu tinha que experimentar primeiro pra depois ver o porquê que não podia, entendeu? Se ela falava: ‘Pega isso aqui”, eu falava: ‘Deixa quieto ali’. (inaudível). Rebelde.

Eu: Você experimentava o que sua mãe dizia que era proibido?

P3: Ahãm.

Eu: O que você sentia quando sua mãe dizia “Não, isso não pode pegar, isso não pode fazer”? Qual era o sentimento que você tinha na hora?

P3: Eu queria saber por que que não podia, mas depois que eu fazia eu falava “agora eu sei porque que não pode”... eu tinha que ver primeiro pra... antes eu tivesse deixado *queto* lá não tinha acontecido muita coisa.

Eu: E aconteceram muitas coisas?

P3: Não, assim, muitas coisas que não podiam acontecer, né. Não muitas assim, mas normal... apesar que eu convivi mais com a minha irmã do que com ela, né, mas normal.

Eu: Então você se descreve como uma criança, uma adolescente rebelde?

P3: É, mais ou menos.

Eu: Mais ou menos rebelde?

P3: É, nem tanto assim.

Eu: E o que mais?

P3: É difícil falar sobre a M., não quero pensar mais nada não, *dexa queto*...

Eu: É difícil lembrar ou é difícil falar?

P3: É difícil falar.

Eu: Mas é difícil falar porque você hoje não se vê mais como era... ou por alguma outra razão?

P3: Tipo isso, eu não me arrependo do que eu fiz, mas eu não faria de novo, entendeu? Se tivesse que fazer de novo eu não faria.

Eu: O que mais gera arrependimento?

P3: Ah,. Não sei... Não é arrependimento... Não é arrepender, só que eu não faria de novo. Eu não me arrependo, porque não tem como arrepender do que não fez, né, mas eu não faria... de novo não.

Eu: E como você descreve a sua mãe? Como que é a dona G.?

P3: Ela é brava, ela não gosta de atenção, ela nunca gostou, então... e a gente acostumou já com o jeitão dela... não dá pra definir como ela é... é o jeito dela ué, e a gente tem que entender os momentos dela, a hora que ela quer conversar, ela conversa, e a gente tem que ouvir, e a gente não pode (inaudível), eu já entendi isso... só concordar com o que ela fala, que senão ela briga. Eu já entendi esse jeito dela. Aí ela acalma, fica na dela, e depois ela vai e conversa de novo... normal. Tem *vez* que ela *tá* de bom humor, igual todo mundo, tem *vez* que ela tá brava (inaudível), mas eu já acostumei com o jeito dela, não pode contrariar, só isso. Tem que ser do jeito que ela quer, do jeito que ela gosta e pronto. Já me acostumei com isso, é o jeito.

Eu: Hoje você tem lidado de uma maneira diferente com as contrariedades em relação à sua mãe?

P3: hum hum

Eu: De como você lidava antes? Você *tava* dizendo que antes você tinha que fazer ao contrário... e você disse que percebe que toda vez que faz o contrário, ela fica muito brava. É... então você gostava de ver sua mãe brava?

P3: É, acho que sim (inaudível). Ela é chata.

Eu: E o que geralmente deixa a sua mãe brava?

P3: É mais fácil perguntar o que não deixa ela brava. Ah, mas é só não contrariar ela que ela fica quietinha, ela fica boazinha. Ela... é o jeito dela. Eu nunca entendi, mas tudo bem. É o jeitão dela mesmo.

Eu: Você tinha comentado outro dia que você achava sua mãe uma pessoa muito indiferente as vezes, você fala que ela fica quietinha, e se concordar que ela fica boazinha, é... esse boazinha é ser uma pessoa que conversa, que dialoga, que demonstra o afeto que tem por você, pelas crianças, ou esse boazinha é simplesmente indiferente?

P3: É o simplesmente indiferente, quem ela *num*... É o jeito dela gostar de alguém né, aquele negócio de muito carinho, muita frescurinha, ela não gosta também... isso não só quando *tá* com a gente. Ela não gosta. Acho que é o jeito dela, né... não gostar que chegue muito perto dela...

Eu: E você tem alguma ideia do porquê será que ela não gosta desse contato? O que será que gera essa dificuldade na sua mãe, de expressar afeto, de se aproximar?

P3: Não sei.

Eu: Você percebe que ela é assim com todos os seus irmãos, com teus primos também, que foram criados por ela...?

P3: Com todo mundo ela é assim. Não tem diferença de ninguém, é com todo mundo.

Eu: E como você descreve o seu pai?

P3: Ah! Ele é, quero dizer, era né. Ele era totalmente o oposto dela, gostava de brincar, gostava de conversar com a gente. Tinha *vez* que a gente queria dormir, e ele *tava* conversando... ele chegava, conversava, queria que a gente soubesse das coisas que ele tinha feito, queria saber das coisas da gente... Acho que é por isso que eles se davam tão bem, era um o oposto do outro, então eles se completavam. Ela sente falta dele também, dele conversar com ela; apesar que ela não gostava dele conversar, *mais*... né... é o jeito dela, então... Eles se davam bem.

Eu: e na sua relação com o seu pai e com a sua mãe como que era?

P3: Era bom. A gente conversava tudo... normal. Não tinha tanta briga.

Eu: Se a gente puder pensar na tua história... *(entrevista interrompida pela entrada da criança, V., na sala de atendimento. V. mostra os desenhos que fez)*.

Eu: E você, as vezes... como é que você consegue fazer pra você ter o seu tempo, o seu espaço, ou não tem esse espaço que é teu, assim, onde você possa ter, fazer alguma coisa que você gosta, é... descansar. Porque, imagino que você estando ali com as três crianças, durante o dia né, eles querem conversar, eles querem

atenção, eles querem brincar e... como que é? Você divide com eles o tempo, você brinca com eles um tempo, como que é isso?

P3: A gente faz tudo junto até dormir. A V. tem a caminha dela, aí tem a cama de casal (inaudível), aí o L. tem a dele (inaudível). Depois a gente deita, a gente faz tudo junto. O L. e ela estudam de tarde, só o S. que estuda de manhã. Aí ele e a V. *fica* assistindo de manhã, e quando chega de tarde eles assistem juntos. O S. fica sozinho e vai dormir; a maioria do tempo o S. dormindo, que ele acorda cedo. Quando o S. chega, ele almoça, toma banho e vai dormir. Só final de semana mesmo, e agora *tá* de férias.

Eu: Só voltando então, né... a gente *tava* falando da sua infância, se a gente puder pensar em acontecimentos que te marcaram, que ficaram gravados, o que você pode trazer dessas lembranças, de coisas que aconteceram na sua infância?

P3: Ah, eu gostava que meu pai levava a gente no parquinho, que muitas vezes ele levava, a minha irmã também. A gente foi no circo uma vez. Mas outras coisas a gente fazia em casa; não tinha tempo pra sair mesmo. A gente brincava no fundo do quintal... não fazia muita coisa não.

Eu: O que fica de lembrança pra você são os passeios que você fazia com o seu pai?

P3: É, eu não gosto muito de morar aqui, mas tudo bem.

Eu: Não gosta do que?

P3: De morar aqui. Aqui eu lembro dele.

Eu: Ah é...

P3: Sou chegada nessa cidade não, mas tudo bem.

Eu: E lembrar dele faz você sentir o quê?

P3: Ah, nada! Mas não é legal. Eu não gosto assim... todo lugar que a gente vê lembra dele...

Eu: Você tem muita saudade dele?

P3: É, ele era mais próximo, né.

Eu: Mas foi isso que te fez sair daqui do município?

P3: Não.

Eu: Que que te fez sair do município?

P3: Hum... é... como que eu vou falar...? Vontade conhecer outras cidades, outros lugares, aí eu saí...

Eu: Quando você chegou aqui você sabia que seu pai tinha falecido?

P3: Minha irmã já tinha falado. (*silencia*).

Eu: E no dia a dia você pensa em mudar de casa? O que você pensa em fazer?

P3: Não, eu não quero deixar minha mãe sozinha...

Eu: Não:

P3: Igual eu falei, eu quero cuidar deles. Não quero sair mais.

Eu: Falando um pouquinho das crianças agora, vamos pensar nessa descrição de cada um deles... Vamos começar então pelo L., como que você descreve o L., como que é ele?

P3: Ele é bem agitado. Só que acho isso bom, pelo menos ele aprende a fazer as coisas. Ele quer fazer as coisas, porém ele não sabe. Então a gente não deixa muito ele fazer as coisas.

Eu: Que tipo de coisa ele quer fazer sozinho?

P3: Bom, antes ele não sabia fazer nada sozinho, minha mãe que cuidava dele. Agora que *tô* tentando deixar ele fazer, tirando minha mãe um pouco: 'não pode deixar ele fazer sozinho'. Tomar banho, comer sozinho... essas coisas. Minha mãe não deixava ele fazer. Agora ele *tá* fazendo... já *tá* bem melhor, mais independente. Eu falei pra minha mãe, ele vem da escola e tem que deixar ele fazer as coisas dele, ele já vai fazer doze anos. Não pode ficar tão na dependência dela. Agora ele *tá* aprendendo. Aprendeu bastante coisa (inaudível). Acho que ela tem medo né, dele se machucar, alguma coisa... Ele já é grandinho.

Eu: Então o L. você percebia que tem uma agitação por querer fazer as coisas e se ver impedido de fazer?

P3: Ahãm.

(*Entrevista interrompida novamente por V. que bate à porta*).

Eu: Você *tava* falando sobre o L.?

P3: É, ele é agitado, só que presta bastante atenção nas coisas também. Sabe bastante coisa, aprendeu a fazer as coisas né, aprendeu a ficar mais quieto. Conversa bastante com as crianças também, tenta ensinar eles... Eles *tão* aprendendo juntos, né. Bom. Bastante tempo sozinho né, mas tão aprendendo.

Eu: E o S.?

P3: O S. é preguiçoso, mas ele pega no tranco mas ele vai. Faz bastante coisas sozinho também, é mais independente.

Eu: O que o S. faz sozinho?

P3: Se deixar ele faz comida, mas não pode, dá medo de se... Se deixar ele faz tudo sozinho, ele se vira completamente sozinho, só que eu não deixo porque ele é muito pequeno ainda, né, aí eu não deixo. Aí ele penteia o cabelo da V., ele amarra a chuquinha dela, se bobear ele dá banho nela, ele arruma ela, mas eu não deixo, também tenho medo dele machucar ela né. Pra dormir, ele cuida dela, entendeu? Se deixar ele cuida de todo mundo, só que ele é muito pequeno. E ela gosta desse *paparicamento* que ele tem com ela. Ele brinca, tudo, protege ela também, porque ela é menina, ela abusa disso também. Mas tem hora que também... Brummm.

Eu: Abusa como?

P3: Ela briga, bate... Aí eu falo pra ela: 'não é porque você é pequenininha que você pode bater neles'. Aí ela 'ah, então tá bom'. Não pode, do mesmo jeito eles com você também, não pode ficar brigando por qualquer coisa, não. Eles entendem...

Eu: Como que é a V.?

P3: Ela é bem inteligente, pra idade dela é bem... ela aprendeu várias coisas... praticamente ela sabe escrever... o nome dela... não é aquela coisa, que nossa, mas tá indo bem, tá indo muito bem. Ela presta bem mais atenção que eles, ela é bem mais atenta.

Eu: E ela aprende na escola ou tem estímulo em casa pra leitura... como que é?

P3: Ela aprende na escola também, e eu ajudo eles em casa também. Ela tá lendo bem, eu pego um livrinho pra ela, ela já junta. Só que a professora falou que não pode forçar muito ainda porque ela é muito pequena. Tá indo bem... conforme a professora ensina na escola eu ensino em casa também.

Eu: Em característica de personalidade, como que é a V.?

P3: Bem agitada, bem agitada. Só que ela... como que fala? Ela é bem mais obediente que eles. Se a gente pede pra ela ficar quietinha, ela fica, mas de vez em quando dá os cinco minutos dela também e ela começa a gritar... aí ela para do nada... Assim, eu aprendi a respeitar o momento deles. Tem *vez* que eles tão, nossa (inaudível), mas *passa* três minutos *tá* os três... Que maravilha, não pode brigar, não pode fazer nada com vocês né. Se vocês fazem o que *vocêis qué*, não pode ser assim também, eu falei pra eles, tem que fazer, tem que ter regras, tem que fazer as coisas e vocês têm que fazer... mas eles *tão* bem mais obedientes agora, antes eram bem mais agitadinhos. Com o tempo vai acostumando, né?

Eu: E o que que te deixa nervosa no dia a dia com as crianças? Quais são as situações que as vezes te tiram do sério?

P3: Ah, tem *vez* que a gente tem que fazer serviço e eles não *deixa*. Eles ficam: 'O mãe, mãe! O vó, vó!'. E a gente: 'Fica aqui com a gente'. E os três não podem ficar sentados que começam a gritar. Se eles começam a ficar *nervoso*, eu já coloco os três, aí eles ficam quietinhos, mas quando a gente *tá* perto; quando a gente não *tá* perto eles pegam fogo. Minha mãe não gosta muito, aí eu falo pra eles: 'Ó, respeita a vó'. De vez em quando eles *fica queto,* mas é...

Eu: Te deixa nervosa o fato de você não ter o seu tempo pra fazer suas coisas... e não se ver permitida a isso?

P3: Não, eu falo pra eles que eles podiam ficar um pouquinho *quieta,* mas eles não ficam. Um provoca o outro, o outro provoca o outro, mas é coisa de criança né, a gente pega e nem... aí depois a gente vai lá, conversa com eles, e eles fica *queto né*, nem... *num* ligo muito pra isso. Eu falo pra minha mãe: 'não adiante brigar, deixa eles'. Daqui a pouco passa os cinco minutos deles, brincam com alguma coisa, brinca junto com o outro... *Tô* aprendendo a ser calma (*riso*).

Eu: E nessas situações, o que leva, as vezes, a um tapa, a uma forma de educação baseada na coerção física, com um tapa, com uma chinelada, é... como uma tentativa de que eles obedeçam, conforme você tinha colocado?

P3: Só quando eles ficam correndo lá fora, porque lá tem um murinho e é perigoso eles caírem do outro lado, que tem um muro aqui e a casa da vizinha em baixo. Aí a gente pede pra eles saírem do muro e eles não saem, então eu pego o chinelo neles e mando eles pra dentro, aí eles ficam quietos lá dentro. De vez em quando precisa de uma chineladinha, senão não dá certo, não, eles não obedecem de jeito nenhum.

Eu: E o que que você entende que é violência física?

P3: Deixar marca?

Eu: Deixar marcas? E quando tem um tapa, uma chinelada que não fica marca, como é que você classifica isso?

P3: Só pra eles aprenderem, minha mãe fazia isso com a gente também. Pelo menos a gente aprendeu alguma coisa.

Eu: E qual você acha que é a consequência desse tapa e dessa chinelada?

P3: Ah, eles obedecem.

Eu: E o que você entende que é violência psicológica e negligência?

P3: Ficar ofendendo, humilhar o que eles *tão* fazendo... Não *tá* nem aí pra opinião deles... deixar eles largados...

Eu: Isso você entende que é negligência?

P3: hum hum

Eu: Esses três termos – violência física, violência psicológica e negligência – são, as vezes, situações do dia a dia que acontecem sem nem mesmo perceber e, então, as vezes quando tem uma ameaça, né, quando tem, é... 'Ah, vou te devolver pro abrigo, mandar você embora daqui'... são situações que geram um espécie de terror, né, na cabecinha, no sentimento da criança... As situações do dia a dia que você relatava que aconteciam entre você e sua mãe, os conflitos, as discussões... isso tudo, é o que a gente pode chamar de uma violência testemunhal. A criança vivenciando tudo aquilo, mesmo que não seja ela o foco naquele momento do que está sendo discutido, mas ela está ali presenciando todas estas situações. Como é que você tem lidado com isso? Na relação do dia a dia entre você e sua mãe, como é que vocês têm lidado com os conflitos?

P3: Ah, a gente tá bem melhor agora. Bem... *tá* bem melhor...não discute mais, ela tá bem mais legal.

Eu: E o que você acha que causou essa mudança na sua mãe?

P3: Acho que o tempo, né...

Eu: O tempo?

P3: O tempo. Ela ficou bem mais legal. Ela quer interagir mais com a gente, fazer o que a gente *tá* fazendo. E a gente entende, vai crescendo também, entendendo ela também, né.

Eu: Hoje vocês estão mais próximas?

P3: *Tamu*, bem mais.

Eu: E como é que você descreve você, a (nome), enquanto mãe? Como que é a (nome) enquanto mãe?

P3: Ah, eu não sei. Eu me acho legal pra eles, eu converso com eles, eu tento entender o que que *tá* acontecendo com eles... Ah, sei lá, eu acho que eles gostam também, a gente brinca, apesar que eles são pequenos ainda né; a gente brinca, a gente tenta montar alguma coisa, eu tento ensinar matemática, alguma coisa pra eles. Minha mãe acha estranho o jeito que eu ensino, mas tudo bem, eles aprendem, isso é o mais legal. A professora falou que tem que ensinar do jeito que

eles entendam né, então, eles entendem do jeito que eu ensino pra eles. Acho bom. Tem que perguntar pra eles né, eu não sei.
Eu: E qual é esse método que você desenvolveu pra ensinar as crianças? O que tem de diferencial na forma como você ensina matemática, por exemplo?
P3: É só na hora que eu pego com eles mesmo, eu vou ensinando pra eles. Sei lá... o mocinho pegou isso aqui, tirou isso aqui, e fez isso aqui, aí foi... aí vou inventando história e eles vão aprendendo.
Eu: Você vai criando uma situação, imaginária, como se fosse uma brincadeira, pra que façam sentido aqueles números?
P3: Isso.
Eu: Você vai pro lado da brincadeira.
P3: Hum hum. É porque eu tinha um professor de matemática que ele ensinava, é... o amigo do meu amigo, não sei o que lá, não sei o que lá, e assim... com isso eu vou aprendendo as fórmulas... eu aprendi com ele o jeito mais fácil de explicar as coisas. Aí foi indo, e eu acho que eu aprendi alguma coisa. Bem mais prático, né.
(*V. bate na porta e entrega um desenho para a mãe e outro para mim*).
Eu: Você quer colocar mais alguma coisa?
P3: Não (risos).
Eu: Como foi pra você responder a essas questões?
P3: Normal, tranquilo...

Entrevista – Participante 4 (P4)

Eu: Me fala um pouquinho sobre a sua família de origem, onde que você nasceu, qual que era a condição...
P4: Eu nasci no (Estado do nordeste), minha família toda é de lá e eu não tenho ninguém aqui, sem parente. E vim de uma família bem humilde. Minha mãe, com quinze anos, eu comecei a namorar com o pai do (nome filho), que minha mãe não gostava, não suportava ele, brigava muito. Só que eu ouvi muito a minha mãe falar "Ah, você não dá valor, eu senti muita dor pra ter você, passei a dor da morte, quando você for mãe você vai ver o que que é ser mãe, pra aprender a dar razão pra mim", pra mim e pros meus irmãos também. E nisso que fiquei namorando, aí

com dezessete anos eu engravidei, e o pai do (filho) não queria, ele queria que eu tirasse e eu falei: “Não, eu vou ter, porque eu quero ver se realmente é essa dor da morte pra ter um filho, pra ver o que minha mãe fala. Aí engravidei do (nome), só que depois que engravidei o pai dele já me deixou de canto, já não ligava muito pra mim, e minha mãe também não queria eu na casa dela quando eu engravidei dele. Ela falava: “Não”, porque se eu engravidei eu tinha que ficar com o pai dele e essas coisas. Aí quando eu ganhei ele...

Eu: Você ficou onde nesse período?

P4: Eu fiquei numa casa, porque eu morava com o pai dele, só que o pai dele ficava mais na rua, com os pais dele, do que em casa comigo.

Eu: Então aos quinze anos você já foi morar com ele?

P4: Não, quando eu engravidei, com dezessete já. Aí eu ficava na casa mais sozinha, porque ele ficava mais na casa com os pais dele. E minha mãe nem queria saber de mim, a minha família toda na verdade, pelo fato de eu ter ficado grávida.

Eu: Você queria ficar grávida? Foi planejado?

P4: Queria, eu queria. O pai dele não queria, mas eu queria. Planejar, planejar não, mas depois que veio eu quis. Aí quando eu ganhei ele minha mãe foi me visitar no hospital, aí ela levou, porque lá é assim, tem que passar a dieta na casa dos pais pros pais cuidarem, e ela levou pra me cuidar. Só que descobri que o pai do meu filho *tava* me traindo com uma amiga minha, aí eu já não voltei mais pra minha casa, fiquei na casa de minha mãe. Aí eu fiquei morando com minha mãe, e quando eu ainda *tava* morando com minha mãe e o (filho) com dois meses, o pai dele se envolveu numa briga lá e acabou atirando numa mulher, aí foi preso, o pai dele foi preso, aí eu peguei e falei que não queria mais ficar com ele, não queria mais ele, não ia lá. Aí foi onde eu fui embora pro (Estado do centro-oeste), isso já tinham se passado uns nove meses, mais ou menos. Aí fui pro (Estado) e minha mãe ficou com o (filho), eu não levei ele, fui pra lá com minha irmã, pra trabalhar pra poder ajudar o custo de vida do (filho), porque eu sabia que o pai não ajudava com nada, e minha mãe também não tinha condição, aí eu fui. E quando eu cheguei lá a minha irmã arrumou um serviço de babá pra mim e eu comecei a trabalhar, e tinha arrumado um dinheiro pra *mim* comprar as coisas pro (filho) lá. Aí quando o (filho) *tava* com três anos, eu conheci o (nome do companheiro atual) e a gente começou a morar junto.

Eu: Você conheceu ele onde?

P4: Aqui, do (Estado do centro-oeste) eu vim pra cá, eu vim passar um final de ano na casa da cunhada do meu cunhado. A gente veio, veio todo mundo de lá e eu conheci ele aqui. A gente começou a namorar, aí três meses depois que a gente *tava* namorando, juntamos, eu vim de lá pra cá e a gente foi morar junto. Aí eu liguei pra minha mãe e falei: “Mãe, eu vou pegar o (filho) pra vim morar comigo”, nisso ele *tava* com três anos, na época, e ela falou que não, que ela *tava* cuidado dele, que era pra *mim* deixar... mas eu falei: “Ah, mas agora eu *tô* casada, a gente *tá* morando junto, tem a nossa casa, tudo certinho”. Ela falou: “Não, deixa ele aqui”. Aí passou. Aí quando ele *tava* com quatro anos, ela veio de lá trazer ele pra *mim* ver, aí veio, passaram o final de ano, aí voltou. Aí depois... eu pedi pra ela deixar e ela não quis deixar, que ela queria ficar com a criança. Aí quando ele *tava* com cinco anos, ela ligou pra mim, ele já *tava* na escola, ela ligou: “Vem buscar o (filho) porque eu não *tô* mais dando conta dele. Eu deixo ele na escola, ele pula a janela e foge”. Lá é tipo uma casa as creches de lá e as escolinhas. E ele pula a janela e vai... Aí eu falei: “Tá bom, eu vou aí buscar ele, aí”. Quando foi no mês de julho, eu peguei férias, porque eu *tava* trabalhando, e fui buscar ele. Aí eu fui buscar ele pra morar comigo, ele já tinha cinco anos. Aí eu, pra *mim* trabalhar, eu pagava uma mulher pra cuidar dele, eu ia deixar o menino na casa dela e ela levava na escola. Só que aí ele fugia direto. Dois, três meses que ela *tava* cuidado, ele tentou pular o muro da casa dela e quebrou a perna, aí eu tive que ficar faltando do serviço, até que fechou o serviço onde eu trabalhava e a gente ficou em casa. Aí eu arrumei outro serviço, e nesse outro serviço ele já não queria mais ficar na casa da mulher. Aí eu falei: “Então vamos comprar um micro-ondas, deixo a comida no prato lá na geladeira e você mesmo esquenta a sua comida”, aí foi onde ele já começou a ir pra rua.

Eu: Ele *tava* com cinco anos?

P4: Não, ela *tava* com sete quando eu comprei o micro-ondas e ele ficava dentro de casa, ele já tinha sete anos.

Eu: Por dois anos você ficou com ele e *tava* dando essa rotina?

P4: É, ele ficava na casa da mulher; quando eu vinha do serviço eu descia e pegava ele e descia pra casa. Só que nesse tempo ele já começava a fugir, sabe, da casa da mulher pra ficar brincando na rua, aí ele calculava mais ou menos a hora que eu chegava, ele vinha, e a gente ia pra casa.

Eu: Você acha que aí ele fugia em busca de quê?

P4: De brincar... ele sempre gostou muito de pipa, desde pequenininho ele sempre gostou muito de pipa, sempre, perdia a hora de comer, de tudo, atrás de pipa. Aí fomos vivendo. Aí com dez anos, quando o (filho) tinha nove anos, veio um vizinho reclamar que ele tinha roubado uma bicicleta, foi quando peguei ele e bati, bati, bati, bati, espanquei. E essa é uma coisa que eu me arrependo, não me perdoo até hoje, essa é uma coisa que eu me arrependo muito, porque acho que isso tudo começou a acontecer foi através disso, depois que aconteceu isso, então eu me culpo muito. E eu *tava* grávida da (nome da filha) na época e... e eu cheguei em casa e o vizinho falou assim: “Seu filho foi no quintal de casa e pegou a bicicleta do meu filho. E eu vou chamar a polícia e a polícia vai levar ele preso”. Eu falei: “Não, se for preciso eu pago essa bicicleta, não precisa, e o senhor sabe”. E ele falou: “Foi ele, os vizinhos viram que foi ele que pegou”. E aí quando eu cheguei pra dentro eu comecei a bater nele, peguei uma corda e bati, bati, bati... foi aonde o (nome do companheiro) chegou em seguida e aí tirou ele de mim, separou a gente, eu dele. Só que hoje isso me vem na minha mente e eu me culpo muito, porque ele pedia, ele gritava pra *mim* parar de bater, mas eu não conseguia parar. Na escola o pessoal *acionaram* o Conselho, aí do Conselho vieram e tiraram ele de mim. E foi aí que começou tudo, depois disso ele foi pro abrigo, tudo, ficou dois meses no abrigo... e eu nem sei, ficou dois meses no abrigo, eu ganhei a (nome da filha), ia visitar ele; eu nunca deixei de visitar ele, nunca deixei, sempre fui ver ele, onde ele vai, eu sempre vou atrás ver ele. Aí ele teve a audiência, ele voltou pra casa e a gente continuou a rotina. Eu ganhei a (nome da filha), mas precisava continuar trabalhando. Eu pagava pra cuidar dele e da (filha), só que ele não ficava na casa da mulher, eu deixava ele lá, ele virava as costas e saia pra rua, não ficava, a mulher falava com ele mas ele não obedecia ela, humilhava, falava: “Ah, você não é minha mãe, dá ordem e eu não quero ficar aqui”, e não ficava. E nisso foi passando, foi passando e hoje ele *tá* assim.

Eu: O que você entende sobre violência física, psicológica e negligência? O que você entende que é violência física?

P4: Bater. Bater. Eu bati, nesse dia, eu te falo, não sei o que que aconteceu comigo, mas eu sai totalmente do controle. E como eu aprendi isso, eu aprendi isso com minha mãe, que era batendo, então eu aprendi com ela e levei isso com ele, e hoje

eu não faço mais isso, e me arrependo, eu acho que se não tivesse acontecido também minha vida seria diferente com ele, mas infelizmente aconteceu.

Eu: Quais são as situações que você se viu ser levada a esse tipo de reação?

P4: Muita reclamação no meu portão, muita, todo dia tinha alguém reclamando. Ah, que tacou pedra, ah, que pôs fogo, ah, que roubou, ah, que bateu. Muitas dessas coisas, sabe, e até hoje vai gente em casa falar que o (nome) roubou, até hoje, antes mesmo de ele sumir saiu um comentário que tinha uma bagunça no vizinho, e eu falo pra ele: “Você não precisa disso, é só você me pedir que eu dou um jeito e eu compro e sempre foi assim”, quando ele me pedia uma coisa, eu dava um jeito e comprava pra ele, já pra evitar esse negócio de roubo, *cê* entendeu? Então eu acho que meu pior erro foi esse, ter batido nele dessa forma e o Conselho ter se envolvido, foi falar que eu não podia ter corrigido, que não podia fazer nada, *cê* entendeu? Porque falaram isso na minha frente e na frente dele, “sua mãe não pode lhe bater, sua mãe não pode, você não pode fazer nada dentro de casa, só precisa estudar”, então isso ficou na mente dele, então “pô, vou brincar, eu não vou ocupar meu tempo com nada”, e foi agravando, e foi agravando... e disso que ocorreu eu tive que começar a passar tudo que acontecia dentro de casa, portanto que ele tem raiva, ele fala, a (nome da conselheira tutelar) foi lá e ele falou: “Ó, quando eu *tô* na rua ninguém vai atrás de mim, eu *tô* aqui e já vai começar, daqui a pouco eu vou ter que sair daqui...”, ele fala que tudo tem que informar da vida dele e ele fica com raiva, ele não gosta, ele fala: “Mãe, tem coisas que não tem que sair contando, *cê* não tem que sair falando isso, isso e isso na Justiça”, isso é coisa séria já, não é coisa de brincar, *cê* entendeu? Mas ele não gosta que fale, ele não gosta, pra ele ele tem que fazer e só eu tenho que saber, os outros não.

Eu: Voltando um pouquinho que no que você disse, você disse que você aprendeu que era batendo que se corrigia...

P4: Isso eu aprendi.

Eu: Você foi criada pela sua mãe, como que era a sua mãe, o seu pai, como que era a relação...?

P4: Eu fui criada pela minha mãe e pelo meu pai, mas qualquer coisa, se não chegasse no horário era surra.

Eu: Quantos irmãos você tem?

P4: Sete.

Eu: Sete. E qual é a sua posição?

P4: Eu sou a mais nova. Eu sou a mais nova, mas sempre foi bem isso, se tivesse conversando com alguém e a gente passasse na frente e falasse com ela já era motivo de, a visita saiu já ia apanhar, era isso.

Eu: Como que era a sua mãe?

P4: Ela era não, ela é até hoje ainda, ela é bem rígida, bem rígida, ela falou e *tá* falado, a palavra dela não volta atrás.

Eu: Você tinha medo da sua mãe? Você apanhava muito quando criança?

P4: Mais ou menos, quando eu fazia arte.

Eu: Você acha que essa fala da tua mãe, que quando você tivesse um filho você saberia o que era sofrer, isso te marcou?

P4: Eu não sei, entendeu? Eu não esqueço, não sei se marcou...

Eu: Tua mãe trabalhava?

P4: Trabalhava de roça.

Eu: Vocês moravam numa região rural?

P4: De sítio.

Eu: Teus pais trabalhavam em...

P4: Na plantação.

Eu: Você chegou a ajudar nessa época?

P4: Ficava em casa cuidando dos sobrinhos, buscava água.

Eu: Tinha irmãos seus que já tinham saído de casa ou moravam lá também?

P4: Alguns já tinham casado e outros trabalhavam de roça também, ali mesmo, na roça.

Eu: Você disse que sua mãe é uma pessoa muito rígida. Que mais você lembra e diz "ah, minha mãe é assim"?

P4: Ah, nada podia, nada podia. Ah, queria uma boneca; nunca tive uma boneca, nunca tive, e na verdade, hoje eu falo, qualquer coisa que meus filhos peçam, se eu tiver condições, eu vou lá e compro, acho que por eu nunca ter tido nada, até uma boneca de milho quando a gente arrancava pra brincar com ela a gente apanhava, porque era desperdício com a espiga de milho. Então é isso, ela era muito dura.

Eu: Como que era a sua relação com ela?

P4: Normal, até hoje é, não tem muita questão, não, não tem muita *pegação*, não sou muito apegada.

Eu: Você acha que ela não olhava pra você, e talvez pra todos os seus irmãos, de um jeito a entender as necessidades de vocês?

P4: Eu acho. Eu não sei se pelo fato de eu ter dado bastante trabalho quando eu era adolescente, eu acho que eu sou um pouquinho mais rejeitada, digamos assim, ela não tem um vínculo comigo.

Eu: E como que era o teu pai?

P4: O meu pai separou dela, eu acho que eu era muito criança ainda, eu não tenho contato com ele.

Eu: Você tinha quantos anos?

P4: Tinha uns dez, doze anos, mais ou menos. Última vez que eu conversei com ele eu tinha quinze anos, que foi quando eu comecei a namorar o pai do (filho). Ele veio dar ordem e eu falei que ele não tinha que se meter, daí ele falou que se eu continuasse namorando com ele, faria de conta que eu não era mais filha dele. Aí então nunca mais fiz questão.

Eu: O que você lembra dele?

P4: Nada, só isso.

Eu: E nesse período em que vocês viveram juntos, até os doze anos, mais ou menos?

P4: Sempre trabalhou e sempre foi muito de bater também. As mais velhas ele não deixava namorar, não deixava nada, mesmo sendo *tudo* já grande.

Eu: A sua relação com ele, como que era?

P4: Normal também.

Eu: Era como a relação com a sua mãe?

P4: Isso, obedecer e ponto, se quisesse ou não quisesse.

Eu: E como que era a (nome de P4)?

P4: A (nome de P4) era rebelde, eu era rebelde de fugir de casa. Não sei.

Eu: E você fugia por quê?

P4: Sei lá, pra brincar, pra assistir tv na casa dos coleguinhas, na minha não tinha. Eu era fujona, eu era danada. Só que sempre voltava certinho pra casa. Eu ia e quando dava seis horas eu *tava* em casa.

Eu: O que você gostava de fazer?

P4: Assistir televisão na casa das minhas colegas, eu assistia tv na casa das colegas, porque na casa da minha mãe não tinha. E depois que eu fui crescendo, a

minha mãe casou com outro homem e ele comprou uma televisão, só que ele não deixava a gente assistir; se a gente ligava pra assistir um desenho, ele ia lá e desligava.

Eu: Por quê?

P4: Porque ele era ruim.

Eu: E o que você sentia com isso tudo?

P4: Raiva, muita raiva dele. Ele batia muito no meu irmão, ele não gostava dele. Em mim ele nunca bateu, mas na minha irmã ele batia.

Eu: Ele batia em um único irmão seu?

P4: Ele batia no meu irmão mais velho que eu.

Eu: Por que será?

P4: Tudo era motivo, se ele mandasse ir num lugar fazer alguma coisa e demorasse dez minutos do horário marcado, ele já chegava batendo no meu irmão. Eu chegava e ele tinha batido nele. Eu acho que ele tinha birra, não sei. E eu ficava com raiva da minha mãe, porque ela deixava de ficar do lado do meu irmão pra ficar do lado dele. Eu não gostava, eu falava que ela tinha que ficar do lado do filho dela, não do lado do meu padrasto. Eu acho que por isso que eu sou mais assim com minha mãe. Eu falava que filho é do sangue, filho é pra toda a vida, homem não. E é isso que eu penso. Até no meu caso, que tem o (nome do filho), ele não é filho do (nome do companheiro), mas jamais que eu vou ficar do lado do (companheiro) e não ficar do lado do (filho). O (companheiro) bater no (filho) e eu não defender? Jamais! Eu costumo falar que eu posso tudo porque ele é meu filho, mas ninguém pode encostar a mão nele, ninguém pode xingar, ninguém pode falar mal, eu posso, os outros não. Ninguém vai encostar a mão. É meu. Sou bem isso, então, sei lá.

Eu: E o que que te levou, nesse relacionamento com o pai do (nome do filho), que que te ligou ao pai dele?

P4: Na realidade eu era adolescente na época, tinha quinze anos, e ele já era bem mais velho que eu, ele era quase dez anos mais velho que eu, na época, e ele começou a mandar cartinha, foi meu primeiro namorado, veio, depois eu engravidei, que eu ganhei neném, eu vi que eu não queria mais, e não tinha jeito, só que ele me ameaçava, falando que se eu não ficasse com ele eu não ia ficar com mais ninguém, que matava eu e minha família, então... (interrompida pela filha que bateu à porta).

Então, foi aonde que ele foi preso, então eu achei melhor, arrumei um serviço, foi quando eu achei melhor sumir da vida dele. Aí sumi.

Eu: Como que foi se ver grávida e sozinha?

P4: Ah, foi difícil, mas sobrevivi. Foi difícil porque as vezes não, *cê* queria conversar e não tinha ninguém pra conversar com você, é... não tinha ninguém pra dividir, “Ah, como que vai ser...quando que crescer...? Como vai ser, como é cuidar?”, isso eu falo, é difícil, não foi fácil, não.

Eu: Você disse que você voltou pra casa da sua mãe depois do parto...

P4: Voltei.

Eu: E era ela quem cuidava do (nome do filho)?

P4: Não, eu que cuidava. Ela não fazia nem questão de ficar perto dele, sabe, não pegava, só se eu não tivesse em casa, se eu precisasse sair, aí eu chegava as vezes assim e eu pegava ela brincando com ele e tudo, mas na minha presença não, na minha presença ela dava a entender que ela não gostava dele, era isso que ela, que eu entendia. Aí eu tentei voltar a estudar de novo, mas aí ela não quis ficar com ele pra *mim* estudar, aí eu parei os estudos.

Eu: E ela aceitou ficar com ele quando você precisou ir trabalhar?

P4: Ela falou pra *mim* ir, porque, pra *mim* ajudar com as coisas pra ele, porque ela não, o pai não dava nada e ela não tinha também condição. Foi aonde ela se apegou a ele, né, só era ela e ele em casa, não tinha mais ninguém, só eles dois.

Eu: E como que você descreve o (nome do filho)? Como que você vê, qual a sua concepção?

P4: O (filho) ele é um menino muito bom, ele é bom, ele, não sei se ele é revoltado, talvez, de eu ter deixado ele lá quando criança com minha mãe, não sei se ele se revoltou depois que eu engravidei, porque ele sempre foi só ele, e eu não tinha nem planos de ter outro filho, eu tinha focado em ter só ele, engravidei da (nome), eu parei de tomar medicamento pra colocar o Diu, *tava* esperando a menstru*ação* descer e quando fui ver eu *tava* grávida dela, não sei se ele ficou enciumado, não sei. Ele fala que não tem ciúme nenhum dela, ele fala, fala que é o (inaudível) dela, fala muito bem dela, mas eu não sei, ele é um bom menino, ele ajuda todo mundo, se ele puder te ajudar, ele vai te ajudar. Na rua de casa você vê um senhorzinho que gosta dele, que fala bem, um senhorzinho de idade, a senhorinha, você passa lá e eles perguntam: “E o (nome) como *tá*?”, nem acreditam como *tá*, e falam: “Nossa, na

rua?”. Só que o problema dele é fingir, ele finge muito bem, finge muito bem ele, *cê* pensa que tá assim, “Ah, *tô* bem, eu sou bom”, só que parece que ele esconde alguma coisa dentro dele que não é bom, não sei distinguir, sabe, ao mesmo tempo que eu falo que ele é muito bom, ele demonstra ser um menino rebelde... então eu não sei. As vezes eu pensava que ser rebelde e sair pra rua é normal... porque eu já fiz isso também, já saí também pra rua, só que eu voltava, mesmo sabendo que eu ia apanhar, eu voltava. Ele não volta e ele nem apanha, porque eu não bato, eu já bati e não nego, eu falo, o que eu tiver que assumir, eu até me culpo por tudo isso que aconteceu devido a essa vez que eu bati, porque eu bati de verdade, e depois disso eu não bati mais porque eu fiquei com medo de perder ele novamente, *cê* entendeu? Então eu não bato, e eu não consigo entender, eu martelo a minha mente, mas eu não sei.

Eu: Você tinha dito que você entende como violência física ‘bater’. Existem várias formas de bater, quais delas que você entende que são violência física? Todas ou algumas? Como que é isso?

P4: Bater, se você bateu, bater de qualquer forma, um tapa *tá* batendo.

Eu: Existem outras formas também que caracterizam uma situação de violência, então a violência psicológica, o que você entende por violência psicológica?

P4: Ah, eu acho que ficar xingando de burro, eu acho que atinge bastante, eu nunca fui de falar isso pra ele, vagabundo, acho que umas palavras assim que magoam. Vagabundo eu já xinguei ele. Essas coisas assim.

Eu: Xingamentos, então. E negligência?

P4: Não sei, não sei.

Eu: O que seria uma mãe negligente?

P4: Não sei, esse eu não sei. Se puder me falar até é bom porque eu vejo se eu não sou.

Eu: A palavra ‘negligência’ tem um sentido daquilo que é negligenciado, daquilo que não é feito e que deveria ser feito no cuidado à criança. Então, não cuidar da saúde, da educação, das necessidades afetivas da criança, são alguns exemplos.

P4: Quanto a isso eu acredito que eu nunca fui, não, com ele. Eu sempre levei no médico depois que ele veio morar comigo; na escola eu levava, eu não buscava, mas eu levava, a falha foi me preocupar na ida e esquecer da volta pra casa, cê entendeu? Que até grande agora quando eu coloquei aqui, o (companheiro) levava,

mas eu falo assim, eu fazer, eu não me refiro só a mim, porque o (companheiro) levava, geralmente eu saia pra trabalhar de manhã, e como ele trabalhava e entrava oito horas no serviço, então ele tinha mais tempo pra levar ele na escola do que eu, mas em reuniões de escola eu sempre fui, só que a gente trocava pra levar o (filho) na escola e buscar, buscar ele vinha sozinho, entendeu?

Eu: É onde ele não ia pra casa?

P4: É onde ele não ia pra casa. O (companheiro) já se preocupou muito de levar, vamos levar pra escola, pra casa ele vai sozinho.

Eu: E o que que você acha que tem por trás, de consequência, de todas essas formas que a gente mencionou de violência física, psicológica e negligência?

P4: É... eu acho que causa um trauma na criança, pode levar ela a ficar tipo o meu filho... querer ficar longe de casa... preferir ficar com um estranho do que com a família... essas coisas. Eu acho que um estranho não corrige.

Eu: E você acha que dá pra corrigir tudo isso?

P4: Ah, não sei, não sei. Pode até não dar pra corrigir tudo, mas largar de mão, não tem como, não consigo largar meu filho, não consigo.

Eu: E ele sente que você não está abandonando?

P4: Mas ele sabe disso, ele sabe, ele fala, ele bastante. Então eu sinto que ele sente que eu jamais vou abandonar ele.

Eu: Você acha que ele se sente com raiva pela agressão?

P4: Eu acho que ele se culpa. Eu acho que muitas vezes ele se culpa por ser assim. Ele fala pras pessoas também, dessa vez que ele fugiu do abrigo agora, da última vez, eu *tava* conversando com uma menina antes de ontem, eu fui no, antes de ontem não, segunda-feira, que eu fui no CAPS e ela *tava* falando que quando ele fugiu do abrigo ele passou lá na casa dela, e *tava* conversando com o filho dela. Aí ela falou: *"Ah, você não é o filho da (P4)?", "Sou", "Por que você não vai pra casa?", "Ah, não vou, porque se eu for pra casa eu vou prejudicar a minha mãe, porque o Conselho Tutelar vai atrás dela e ela vai acabar sendo presa", cê* entendeu? Então *cê* vê que ele se preocupa comigo, do jeito que ele fala, ele prefere ficar em risco do que prejudicar a família dele. Então você vê que ele se culpa, sim, só que ele não consegue parar, ele não consegue parar de fazer essas coisas, parece que tem alguma coisa dentro dele que faz ele fazer esse tipo de coisa.

Eu: Você vê um tanto da sua história semelhante com a do (filho)?

P4: Um pouco.
Eu: Uma última questão. Como que você se vê como mãe?
P4: Destruída... eu falhei... falhei com meu filho. Meu filho não tinha que *tá* aí, ele tinha que *tá* comigo, ele não tinha que *tá* lá, ele tinha que *tá* comigo em casa, não lá. Então eu acho que eu falhei com ele. Eu acho que eu falhei com ele, eu só não sei onde, mas eu acredito que eu falhei com ele. Não sei se pelo fato de eu ter deixado ele muito sozinho, quando era criança, na época ainda era criança, não sei, não sei onde, mas eu sei que eu falhei muito, como mãe eu falhei com ele.
Eu: E como mãe o que você deseja fazer?
P4: Tudo que eu mais quero é meu filho comigo, bem, que possa confiar em mim, que possa conversar comigo, que possa me contar os problemas dele, que eu possa ajudar ele a resolver, isso é o que eu mais quero.
Eu: Isso é importante.
P4: E é o que eu mais quero, ele comigo, eu não quero ele lá, eu não quero ele em nenhum lugar longe de mim, eu quero ele perto de mim, eu quero ele perto de mim. Eu quero olhar ele deitado, ainda que eu tenha que fechar a janela, pra ter ele ali, perto de mim, eu quero ele perto de mim, eu sou a família dele.
Eu: Que bom que ele tem uma família.
P4: Eu sou a família dele, eu e eu. Então é isso que eu quero. Eu só queria entender o que que eu posso fazer pra isso acontecer.
Eu: O teu desejo de proximidade já é um ingrediente importante, né, pra que vocês possam estar mais juntos. Porque se você não quisesse estar com o (filho) seria muito mais fácil ele se desprender.
P4: Isso jamais, jamais vou fazer isso.

Apêndice C – Aplicação das pranchas 1 e 7MF do TAT

Participante 1 – Maria

Prancha 1
Reação: É bem antigo (inaudível), não é não? (riso). Nossa, é complicado aqui, heim (fala inaudível e risos). Sei lá que raio que é esse aqui, meu Deus do céu.

História: Ah, é complicado, heim. Aqui, sei lá... aqui ele *tá* bem pensativo, não sei... como colocar no lugar dele aqui... É complicado. Bom, pela aparência dele aqui, ele *tá* tão ligado na situação, não sei como colocar o negócio aqui, sei lá, sei lá, é um negócio complicado, complicado. Bom, eu não sei o que eu vou falar pra você a respeito disso aqui... Ele *tá* muito pensativo aqui, pensativo até demais, eu não sei qual é o assunto aqui na cabeça dele, vamos colocar assim... Não sei se ele *tá* planejando algo, ou quem sabe futuramente, é o que dá pra entender disso aqui, porque ele *tá* tão ligado, tão fixado aqui no negócio aqui, que eu não sei se é um violino, se é um... que *tá* em cima aqui, ou é uma nota, não sei, mas o que eu *tô* vendo é isso, sabe, que ele *tá* bem, é... como que é a palavra certa? Ele *tá* bem presente ali no que ele *tá* vendo, *tá* sentindo, ah, é isso que eu *tô* vendo, mas, assim, o real mesmo, tem uma situação, tipo um pensamento dele que *tá* além daquilo ali, então ele *tá* viajando. (*Ele está pensando em quê?*). Ah, é o problema que ele *tá* pensando... (*O que você imagina?*). Ah, eu não posso colocar assim, mas essa imagem aqui tá parecendo um violino, pode ser que ele *tá* pensando alguma coisa de violino, tipo assim, músico, sei lá, o que eu posso falar... ele *tá* pensando além, o que ele pode fazer além desse violino, que pode trazer pra ele, é, como que fala, futuramente, ele ter uma carreira, família, entendeu? É o que *tá* passando aqui, então não tenho muito o que questionar, o que eu posso falar agora, olhando essa imagem, é isso, ele *tá* bem focado nisso aqui que ele *tá* vendo. (*E antes disso, o que aconteceu?*). Ele? Ai meu Deus, como eu posso pôr pra você... Ah, isso aqui, como fala, isso aqui, você falou o antes dele chegar nisso aqui, eu *tô* vendo que isso aqui é a oportunidade que ele *tá* tendo, então vai ver que lá atrás ele não tinha o que ele tem agora, mais ou menos assim, eu não sei como colocar pra você, sabe, mas acho que é uma chance, uma oportunidade que *tão* dando a ele, pra ele se levantar e ir além desse projeto da cabeça dele, porque não vai ficar só nisso aqui, entendeu? Pode ser que ele vai... vou fazer uma aula de violino, vou dar um futuro melhor pra minha família, vou me entregar nisso daqui; lá atrás, vamos dizer, antes, ele não tinha nada disso, nem a oportunidade eu tinha, então acho que é assim. (*E como que termina essa história?*). Como que termina? Que ele venceu, né. Então ele concluiu tudo, do comecinho ali que ele era, da onde que ele saiu e aonde que ele chegou agora. Então foi uma chance, isso foi uma pequena chance pra ele se reerguer do que ele era, eu acho que é assim, e agora, como fala, e de *tudo* esse

projeto que ele passou ali da vida dele, ele focou nisso aqui, ele se levantou novamente pra esse negócio aqui do violino dele. Então eu acho que ele foi um excelente violinista, só que é violino mesmo, eu *tava* colocando mas eu nem sei se é violinista isso aqui (riso). (*O que ele tá sentindo com essa situação toda?*). Ah, ele, você fala pelo que eu tô vendo dele aqui, né... Ah, ele *tá* muito (inaudível), porque ele sabe que oportunidade deram, então ele soube aproveitar e vem aproveitando e aproveitando, e é o modo que ele tem de agradecer as pessoas, assim, que, no caso, deu a oportunidade e tentaram ajudar ele, e o que ele pôde dar de volta, em troco, vamos dizer assim, foi a gratificação de ele chegar onde chegou, então é o que eu acho, ele foi bem, foi além daquilo lá, então ele conseguiu, e de tudo o que ele passou, só faltava pra completar a vida dele e estruturar, só faltava essa chance pra ele levantar e caminhar e ter esse desfecho, e ele conseguiu. É isso aí.

Prancha 7MF

Família, mãe, e isso aqui é o que? Um boneco na mão dela? Nossa, isso aqui é antigo... Meu Pai... Eita, eu fiquei na prova de fogo agora... Nossa... O que eu imagino que é isso?... A menina com o livro na mão, é diferente, não sei... isso aqui, sei lá... Não sei o que a mãe dela *tá* mostrando aqui em termos de, de, assim, pelo que eu *tô* vendo aqui é, vamos dizer que ela está aconselhando, sabe, a menina, só que a menina, pelo que ela *tá*, o jeitinho dela aqui, ela *tá* muito, como eu digo, ela é meiga, mas ela, ela guarda um sentimento, sabe, pelo que eu *tô* vendo na foto assim, sabe, que a mãe *tá* conversando, *tá* conversando, não sei se *tá* expondo alguma situação, sabe, é o que eu *tô* vendo aqui, assim, pra *mim* poder falar, mas o que *tá* passando, que... que deu o dia aqui, que essa menina, não sei o que *tá* acontecendo... mas eu eu acho que aconteceu... Então a mãe dela *tá* tentando conversar, mostrar como que é a vida, sabe, porque, a gente cria o filho pro mundo, só que primeiramente a gente tem que olhar pra Deus, né, porque tudo pra Deus, não as pessoas, então pelo que eu *tô* vendo aqui, acho que ela *tá* tentando aconselhar ela algo que ela, pra que, tipo assim, não venha a sair do controle da mãe, sabe, mas tentar mostrar pra ela onde ela deve pisar e como ela tem que fazer, como ela tem que agir, vamos dizer assim... Acho que é isso que eu *tô* entendendo aqui, o que eu posso falar pra você. (*A mãe está então aconselhando?*). Sim, ela *tá* dando um conselho, pelo que eu *tô* vendo, ela *tá* sentada aqui, a menina

tá sentada, só que a menina é, tipo assim, a mãe *tá* falando, a mãe *tá* falando, mas ela não dá muito ouvido. Então aquilo ali pra mãe deve ser uma afronta, porque ela *tá* escutando. Se eu sou a mãe... (*Como a mãe se sente?*). Afrontada. E a partir do momento que é uma afronta. É o que eu vejo. (*E o que se passa com a menina?*). Então, é algo na cabeça dela, ou ela passou por alguma situação, vamos colocar assim, mas pela foto e o jeitinho dela aqui, ela não dá muito ouvido pro que a mãe *tá* questionando, *tá* ali falando. É como 'Ai, quem tá falando comigo?', 'é minha mãe', então tanto faz, entra por um ouvido e sai por outro... ela não *tá* acatando o que a mãe dela *tá* passando pra ela, então a mãe *tá* ali pra ajudar, mas ela *tá* sendo rebelde, é o que eu *tô* entendendo, é o que eu posso falar pra você, é uma rebeldia. (*E o que aconteceu antes dessa cena?*). Dessa cena? Ah, acho que é sofrimento, né, vai ver ela foi judiada, a menina, então... como eu posso falar pra você... e a mãe *tá* conversando com ela pela situação da, da, não sei... de alguém ter judiado... só sei que... da, da, *tá* difícil... da situação que ela passou, então a mãe dela *tá* tentando conversar com ela, tentando colocar na cabeça dela que se aconteceu algo esse algo não vai ficar perdido, ela vai tentar ajudar, a mãe vai dar o melhor pra tentar ajudar, só que a menina tem que abrir o coração, tem que ser mais, é... como fala... mais, é... aproveitar mais o que a mãe *tá* tentando fazer por ela, porque se ela não der ouvido agora no que a mãe dela tem pra ela, o que vai ser do futuro dela? O que que vai ter lá na frente pra ela? O que ela vai receber lá na frente se a mãe dela não tentar conversar com ela? É isso que eu *tô* entendendo aqui. (*E como que a história termina?*). Sinceramente, sinceramente, ela não, eu acho que o que a mãe dela fez aqui foi reconhecido, assim, particularmente, a mãe fez, soube que fez, fez o seu melhor pra ela, assim, pra conversar com a menina, pra mostrar pra ela, só que a menina não acatou o que a mãe passou, pra ela tanto fez, tanto faz, então pra menina... o que vai ser dessa menina? O que a mãe *tá* fazendo pra ela, ela não, como fala, ela não interagiu ali com a mãe dela, porque ela teve o momento, a mãe conversar, questionar, botar em prática a situação, só que pra ela, o futuro dela seria um futuro brilhante, só que ela não acatou, ela simplesmente fechou o ouvido pra mãe dela e... *tá* pagando as consequências do mundo, sabe, assim, pra ela, porque ela poderia ter um futuro bem, bom, brilhante, mas ela não conseguiu. Por quê? Porque ela não deu ouvido ali ao que a mãe dela disse, vamos dizer assim, e, simplesmente, sofreu. É o que posso falar assim, dessa forma.

Participante 2 - Jezabel

Prancha 1

Reação: risos

História: Ele está pensando. Ai, como eu vou falar pra você... É difícil você imaginar quando uma criança *tá* sentada na frente de um violino e não sabe o que vai tocar, se é uma canção, se é uma canção, que tipo de música que ele vai tocar. Eu imagino isso, em qual música que ele vai tocar. Muito pensativo até. (*E o que aconteceu antes?*). Alguma decepção, de alguma coisa, né. Eu *tô* pensando, ou ele errou alguma coisa lá trás e *tá* tentando consertar aqui na frente, imagino isso, que ele possa tocar novamente. (*Como ele está se sentindo?*). Pensativo, né, pensativo, um pouco triste. É uma imagem que eu vejo. Olha, se ele conseguir fazer as coisas certas, e conseguir tocar a música que ele quer, eu acho que ele vai estar feliz. E é como é a vida da gente, porque talvez tenham algumas coisas que você erra, e talvez você não erre porque você queira, mas é porque você *tá* pensando em outra coisa. E pode ser a mesma coisa dele.

Prancha 7

Aí, a mãe, a menina e o bebê. O pensamento de quem das duas? (*É uma história, você vai contar uma história sobre o que aconteceu antes, o que está acontecendo agora, o que está se passando...*). A mãe *tá* sentada normal, e ela com o bebê no colo. Eu, se eu fosse uma criança, eu pensaria assim: como será que eu seria mãe? E a mãe, eu acho que *tá* mais tranquila assim, pode ser que tenha conversado com a filha, porque pela imagem, a menina *tá* mais pensativa do que a mãe, e segurando um boneco. Imaginando como será, aquela imagem meia... pode ser que a mãe tenha conversado, falado, mas o dela é uma coisa meio pensativa, que ela *tá* com um olhar mais distante, segurando a criança. Difícil explicar essa imagem. (*Ela estaria pensativa por quê?*). É difícil, porque a mente de uma criança, ela passa por coisas que eu acho que ninguém decifra a mente de uma criança, mas quando ela *tá* pensativa, é difícil. Segurar um boneco... talvez, pra mim, seria perguntar quando ela seria mãe, como ela cuidaria do bebê, se seria a mesma coisa... A imagem ela é

difícil. Eu já vi essa imagem com uma psicóloga muitos anos atrás... difícil. Essa não é fácil, é difícil. Se eu tivesse no lugar dela, fosse algum problema com a minha mãe, e a minha mãe tivesse do lado... eu nunca faria o que a minha mãe fez com meus filhos (chora), porque é difícil, e hoje eu tenho orgulho de ser quem eu sou, porque eu nunca fiz o que a minha mãe fez com meus filhos, principalmente comigo, porque eu acho que uma criança é uma benção no colo da gente, né, porque o pensamento de uma criança é raro as pessoas conseguirem imaginar a dor e o sofrimento, muito difícil, e isso é o que eu falo pra você, isso hoje é o que eu faço pelos meus filhos, o que minha mãe não fez pra mim e o que eu não tive, hoje eu faço, e vou continuar fazendo, principalmente carinho, carinho, carinho, amor pra todos os filhos.

Participante 3 - Samaritana

Prancha 1

História: Bom, *péra aí...* O que que é isso exatamente? (*O que você imagina que seja?*). Isso parece um violino que ele quebrou. Ele *tava* brincando com alguma coisa, tipo um arco e flecha, aí ele quebrou e agora ele *tá* chateado, porque não tem mais com que brincar; aí ele *tá* pensando o que ele vai fazer agora. Aí ele vai arrumar o brinquedo dele e vai continuar brincando. Eu acho que isso pode ser um brinquedo, não sei. Por enquanto ele *tá* chateado porque ele quebrou. Ele quebrou o brinquedo e não tem mais o que fazer. E agora ele vai arrumar e vai continuar brincando. (*Então tem o que fazer?*). É, ele vai arrumar e vai continuar brincando depois. Eu acho que é um brinquedo, né, agora não sei. Infância, uma criança. Ah, *péra aí*. Ele *tava* caçando passarinho, aí o brinquedo quebrou, agora ele *tá* chateado, mas vai resolver o que ele vai fazer depois. Ele vai pedir para alguém e vai pedir pra arrumar, eu acho (riso). (*Ele estava caçando passarinho?*). É, isso parece um arco e flecha, não sei. (*E como que o brinquedo quebrou?*). A hora que ele foi atirar o brinquedo escapou. Em cima, a parte de cima *tá* meio quebrada.

Prancha 7

Reação: Essa é mais complicada.

História: Bom, isso aqui é uma boneca. Ela *tava* brincando e aí a mãe dela chamou ela pra fazer lição de casa, aí ela não gostou muito da ideia e a mãe dela falou que ela deveria entrar e a mãe dela *tá* discutindo, dando conselho pra ela, e ela não *tá* nem interessada no que a mãe dela *tá* falando, ela quer sair e brincar. A única coisa que ela *tá* pensando é que ela não pode sair pra brincar e a mãe dela *tá* conversando com ela, só que ela não *tá* muito interessada em conversa, não. (*E como que ela está se sentindo?*). Ela *tá* chateada porque ela quer ir lá fora brincar com as crian... com os amiguinhos dela, aí a mãe dela não quer deixar e ela fica brava. Aí ela vai lá fora e vai brincar com o molequinho da... da igreja. Que legal, essa imagem é bem antiga, né. Legal, interessante. Mas por enquanto ela vai fazer o dever, ela vai obedecer a mãe dela, e depois ela vai brincar com o menininho.

Participante 4 – Joquebede

Prancha 1

História: Aparentemente a criança *tá* triste. Não consigo entender o que que tem ali na mesa, não sei o que é. *Tá* pensativo. O que seria isso? Um violino? Bom, ele *tá* pensativo admirando o violino, agora o porquê eu não sei... Será que é porque ele não consegue tocar? Ou que é pra ele tocar ele não consegue? Será que foi uma bronca do pai e da mãe?... Eu enxergo ele triste, pensativo e triste. É o que enxergo nele, muito pensativo.

Prancha 7MF

História: Uma irmã sendo obrigada a segurar um irmão. Não sei se é um bebê aqui, sei lá. Mas que ela não *tá* muito afim, não *tá* animada não de *tá* segurando. Foi obrigada pela mãe. Parece que sente raiva, desprezo, rejeitada porque a mãe *tá* dando atenção só, olhando pro pequenininho... é isso. Ela tá se sentindo rejeitada por a mãe *tá* dando mais atenção pro bebê e nada pra ela.

Anexo - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Cara Participante:

Gostaríamos de convidá-la a participar como voluntária de uma pesquisa científica, que se refere ao projeto de Dissertação de Mestrado de Bruna Andressa da Silva, sob orientação da Profª Drª Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo.

O objetivo deste estudo é analisar a história e a psicodinâmica de mães que tenham agredido física e/ou psicologicamente filhos entre zero e 12 anos. Além disso, buscar-se-á analisar suas condições sociodemográficas; os fatores desencadeantes de agressões; a compreensão sobre as consequências das mesmas; e a representação das figuras paterna e materna que estas mães possuem.

Os resultados contribuirão para ampliar a produção de conhecimentos sobre a violência intrafamiliar, especialmente no que se refere às vivências de mães que agridem seus filhos – já que este fenômeno é pouco explorado pela literatura. Com isto, espera-se contribuir com novas concepções (livres de estigmas e polarizações)e práticas de intervenção.

Sua forma de participação será em quatro entrevistas, que consistirão em diálogos, fazer desenhos e contar histórias.

Possíveis riscos de despertar emoções e desconfortos são previstos. Caso ocorram, serão tomadas providências de acolhimento da demanda e encaminhamento para atendimento psicológico nos serviços da rede.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa e a divulgação dos resultados será feita de forma a manter seu anonimato.

Não haverá cobranças ou custos por sua participação. Porém, eventuais despesas (inclui-se despesas com transporte) serão ressarcidas.

Os resultados sistemáticos e conclusivos desta pesquisa serão apresentados como devolutiva ao participante.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Você ficará com uma via deste Termo e outra ficará com a pesquisadora ou sua orientadora. Em caso de dúvida(s) e outros esclarecimentos sobre esta

pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora, orientadora, Comitê de Ética ou instituição participante, conforme identificado abaixo.

Bruna A. da Silva **Leila S. P. C. Tardivo** Av. Prof. Mello Moraes, 1.721 - Bloco G, 2º andar, sala 27 – CEP: 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP. Telefone: (11) 3091-4178	**Comitê de Ética em Pesquisa** Av. Prof. Mello Moraes, 1.721 - Bloco G, 2º andar, sala 27 – CEP: 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP. E-mail: ceph.ip@usp.br Telefone: (11) 3091-4182	**CREAS** Rua Borba Gato, 156 – Vila Thomazina – Campo Limpo Paulista/SP – CEP: 13230-400. Telefone: (11) 4812-6886

Eu _____
(nome da participante e número de documento de identidade) confirmo que Bruna Andressa da Silva explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntária desta pesquisa.

Local e data: , de de 20 .

_____
(Participante)

_____
(Pesquisadora)

_____
(Orientadora)